

Com o apoio do Instituto Teotônio Vilela(ITV), o Secretariado Nacional da Mulher-PSDB reuniu, neste livro artigos de dirigentes, militantes e tucanas de todo o país, publicados nos últimos dois anos em nosso site e redes sociais.

Cada um com o estilo de sua autora, abordando temas variados e diversos - assim como variados e diversos são os desafios enfrentados pelas mulheres das várias regiões do Brasil - mas sempre com o foco, com o olhar feminino, os textos retratam nossas inquietações, nossos pontos de vista.

Durante dois anos, semanalmente, o Secretariado Nacional da Mulher/PSDB expressou sua opinião, publicou a de colaboradoras e manteve o objetivo de acrescentar informações, dados e visões sobre a triste realidade, vivida pelas mulheres brasileiras.

Realidade questionada em praticamente todos os artigos e editoriais publicados, já que vivemos tempos em que ainda vigoram no país o preconceito, a discriminação e a violência contra as mulheres, infelizmente.

Nós, mulheres, somos maioria da população e do eleitorado, respondemos sozinhas por 40% dos lares brasileiros e, mesmo assim,

estamos sub-representadas nas instâncias de Poder no país, especialmente nos parlamentos municipais, estaduais e no Congresso Nacional.

Questionamos, muito, essa desigualdade e apresentamos a nossa determinação, nossa luta permanente para mudá-la.

Discutimos, denunciemos, apresentamos propostas para que o Poder Público, o PSDB, a sociedade brasileira e, principalmente as mulheres, atuem de forma organizada para acabar com a violência, a discriminação e o preconceito contra a mulher.

A publicação desse livro é mais um passo nesse caminho, mais uma oportunidade para conscientizar a todos, um convite para seguirmos juntos na luta em defesa da mulher brasileira.

O que está aqui é o nosso pensamento. É a “Opinião de Mulher”, a opinião da mulher tucana!

Leiam e apreciem,

Solange Jurema

Presidente do Secretariado Nacional da Mulher/PSDB

SUMÁRIO

“Farinha do mesmo saco”	15
“Nem paternalismo nem esmola política de cotas é questão de inteligência”	18
“O mau exemplo do PT”	21
“Castelo de Piauí, o Brasil de todos nós”	24
“Na telinha”	27
“Uma nova relação”	29
“Por um Brasil melhor”	31
“Sem pedaladas e dentro da Lei!”	34
“Pátria Educadora, um slogan no vazio”	36
“Comemorar, mesmo assim”	39
“Participar para influir”	41
“Mulheres e homens gostam de receitas”	44
“O medo das panelas”	47
“As desculpas e a vergonha são deles”	49
“O sonoro sim para a pauta das ruas”	52
“Mulheres e jovens, mobilizar e organizar”	54
“A hora da conquista”	57
“Creches: mais um fracasso de Dilma”	60
“Contra fatos não há argumento”	63

“Vamos bater panela, sim!”	65
“Comemorar e conscientizar”	68
“Comemorar e lutar!”	71
“Dia Internacional da Mulher, o que os homens temem tanto?”	74
“Qualificar para avançar”	77
“Comemorar, sem desmobilizar”	79
“Comunicar é preciso, especialmente para as mulheres”	81
“Brasileiros, à luta democrática”	83
“Violência demais, ação de menos”	86
“PT, a fraude eleitoral”	88
“Nova legislatura, novas lutas”	91
“Apareceu, mas não convenceu”	94
“Nota à Imprensa – Votação da PEC das Mulheres na Câmara dos Deputados”	96
“Eles gastam, o povo paga”	98
“Viva a liberdade de expressão!”	101
“Feliz Ano Velho; a vaca tossiu”	104
“Fantasia governista e a vida real”	106
“Inflação; mentir até quando?”	109
“Não basta ser feminista, há que ser coerente”	111

“A responsabilidade também é nossa”	113
“Duas presidentes, políticas opostas para as mulheres”	116
“Mudez seletiva”	118
“No Dia Internacional da Não Violência contra a Mulher, Brasil em luto por outra Maria”	121
“Uma questão de prioridade”	124
“Um país doente”	126
“A História é implacável com os mistificadores”	129
“Altivez e independência”	132
“Auditoria já!”	134
“Aécio Neves é um vitorioso!”	137
“Estamos na reta final da campanha, é hora de mudar o Brasil”	140
“Eleger Aécio Neves será uma vitória do povo brasileiro”	141
“Vamos levar Aécio ao segundo turno e, depois, à Presidência da República!”	144
“Votar é essencial”	146
“O estado policial petista”	148
“Mulheres, vamos à luta!”	151
“Feliz aniversário, Dona Ruth!”	153
“Autoritários, mentirosos e arrogantes!”	155

“Poder corrompido”	157
“Mais uma vez, ninguém sabe de nada”	160
“Copiar até pode, mas dê o crédito”	162
“Aécio, exemplo de postura”	165
“Incomoda?”	167
“Tragédia, exemplo e amor”	170
“Mais confiança e disposição”	172
“A inaceitável dupla discriminação”	175
“Vamos à luta, vamos às ruas!”	178
“Campanha é para discutir propostas”	180
“Reconhecimento e luta”	182
“Tá ruim, presidente Dilma!”	184
“Política de Estado, não de governo”	186
“Um apoio libertador”	188
“Até quando perderemos Loanes?”	191
“Abolição para a mulher negra!”	193
“Mães e suas preocupações”	196
“Inflação e autoritarismo, STF e Democracia”	198
“Das Diretas Já! aos “black bloc”	200
“Mulheres Já!”	204
“O brado retumbante dos brasileiros”	206
“A inflação nossa de cada dia”	208

“Bem vinda, Maria, fala, Dilma!”	211
“A jornada ainda é longa”	213
“Justiça feita”	215
“Mais ação parlamentar”	217
“Obrigada, Sérgio Guerra”	220
“Nossa preparação para a luta”	222
“O novo olhar do sol nascente	225
“Meio exame, completa incompetência”	228
“Mensagem de fim de ano”	231
“Justo reconhecimento”	233
“De volta ao La Moneda”	235
“O “pibinho” também é problema nosso”	237
“Não ao retrocesso!”	240
“Salve o Estado de Direito! Salve a Democracia e suas instituições!”	242
“É privatização, sem vergonha!”	245
“Tem que saber fazer bem”	247
“Registro em cartório, um direito inalienável”	250
“Lula, antes tarde do que nunca...(mas conta tudo como foi...)”	252
“Mulher: Presente, também, na Medicina”	255
“Médicas, professoras e o descaso federal”	257

“O empreendedorismo é nosso”	259
“Salário ainda discrimina”	262
“A dura realidade da mulher brasileira”	264
“Com as bravas tucanas do Nordeste”	267
“Superar a pobreza, não administrá-la para fins eleitorais”	270
“O relatório, a violência e a impunidade”	272
“Longo caminho a percorrer”	274
“Ainda há muito preconceito”	276
“IDH dos tucanos é melhor”	278
“A vitória da democracia”	280
“Aplicar mais a lei e apoiar quem precisa”	282
“Dormindo com o inimigo”	285
“A importância do Plano Real”	288
“A hora é de mobilização”	291
“O exemplo que vem do alto”	293
“Por mais mulheres nos parlamentos”	296
“O PSDB não foge à luta”	298
“Mais Poder para as mulheres”	301
“Um homem, um líder e as ruas”	304
“Sem governabilidade”	307
“As ruas chegaram, antes de 2014”	310

“Os 19 anos do Plano Real”	313
“Basta de preconceito e de violência”	316
“As vozes das ruas, 25 anos depois”	318
“A voz rouca que vem dos estádios”	321
“Meu supermercado, minha inflação”	323
“Chegou no bolso e está chegando nas pesquisas”	326
“Sou feliz sendo prostituta. Será, presidente?”	328
“Hora de arregaçar as mangas”	330
“A volta dos ‘aloprados’, agora no governo”	333
“Nossa participação é a nossa força”	336
“Mudou, mudou sim, e para melhor”	338
“PSDB-Mulher, 14 anos de luta”	340
“PSDB: 27 anos de intensa participação da mulher”,	342

COLABORADORAS345

“São Paulo e a voz pioneira pela igualdade”	347
“Que atire a primeira pedra”	350
“Acatar ou refugar nas questões de gênero: Com a palavra o Congresso Nacional”	353
“Somos nós, eles e a vitória para todos”	356
“Caras-pintadas de crachá”	359
“O PSDB e o que o brasileiro espera dele”	361

“A esclerose múltipla e a inclusão no mercado de trabalho”	363
“Da Era Digital à escravidão”	366
“Seguridade social debaterá proposta que cria Programa de Teleassistência ao Idoso”	369
“O lugar da mulher no partido político”	371
“Um dia para se pensar”	375
“O gigante acordou”	378
“São sempre as mulheres a lutar por liberdade”	381
“As “surpresas” dos 100 dias do Governo Dilma”	385
“A mulher ativista e o desafio de atuar na política”	388
“A Solução: Renúncia e Parlamentarismo”	391
“Desenvolvimento e inclusão”	395
“A inércia do Estado na busca da acessibilidade às pessoas com deficiência”	397
“Mulher e Dignidade”	400
“Feminicídio: as palavras serão transformadas em ações?”	405
“Dia Internacional da Mulher: Mulheres negras são as que mais sofrem com a desigualdade”	407
“Violência doméstica contra mulher”	410
“Em defesa das Mulheres”	413

“A mulher precisa efetivar seu papel de agente da história brasileira”	415
“Precisamos ir além da Lei Maria da Penha”	418
“A sensibilidade e intuição feminina transformando os espaços de poder”	421
“A conquista do voto feminino no Brasil completa hoje 83 anos”	427
“Voto Feminino no Brasil: 83 anos!”	429
“Muito a comemorar, muito mais a conquistar!”	432
“25 de novembro, Dia de Combate à Violência Contra a Mulher e Dia do Doador de Sangue. Coincidência, não?”	437
“Nos trilhos”	439
“Feliz aniversário, Dona Ruth!”	442
“Mulheres 45: uma energia que contagia”	444
“Mais direitos para mães de bebês prematuros”	448
“Mulher negra, símbolo da resistência”	451
“Meu convite é para as mulheres”	454
“Tá reclamando de quê?”	458
“O outro lado das vaias e palavrões à Dilma”	460
“Humanização Na Medicina: Visão Médica e sobre o Médico”	462
“PT faz propaganda desonesta no NE”	469

“Ética e eleições”	471
“A mudança é Aécio. Só Aécio é a mudança”	474
“Preconceito, governador Viana?”	479
“Fraternidade e Tráfico Humano – É para a liberdade que Cristo nos libertou”	481
“A inteligência dos gêneros”	484
“Estupro: A cultura da violência”	486
“2014 ano da Copa do Mundo, ano das Eleições”	489
“Vamos rever cenas de Jack, o Estripador?”	492
“Violência: dos números à ação”	493
“Conferência Regional da WDN-LA”	496
“O que dá pra rir dá pra chorar... Questão só de peso e medida, de hora e lugar...”	499
“Falar é fácil, difícil é fazer”	501
“A biografia e o bem maior”	504
“Quebrando espelhos”	507
“Dia do Deficiente Físico”	510
“Mais cidadania”	512
“Primeiro Passo”	514

“OPINIÃO DE MULHER”

EDITORIAIS



“FARINHA DO MESMO SACO”

por Solange Jurema - 22 de junho de 2015



Foto: George Gianni/PSDB

Como definiu com rara exatidão o ex-dirigente nacional do PT, Zé Dirceu, atualmente cumprindo pena de prisão domiciliar, ele, o ex-presidente Lula e a atual presidente da República, Dilma Rousseff, são farinha do mesmo saco.

Pelo menos nisso Zé Dirceu tem razão.

Não há como tentar dissociar – como pretendem o governo Dilma de um lado e Lula e o PT de outro – uns dos outros. Todos fazem parte do mesmo esquema partidário e político.

Como também disse o ex-presidente Lula, os dois dirigentes do partido que chegaram à Presidência da República são mesmo um “volume morto” que atrasam a política brasileira pelo mau exemplo que deram e dão aos jovens desse país.

São, assim como se dizia antigamente, irmãos siameses, ligados umbilicalmente e inseparáveis, mesmo que se tente uma cirurgia publicitária para desvinculá-los uns dos outros.

O que o PT e seus dirigentes pretendem é tentar, desde já, evitar que o eleitorado brasileiro esqueça essa simbiose entre o partido, seus dirigentes e o malfeito realizado no “Petrolão” e no “Mensalão”.

Temem que nas urnas municipais do ano que vem e na eleição presidencial de 2018 o povo dê a eles a merecida resposta e o merecido troco, no voto e na lei: os defenestre dos cargos públicos e os deixe fora do Poder.

A mais recente pesquisa realizada pelo Datafolha mostra o humor do brasileiro em relação ao governo petista de Dilma Rousseff: apenas 10% de apoio!

Ou seja, a quase totalidade da população brasileira rejeita, categoricamente, o governo do PT de Dilma Rousseff, sua política econômica e, mais ainda, a corrupção desenfreada realizada durante seu mandato em empresas do porte da Petrobras.

E não é só o amoral exemplo petista que faz mal à índole do povo. A população está percebendo que a má gestão, somada a um governo corrupto e incompetente, tem consequências graves para todos, que perdem seus empregos, perdem seu poder de compra com a inflação.

Além disso, os serviços públicos não funcionam, estão sucateados e o servidor público desmotivado.

O povo, o país, dará uma clara resposta nas urnas ao PT, à Dilma e aos governos petistas que, por corrupção ou incompetência administrativa, acabaram com as finanças públicas municipais, estaduais e federal.

Ao mesmo tempo, especialmente na Operação “Lava Jato”, começam a aparecer novas evidências de conluio entre os dirigentes nacionais petistas, as doações ilegais, o caixa dois do PT e as empreiteiras responsáveis pelas grandes obras no Brasil.

Nem o ex-presidente Lula e sua Fundação escapam dessa promiscuidade, dessa relação íntima e perigosa entre autoridades e empresas, em um jogo em que eles ganham e só há um perdedor: o povo brasileiro.

Então, não adianta a maquiagem publicitária midiática.

O povo dará a sua resposta nas eleições municipais do ano que vem e em 2018!

**Solange Jurema é presidente do Secretariado Nacional da Mulher/PSDB*

“NEM PATERNALISMO NEM ESMOLA, POLÍTICA DE COTAS É QUESTÃO DE INTELIGÊNCIA”

por Solange Jurema - 19 de junho de 2015



Foto: George Gianni/PSDB

A semana termina de maneira melancólica não só para as mulheres brasileiras. A rejeição da proposta de emenda à Constituição (PEC 182/07), que determinava a criação de uma cota mínima de 30% de participação feminina nos legislativos brasileiros prejudica não apenas a nós, mas à população em geral.

Muito se falou, durante a discussão da Reforma Política na Câmara dos Deputados, sobre a necessidade de aumentar a bancada feminina nos parlamentos brasileiros, como forma de representar, de maneira justa, a maioria da população feminina no país. Pessoalmente acho essa uma agenda vencida, embora justa, se este fosse um argumento que sensibilizasse os homens a nos ceder lugar, seríamos hoje metade das bancadas do Congresso Nacional.

O que é preciso entender é que nenhum país do mundo chegou à representação igualitária em seus parlamentos sem a adoção de políticas de cotas e a razão é simples: os homens se negam a abrir

espaço para as mulheres, pura e simplesmente. Na Europa as cotas começaram a ser implementadas na década de 1970. Em 1992, 56 partidos políticos em 32 países já usavam essa estratégia de inserção de gênero.

Os países europeus, que adotaram sociedades igualitárias de gênero, tanto na política quanto na administração privada, alcançaram um grande salto em seus IDHs nos anos seguintes à implantação do novo modelo.

Ganham todos, homens e mulheres, quando mulheres preparadas – não laranjas, postes, fantoches ou qualquer outra denominação desairosa – dividem com homens igualmente competentes o pensar um novo país.

Modelos no exterior

Para os incrédulos um exercício fácil: basta analisar os vinte países melhor colocados no ranking mundial da ONU em igualdade de gênero e participação feminina na política, e comparar com os vinte melhor colocados em IDH, estabilidade econômica e desenvolvimento social pela mesma ONU. Todos verão que, com exceção de países africanos, em que as mulheres estão no poder político porque os homens foram chacinados – caso de Ruanda -, todos os outros estão nas duas listas.

Andorra, por exemplo, que é o segundo país em participação feminina e igualdade de gênero, foi até 2007 o primeiro lugar mundial em expectativa de vida, segundo a Wikipédia (atualmente em 9º não por queda, mas por haver sido ultrapassado por outras sociedades igualitárias), além de possuir um dos melhores IDHs do planeta.

Legislando para a sociedade

A Suécia conseguiu reverter péssimos índices sociais da década de 1938 ao adotar políticas igualitárias na década de 1960. Hoje é um país rico, e o 4º em igualdade de gênero.

Será mera coincidência? Acho que não. Penso que a mulher legisla com mais sensibilidade sobre assuntos sociais, o que faz com que países administrados por administrações igualitárias tenham melhor qualidade de vida.

Na Suécia, por exemplo, acaba de ser implantada a licença parental – não materna – de um ano, o pai que ganhar menos, ou tiver mais disponibilidade emocional, fica em casa com o filho. Envelhecer por lá é melhor do que em qualquer outro país do mundo. Outro acaso, ou leis feitas por quem normalmente cuida dos velhos e das crianças: as mulheres?

Ao contrário do que parece pensar boa parte dos políticos brasileiros, portanto, o sistema de cotas não só não é novidade, como foi adotado em grande parte da Europa há mais de vinte anos com excelentes resultados socioeconômicos.

Abrir espaço para mulheres vocacionadas, preparadas e competentes, que dediquem esse potencial a construir ombro a ombro com os homens um Brasil melhor, não é uma questão de paternalismo ou esmola. Não precisamos de um ou de outra.

Reconhecer o direito feminino a maior protagonismo na política nacional é, antes de mais nada, uma questão de inteligência e visão estratégica. Ganham todos, ganha o país.

Solange Jurema

Presidente do Secretariado Nacional da Mulher/PSDB

“O MAU EXEMPLO DO PT”

por Solange Jurema - 15 de junho de 2015



Foto: George Gianni /PSDB

Em seus 35 anos de existência comemorados na semana passada em Salvador, o PT nunca abandonou a marca registrada de partido que teima em dar mau exemplo aos brasileiros, especialmente aos mais jovens.

Os gritos, as palavras de ordem em louvor ao ex-tesoureiro do PT João Vaccari – atualmente na prisão -, enaltecendo-o como “guerreiro e herói”, as críticas abertas ao próprio governo petista de Dilma Rousseff, responsável pela atual crise econômica, e o desdém de Lula para com a situação dos jornalistas brasileiros demitidos; expressam o que houve de pior no Congresso Nacional do PT.

Depois do “Mensalão” e do “Petrolão”, da prisão de dois ex-presidentes, dois ex-tesoueiros e das frequentes denúncias envolvendo seus dirigentes nacionais e estaduais, o PT insiste em querer responsabilizar terceiros – a mídia e a oposição em especial – por seus fracassos e pela perda de apoio junto à população.

Ao invés de aproveitar a oportunidade para fazer a indispensável autocrítica e apresentar propostas factíveis e concretas para superar a

pior crise econômica que o Brasil atravessa em mais de 13 anos, os delegados petistas preferiram incensar criminosos ou suspeitos – alguns deles já condenados pela Justiça – e reacender fantasmas como o imposto da CPMF, que em governos anteriores combateram ferozmente.

Aproveitaram o encontro para criticar duramente a política econômica do atual ministro da Fazenda, Joaquim Levy, como se o mesmo não houvesse sido escolhido por uma petista, Dilma Rousseff, e suas propostas, defendidas por ela, não fossem a única possibilidade viável de o país sair do fundo do poço, já que o PT se recusa a cortar na própria carne, ou nos ministérios, muito menos nos cargos comissionados.

Nem mesmo o principal partido aliado PT no governo federal escapou da ira petista e seus dirigentes – inclusive o presidente de uma das Casas do Legislativo nacional – foram premiados com palavras de ordem negativas.

Nessa cegueira política, o PT prefere ignorar a opinião pública, passar por cima da ética e da moralidade e optar pelo mau exemplo. Em sua lógica doentia, o “Mensalão” e o “Petrolão” não existiram, seus dirigentes foram condenados injustamente e toda a culpa é da imprensa e da “elite branca”...

Essa postura do PT é um deboche, um escárnio ao povo brasileiro!

Tem razão, pelo menos nisso, o seu ex-dirigente nacional, também condenado pela justiça, Zé Dirceu, que disse que ele, a presidente Dilma Rousseff e o ex-presidente Lula são farinha do mesmo saco. E são.

Ele cumpre prisão domiciliar, Lula precisa explicar à opinião pública e à Polícia Federal as contribuições de R\$ 4,5 milhões que recebeu da empreiteira Camargo Corrêa, encracadíssima no escândalo do Petrolão, descobertas na Operação Lava Jato. Dilma, a última citada por José Dirceu, amarga rejeição do tamanho de sua incompetência administrativa: conta com o apoio de apenas 7% da população.

Por mais que tente imputar à mídia, às elites e às oposições a responsabilidade por suas mazelas, a verdade é que o único culpado por seu inferno astral é o próprio PT.

Que continua dando mau exemplo.

**Solange Jurema é presidente do Secretariado Nacional da Mulher/PSDB*

“CASTELO DE PIAUÍ, O BRASIL DE TODOS NÓS”

por Solange Jurema - 12 de junho de 2015



Foto: Corbis

Da longínqua e desconhecida Castelo do Piauí, a 190 km de Teresina, veio uma das notícias mais trágicas e dramáticas da história recente da violência contra a mulher no Brasil, que ganhou espaço em todos os jornais e repercussão internacional: o rapto, estupro e tentativa de homicídio coletivo de quatro adolescentes. Uma delas, Danyelle Rodrigues, morreu no domingo, dia 07 de junho, depois de lutar por sua vida durante doze dias.

O cenário do crime fica ainda mais assustador – se é que isso é possível – e ganha cores mais fortes quando se sabe que os autores dessa barbárie são quatro menores, famélicos e semialfabetizados, comandados por um maior de idade, o único ainda foragido.

É a tragédia da tragédia!

É a revelação da triste realidade brasileira em que menores desamparados, desprovidos de qualquer apoio do estado, atacam menores na mesma situação política, econômica e social.

O cotidiano da vida miserável levada pelos cerca de 18 mil habitantes da pequena cidade do interior piauiense, impactado pela brutalidade do crime cometido, nos leva a uma reflexão do país em que vivemos, e o país que queremos para nossos filhos e netos.

Segundo o relato da mídia, os menores apreendidos e transferidos para Teresina para não ser linchados pela população revoltada, são usuários de drogas, não estudam, têm passagens pela polícia e provêm de famílias que vivem do Bolsa Família.

É a falência da presença do Estado – ou melhor, a ausência dele – e de seus instrumentos de política de assistência social.

À par da brutalidade específica desse caso piauiense, as estatísticas do Brasil envergonham o país e mostram que essa realidade atinge não somente a esse estado, mas a todos os demais. Seja no Piauí, no Amazonas, Bahia, Mato Grosso ou Rio Grande do Sul, não há segurança e nem política pública séria para combater estupradores.

Recentemente, em Brasília, capital da República, a população acompanhou estupefata a demora das autoridades judiciárias e policiais em prender um contumaz agressor sexual de mulheres no campus da Universidade de Brasília – detido apenas após cometer o terceiro crime seguido!

Para se ter uma ideia do drama nacional, em 2013 ocorreram cerca de 50 mil casos de estupro registrados pela polícia em todo o ter-

ritório nacional, segundo dados do 8º Anuário Brasileiro de Segurança Pública divulgado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Nos últimos anos, até por conta do aumento do número de registros, as taxas de estupros subiram de 22,1 casos por 100 mil habitantes para 26,1 casos por 100 habitantes, entre 2011 e 2012, com uma redução para 25/100 em 2013. Porém, as estatísticas também indicam que pelo menos 35% dos casos não são registrados pela vítima – ou seja, pode-se estimar que hajam cerca de 140 mil estupros anuais no Brasil.

São números assustadores e que se tornam ainda mais trágicos quando revestidos de dramas como os ocorridos em Castelo do Piauí. Aquela noite terrível, em que diversas facetas da perversa realidade social brasileira – menores pobres, carentes, criminosos que atacam vítimas menores, carentes – se uniram em um cenário dantesco para nos incomodar e indignar ainda mais.

Castelo do Piauí é o Brasil de todos nós!

**Solange Jurema é presidente do Secretariado Nacional da Mulher/PSDB*

“NA TELINHA”

por Solange Jurema - 9 de junho de 2015



Foto: George Gianni/PSDB

No final de semana passada, muitas mulheres brasileiras foram surpreendidas pelo aparecimento, nas telas das televisões, da figura emblemática da deputada federal tucana Mara Gabrilli na inserção partidária obrigatória.

Eleita pela segunda vez para representar o povo paulistano, Mara Gabrilli, notabilizou-se pela luta por mais espaço para os portadores de deficiência e por sua determinação na luta pela melhoria de qualidade de vida dos brasileiros, especialmente das mulheres.

Sua história de vida, sua resistência em superar os obstáculos físicos e a discriminação machista, a credenciam para ser a porta-voz do PSDB-Mulher no programa eleitoral partidário.

Sua aparição no horário gratuito do PSDB é uma conquista, não só das tucanas, mas de todas as mulheres brasileiras.

Sua fala reproduziu, quase que literalmente, o que temos pregado aqui, em nossos editoriais, ao longo dos últimos anos, ao lado da vi-

ce-presidente Nacional do Secretariado Nacional do PSDB-Mulher, Thelma de Oliveira:

– “Se tem alguém que vem pagando a conta pela incompetência e enganação do governo, são as mulheres brasileiras. Somos nós que temos que nos virar com os preços que sobem sem parar, com medos dos filhos não terem uma educação adequada”.

Mais importante do que as pessoas, o que deve prevalecer na discussão partidária e na sociedade são as teses que defendemos, os pontos de vista que levamos à população e a reafirmação do desejo de acabar com qualquer tipo de discriminação, preconceito e violência contra a mulher.

Nesse sentido, a fala da deputada Mara Gabrilli foi perfeita. Deu o recado que todas nós damos, no dia a dia partidário e na sociedade. Não se furtou a mostrar o relevante papel na vida de seus filhos, companheiros, e de seus familiares.

E reafirmou nossas características: as mulheres brasileiras são guerreiras, são discriminadas, enfrentam dificuldades em todos os campos da relação humana, mas não desistem nunca.

E deu o seu recado final:

– “Mas nessas horas mais difíceis é que a gente acha força para se superar. E pode acreditar, tem gente boa trabalhando pelo Brasil”, disse.

É o PSDB e o PSDB-Mulher!

**Solange Jurema é presidente do Secretariado Nacional da Mulher/PSDB/*

“UMA NOVA RELAÇÃO”

por Thelma de Oliveira - 5 de junho de 2015



Mulher Coragem e Força – Thelma de Oliveira (Foto: Angelo Varela)

A recente sanção presidencial da nova lei que regulamenta e estabelece direitos e deveres entre empregadores e empregados domésticos é um avanço enorme e deve ser comemorado por todas as mulheres do país.

Dados da Pnad Contínua, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram que existem no país cerca de 6 milhões de domésticos e apenas 1,9 milhões deles são regularizados.

E esse quadro vai mudar.

Historicamente, esses milhões de empregadas, babás, cozinheiras, passadeiras, faxineiras, apoiadoras do lar, jardineiros, motoristas – o nome que ganhassem de acordo com as funções que desempenhavam – sempre foram marginalizados no mercado de trabalho formal e jamais tiveram seus direitos reconhecidos, com honrosas exceções.

Agora, os tempos são outros no Brasil. Acabou-se o tempo em que empregados domésticos, as secretárias do lar, eram explorados em jornadas inacabáveis, sem receber por isso.

Com a regulamentação da nova lei, ambos garantiram o pagamento do Fundo de garantia Por tempo de Serviço (FGTS), o adicional noturno, o seguro contra acidentes de trabalho, entre outras tantas conquistas.

A definição de regras claras, como o livro de ponto, por exemplo, torna a relação mais profissional, mais segura para os dois lados – para o empregador e para o empregado. De um lado, a pessoa sabe que tem meios legais de dispensar um empregado de acordo com a lei, e de outro o empregado também sabe que terá seus direitos trabalhistas e sociais garantidos.

É inequívoco reconhecer, ainda, que a regulamentação da lei valoriza, e muito, o trabalhador doméstico.

Terminam os preconceitos e a tradição milenar da sociedade brasileira, especialmente em algumas regiões, de ver o empregado doméstico como extensão de sua propriedade, de sua própria “família”, sem a necessidade do reconhecimento formal de que na verdade se tratava – e se trata – de um vínculo empregatício.

Definitivamente, o regime de escravidão doméstica terminou no Brasil, embora somente no começo do século XXI.

**Thelma de Oliveira é vice-presidente do Secretariado Nacional da Mulher/PSDB*

“POR UM BRASIL MELHOR”

de Solange Jurema 3 de junho de 2015



Foto: George Gianni/PSDB

Na próxima semana o plenário da Câmara dos Deputados tomará uma das decisões mais históricas de seus 189 anos de existência: votará as PECs 23 E 24/2015 que estabelecem a cota de 30% das cadeiras dos parlamentos nacionais para as mulheres – das câmaras de vereadores ao Congresso Nacional – e a que torna obrigatória uma vaga por gênero, quando da renovação de dois terços do Senado Federal, respectivamente.

A decisão dos 513 deputados federais – dos quais apenas 54 são mulheres, – mudará para sempre, ou não, a histórica política do Brasil e a presença feminina na definição do futuro de nossos 5.568 municípios, 27 unidades da Federação e dos 210 milhões de brasileiros.

Não há como esconder: ou a Câmara dos Deputados muda o rumo da história do país e atende aos anseios da população nas ruas, ou continuaremos reféns da relutância masculina em reconhecer a importância da mulher na vida social, política e econômica do Brasil.

No mundo real, em que vivem brasileiras e brasileiros, as mu-

lheres já respondem sozinhas por 40% dos lares e são a maioria da população e do eleitorado.

Porém, como se sabe, políticos tradicionais, retrógrados e acomodados, não querem estabelecer políticas públicas que estimulem a presença feminina no espaço político institucional. Essa intransigência as impede de ocupar no cenário político o merecido espaço, de acordo com a relevância demográfica, econômica e social conquistada nas últimas décadas. O que tanto temem os homens?

Cálculos mais otimistas indicam que se as PECs 23 E 24/2015 não forem aprovadas, as mulheres só alcançarão o percentual que almejamos no final do século atual. Uma vergonha para um país como o Brasil, que já ocupa a 156ª lugar no ranking mundial de igualdade de gêneros da Organização das Nações Unidas (ONU).

Experiências bem-sucedidas em países como Andorra e Suécia – 2º e 4º lugares em igualdade de gênero pelo ranking mundial da ONU – indicam que, quanto maior a presença da mulher nos parlamentos e nos executivos, melhor a qualidade de vida da população e da própria economia do país. Sociedades igualitárias beneficiam a todos, uma vez que o olhar feminino, junto com a divisão do trabalho doméstico com o companheiro, permitem um avanço maior.

Administrações que abrem espaço para as mulheres tratam melhor da saúde da população, o que pode ser constatado voltando ao exemplo de Andorra, líder mundial em expectativa de vida, com média de 82,5 anos.

Há um receio, natural, de que com a cota de 30% para as mulheres os políticos tradicionais percam espaços nas câmaras de vereadores,

nas assembleias estaduais e distritais, e no Congresso Nacional.

E isso é verdade! Ao invés de uma bancada majoritariamente masculina, com parlamentares nem sempre bem preparados, por que não pensar em uma com igualdade de gênero, formada por homens e mulheres de excelente qualidade, vocacionados para o exercício da política?

Se as regras mudarem – como devem mudar – as mulheres terão cerca de 18 mil assentos nas câmaras de vereadores; cerca de 300 cadeiras das assembleias estaduais e distrital; 24 lugares no Senado Federal e 150 na Câmara dos Deputados!

São números expressivos, que incomodam os políticos tradicionais, mas que retratam o que deve ser o novo Brasil que a população pede nas ruas e que os brasileiros merecem!

Mais mulheres na política!

“SEM PEDALADAS E DENTRO DA LEI!”

por Thelma de Oliveira 27 de maio de 2015



Foto: George Gianni/PSDB

O PSDB e os demais partidos de oposição – DEM, PPS e Solidariedade – protocolaram nesta semana na Procuradoria-Geral da República uma representação em que pedem a abertura de uma ação criminal contra a Presidente da República, Dilma Rousseff, por ter realizado manobras contábeis nas contas públicas, as chamadas “pedaladas” fiscais.

É o primeiro passo concreto – e viável – para que a atual ocupante do Palácio do Planalto possa responder, inclusive com seu afastamento do cargo, pelos seus desmandos e pelas ilegalidades administrativas que cometeu no ano passado, com objetivo meramente eleitoral.

É também uma resposta concreta e objetiva e a mais correta do ponto de vista legal para atender ao desejo da população nas ruas, que não quer mais vê-la ocupando o mais graduado cargo do país.

É, também, como bem disse o nosso presidente Aécio Neves, a ação mais efetiva e que pode trazer resultados concretos a médio prazo, se a Procuradoria-Geral da República acatar o pedido da oposição, que representa a vontade da maioria da população brasileira.

Em pleno ano eleitoral, a presidente da República atrasou, deliberadamente, os repasses a bancos públicos para o pagamento de benefícios sociais com o objetivo de melhorar suas contas públicas deterioradas pela má gestão e pela expansão abusiva da máquina pública com fins eleitorais.

Fundamentado em um parecer do renomado jurista Miguel Reali Júnior e com base nas informações coletadas pelo Tribunal de Contas da União que apontaram a fraude contábil oficial, o pedido do PSDB e dos demais partidos oposicionistas pode levar a abertura de uma ação penal perante o Supremo Tribunal Federal (STF) ou mesmo a abertura de um inquérito para a apuração de mais informações.

A decisão cabe ao Procurador-Geral Rodrigo Janot.

Esse é o caminho legal que a Constituição prevê para casos como esse, em que o gestor público comete crimes contra as finanças públicas e de falsidade ideológica.

E que pode, e deve, se responsabilizado por seus atos realizados conscientemente.

É claro que a vontade popular pede uma ação político-jurídica mais rápida – o que está expresso nas pesquisas que apontam a reprovação do governo Dilma Rousseff por parte de 78% da população e em que 63% pedem a abertura do processo de impeachment da Presidente – mas o PSDB se pauta pelo respeito à Constituição.

A Lei Maior é o nosso guia e a nossa segurança e o PSDB jamais dará “pedaladas” para superá-la ou, pior ainda, usurpá-la, mesmo que seja para realizar a vontade um povo.

Agimos “sem pedaladas” e dentro da Lei!

“PÁTRIA EDUCADORA, UM SLOGAN NO VAZIO”

por Thelma de Oliveira 14 de maio de 2015



Foto: Corbis Images

Como se sabe, o ministro de propaganda do III Reich, Joseph Goebbels, pregava com insistência e repetição constante as ideias nazistas, tornando-as verdadeiras para milhões de alemães, encantados com as performances da máquina de propaganda nazista. Com isso, amealhava multidões e iludia a massa. Deu no que deu.

Passados mais de 70 anos, a máquina de propaganda do governo petista de Dilma Rousseff tenta convencer a população de ações reconhecidamente inverídicas, bem ao estilo de Goebbels.

Encaixa-se neste contexto a marca do segundo governo Dilma, “Pátria Educadora”, que se repete em todas as propagandas oficiais do governo e pretende passar aos brasileiros uma falsa mensagem, a de que educação é prioridade.

Ora, não é preciso ser especialista, educador ou mestre, com doutorado, para perceber que a educação NÃO é prioridade, não está na ordem do dia das preocupações governamentais, como comprovam os professores, alunos e a sociedade brasileira, que padece com a má qualidade do ensino nas escolas federais.

É só folhear as páginas dos jornais, ouvir as rádios ou assistir aos noticiários de televisão para constatar a fragilidade do slogan “Pátria Educadora”, que mais parece uma frase de mau gosto do que efetivamente uma palavra de ordem para nortear toda uma gestão governamental.

Como acreditar que o governo dá prioridade ao setor e quer uma “Pátria Educadora” se as universidades federais fecham as portas porque não recebem dinheiro para pagar serviços básicos como limpeza e segurança?

Como acreditar que a educação é prioridade e o governo quer uma “Pátria Educadora” se a primeira medida concreta da nova gestão de Dilma foi cortar R\$ 7 bilhões, um terço do orçamento previsto para o corrente ano?

Como acreditar que a pátria será educadora se o governo corta recursos do FIES e deixa milhares de estudantes sem condições de bancar seus estudos, interrompendo sonhos?

A educação, a boa educação é o motor de uma sociedade, é uma mola do desenvolvimento humano, político, econômico e cultural de uma nação, da formação de uma verdadeira Pátria.

Uma pátria educada que abrigue seus filhos dando-lhes o insumo essencial de sua realização como ser humano, que é a educação.

Todos os países com grande grau de desenvolvimento econômico e social alcançaram esse status porque investiram pesado em educação, como demonstraram recentemente os países asiáticos que, em curto prazo e com a aplicação maciça de recursos, deram um enorme salto qualitativo em seus sistemas educacional, com resultados imediatos.

Um estudo da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), divulgado nesta semana, mostra que o Brasil ocupa 60º lugar no Ranking Mundial de Educação, entre 76 países analisados e comparados através do desempenho de alunos de 15 anos em testes de Ciências e Matemática.

É mais um indicador que desmascara o slogan oficial da chamada “Pátria Educadora”, que se soma à realidade vivida pelos estudantes universitários que hoje convivem com restrições de financiamento estudantil, com a falta de segurança nos campi e com um quadro de professores desmotivado e frustrado ao ver, por exemplo, o Museu Nacional, do Rio de Janeiro, o único a abrigar uma coleção de múmias egípcias na América Latina, fechado, com seu acervo em risco, por falta de recursos para sua manutenção.

Infelizmente, esse é um governo deseducador!

Não por acaso os países asiáticos citados acima lideram os ranking do OCDE.

“COMEMORAR, MESMO ASSIM”

por Thelma de Oliveira 8 de maio de 2015



Pietà de Michelângelo – fotografia de Tânia Ribeiro

No próximo domingo estaremos todos reunidos em nossas casa para comemorar o Dia das Mães, uma homenagem que se repete anualmente para as mulheres que optaram pela maternidade, mesmo em tempos difíceis como os que vivemos nos dias de hoje no Brasil.

Como comemorar o Dia das Mães quando cerca de 8 milhões de brasileiras ainda vivem na miséria extrema, apesar de todo o discurso oficial?

Como comemorar o Dia das Mães quando duas mulheres morrem no parto por dia porque não existem hospitais decentes?

Como comemorar o Dia das Mães quando as mulheres são as maiores vítimas da política econômica desse governo, perdendo mais empregos do que os homens?

Como comemorar o Dia das Mães quando faltam pelo menos 1 milhão de vagas em creches e isso impede de milhares de mulheres de trabalhar?

Como comemorar o Dia das Mães quando diariamente 15 mulheres são brutalmente assassinadas?

Como comemorar o Dia das Mães quando diariamente 137 mulheres são estupradas?

Como comemorar o Dia das Mães quando sabemos da existência de 250 mil crianças prostituídas no Brasil?

Como comemorar o Dia das Mães quando se sabe que elas são responsáveis por 40% dos lares brasileiros e ganham 25% a menos do que os homens?

Como comemorar o Dia das Mães no Brasil quando se sabe que as mulheres são a maioria da população, do eleitorado, e não ocupam nem 15 % dos cargos eletivos do país?

Como comemorar o Dia das Mães quando vimos uma mulher no comando do país, nos envergonhando?

Sim, é difícil comemorar, mas jamais deixaremos de lutar para mudar todo esse trágico quadro nacional.

Vamos comemorar mostrando aos nossos companheiros, à nossa família, aos vizinhos e amigos, que a mulher brasileira é guerreira, é lutadora e não desiste nunca.

Não desiste de educar os filhos, apesar dos problemas.

Não desiste de trabalhar, apesar da discriminação salarial.

Não desiste de decidir e cuidar de sua própria vida, apesar do machismo.

Não desiste de se separar dos maus companheiros, apesar da violência doméstica.

Não desiste de viver porque dela vem a vida.

Salve o Dia das Mães!

**Thelma de Oliveira é vice-presidente do PSDB-Mulher Nacional*

“PARTICIPAR PARA INFLUIR”

por Thelma de Oliveira 5 de maio de 2015



No dia 10 de maio o PSDB começa seu processo decisório para a escolha de seus próximos dirigentes municipais, estaduais e nacionais. Nessa data serão realizadas as convenções zonais e municipais do partido.

Existem exceções: no caso de municípios com mais de quinhentos mil eleitores, a convenção municipal pode ser realizada no dia 31 de maio, e inclusive, ocorrer no mesmo dia da convenção estadual.

Já as convenções estaduais serão realizadas em 14 de junho e a Convenção Nacional, no dia 5 de julho.

Mais do que se informar sobre o calendário das convenções, o importante é o engajamento e a participação das tucanas em todas elas.

Convenção é um momento de alegria, de festa, mas também, e principalmente, é um momento de discussão, de debate, de confronto de ideias e opiniões que existem dentro do partido e que nela encontram o local adequado para a tomada de decisões.

Assim, nós, tucanas, precisamos nos organizar e marcar presença em todos os eventos, e levar nossas reivindicações para sinalizar as lutas partidárias que queremos levar para toda a sociedade brasileira com o objetivo de ampliar a participação da mulher na vida político-partidária do país.

Vamos assegurar a correta aplicação do Artigo 25, do Estatuto do PSDB, que garante a presença da mulher em pelo menos 30% das vagas das direções executivas do partido, seja zonal, municipal, estadual ou nacional.

Não abrimos mão dessa conquista e hoje temos mais condições políticas de exercer plenamente esse direito, porque estamos conquistando a cada dia mais vitórias eleitorais.

Nas eleições municipais de 2012, elegemos 96 prefeitas, 83 vice-prefeitas e 726 vereadoras, um desempenho recorde em toda a história do Partido da Social Democracia Brasileira.

No pleito de 2014, marcamos nossa presença nas ruas com a garra e a determinação das tucanas, que ajudaram a levar o nosso presidente nacional, Senador Aécio Neves, ao segundo turno e quase à vitória.

Ainda em 2014 elegemos 10 deputadas estaduais e 05 deputadas federais, ampliando nossa presença nos parlamentos brasileiros, apesar de todas as dificuldades.

Esse processo de conquista não pode parar. Precisamos ampliar nosso espaço institucional no partido e, principalmente, na sociedade.

Queremos uma política de cotas mais justa, mais efetiva e mais de acordo com a realidade e a importância da mulher brasileira na

sociedade. Temos que garantir um percentual mínimo de vagas nos parlamentos.

As mulheres são a maioria da população e do eleitorado e respondem por cerca de 40% dos lares nacionais e, mesmo assim, tem presença ínfima no parlamento nacional – menos de 15%.

As tucanas querem mudar isso e o PSDB-Mulher levará propostas concretas nesse sentido para aprová-las na Convenção Nacional, em 5 de julho.

A mobilização é essencial, como demonstrou o Congresso das Mulheres, em Recife, em 2012, que levou mil tucanas de todas as unidades da Federação.

Lá mostramos nossa força partidária – somos 44% do total de filiados – e conquistamos o direito de participar com pelo menos 30% dos cargos diretivos do partido.

Agora, queremos mais.

“MULHERES E HOMENS GOSTAM DE RECEITAS”

por Thelma de Oliveira - 30 de abril de 2015



Foto: George Gianni/PSDB

Há, ainda, muito preconceito e mesmo machismo na visão daqueles que criticam o site do PSDB-Mulher por postar, na seção “Dicas da Semana”, receitas de comidas.

Parece absurdo que em pleno século XXI, depois das inúmeras conquistas femininas a partir da Segunda Guerra Mundial, ainda ecoem vozes preconceituosas e discriminadoras só porque se repassa uma dica, apenas uma dica de uma receita.

Por que não pode falar da cozinha?

Qual a regra de comportamento de luta pela afirmação da mulher na vida social, política e econômica do país que impede essa troca de informações sobre culinária, assim como se faz de livros e filmes?

Então, o que se quer é definir um estereótipo de mulher feminista com voz grave, mal vestida e arrogante?

Não, de jeito nenhum!

Nossa luta pelo fim da violência, discriminação e preconceito – como esse – é muito maior do que a simples e saudável troca de receita em nosso site.

As mulheres têm se mobilizado nos últimos anos não só por sua autonomia, mas principalmente por um Brasil melhor, como demonstram as imagens das manifestações que reuniram milhares de brasileiros.

A presença feminina é massiva!

As mulheres do PSDB estavam lá em defesa de um Brasil mais justo, protestando contra a corrupção que assolou a Petrobras, como a que se revelou na operação Lava-Jato, jogando luz sobre o chamado “Petrolão”.

É retrógado imaginar que um site de luta feminina não possa postar receitas.

O espaço da cozinha, o ato de cozinhar, há muito é ocupado por homens e mulheres, inclusive se tornando um campo profissional especial para os brasileiros – temos centenas de chefs de cozinha.

O PSDB-Mulher tem uma longa história de conquistas e um reconhecido papel na formação de suas militantes e mobilização do partido.

Não temos, portanto, qualquer razão para temer “os assuntos da cozinha”.

É justamente o contrário. Machista e estreita é a percepção de quem vê constrangimento em mulheres politizadas tratarem dos chamados em tempos remotos de assuntos do lar. É precocneito, puro e simples.

A criação de um espaço no site destinado a troca de dicas e receitas culinárias e de outros temas não diminui o papel das mulheres que militam no PSDB.

Dar significado pejorativo a isso é preconceito e intolerância, reitero.

O PSDB-Mulher entende que a condição feminina, assim como a masculina, deve ser compreendida e valorizada em todos seus aspectos, o que pode incluir a troca de receitas.

Portanto, a pergunta a ser feita é: por que não falar da cozinha num espaço partidário?

Entender que a divulgação de uma receita culinária pode representar um endosso do PSDB-Mulher a qualquer tipo de preconceito machista, como daqueles que costumam dizer que lugar de mulher é na cozinha, é um absurdo e lamentável.

A troca de receitas é um gesto de carinho, de amizade, de compartilhamento.

Em tempo: a receita em questão veio de um filho de uma das integrantes do PSDB-Mulher que, nem por isso, sofreu qualquer discriminação.

Afinal, cada vez mais, homens e mulheres gostam de receitas.

Sem preconceito de gênero e nem de orientação sexual.

“O MEDO DAS PANELAS”

por Solange Jurema - 29 de abril de 2015



Simbólico e emblemático o 1º de Maio deste ano não contar com a figura da Presidente da República em rede nacional de emissoras de rádio e televisão, para transmitir uma saudação aos trabalhadores e trabalhadoras do Brasil.

Simbólico e emblemático porque, nunca na história recente deste país, um Presidente da República recusou-se a dar explicações de seus atos ou tentar se esconder nas redes sociais, para fugir do intenso barulho das panelas nas ruas e janelas das cidades brasileiras.

É o medo das panelas, do panelaço!

Pois esse é o comportamento da presidente Dilma Rousseff, que optou por buscar nas redes sociais a guarida, a proteção para tentar iludir o povo brasileiro, mais uma vez e desta vez, na internet.

Aliás, esse tipo de atitude está virando rotina no atual mandato da Presidente da República. Sistemáticamente ela tem evitado as ruas e os eventos públicos com temor de que as vaias as recepcionem. Somente em locais mais fechados e sob rigoroso controle é que ela se dispõe a aparecer.

Essa postura é preocupante à medida que se sabe que ela delegou ao vice-presidente da República a articulação política, depois de sucessivas derrotas no Congresso Nacional, apesar da maioria de votos da “ampla base aliada”; e que também delegou a condução da economia ao Ministro da Fazenda, que assumiu a paternidade do “ajuste fiscal” que retira direitos de trabalhadores, estudantes e aposentados.

Ora, é preocupante sim termos uma Presidente da República que não aparece na televisão e no rádio por medo de um painel nacional; ou que não assume a responsabilidade de articulação política e econômica do país, inerente ao seu cargo e aos deveres de mandatária da nação.

Por fim, não deixa de ser irônico o fato de que a Presidente da República seja de um partido que durante anos – e ainda nos dias de hoje – se auto nomeou como único defensor dos trabalhadores.

Porém, o 1º de Maio sem qualquer autoridade da República comandada pelo Partido dos Trabalhadores nas telas pode até ser um consolo. Nos últimos treze anos, presidentes e ministros dos governos petistas revezaram-se nas telas com mensagens enganosas, tentando iludir a população. Neste ano, o povo brasileiro será poupado.

Fica claro, também, que neste 1º de Maio a atual gestão petista na Presidência da República tem todos os medos de enfrentar o povo. Prefere se omitir a encarar a opinião pública e justificar os seus erros que levaram o país ao caos em que se encontra.

Está com medo de novas manifestações populares nas ruas, janelas e portas das casas brasileiras, assim como se amedrontou com a presença de milhões de brasileiros que praticamente retiraram as bandeiras petistas das praças públicas.

É o medo das painéis!

“AS DESCULPAS E A VERGONHA SÃO DELES”

por Solange Jurema - 23 de abril de 2015



Finalmente, com quase meio ano de atraso, a direção da Petrobras divulgou o tamanho do prejuízo da empresa no ano passado, da ordem de R\$ 51 bilhões, dos quais R\$ 6,2 bilhões creditados à corrupção endêmica revelada pela Operação Lava Jato.

O prejuízo político da Petrobras e do país é muito maior do que esse número estratosférico. A empresa perdeu credibilidade, sua direção deu um péssimo exemplo para os funcionários e hoje o povo e o mercado suspeitam das ações ditas “reparadoras” na gestão.

Nesse sentido, a perda é quase irreparável, mas acreditamos esperançosos que o corpo de funcionários reaja com bravura e determinação aos desmandos praticados e recoloca a estatal entre a maiores do mundo.

No mesmo, dia o juiz Sergio Moro, responsável pela Operação Lava Jato, definiu as primeiras sentenças de condenação aos acusados da roubalheira na maior estatal do país, mesmo para aqueles que fizeram a delação premiada e que não saem ilesos de sua participação criminosa no desvio de recursos.

Essa coincidência nos dá mais um motivo para ficarmos esperançosos porque mostra para à sociedade que a Justiça brasileira está sendo pertinente, ágil e célere em suas decisões para condenar os malfeitores e repor aos cofres públicos o que foi roubado da população – mais de uma centena de milhões de dólares foram repatriados e a coleção de artes apreendida já está sendo exposta em um museu curitibano.

Simbolicamente, é obrigação da Petrobras prestar contas ao país e a seus acionistas e a decisão do juiz Moro de divulgar suas sentenças revela para a sociedade que os crimes contra o patrimônio publico não estão esquecidos.

A ação de Moro, mais uma vez, é educativa, ao contrário da postura do novo presidente da Petrobras, Aldemir Bendini, que pediu desculpas, “em nome dos funcionários”, e revelou o sentimento “de vergonha” da empresa.

Como ele pode querer falar em nome dos funcionários e pedir “desculpas” em nome deles se somente uma meia dúzia de malfeitores desviou bilhões de reais?

Como ele pode revelar o sentimento de “vergonha” deles, se as nomeações de diretores é definida pela Presidência da Republica, sem qualquer consulta ao quadro de funcionários?

Quem deveria pedir desculpas públicas ao corpo funcional da empresa, aos acionistas e principalmente ao povo brasileiro, são os presidentes que os chancelaram, que os nomearam, a partir de indicações partidárias.

Eles nomearam os diretores corruptos, os dois partidarizaram as diretorias, fatiaram e partilharam a direção da estatal para auferir ganhos e distribuí-los para candidatos petistas e de outras agremiações aliadas.

A responsabilidade tem nome e sobrenome: Lula da Silva, Dilma Rousseff e o PT!

Presidente Nacional do PSDB Mulher

“O SONORO SIM PARA A PAUTA DAS RUAS”

por Solange Jurema - 16 de abril de 2015



Solange Jurema – ex. Ministra e Presidente Nacional Secretariado Nacional da Mulher

O movimento popular que levou mais de três milhões de brasileiros em três centenas de cidades brasileiras chegou à Praça dos Três Poderes em Brasília, chegou ao Congresso Nacional.

O grupo “#VemPraRua”, saiu dela e ganhou o tapete verde do Congresso Nacional para impulsionar a ação política das oposições ao governo Dilma Rousseff.

E conseguiu.

“Um sonoro sim para a pauta das ruas”, sentenciou o presidente nacional do PSDB, senador mineiro Aécio Neves, aos representantes do movimento e dos demais partidos de oposição – PPS, SD, DEM, PSB, PV – presentes ao encontro.

A partir de agora, os partidos de oposição e o movimento das ruas caminharão ainda mais próximos e mais afinados para desmascarar o atual governo petista de Dilma Rousseff, que a cada dia envergonha ainda mais o Brasil e o povo brasileiro.

Há de se ter toda a cautela e toda a legitimidade jurídica para deflagrar o processo de impeachment, que também a cada dia ganha as ruas e se mostra como a alternativa para reconduzir o país nos trilhos da governabilidade.

A discussão entre as oposições já está aberta!

Nesse contexto, não se pode esquecer a enorme importância que teve nessa mobilização popular a campanha do candidato Aécio Neves à Presidência da República no ano passado.

Sem Aécio Neves na campanha presidencial não haveria a rua inflamada dos dias de hoje.



Foi a sua perseverança, a sua constante denúncia dos erros cometidos na economia; da existência da corrupção; do loteamento político do Estado brasileiro; que certamente ajudaram a criar essa conscientização, materializada na indignação do povo, massivo nas praças públicas.

E essa ação política mais concreta e palpável entre o Congresso Nacional e povo, como exigem os movimentos sociais que ocuparam as ruas, praças e cidades brasileiras, começa a ganhar mais corpo à medida que se escancara o escândalo da Petrobras.

Por si só, a prisão do tesoureiro do PT, partido da Presidente da

República, é outro escândalo que coloca em suspeição a própria reeleição de Dilma Rousseff, até porque surgem os primeiros indícios de que parte da dinheirama do Petrolão abasteceu campanha política das eleições de 2014.

Criado “longe das benesses oficiais, mas perto do pulsar das ruas”, como bem definiu o saudoso Franco Montoro, o PSDB não se furtou e não se furtará a se ombrear com os milhares de brasileiros que querem o fim da corrupção, atinja a quem atingir.

“MULHERES E JOVENS, MOBILIZAR E ORGANIZAR”

por Solange Jurema - 14 de abril de 2015



Foto: George Gianni

A direção nacional do PSDB decidiu começar no dia 5 de maio uma campanha de filiação em todo o país voltada para as mulheres e os jovens.

É um passo importantíssimo para que o nosso partido se aproxime ainda mais da sociedade brasileira, especialmente de dois segmentos da maior importância política, econômica e social, as mulheres e os jovens.

E é, também, o momento político adequado, quando milhares de brasileiros de todas as faixas etárias, de todos os gêneros e de todas as regiões tomam conta das ruas para protestar contra a corrupção e os desmandos do atual governo federal.

É o momento de o partido se sintonizar ainda mais com esses dois setores da sociedade, que têm enorme relevância e podem contribuir, e muito, para o aperfeiçoamento da democracia brasileira.

Os jovens e as mulheres desde junho de 2013, durante a campanha eleitoral de 2014 e agora nas recentes manifestações contra a corrupção, se fizeram presente de maneira determinante.

As redes sociais, onde as mulheres e os jovens têm forte presença, foram essenciais para que milhões de brasileiros saíssem às ruas no dia 15 de março para protestar contra o atual estado de coisas.

Não se pode esquecer, em nenhuma hipótese, a importância que as redes sociais desempenham no atual momento político brasileiro, tendência que só crescerá nos próximos anos

Essa nova maneira de fazer política, de postar ideias, sugestões e críticas parte exatamente da juventude, que mostra aos partidos que há um novo espaço de se fazer política.

E é a hora do PSDB mostrar que não só está atento a esse novo movimento social, como interage com ele com seus espaços nas redes: Facebook, Instagram e sites.

Segundo as pesquisas, o PSDB já tem a preferência dos jovens na faixa etária de 16 a 24 anos, um contingente de cerca de 20 milhões de brasileiros que, em sua maioria, usam as redes sociais para discutir, debater e sugerir mudanças na realidade política do país.

Maior atenção, nós do PSDB Mulher, daremos ao trabalho de filiação de brasileiras ao partido. Maioria da população, do eleitorado e responsáveis, sozinhas, por 40% dos lares brasileiros, a ampliação da presença da mulher no partido é essencial para o futuro dele.

No seu dia a dia, a mulher faz política na prática. Na maioria das vezes organiza a casa, sai às ruas, faz feiras, vai ao supermercado, e ainda trabalha fora.

Forma a opinião pública nesses ambientes e precisa de mais espaço institucional, que o PSDB e suas propostas podem ajudar a criar.

O PSDB é o partido que tem ações concretas e objetivas para superar a violência, o preconceito e a discriminação que a mulher brasileira sofre.

O PSDB, por suas propostas, por sua atuação Ética na política brasileira, terá, com certeza, forte adesão dos jovens e das mulheres.

Vamos ao trabalho!

“A HORA DA CONQUISTA”

por Solange Jurema - 6 de abril de 2015



No mês passado tive a oportunidade de participar do lançamento da campanha “Mais Mulheres na Política”, em São Paulo, na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), organizada pela Procuradoria Especial da Mulher no Senado e da Secretaria da Mulher na Câmara dos Deputados.

Em todas as falas, em todos os pronunciamentos, um reconhecimento geral de que a representação da mulher nos parlamentos brasileiros está muito aquém de sua importância econômica, social e política.

As mulheres são a maioria da população e do eleitorado, respondem por 40% das famílias brasileiras, porém não ocupam, em média, sequer 15% dos parlamentos municipais, estaduais e do Congresso Nacional.

Isso nos coloca numa péssima situação mundial, como atesta um estudo da União Interparlamentar ligada a Organização das Nações Unidas (ONU), que colocou o Brasil no 120º lugar em um ranking mundial de proporção de mulheres nos parlamentos.

Mas alguns movimentos pontuais no Brasil acenam para uma mudança de postura dos partidos e lideranças políticas nacionais, como a recente aprovação, pela Câmara dos Deputados, da Proposta de Emenda Constitucional (PEC 590/06) que obriga a presença das mulheres nas mesas diretoras dessa Casa e do Senado Federal.

É um avanço formal, embora a PEC aprovada não estenda essa obrigatoriedade aos parlamentos municipais e estaduais, vale dizer Câmaras de Vereadores e Assembleias Legislativas e Distrital.

O momento político é propício à discussão da ampliação da representação feminina nas casas legislativas do país.

É muito provável que o Congresso Nacional intensifique a discussão em torno de uma ampla reforma política e esse momento é uma oportunidade ímpar de nos organizarmos, de nos mobilizarmos para propor e aprovar as “nossas” reformas.

Se não conseguirmos nos fizermos presentes agora, em que pode ocorrer uma forte mudança na legislação partidária e eleitoral, demoraremos anos para termos outra oportunidade política como essa que se avizinha.

E, de outro lado, se continuarmos no atual com a atual legislação e no atual ritmo de crescimento eleitoral, demoraremos algumas décadas para alcançarmos uma situação no mínimo digna, se conseguirmos.

Devemos lutar já e agora pela paridade na representação nos parlamentos, municipais, estaduais e no federal.

Devemos lutar, já e agora, para aumentar os recursos do Fundo Partidário para efetivamente divulgar as ações partidárias para as

mulheres, garantindo o espaço nos programas partidários e, principalmente, as verbas para campanhas femininas, eleitorais ou não.

Exemplos de como políticas desse tipo ajudaram a ampliar a presença feminina em outros países não faltam.

Na Costa Rica, ainda no final da década de noventa do século passado, foi estabelecido uma cota de 40% de candidatos para cada um dos sexos. Com uma punição de rejeição da lista partidária, caso a agremiação não cumprisse essa regra. Hoje, as costariquenas ocupam quase 40% das cadeiras do parlamento.

Na Itália, 30% das cadeiras são ocupadas por italianas, número que subirá com a aprovação de uma lei que garantirá a paridade, ou seja, 50% das vagas.

Exemplos não nos faltam.

A hora é agora!

“CRECHES: MAIS UM FRACASSO DE DILMA”

por Solange Jurema - 31 de março de 2015



Foto: Divulgação

Como se dizia antigamente, mentira tem perna curta. Não adianta tentar enganar a todos, todo o tempo porque em alguma hora a verdade se revela de maneira inquestionável. Em muitos casos, nem mesmo a omissão resolve, com a falta de transparência que existe no governo Dilma Rousseff.

A candidata Dilma Rousseff, ainda na campanha presidencial de 2010, gritava a alto e bom som que nos anos seguintes iriam construir 6.150 novas creches e pré-escolas em todo o território nacional.

A promessa, com tom menor, repetiu-se na campanha eleitoral de 2014, mesmo com o fracasso dos quatro primeiros anos de seu governo, e as advertências que denunciamos aqui, como se pode reler nos links <http://www.psd.org.br/mulher/mais-creches-menos-promessas-por-thelma-de-oliveira/> e <http://www.psd.org.br/mulher/dilma-no-pais-das-maravilhas-por-thelma-de-oliveira/>.

Agora a verdade aparece, de maneira irrefutável. O jornal Folha de S. Paulo publicou uma material em que demonstra, com números, o que de fato ocorre nesse fracassado governo Dilma Rousseff.

O último balanço oficial do governo aponta para a construção de apenas 786 creches e pré-escolas concluídas, cerca de 12% do total prometido nos palanques.

O mesmo jornal apresentou, também, os dados da execução orçamentária do programa no passado e comprovou que foram gastos apenas 23% do total previsto.

Não adianta tentar enganar o povo com campanhas publicitárias que criam um mundo irreal, cheio de fantasias, desejos e fantasias que não se concretizam.

A realidade é bem dura, especialmente para as milhares de mães brasileiras que não dispõem de uma creche para deixar os seus filhos em segurança e poder trabalhar.

No fundo, o governo Dilma Rousseff atua na área de creches e pré-escolas do mesmo modo que trabalha com o restante dos problemas que atormentam o Brasil, muito deles provocado pelos anos de atraso dos governos petistas na União: com incompetência e ineficiência.

Desde que o programa foi criado, o governo tentou diversas fórmulas e maneiras para formalizar a parceria com municípios, sem sucesso.

Mudou o modelo de parceria, mudou o edital para empresas construírem as creches e pré-escolas, buscou estimular prefeituras, mas não conseguiu.

Ou seja, nada diferente do que ocorre na economia, na política e na vida social do Brasil.

O modelo econômico levou a inflação, ao pibzinho e ao aumento do desemprego, que pode atingir milhões de brasileiros nesse ano – mulheres e jovens são os primeiros e os mais atingidos, segundo pesquisas nacionais.

Na política, as derrotas do Governo Dilma no Congresso Nacional se tornam constantes, o que revela a tibieza do Palácio do Planalto.

E no social, infelizmente, deteriora-se a condição de vida do brasileiro, obrigado a se virar diante dessa realidade.

A solução é continuarmos conscientizando as mulheres e a população em geral de que precisamos demonstrar nossa indignação com tanto fracasso.

No dia 12 abril, vamos de novo às ruas mostrar o verdadeiro Brasil.
Sem mentiras, sem omissões!

“CONTRA FATOS NÃO HÁ ARGUMENTO”

por Solange Jurema - 24 de março de 2015



Foto:Arquivo da Fundação Konrad Adenauer

Se ainda havia alguém nesse país que duvidasse da insatisfação popular com o governo petista de Dilma Rousseff, buscando na crítica fácil do tipo “a minoria branca nas ruas” para desqualificar as manifestações de 15 de março, a casa caiu.

A pesquisa da CNT/MDA soterrou de vez os argumentos dos que não querem enxergar a grave situação em que se encontra o governo federal. Uma administração desacreditada e desarticulada, que se mostra incompetente para consertar os erros que ela mesma cometeu no mandato anterior, e até mesmo antes dele, como presidente do Conselho de Administração da Petrobras, nos governos de Luís Inácio Lula da Silva, igualmente responsável pela crise atual, para quase 68% dos entrevistados.

Os números são esclarecedores e apresentam fatos inquestionáveis: quase 65% avaliam negativamente o governo Dilma Rousseff; 72% consideram fraco o desempenho de seu governo; 77% desaprovam a postura pessoal dela; e 93% do povo brasileiro estão preocupados com a situação econômica do país!

O aumento da inflação, o medo de perder o emprego, a perspectiva de crescimento zero da economia ou mesmo recessão, e a crescente confirmação do envolvimento do PT e seus dirigentes no esquema de corrupção da Petrobras explicam, por si só, o repúdio da população ao governo Dilma Rousseff.

Contra fatos não há argumento e a militância petista precisará se retorcer para encontrar respostas minimamente razoáveis para tentar justificar o injustificável. Não há mais como tapar o sol com a peneira.

O governo Dilma Rousseff perdeu credibilidade junto a praticamente todos os principais agentes sociais, econômicos e políticos do país.

As ruas se encheram de gente, os empresários temem medidas que ampliem os impostos e nem mesmo sua base política no Congresso Nacional segue as orientações emanadas do Palácio do Planalto.

O PT, partido da própria Presidente da República, questiona o ajuste fiscal, que tenta minimizar os danos provocados pela má gestão econômica na gestão anterior. Seu tesoureiro é um dos 27 indiciados na operação “Lava Jato” e a divisão interna ganha as páginas dos jornais diariamente.

Nesse contexto, o melhor caminho para o governo Dilma Rousseff é exercer a humildade, de fato, pedir desculpas publicamente ao povo brasileiro e fazer “mea culpa” pelos erros cometidos.

É uma saída, bem melhor do que alimentar fakes ou militantes petistas nas redes sociais em defesa do indefensável.

Até porque, dia 12 de abril já está aí.

**Solange Jurema é presidente do Secretariado Nacional da Mulher/PSDB*

“VAMOS BATER PANELA, SIM!”

por Solange Jurema - 12 de março de 2015



Foto: George Gianni/PSDB

Nos estertores da ditadura militar, no dia da votação da emenda Dante de Oliveira que restabelecia a eleição direta para a Presidência da República, a população de Brasília assistiu a uma cena decadente: montado em um cavalo, o general Newton Cruz, espada em punho, cavalgava entre os carros e as pessoas para tentar evitar que elas batessem panelas em protesto.

Não conseguiu e se contentou em prender um ou outro para “manter a ordem pública” e garantir a “segurança” dos parlamentares para votarem, a maioria deles, contra o povo, que perdeu, mas não esqueceu.

Passados 31 anos, o povo brasileiro volta às ruas para manifestar sua indignação, sua insatisfação contra um governo que, se não tem sua origem em um regime totalitário, usa de métodos de pressão e de intimidação para tentar cercear o legítimo direito de um cidadão se manifestar.

Ameaçar chamar “o exército de Stédile”, marcar marcha de aliados pelegos dois dias antes do protesto programado espontaneamente pelo povo, e prosseguir em sua campanha de manipulação da opinião pública são o retrato perfeito de um regime autoritário que pretende impor sua vontade a todos.

Acusar os partidos de oposição de comandar os pannels e as vaías ou definir seus participantes como minoria “branca” é infame e ineficiente porque a população age de maneira consciente e determinada ao dizer “não” e não é boba.

O povo brasileiro sabe que foi enganado nas eleições presidenciais do ano passado, vítima de um estelionato que reconduziu ao Palácio do Planalto Dilma Rousseff e o PT.

O povo está, de fato, irritado e preocupado, assim como a atual presidente de todos os brasileiros sabe com quem e com o quê: com ela e sua desastrosa política econômica no governo anterior que dizimou o poder do compra de todas as donas de casa, que a cada vez compram menos nos supermercados.

É patético vê-la responsabilizar a economia internacional pelos estragos que ela mesma cometeu em seu governo anterior, apesar de todos os alertas da oposição, que cumpria seu trabalho de apontar os erros e sugerir soluções que nunca foram acatadas.

Dilma Rousseff busca “bodes expiatórios” e terceiriza responsabilidades que são suas. O PSDB cumpriu seu dever cívico. Denunciou a corrupção na Petrobras e em outros órgãos públicos. Denunciou que o Estado brasileiro estava sendo aparelhado e “privatizado” pelo PT. Apontou o crescimento da inflação e a redução do crescimento do país.

O governo Dilma Rousseff ignorou todos os alertas, todos os avisos. Preferiu minimizar as críticas, reduzindo-as a meras querelas oposicionistas. Deu no que deu!

E, por fim, é inadmissível querer intimidar o soberano direito do povo de se manifestar, sem violência, contra o atual estado das coisas.

Vamos, sim, vaiar quem merece no dia 15 de março, que será um marco na história recente do país.

Vamos, sim, bater panela porque as mulheres sabem o quanto custam o feijão e o arroz nosso de cada dia.

Se no passado já enfrentamos militares ensandecidos nas ruas, não nos faltará coragem e determinação para gritar, vaiar e bater panelas para quem usou a democracia duramente conquistada para destruir empresas e se beneficiar da corrupção!

Todas às ruas no dia 15 de março!

**Solange Jurema é presidente do Secretariado Nacional da Mulher/PSDB*

“COMEMORAR E CONSCIENTIZAR”

por Solange Jurema - 11 de março de 2015



Foto: Arquivo da Fundação Konrad Adenauer

A cada 8 de março o mundo inteiro dedica a data para comemorar o Dia Internacional da Mulher, formalizada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1975. O intuito é que toda a humanidade reflita sobre a condição feminina nos diferentes povos, nos países, nas crenças e na realidade política, econômica, cultural e social em que vivem 3,5 bilhões de mulheres, quase a metade da população mundial.

E se a cada ano assistimos aos pequenos avanços, infelizmente, constatamos a manutenção de muitos atrasos, como atestam relatórios mundiais da ONU, divulgados no começo do ano. Segundo dados do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), não há nenhum país em que as mulheres são iguais aos homens no poder político ou econômico. Reitero: nenhum.

A situação piora nas comunidades mais carentes, onde a morte materna, o casamento precoce e arbitrário e o status da mulher na sociedade têm indicadores bem distintos das economias avançadas.

Ainda segundo a ONU e o UNFPA, uma em cada três mulheres já sofreu algum abuso físico ou sexual e uma em cada três meninas em países subdesenvolvidos é obrigada a se casar antes de completar 18 anos.

No Brasil, o quadro não é distinto. Aqui, a cada duas horas, uma mulher é morta de maneira violenta. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) estima que no período 2001/2011 ocorreram mais de 50 mil feminicídios — cerca de 5 mil mortes por ano. Com 4,6 assassinatos por 100 mil mulheres, o Brasil ocupa a sétima posição mundial de assassinatos de mulheres, segundo o Mapa da Violência 2012 (Cebela/Flacso), entre 84 nações. Uma vergonha para o nosso país.

O Mapa da Violência nos fornece outro dado estarrecedor da realidade da condição feminina: em 42,5% dos casos, o agressor é o parceiro ou o ex-parceiro da mulher. E na faixa entre os 20 e os 49 anos, esse percentual salta para 65%. O terror vivido pela mulher brasileira apresenta agravante ainda mais perverso: em 71,8% dos atendimentos registrados, a violência aconteceu na residência da vítima, e 41% das mortes femininas foram dentro de casa, a maioria delas na presença de familiares. Então, alguém pode se perguntar: o que as mulheres podem comemorar?

A própria ONU tem dados que nos estimulam a comemorar e a continuar o trabalho de conscientização da condição feminina no mundo e no Brasil. Nos 20 últimos anos, a mortalidade materna foi reduzida à metade. Episódios como o da atriz Patricia Arquette, na entrega do Oscar deste ano, em que pediu igualdade salarial para

as norte-americanas, estimulam e reforçam a ideia de que devemos aproveitar todas as oportunidades, todos os momentos, para lutar contra as mais variadas discriminações que a mulher sofre em todos os quadrantes do mundo.

No Brasil, também temos o que comemorar. No decorrer da semana passada, a Câmara dos Deputados aprovou projeto de lei que aumenta a pena para quem matar mulheres por razões de gênero, tipificado como feminicídio e com penas mais severas, além de torná-lo hediondo. O texto também prevê pena maior (de 12 a 30 anos) para mortes decorrentes de violência doméstica e para os casos em que a mulher é assassinada estando grávida, menor de 14 ou maior de 60 anos.

O projeto — resultado do trabalho da CPMI que apurou a violência contra a mulher no Brasil — foi encaminhado para a Presidência da República para ser sancionado e mudar a legislação penal brasileira para atender melhor a condição feminina. A criação dessa tipificação penal atende aos novos padrões de proteção dos direitos da pessoa humana, como consagrados pela jurisprudência da Corte Interamericana de Direitos Humanos (Caso Campo Algodonero, sobre o feminicídio de centenas de mulheres em Ciudad Juarez, México) e tratados internacionais de direitos humanos (Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher — Convenção de Belém do Pará, 1994).

Outra boa notícia veio do Ipea, sobre a efetividade da Lei Maria da Penha. Estudo da instituição indica que a lei fez diminuir em cerca de 10% a taxa de homicídio contra as mulheres dentro das

residências. Um avanço relevante e importante. Portanto, há sim o que comemorar no 8 de março. Afinal, e nunca é repetitivo lembrar, as brasileiras são a maioria da população e do eleitorado, respondem sozinhas por 40% dos lares brasileiros e existe um universo a ser conquistado. Vamos, sim, comemorar a data com mais certeza e convicção de que somente a conscientização de todos levará à efetiva igualdade de direitos entre mulheres e homens.

**Publicado na edição desta quarta-feira (11) do jornal Correio Braziliense (DF)*

“COMEMORAR E LUTAR!”

por Solange Jurema! - 7 de março de 2015



Foto: George Gianni/PSDB

O dia 8 de março é o Dia internacional da Mulher, comemorado em todo o mundo, para conscientizar as pessoas e os governos da condição feminina e da opressão que a mulher vive nos diferentes continentes.

As 3,5 bilhões de mulheres do globo terrestre constituem a metade da população mundial e qualquer que seja sua condição econô-

mica, política e social sofrem discriminação, preconceito e violência qualquer que seja o país em que viva.

Dados do Fundo de População das Nações Unidas (ONU) apontam que qualquer que seja o país, as mulheres não tem rigorosamente os mesmos direitos ou poder político e/ou econômico dos homens.

Mesmo nos países mais desenvolvidos dos pontos de vista econômico, político ou social, as mulheres sofrem algum tipo de constrangimento, seja social ou físico. Ainda segundo a ONU e seu Fundo Mundial, uma em cada três mulheres já sofreram algum tipo de abuso físico.

O quadro é ainda pior nos países e nas comunidades mais carentes que, infelizmente, pontuam situações extremamente degradantes, como o casamento precoce, ou a de submeter a jovem a uma humilhante e trágica clitoridectomia, um ritual macabro que visa evitar que a mulher tenha prazer sexual, ainda comum em alguns países africanos, praticado em meninas de 14 anos.

Mesmo em nações desenvolvidas economicamente, como os Estados Unidos, encontramos discriminação, como bem lembrou a atriz Patricia Arquette, na entrega do Oscar, denunciando a diferença salarial entre homens e mulheres nos EUA.

No Brasil, a situação não é muito diferente. Apesar das mulheres serem a maioria da população e do eleitorado e responderem sozinhas por 40% dos lares brasileiros, ainda ganham em média cerca de 70% do que recebem os homens, para as mesmas funções, mesmo sendo muitas vezes mais qualificadas profissionalmente.

A realidade das brasileiras é violenta. A cada duas horas uma mu-

lher é morta de maneira violenta. Em dez anos, 2001/2011, cerca de 50 mil mulheres foram mortas, números de guerra, Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

Com 4,6 assassinatos por 100 mil mulheres, o Brasil ocupa a sétima posição mundial de assassinatos de mulheres, segundo o Mapa da Violência 2012 (Cebela/Flacso), entre 84 nações.

Esse mesmo Mapa da Violência nos revela um outro dado trágico: em 42,5% dos casos, o agressor é o parceiro ou ex-parceiro da mulher. E na faixa entre os 20 e os 49 anos, esse percentual chega a 65%!

Mesmo com esse quadro desolador, o dia 8 de março desse ano nos traz duas boas notícias. A Câmara dos Deputados aprovou projeto de lei que considera o feminicídio crime hediondo, o que tornou as penas maiores e mais severas para o assassino – agora é de 12 a 30 anos.

A outra boa nova veio do Ipea, sobre a aplicabilidade da Lei Maria da Penha. Estudo da instituição indica que a lei fez diminuir em cerca de 10% a taxa de homicídio contra as mulheres dentro das residências. Um avanço relevante e importante.

Por tudo isso e mesmo com a existência de discriminações, preconceitos e violências contras as mulheres no Brasil, devemos comemorar o dia 8 de março como uma data para nos conscientizarmos ainda mais e prosseguirmos nossa luta.

Viva a Mulher!

**Solange Jurema é presidente do Secretariado Nacional da Mulher/PSDB*

“DIA INTERNACIONAL DA MULHER, O QUE OS HOMENS TEMEM TANTO?”

por Thelma de Oliveira - 7 de março de 2015



Foto: George Gianni/PSDB

Parabéns para nós, mulheres, que comemoramos a data hoje, pela 109ª vez, com grandes conquistas na bagagem, e muito ainda a fazer; a começar por assumir um poder que é nosso por direito.

O Dia Internacional da Mulher, criado na virada do século XX e celebrado pela primeira vez em 28 de fevereiro de 1909, nos Estados Unidos, por iniciativa do Partido Socialista da América, surgiu sob o impacto da Revolução Industrial e da Primeira Guerra Mundial, que abriram o mercado de trabalho, até então restrito aos homens, para as mulheres.

As péssimas condições de trabalho em que essas trabalhadoras eram obrigadas a produzir levaram a manifestações que culminaram com a primeira conferência internacional de mulheres, em 1910, na cidade de Copenhague.

No ano seguinte, em 25 de março de 2011, 146 trabalhadores, em sua maior parte costureiras, morreram em um incêndio na fábrica da Triangle Shirtwaist, em Nova Iorque.

Em oito de março de 1917, na Rússia czarista, a greve das operárias da indústria têxtil contra a fome, o czar Nicolau II e a participação do país na Primeira Guerra Mundial, foi o estopim para a Revolução Russa e definiu o oito de março como a data definitiva para a comemoração do Dia Internacional da Mulher.

Oficialmente, no entanto, o dia oito de março foi declarado Dia Internacional da Mulher em 1975 pela ONU.

Em 1995, aconteceu em Pequim a Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres, que estabeleceu um roteiro de ação que visava o avanço da igualdade e do empoderamento das mulheres no mundo. O documento resultante do encontro, batizado de “Plataforma de Ação de Pequim” listou 12 pontos essenciais para alcançar essa meta.

Eram eles: Mulheres e pobreza; Educação e Capacitação de Mulheres; Mulheres e Saúde; Violência contra a Mulher; Mulheres e Conflitos Armados; Mulheres e Economia; Mulheres no Poder e na liderança; Mecanismos institucionais para o Avanço das Mulheres; Direitos Humanos das Mulheres; Mulheres e a mídia; Mulheres e Meio Ambiente e Direitos das Meninas.

Acho que apenas um olhar pela lista mostra que não avançamos muito nos últimos 10 anos. Analisando o item “Mulheres no Poder”, é possível saber que, pelos dados de 28 de julho de 2014, do ranking preparado pela União Interparlamentar, o Brasil ocupa um humilhante 110º entre 146 países, ficando atrás de Togo, Eslovênia e Serra Leoa.

Medo masculino

Fátima Jordão, socióloga e conselheira do Instituto Patrícia Galvão, há poucos dias, disse uma frase certa: “As mulheres candidatas, são vistas pela maioria dos eleitores com atributos positivos em relação aos candidatos: somos vistas como mais éticas, cumpridoras de promessas, mais trabalhadoras, entre outros. Portanto, na competição com candidatos somos uma ameaça competitiva e somos temidas. Nós mulheres não assumimos a força que temos dentro dos partidos. Como militantes dos grandes partidos somos mais de 40%, nossa força nas bases não tem correspondência com a proporção de candidatas inscritas. Isso se chama domínio de um coronelismo machista dentro dos partidos”.

E por favor, não me venham dizer que a atual situação do Brasil foi causada por uma mulher, esse argumento não é válido. Nem digno. Há um ex-presidente que operou durante oito anos à frente do governo e continua, agora à sombra, tão ou mais responsável do que ela.

Sempre fomos fortes, nossa participação na vida política, social e religiosa da humanidade é tão antiga que acabou por se perder na História mais recente, escrita por homens, para reinventar a sociedade criada por eles, para eles.

Chegou a hora de retomar o poder que sempre foi nosso, que possuímos há eras, que ninguém nos concederá porque apenas nós temos esse direito. Nascemos com ele.

Viva o Dia Internacional da Mulher!

**Thelma de Oliveira é vice-presidente do Secretariado Nacional da Mulher/PSDB*

“QUALIFICAR PARA AVANÇAR”

por Solange Jurema - 27 de fevereiro de 2015



Foto: George Gianni /PSDB

O desempenho das candidatas tucanas nas eleições municipais, estaduais e federais de 2012 e de 2014, comprovaram que a melhor política, a mais correta e a que mais apresenta bons resultados é a que vem sendo desenvolvida pelo PSDB-Mulher, a de qualificar suas lideranças partidárias.

A realização de seminários, palestras, encontros e reuniões de maneira periódica e trazendo o debate, a troca de experiências, a saudável discussão, é o caminho mais democrático e a maneira mais instigante para prepararmos nossas militantes, mesmo aquelas que não pretendem se candidatar.

Sempre com o valoroso apoio e participação fundamental da parceira Fundação Konrad Adenauer, o PSDB-Mulher já começou suas ações políticas com a realização de dois cursos de formação de lideranças, das regiões Sul, Sudeste, Centro Oeste e Norte, em Brasília e em São Paulo – o próximo será no Nordeste, em Maceió, nos dias 05 e 06 de março.

Nos dois eventos, reunimos mais de 200 mulheres, com uma característica que só nos entusiasma: a totalidade delas ‘e de novas

filiadas, de mulheres que recentemente optaram por fazer política partidária e escolheram o PSDB para mudar a sociedade brasileira, engajando-se também no PSDB-Mulher.

É muita alegria, muita esperança, muita vontade de preparar, e preparar bem, essa gente que se motiva a fazer política no Brasil e no PSDB.

É reconfortante, gratificante, ver que o ideário socialdemocrata, o exemplo das gestões tucanas nas prefeituras, nos estados e na Presidência da República, com Fernando Henrique Cardoso, bem como a atuação dos nossos vereadores e deputados estaduais, distritais e federais, são reconhecidos e estimulam brasileiras a ingressar no PSDB.

Isso é uma clara sinalização de que, mesmo com toda a mentira oficial do governos petistas, mesmo com toda essa corrupção, mesmo com tantas frustrações, o PSDB ainda é uma forte referencia de atuação política, de gestão eficiente, honesta e competente.

O ano começa com muito trabalho para o PSDB-Mulher, mas com a convicção de que somente o trabalho regular, a discussão permanente, o debate estimulante e aberto farão o PSDB ampliar sua presença no espectro partidário municipal, estadual e federal para esse país realmente se tornar mais justo e igualitário.

Vamos à luta, vamos a novas vitórias e conquistas das mulheres e do povo brasileiro.

**Solange Jurema é presidente do Secretariado Nacional da Mulher/PSDB*

“COMEMORAR, SEM DESMOBILIZAR”

por Thelma de Oliveira - 24 de fevereiro de 2015



Foto: George Gianni/PSDB

No mês passado, a atual Presidente da República tornou 24 de fevereiro o Dia da Conquista do Voto Feminino no Brasil, inserindo-o no calendário oficial de eventos a serem celebrados.

Nada mais justo que comemorar o direito de voto das mulheres, conquistado há 83 anos, ainda no primeiro governo de Getúlio Vargas, mas que ainda se revela insuficiente para transformar a realidade política, econômica e social do país.

E, menos ainda, para mudar o triste e trágico cotidiano das 103.685.000 milhões de brasileiras que diariamente enfrentam o preconceito, a discriminação e a violência crescente, sem que o poder público disponibilize políticas públicas federais para atender à suas demandas.

Somos maioria da população brasileira, a maioria do eleitorado, e responsáveis pelo sustento solitário de cerca de 40% dos lares

nacionais. Nada mais justo que fossemos, 83 anos depois, parcela igualmente expressiva na política nacional.

Já conquistamos muito, precisamos avançar mais. Se nossa participação na vida pública refletisse de maneira mais justa nossa presença na vida econômica e social brasileira, talvez a vida de nossas irmãs estivesse menos sofrida.

Quem sabe leis mais duras tirassem do Brasil a vergonhosa marca de país em que um estupro acontece a cada quatro minutos. Leis pensadas por homens, que não passam pelo que enfrentou a estudante de medicina de Ribeirão Preto, em agosto de 2014.

A jornada é longa, os percalços parecem insuperáveis, mas no Brasil e no mundo de hoje já há uma intensa conscientização de que não se pode mais conviver com esse quadro discriminatório e abusivo contra as mulheres.

Ainda recorrendo a exemplos recentes, a atriz Patrícia Arquette e seu protesto contra a discriminação salarial nos EUA e por direitos de gêneros iguais na entrega do Oscar servem de estímulo, até porque reproduzido em todo o mundo.

Mas, imaginem se ela vivesse no Brasil, onde homens recebem em média, 30% a mais do que mulheres, com a mesma idade e nível de instrução, segundo estudo do Banco Interamericano de Desenvolvimento!

Portanto, a comemoração do Dia do Voto Feminino nesse 24 de fevereiro deve ser, necessariamente, acompanhada de uma reflexão sobre toda essa massacrante realidade das mulheres brasileiras.

Só com muita disposição, com muita determinação e conscientização conseguiremos mudar essa triste realidade nacional.

**Thelma de Oliveira é vice-presidente do Secretariado Nacional da Mulher/PSDB*

“COMUNICAR É PRECISO, ESPECIALMENTE PARA AS MULHERES”

por Thelma de Oliveira - 19 de fevereiro de 2015



Uma pesquisa séria é sempre uma boa oportunidade para refletirmos sobre a realidade que vivemos e como podemos modificá-la no nosso cotidiano, seja na vida pessoal, política ou profissional.

A mais recente pesquisa do Ibope Inteligência sobre o uso da internet, das redes sociais, no Brasil, traz mais um dado importantíssimo sobre a realidade da vida política e social do país: entre os usuários da internet, 53% são do sexo feminino.

As mulheres, que são a maioria da população, do eleitorado, e já respondem por 40% dos lares brasileiros, também predominam na internet. Mais um argumento para levarmos em nossos debates pela reafirmação do papel da mulher na sociedade brasileira.

Não há mais dúvida sobre a importância das redes sociais no processo de informação e de formação de opinião em torno da discussão de temas relevantes da sociedade brasileira e de todo o mundo.

Nos tempos de smartphones, dos “zap zap”, dos “Is” tudo, dos tablets, notebooks e até mesmo de PCs, as redes sociais tem a primazia de abordar assuntos e situações bem antes das chamadas mídias tradicionais – rádio, jornal e televisão.

O que sai na rede vira pauta. O que se discute vira polêmica, o que é diferente vira vírus e se torna notícia em todos os veículos do mundo.

Uma foto, um flagrante, um bom artigo, uma boa charge ganham as redes sociais e rapidamente se transformam em “cases” que popularizam, para o bem ou para o mal, uma situação qualquer – seja pessoal, política, econômica ou social.

As redes sociais são poderosos instrumentos de discussão, conscientização e de convencimento de ideias e propostas e revelam, ao mesmo tempo, as incríveis desigualdades do país.

Ainda segundo a pesquisa do Ibope Inteligência, o acesso à internet ainda é muito desigual. Enquanto na classe “A” 92% das pessoas têm acesso a internet, nas classes “D” e “E” apenas 20% delas acessam a rede mundial.

Do mesmo modo, aqueles com maior escolaridade são os que mais acessam a internet – 90% entre os que completaram o curso superior, contra apenas 24% daqueles com ensino fundamental. E mais da metade (54%) dos internautas estão na região Sudeste, a mais populosa e rica do Brasil.

Outro dado importante é que 53% dos brasileiros são usuários regulares e ativos da internet. Nos três meses anteriores à pesquisa, realizada em dezembro do ano passado, mais da metade deles acessou algum tipo de conteúdo online.

Portanto, a informação de que as mulheres são a maioria dos usuários da internet no Brasil deve servir para nos debruçarmos ainda mais em uma discussão partidária, política e social para mudarmos a nossa comunicação com as brasileiras.

O PSDB tem o Facebook, o twitter e o site nacional PSDB, que estão à disposição de todos. O PSDB-Mulher tem o portal voltado às discussões políticas relevantes para a luta da mulher contra a discriminação, preconceito e violência contra ela.

Acesse, dê sugestões e compartilhe nossas propostas partidárias.

“BRASILEIROS, À LUTA DEMOCRÁTICA”

por Thelma de Oliveira - 12 de fevereiro de 2015



Desde o estelionato eleitoral que reconduziu a presidente petista Dilma Rousseff ao Palácio do Planalto, o país vive sobressaltado com novas e diárias revelações do colossal esquema de corrupção instalado na Petrobras, que sangrou 200 milhões de dólares em benefício do PT ao longo de dez anos.

Dinheiro público, roubado da maior empresa estatal brasileira e que irrigou campanhas eleitorais de candidatos petistas e da base aliada até o ano passado.

Não bastasse isso – por si só uma gravíssima distorção e um escândalo sem precedentes na história do Brasil – todo o dia acumulam-se informações sobre o péssimo estado da economia do Brasil, colecionando índices negativos e repetindo indicadores desastrosos como há décadas não se via.

Mesmo assim, e diante desse quadro decadente, o PT incita seus militantes a ocupar as redes sociais e as ruas para defender o indefensável, para explicar o inexplicável, para tentar, mais uma vez, enganar o povo brasileiro, já saturado de tanta mentira, de tanta corrupção, de tanta enganação.

Autoritários, querem impedir que a sociedade brasileira expresse sua indignação nas redes sociais, nas ruas e no Congresso Nacional, que seus representantes clamem pela realização de uma verdadeira Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Petrobras, sem manipulação do governo federal.

E que debatam democraticamente, na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, a grave política vivida pelo país e que a cada dia ganha as ruas, nas conversas das pessoas, indignadas com a promessa eleitoral e a realidade das ações do governo.

No entanto, o que vale para o povo é o refrão da música de Chico Buarque; “que andam falando pelos botecos”, nos idos da redemocratização, no final da década de setenta. A vontade popular é soberana.

Sobre a Presidente Dilma Rousseff, gostem disso ou não o PT e seus aliados, existem dúvidas pertinentes quanto ao papel dela no caso do Petrolão, como se pode ver nas redes sociais.

De duas uma: ou sabia e comandou o processo ou é incompetente e leniente com o patrimônio público sob sua responsabilidade, razões mais do que suficientes para não permanecer no cargo, em momento tão crítico da vida política econômica e social do país, provocado exclusivamente por ela e seu antecessor.

As vitórias democráticas obtidas pelas oposições na Câmara dos Deputados– a instalação da CPI da Petrobras, a composição das comissões e a aprovação do orçamento impositivo – representam um alento e um estímulo para as ruas depois do pleito eleitoral que fraudou a vontade popular com o estelionato eleitoral perpetrado pelo PT.

As manifestações de protesto previstas para 15 de março são legítimas, expressam a vontade popular e não podem sofrer qualquer tipo de ataque como a que a direção nacional do PT postou nas redes sociais – Militância, às armas – frase de mau gosto e de perigosa e dúbia interpretação.

Para eles, nosso chamado é outro:

“Brasileiros, à luta democrática, sem armas!”

Somente com nossa indignação e vontade de fazer um Brasil melhor.

**Thelma de Oliveira é vice-presidente do Secretariado Nacional da Mulher/PSDB*

“VIOLÊNCIA DEMAIS, AÇÃO DE MENOS”

por Thelma de Oliveira - 6 de fevereiro de 2015



Foto: George Gianni/PSDB

A violência contra as mulheres no Brasil continua crescendo de maneira crônica e progressiva, sem que o governo federal consiga definir e implantar uma política nacional consistente que pelo menos minimize as agruras das agredidas, que ainda ficam à mercê da própria sorte.

A inauguração da “Casa da Mulher Brasileira”, em Campo Grande, a primeira das vinte e sete prometidas pela presidente Dilma Rousseff, nessa semana, é uma tímida ação, um começo píffio para a mulher que reassume a Presidência da República sem haver sequer cumprido as promessas da campanha anterior, como a construção de seis mil creches.

Naturalmente, qualquer ação do Estado que beneficie uma única mulher já é uma iniciativa que deve contar com o apoio, de quem luta diariamente contra a violência, o preconceito e a discriminação contra a mulher.

Mas a inauguração de uma casa com serviços de atendimento é pouco, diante dos dados de violência conhecidos e divulgados nessa mesma semana, especialmente os da violência sexual contra a mulher, que cresceu 40% no período 2013/2014, segundo o que ficou registrado no “Ligue 180”.

Uma única Casa da Mulher Brasileira em cada estado, por mais bem aparelhada que esteja, é um grão de areia para abrigar, defender, proteger e cuidar do enorme contingente de mulheres agredidas anualmente no Brasil.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), chega a um milhão o número de mulheres agredidas anualmente no Brasil, sejam agressões físicas, verbais ou psicológicas. A maioria das vítimas reside em capitais, sendo que 85% delas protegem os agressores, ou seja, não fazem queixa ou acabam por retirá-la.

Na contabilidade do Mapa da Violência 2012 – Homicídio de Mulheres – a cada cinco minutos uma mulher é agredida no país. Não é a toa que o Brasil ocupa a sétima colocação com a maior taxa de homicídio de mulheres entre todas as nações.

E, estatística macabra, a cada duas horas, uma mulher é morta, numa média mensal de 370 vítimas e de cerca de 4.500 por ano!

Mesmo com o surgimento da Lei Maria da Penha que, de algum modo, ajudou a puxar as estatísticas para cima porque um número maior de mulheres perdeu o medo de denunciar a agressão; a presença e o apoio do Estado continuam insuficientes.

O orçamento da União, dos estados e dos municípios, destinado a reverter esse quadro, é ínfimo diante da crescente demanda feminina, o que torna quase que inócua a ação do Estado.

A luta é imensa e envolve todos os poderes constituídos – Executivo, Legislativo e Judiciário – a sociedade e todos que querem dar um fim a esse desastroso quadro de violência.

Inclui, sem dúvida, um empoderamento maior da mulher, a mudança radical da cultura machista que permeia nossas relações e a conscientização de que somente nos organizando poderemos mudar essa triste realidade brasileira.

“PT, A FRAUDE ELEITORAL”

por Thelma de Oliveira - 4 de fevereiro de 2015



Foto: George Gianni/PSDB

Uma discussão política séria e consistente, que está sendo minimizada, é a fraude da representação política do Partido dos Trabalhadores na Câmara dos Deputados, no Senado Federal e em todas as outras instituições políticas municipais e estaduais.

Fraude confirmada porque, à medida que se revelam novos dados, novas informações sobre o escândalo do “Petrolão” e suas somas

bilhardarias, mais claro fica que os recursos desviados serviram para alimentar – formal ou informalmente – o PT, seus candidatos e aliados nas disputas eleitorais, depois que o “Mensalão” foi descoberto e desmontado.

Ou seja; o PT usou e abusou da ilegalidade, do dinheiro público roubado do Banco do Brasil, da ECT e da Petrobras, no assalto realizado aos cofres da maior estatal brasileira, nos últimos anos.

O raciocínio é simples: O Supremo Tribunal Federal (STF) comprovou o caminho que o dinheiro público desviado realizou das estatais até às campanhas eleitorais do PT nas eleições de 2002, 2004 e 2006.

Em todo o Brasil pipocaram casos e mais em casos de dinheiro público irrigando as campanhas eleitorais petistas, com o Caixa 2 do PT lavando o dinheiro roubado do povo brasileiro.

Descoberto o esquema de mensalões e mensaleiros, os petistas rapidamente o redirecionam para a maior empresa brasileira, que já chegou a valer 380 bilhões de reais e hoje vale menos da metade disso, depois da rapinagem cometida pelos indicados pelo PT para dirigir a empresa, ou melhor, para administrar os negócios do partido e a partilha entre os candidatos petistas.

Agora, com o “Petrolão” confirma-se que nas eleições de 2010, 2012 e 2014 as candidaturas petistas e de alguns aliados foram vitaminadas com o “dinheiroduto” da Petrobras, com o saque aos cofres da empresa brasileira de petróleo. A Petrobras deixou de ser nossa, do povo brasileiro, para ser deles, do PT.

Dessa maneira, o PT gradativamente elegeu um número maior de

vereadores, de prefeitos, de deputados estaduais, de governadores, de senadores e de presidentes da República, sempre com candidaturas regadas a dinheiro sujo, desviado dos cofres públicos.

Na Câmara dos Deputados, o PT praticamente dobrou sua bancada entre as eleições de 1998 e 2002 – de 56 saltou para 91, a mesma em 2006 e 2010 – sempre com a presença de recursos públicos desviados do patrimônio do povo.

Em resumo, essa é a verdadeira história da representação política do PT no Parlamento nacional e nas outras instâncias de representação política.

A reação já começou. Sem o “Petrolão” irrigando com tanta fartura as campanhas petistas, e com o povo ampliando sua desilusão com o partido, o desempenho em 2014 caiu, em relação às eleições anteriores.

O número de deputados federais diminuiu de maneira expressiva, assim como diminuiu a quantidade absoluta de votos e, em pelo menos seis estados, o PT não elegeu um parlamentar sequer.

É apenas o começo do declínio de um partido que fraudou as eleições, enganou o povo e pilhou o Estado como nunca antes visto nesse país, quiçá no mundo.

“NOVA LEGISLATURA, NOVAS LUTAS”

por Solange Jurema - 1 de fevereiro de 2015



O começo de uma nova legislatura parlamentar é sempre uma oportunidade para renovar a esperança de um novo país, nascido das futuras decisões emanadas dos 81 senadores e 513 deputados federais que passam a integrar o Congresso Nacional.

A cada ano, a cada eleição nacional, arejam-se as ideias. As propostas e as visões que cada representante do povo traz das ruas, das lutas, das vitórias e derrotas de um pleito eleitoral reverberam nos plenários das duas Casas.

O PSDB-Mulher participou ativamente do processo eleitoral do ano passado, apresentou candidatas, apoiou tucanos, saiu às ruas com nossas bandeiras, com a coragem e o vigor de nossa militância.

Deu certo, a bancada feminina do PSDB na Câmara dos Deputados aumentou de três para cinco representantes, com a eleição de Geovânia de Sá (SC), Mariana Carvalho (RO), Sheridan de Anchietta (RR) e a reeleição de Mara Gabrielli (SP) e Bruna Furlan (SP).

É uma conquista histórica, importante, porque o PSDB é um dos partidos com o maior número de mulheres na Câmara dos Deputados.

dos, além de ter a parlamentar com maior percentual de votos – Shéridan de Anchieta, com 14,95% dos votos válidos – e uma das mais jovens, Mariana Carvalho com 27 anos.

As nossas deputadas federais se juntarão a outras 46 parlamentares de outros partidos, uma representação feminina de cerca de 10% do total da Câmara dos Deputados, bem aquém do total de mulheres e eleitoras brasileiras, a maioria nos dois casos.

De qualquer modo, um avanço em relação à eleição anterior, quando as mulheres ocupavam apenas 45 das cadeiras da Casa.

No Senado, o quadro não é muito diferente. Foram eleitas cinco novas senadoras, que se juntarão às seis outras eleitas anteriormente para compor uma bancada que representa 13,6% dessa Casa – 11 no total de 81. No Senado, temos uma tuana.

É com esse time e com essa força que a bancada feminina no Congresso Nacional lutará para mudar a realidade da vida da mulher brasileira, com menos discriminação, preconceito e violência.

As eleitas trazem consigo a esperança de milhões de brasileiras e o reconhecimento para com as 8.210 mulheres que disputaram as eleições de outubro do ano passado – um acréscimo de 61% em relação ao pleito de 2010.

A cada eleição cresce o número de mulheres candidatas e eleitas, mas precisamos fazer mais, estamos bem aquém de nossa presença na vida política, social e econômica do país – hoje, as brasileiras já respondem, sozinhas, por 40% dos lares do país.

As leis eleitorais ajudaram nesse crescimento, impondo condições mais justas para a disputa; como a cota de 30% para vagas femi-

ninas, cumprida pela primeira vez por todos os partidos brasileiros no ano passado.

É para mudar isso, para refletir a realidade da mulher brasileira – maioria da população, do eleitorado, 45% da força produtiva – na vida parlamentar que o PSDB-Mulher se une à nossas representantes no Congresso Nacional para continuar essa luta.

Vamos propor leis mais rigorosas para combater a violência contra a mulher; vamos cobrar mais agilidade do Judiciário no julgamento dos processos; vamos lutar por mais creches; vamos lutar por uma legislação que amplie ainda mais nossa presença no Parlamento.

A luta é grande, a vontade maior.

Parabéns às tucanas que hoje tomam posse no Congresso Nacional!

**Solange Jurema é presidente do Secretariado Nacional da Mulher/PSDB*

“APARECEU, MAS NÃO CONVENCEU”

por Thelma de Oliveira - 29 de janeiro de 2015



Foto: George Gianni/PSDB

Desaparecida do cenário político nacional, a presidente do Brasil, Dilma Rousseff, apareceu novamente envelopada na mesma cantilena que repete desde os tempos em que participava do ministério do seu antecessor: muito blá blá blá e pouca verdade no seu discurso.

É impressionante; ela e sua equipe política tentam, por todos os meios, falsear a dura realidade econômica do país e manipular a opinião pública de maneira constante e permanente.

Para o seu incrivelmente inchado ministério de 39 pastas e cerca de 15 partidos, a petista-presidente elogiou seu novo ministro da Fazenda, um estranho no ninho (e fora do ninho natural dele), e deu as diretrizes de contenção de gastos para consertar as contas públicas que ela mesma estraçalhou para garantir sua reeleição.

É notável como ela trata do tema economia – inflação alta, desemprego, recessão, pibinho, déficit público – como se não tivesse nada com isso, como se outro governo, como se outro presidente da República fosse o responsável pela crítica situação econômico-financeira do governo e do país!

Não, senhora Presidente, não há nenhum outro responsável por isso, que não a senhora. Quem sentou na principal cadeira do Palácio do Planalto e ordenou o aumento de despesas, a contratação descabida de cabos eleitorais disfarçados de servidores públicos; quem beneficiou empresas para ganhar doações de campanha tem nome e sobrenome: Dilma Rousseff!

Não há, portanto de pedir a seus ministros e assessores que não percam “a batalha da comunicação”, que desmintam os “os boatos” que circulam na sociedade...

Não se pode pedir o impossível a seus auxiliares, presidente Dilma.

Não foram eles que na campanha eleitoral prometeram que não haveria mais impostos, que o emprego aumentaria, que não haveria recessão e que os preços ficariam sob controle e que os direitos trabalhistas permaceriam intocáveis, mesmo que “a vaca tussa”.

Quem prometeu foi a candidata-presidente Dilma Rousseff.

Quem fomentou os desmentidos, quem gerou clima de insegurança e de temor em relação ao futuro do povo brasileiro foi a candidata-presidente.

Além disso, mesmo no seu desaparecimento público, não faltaram novidades do seu governo como o anúncio de mudanças sérias na concessão de benefícios sociais, previdenciários e trabalhistas, com mudanças no seguro-desemprego e concessões de pensões a viúvas, por exemplo.

Não dá, presidente de segundo mandato, para negar “em alto e bom som”, como a senhora pediu, o que a realidade impõe a nós e a seus 39 ministros.

Afinal, eles terão que combater não só os fatos como também os seus próprios companheiros de partido que reagem à sua tentativa de

consertar os rumos da política econômica desse seu novo governo e que, assim como milhões de brasileiros, acreditaram em suas promessas de campanha e que se transformaram no maior estelionato eleitoral da história recente do Brasil.

“NOTA À IMPRENSA – VOTAÇÃO DA PEC DAS MULHERES NA CÂMARA DOS DEPUTADOS”

17 de junho de 2015



Uma pena e uma perda para o Brasil terem faltado 15 votos para aprovação da PEC que garantia pelo menos 10% das vagas dos parlamentos nacionais para as mulheres.

O resultado mostra a insensibilidade do mundo político machista que não abre espaços institucionais para as mulheres, embora sejamos a maioria da população brasileira e tomemos conta, sozinhas, de 40% dos lares do país.

Doerá explicar à militância do PSDB-Mulher as razões que impediram a bancada do partido de fechar questão, deixando que cada parlamentar votasse de acordo com o seu desejo pessoal. Mas sere-

mos muito gratas aos deputados tucanos que caminharam ombro a ombro conosco nessa luta que nos feriu, mas não vergou.

Será gratificante agradecer às nossas deputadas federais o apoio e os votos, em sintonia com a vontade que as brasileiras manifestam de obter maior protagonismo na vida pública nacional.

A ampliação da participação da mulher na política não é uma questão pessoal e sim de justiça, por responder aos anseios de toda a sociedade brasileira, esta sim, de maioria feminina, independentemente de cotas.

Quem entende de economia é a brasileira que enfrenta diariamente o aumento dos preços dos alimentos, nos supermercados e nas quitandas.

Quem entende de orçamento e de planejamento é a mulher, que agora tem que ver como gastar o dinheiro de sua casa, o que deve ser pago ou não. Quem toma conta do cobertor curto é ela, não o homem.

Quem entende de programa social é a mulher que, abandonada por seus companheiros, ganha quase 30% a menos do que os homens para sustentar 40% dos lares brasileiros.

Estudos divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE, provam que as mulheres estudam, em média, 5 anos a mais que os homens e se preparam mais para cargos de responsabilidade.

Dados da ONU Mulheres, divulgados na recente Beijing+20, provam que sociedades em que existe igualdade de participação entre gêneros na administração pública, os índices de estabilidade econômica e social sobem na mesma proporção.

Abrir espaço para a maior participação feminina, antes de mais nada, é questão de interesse público, ganham todos, homens e mulheres. Ganha o Brasil.

Mesmo assim, o universo machista que dirige o país se recusa a aceitar a realidade e a dar mais espaço às mulheres nos parlamentos brasileiros – das câmaras de vereadores ao Senado Federal.

O resultado da votação nos motiva, não nos afastará do caminho da luta.

Assim como na votação da Emenda Dante de Oliveira das “Diretas Já!” em que faltaram apenas duas dezenas de votos, o Brasil está mais triste com a recusa dos deputados federais em aprovar a PEC das cotas.

E, assim, como o povo brasileiro não desistiu até eleger o Presidente da República, naquela ocasião, não desistiremos até ver mais mulheres nos parlamentos e na política nacional.

Secretariado Nacional da Mulher/PSDB

“ELES GASTAM, O POVO PAGA”

por Solange Jurema - 21 de janeiro de 2015



Foto: George Gianni/PSDB

A cada dia que passa o povo brasileiro começa a conhecer a verdadeira face do governo petista de Dilma Rousseff em seu segundo mandato. Nos últimos dias a equipe econômica do governo anunciou uma série de medidas que pretendem estancar a sangria

de recursos públicos decorrente da gestão desastrosa do Planalto, de quatro anos de absoluta irresponsabilidade fiscal e de descontrole da inflação.

A iniciativa de corrigir os rumos estaria correta se ela se voltasse contra os responsáveis pelo caos; o próprio governo Dilma Rousseff, que extrapolou todos os limites de gastos e que hoje não responde por crime de responsabilidade fiscal apenas porque mudou a lei, no apagar das luzes do ano passado, impondo sua vontade ao Congresso Nacional.

Porém, longe de serem justas, as medidas que compõem o “Pacote de Maldades”, atingem em cheio e covardemente o povo brasileiro, tornando ainda mais precária suas condições de sobrevivência em um ambiente de recessão, de inflação crescente e ameaça de desemprego em massa.

A covardia está, não só na não responsabilização de quem gastou sem ter meios suficientes para isso, mas na escolha do segmento que pagará a conta dos desvarios governamentais: o trabalhador brasileiro.

Aumento de impostos, aumento de tarifas, aumento de imposto de renda e fim de direitos trabalhistas; esse é o receituário perverso do governo Dilma Rousseff, que aproveita o clima de instabilidade que ela mesma gerou para desequilibrar as contas do cidadão e, em milhares de casos, deixa-los desempregados – a Organização Internacional do Trabalho estima que o país aumentará seu número de desempregados nos próximos três anos.

Para equilibrar suas contas e abocanhar cerca de 40 bilhões de trabalhadores e de empresas, o “Pacote de Maldades”, isenta o prin-

principal responsável; próprio governo, que não diminui suas despesas e busca ainda mais recursos de uma população exaurida para corrigir sua incompetência gerencial.

O número de ministérios quase chega à casa das quatro dezenas, não se fala em corte de despesas, de contenção de gastos e muito menos de se desistir do excepcional e exponencial valor da publicidade oficial, que tenta nos fazer acreditar que o paraíso existe e fica no Brasil – pelo menos nas telas das propagandas oficiais.

Uma medida em especial – o veto presidencial à correção da tabela do imposto de renda em 6,5% – atingirá profundamente pelo menos 6,5 milhões de assalariados brasileiros e mais 7,5% milhões de autônomos. Ao justificar a medida, alegando que a correção significaria uma renúncia fiscal de R\$ 7 bilhões, Dilma Rousseff confunde renúncia com apropriação, como explicou, brilhantemente, a jornalista Miriam Leitão.

Uma covardia e uma injustiça inaceitáveis, para quem passou a campanha alardeando representar os pobres contra a elite branca e privilegiada!

O governo não tem o direito de arrochar ainda mais os rendimentos dos brasileiros para pagar a conta de seus desmandos, para quitar a sua própria herança maldita, para cobrir os custos de sua reeleição para Presidência da República.

Não podemos pagar pelas despesas deles.

Solange Jurema é presidente do Secretariado Nacional da Mulher/PSDB

“VIVA A LIBERDADE DE EXPRESSÃO!”

por Solange Jurema - 9 de janeiro de 2015



Foto: Corbis

A barbárie cometida contra o jornal satírico “Charlie Hebdo” que resultou na morte de 12 pessoas uniu todos os povos e religiões na defesa da liberdade de expressão, na liberdade de imprensa.

Na França, mesmo aqueles que ao longo dos anos sofreram críticas ácidas do jornal parisiense não hesitaram em se irmanar à toda nação para repudiar esse crime incompreensível, injustificável.

Além do repúdio ao massacre, o atentado dos terroristas levou multidões às ruas francesas e de todo mundo com um grito uníssono de “Liberdade de expressão!” e um slogan que ganhou as redes sociais, as camisas e as ilustrações: “Je suis Charlie” (Eu sou Charlie).

Sim, todos nós somos “Charlie”. Todos nós usamos a nossa inteligência, o nosso senso de humor para expressar opiniões, descontentamentos, para registrar de maneira sutil, irônica, sarcástica, aquilo que percebemos e criticamos.

É a liberdade de expressão, o respeito às opiniões diferentes e às diversidades de nossas crenças políticas e religiosas que permite a salutar convivência democrática. Sem ela, não há convivência possível, não há como existir o contraditório, não há democracia.

O presidente francês François Hollande resumiu bem esse sentimento ao dizer, ainda no calor da tragédia, que seu país passou por essa situação por ser democrático: “A França é ameaçada porque somos um país de liberdade”.

A liberdade de maneira geral, a liberdade de expressão e a liberdade de imprensa são irmãos inseparáveis, ligadas umbilicalmente para a formação de um regime verdadeiramente democrático, de uma nação livre.

Não há como aceitar qualquer tipo de terrorismo obscurantista ou de ameaça intimidatória para cercear a liberdade de expressão.

O ataque ao “Charlie Hebdo” é uma agressão à democracia, é um gesto autoritário, totalitário, de quem não aceita opinião, crença ou ideia diferente.

Por isso, no Brasil, precisamos estar atentos e vigilantes a qualquer tentativa de “regulamentar” a imprensa, como pretende o governo petista de Dilma Rousseff.

Querer regulamentar a imprensa é agredir o direito de cada um e de todos nós de sermos informados, de convivermos com diferentes ideias, ideais e aceitarmos pontos de vistas distintos dos nossos.

Sem liberdade de imprensa, sem liberdade de expressão não há cidadania, não há democracia.

Tentar regulamentar a mídia é um ato criminoso aqui, no Brasil, ou em qualquer outro lugar no mundo. Somente estados tiranos, como Coreia do Norte e Cuba, impõem pensamentos únicos, com partido único.

O melhor antídoto para combater essa nefasta ação do governo Dilma é mostrar à sociedade os riscos que corremos sem liberdade de expressão.

Para isso, devemos recorrer a um famoso filósofo francês, Voltaire: “Eu posso não concordar com o que você diz, mas defenderei até a morte seu direito de dizê-lo”

Não há lição maior do que essa!

Solange Jurema, presidente do Secretariado Nacional da Mulher/PSDB

“FELIZ ANO VELHO; A VACA TOSSIU”

por Thelma de Oliveira - 30 de dezembro de 2014



Faltando menos de três dias para terminar 2014, o governo petista de Dilma Rousseff aplicou outro duro golpe na população brasileira, especialmente no segmento de baixa renda e, em particular, nos desempregados.

No final do ano, no apagar das luzes de um mandato medíocre, Dilma Rousseff anunciou mudanças na concessão de importantes benefícios sociais que, na prática, significam a perda de conquistas históricas dos trabalhadores, apregoadas e enaltecidas na campanha eleitoral como “luminares” da maneira petista de governar.

Com uma só canetada, o governo Dilma Rousseff atingiu estudantes, pensionistas, servidores públicos, pescadores, e beneficiários do abono salarial e do auxílio doença.

Em relação ao seguro-desemprego, o governo petista foi ainda mais perverso: criou critérios supostamente mais rígidos para barrar um direito do trabalhador desempregado, no momento em que o desemprego no país aumenta de maneira acelerada. Ou seja, teremos mais demitidos e menos benefícios.

Mais uma vez, como os próprios petistas costumavam repetir em seus discursos de oposição, a “classe trabalhadora” vai pagar a conta dos desmandos de um governo incompetente na condução da política econômica – o “esforço” obrigatório trará economia de R\$ 18 bilhões ao nefasto governo no ano que vem e garantirá pelo menos 25% da meta do superávit primário de 2015.

Por erros primários em sua política econômica, sequioso por se manter no poder a qualquer custo, o governo petista de Dilma Rousseff gastou em 2014 mais do que podia, não controlou a inflação, segurou as tarifas públicas e reduziu os juros para garantir os votos nas urnas.

Em português claro; cometeu estelionato eleitoral, o maior que o Brasil já conheceu!

O resultado das contas públicas de novembro – divulgado no último dia 29 – mostra o pior desempenho em 17 anos, comprova a incompetência na condução da política econômica e o desmonte do Brasil equilibrado, entregue à administração petista, por Fernando Henrique Cardoso.

No ano, até novembro, o rombo é de exatos R\$ 18,7 bilhões, não por coincidência o mesmo valor que o trabalhador, desempregados, estudantes, viúvas e pensionistas em geral vão pagar.

Sem consultar as centrais sindicais, a Presidente da República se contradiz e revela sua verdadeira face, negando o que disse, então candidata, em programa eleitoral com dirigentes sindicais, que não mudaria as leis e benefícios trabalhistas “nem que a vaca tossisse”.

A vaca tossiu, o desempregado pagará a conta e o berro de raiva, será do povo brasileiro.

**Thelma de Oliveira é vice-presidente do Secretariado Nacional da Mulher/PSDB*

“FANTASIA GOVERNISTA E A VIDA REAL”

por Solange Jurema - 19 de dezembro de 2014



Foto: George Gianni/PSDB

À medida que o ano termina, em que novas pesquisas e números aparecem, fica mais evidente a enorme distância entre o discurso triunfalista do governo petista de Dilma Rousseff e a dura realidade vivida pelos brasileiros.

Da situação econômica sob controle, os gastos públicos enquadrados, a inflação dentro das metas – apregoadas na campanha eleitoral – restam a mudança da Lei de Responsabilidade Fiscal, a inflação disparando e um “pibinho” vergonhoso, que desmentem o mundo de fantasia construído pela candidata petista para enganar o eleitorado brasileiro.

Vários dados pontuais da Síntese de Indicadores Sociais divulgados pelo IBGE, que compara indicadores de 2004 com 2013, revelam que o Brasil ainda é muito desigual e abriga injustiças e situações sociais, econômicas e de gênero absurdas.

Na área de Educação, apesar do acesso maior da população ao ensino superior, há ainda um enorme atraso escolar e, principalmente, o abandono das salas de aulas das jovens que tem filho – apenas 28% das que são mães estudam para um total de 88% das meninas sem filho que continuam a frequentar as escolas.

Ou seja, a maternidade precoce empurra a jovem a sair do sistema educacional e o Estado não tem qualquer tipo de política pública para pelo menos minimizar esse fenômeno que pune quem mais precisa se qualificar na vida, inclusive para amparar sua cria.

A Síntese de Indicadores Sociais do IBGE aponta também para outra injustiça social que atinge as jovens mulheres brasileiras. Quando a pesquisa se debruça para aferir a situação dos adolescentes entre 15 e 29 anos que nem estudam nem trabalham, os “nem-nem”, a situação da mulher é mais perversa, se comparada com as dos homens.

Dos quase 10 milhões de brasileiros enquadrados nesse contexto de vida, quase 70% são mulheres. Nada menos do que 57% delas tem filho e 89% delas trabalhavam em casa em afazeres domésticos.

O perfil básico retirado da pesquisa fala por si próprio e aponta para uma fotografia reveladora: a de uma mulher, nordestina, pobre e mãe.

Na área social aparece outro problema que o Brasil precisará enfrentar: cresce o número de famílias que vivem à custa do Estado, seja do Bolsa Família, do Benefício de Prestação Continuada para os deficientes, os mais pobres, e as bolsas estaduais.

Em 2013, 37,5% dos rendimentos das famílias com renda per capita de até 170 reais vem desse apoio público, bem superior aos

20% atestados em 2004 – ou seja, praticamente dobrou. Consequentemente, houve uma participação menor da renda do trabalho dessas famílias, que caiu de 76% para 72% do total.

Tanta presença estatal, sem a correta perspectiva de reinserção desses programas, nem a falsa propaganda governamental não impediram que o IBGE constatasse, infelizmente, que cerca de 7 milhões de brasileiros ainda passaram fome no ano passado, num país tão rico e abundante.

É um número devastador e que envergonha o Brasil.

Se fosse sério, esse governo trabalharia mais no sentido de formular e executar políticas públicas eficientes ao invés de investir 5,5 bilhões de reais em propaganda enganosa nos últimos quatro anos.

“INFLAÇÃO; MENTIR ATÉ QUANDO?”

por Solange Jurema - 15 de dezembro de 2014



O governo Dilma Rousseff continua agindo na mesma cartilha petista: a de tentar, seguida e rotineiramente, mentir e tentar, assim, convencer a população de que a economia está sob controle, especialmente os preços dos alimentos.

Eles não estão e nada como o testemunho das mulheres brasileiras que diariamente vão aos supermercados, às feiras, armazéns e bodegas desse nosso imenso Brasil. A inflação dos alimentos, especialmente dos hortifrutigranjeiros supera, em muito, os números oficiais que medem a inflação.

Carro chefe desse quadro e “monstro” a ameaçar a cozinha das brasileiras o tomate voltou a atingir os patamares estratosféricos, quase que inalcançáveis pela maioria da população.

Dessa vez, em novembro, ele veio acompanhado de dois outros poderosos ingredientes, a carne e a batata inglesa, que subiu nada menos dos 38% no penúltimo mês do ano. Tudo, na mesa do brasileiro, sobe, na do governo, não.

A inflação caminha para terminar o ano abaixo de 6,5%, dentro da meta oficial do governo, mas longe de realidade da dona de casa que convive com um custo de vida bem superior – alimentos, energia elétrica, água e telefone, por exemplo, tiveram seus preços corrigidos bem acima desse índice.

Há de se registrar e desmistificar o otimismo governista de que os preços estão sob controle com um raciocínio simples e contundente: inflação crescente costuma ocorrer quando a economia está aquecida, o que definitivamente não é o caso do Brasil, que apresenta um crescimento ridículo nos últimos anos, o famoso “pibinho”.

Em outras palavras, os preços sobem pelos desacertos da condução da economia, pela ausência de planejamento e de uma política de abastecimento e pela permanente tentativa de manipular dados e preços – essa é a desastrada maneira do PT governar e de tentar impor ao povo suas mentiras.

Para manter essa postura mentirosa, a mais recente ação política do governo Dilma Rousseff foi a de desmoralizar o Congresso Nacional e aprovar a mudança nas metas fiscais e assim escapar das penas por crime de responsabilidade fiscal.

Dilma e seu partido negociaram e condicionaram legal e abertamente com os congressistas a liberação de emendas parlamentares à mudança da lei.

Uma vergonha e mais uma mentira imposta ao povo brasileiro!

**Solange Jurema é presidente do Secretariado Nacional da Mulher/PSDB*

“NÃO BASTA SER FEMINISTA, HÁ QUE SER COERENTE”

por Thelma de Oliveira - 12 de dezembro de 2014



Foto: George Gianni

Ora, ora, ora, o ser humano, no caso, algumas mulheres, não falha. No dia 3 de novembro, a ex-ministra Maria do Rosário assistiu impassível, enquanto um segurança da Câmara dos Deputados imobilizava, com uma gravata, uma senhora de 79 anos.

A bancada feminina da base aliada, incluindo-se nela a deputada Jandira Feghali, achou perfeitamente natural que as mulheres que participavam do protesto fossem tratadas com violência, inclusive por elas, da tribuna da Casa.

Durante visita ocorrida em abril de 2014, a deputada venezuelana Maria Corina, foi impedida por manifestantes de continuar seu discurso durante audiência no Senado Federal.

Liderados pela senadora Vanessa Graziotin, que na semana passada exigia dos manifestantes brasileiros um respeito que negou à colega venezuelana, os integrantes do PCdoB invadiram a audiência

e continuaram um protesto que começou já no desembarque de Maria Corina, no aeroporto de Brasília.

Na ocasião, Vanessa Graziotin chegou a interpelar Maria Corina, afirmando que o vídeo que a parlamentar venezuelana exibiu, com cenas da polícia reprimindo protestos na Venezuela, tratava-se de uma “montagem grotesca”.

Nesta semana que se encerra, o Congresso Nacional voltou a ser palco de um confronto lamentável entre parlamentares sobre o qual já nos pronunciamos em nota oficial. Fomos tanto elogiadas quanto criticadas por isso.

Alguns confundiram o repúdio ao estupro, que deveria ser natural em todo o ser humano, homem ou mulher – já que todos têm mães, filhas, mulheres que podem vir a ser vítimas em potencial -, com solidariedade a um tipo de política feminista de coloração ideológica e manipuladora, que nada tem a ver conosco.

O PSDB Mulher Nacional defende os direitos das mulheres, de todas as mulheres, sejam elas, Corinas, Yoanis, Suu Kyis, Malalas, Marias ou Ruths.

Não praticamos feminismo de exclusão, nem exigimos comprovação ideológica das mulheres que defendemos ou representamos, apenas comprometimento, coerência, compaixão para com suas iguais e muita raça. Não basta chorar para ser mulher, muito menos feminista, é preciso garra e dignidade, antes de tudo.

Quem faz política de gênero com agressividade e desqualificação, deve se preparar para ser tratada de igual maneira. Foi pela igualdade que lutamos todos esses anos.

**Thelma de Oliveira, vice-presidente do Secretariado Nacional da Mulher/PSDB*

“A RESPONSABILIDADE TAMBÉM É NOSSA”

por Solange Jurema - 5 de dezembro de 2014



Ruth Gomes de Sá, mais tarde agredida pelos seguranças do Congresso, foto: EBC

O Brasil assistiu, nas últimas semanas, a um espetáculo degradante, protagonizado pela presidente da República e seus parceiros da base aliada do Congresso Nacional.

Vimos de tudo: ameaças, veladas ou abertas de emissários do Planalto; chantagem por decreto; desrespeito às leis; truculência contra manifestantes vindos do país inteiro para dizer que são contra pagar uma conta que não é deles. Vimos a ex-ministra dos Direitos Humanos, a quem os agredidos pediram socorro, negar-se a intervir.

Além da gravata em uma senhora de 79 anos, contra a qual já nos manifestamos em nota oficial, o Congresso Nacional fechou suas portas ao povo brasileiro durante dois dias (3 e 4 de dezembro), impedindo-os de exercer direitos que lhes são garantidos pela Constituição Federal que, tanto Dilma Rousseff quanto todos os parlamentares, em suas posses, juraram honrar e defender.

Muitos podem pensar que nada têm a ver com isso. Não é verdade. Todos somos cúmplices e responsáveis pelo que aconteceu em Brasília nas últimas semanas de 2014.

A presidente Dilma poderia chantagear e ameaçar, como efetivamente fez, segundo os jornais, mas nada teria conseguido, se o Congresso Nacional não se houvesse curvado ao seu comando, como se seu papel fosse cancelar ordens ilegais do Executivo e não fiscalizá-lo, em nome do povo e dos estados brasileiros.

Quem está no Legislativo afeta a vida dos brasileiros tanto ou mais que os ocupantes do Executivo. São eles que elaboram as leis que regem, entre outros aspectos do cotidiano: o trânsito, os direitos das mulheres, a acessibilidade, saneamento básico, segurança alimentar, tudo, enfim. São eles, também, que detêm o poder de frear atos autoritários, ilegais ou inconstitucionais da Presidência da República.

Houvesse o Congresso Nacional derrubado o veto do ex-presidente Lula à determinação do TCU que, em 2009 recomendava a imediata paralisação de quatro projetos da Petrobras, o Petrolão não seria hoje o maior escândalo financeiro da história ocidental. O dinheiro que desviaram, em quantidade suficiente para estarrecer o mundo e ganhar as páginas de todos os jornais, não teria saído de nossos cofres.

O Parlamento que abriu a porteira para que a Petrobras fosse assaltada em proporções estarrecedoras, ontem rasgou a Lei de Responsabilidade Fiscal, desobrigando a presidente Dilma de responder por haver gastado muito mais do que poderia. Quem vai pagar por isso? Nós, com nossos impostos e aumento de juros e inflação.

O Congresso que se curvou a Lula em 2009, e o que cedeu à chantagem por decreto de Dilma Rousseff, na madrugada de 4 de dezembro de 2014, não caiu no plenário de paraquedas, foi colocado lá pelo nosso voto.

Escolher conscientemente o vereador, os deputados estaduais e federais e o senador, é tão importante quanto a opção pelo melhor candidato ou candidata aos cargos de prefeito, governador e presidente do país.

É isso ou sentar na frente da TV Câmara ou da TV Senado, acompanhar uma sessão como as dos últimos dois dias e chorar de arrependimento, por não haver sido mais exigente; por não ter percebido a tempo a própria importância; por ver seu parlamentar trair sua confiança.

Se alguém perdeu as sessões, veja aqui como seus parlamentares se comportaram na análise da PLN 36. Se eles votaram a favor do Brasil e do povo, parabéns, vocês souberam escolher. Se eles votaram contra os interesses nacionais, não se desesperem, imprimam a lista e coleem na porta do quarto para não esquecer, teremos novas eleições em quatro anos.

Solange Jurema, presidente do Secretariado Nacional da Mulher/PSDB.

“DUAS PRESIDENTES, POLÍTICAS OPOSTAS PARA AS MULHERES”

por Thelma de Oliveira - 2 de dezembro de 2014



Foto: Corbis

A chanceler alemã, Angela Merkel, anunciou no dia 26 de novembro, que as empresas líderes de seu país passarão a adotar a cota de 30% de mulheres em seus conselhos diretores, a partir de 2016.

O que a nós, brasileiras, parece um avanço enorme, para as europeias nada mais é do que ajuste tardio. As alemãs, atualmente ocupam apenas 22% dos cargos não executivos nos conselhos dessas empresas, e a Alemanha estava atrás de países como Noruega, Espanha, Islândia e França, já detentoras de sistemas de cotas semelhantes.

E no Brasil, como anda a questão da participação feminina no mundo corporativo? Uma breve busca no Google mostra que, previsivelmente, não temos nada remotamente parecido.

Pesquisados, os sites da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, mostram que não há, projeto de lei algum em tramitação sobre

cotas de participação feminina no mundo empresarial. O que pode haver, se houver, é alguma proposição abandonada entre uma legislatura e outra, convenientemente esquecida pela esmagadora maioria parlamentar masculina, esperando ser reativada.

Até quando precisaremos esperar por um Brasil mais justo em questões de gênero? Lutamos desde o século XIX para conseguir muito pouco, se observarmos as conquistas de nossas irmãs da Europa, dos Estados Unidos, ou mesmo na América do Sul. Estamos em um dos últimos lugares, em nosso próprio continente.

Nosso país caminha por veredas tortuosas. Mira destinos estranhos. Não se preocupa com suas mulheres, mesmo sabendo que somos 51,5% da população brasileira, chefiamos famílias, estudamos mais e trabalhamos tanto quanto os homens.

A atual elite que governa o Brasil banaliza a corrupção e dilapida nosso patrimônio. Pior, desvia dinheiro que poderia usar para construir as creches onde nossas mulheres precisam deixar seus filhos, a caminho do trabalho; hospitais e postos de saúde onde possam ter e tratar seus filhos com segurança; escolas, em que devem se aprimorar, se quiserem empregos melhores.

Pensando bem, não basta ser governado por uma mulher, para que um país adote uma legislação mais justa para com o gênero feminino. É preciso que essa mulher, antes de tudo, seja uma estadista; uma verdadeira governante, conectada com seu país, seu povo e seu tempo. Uma líder conectada com a realidade, e isso, infelizmente, a presidente Dilma não é.

Olhando para as conquistas que alcançamos desde o início de

nossa luta por maior igualdade de gênero no Brasil, é fácil ver que tudo o que as brasileiras conquistaram se deve ao empenho e dedicação de cada uma de nós!

**Thelma de Oliveira, vice-presidente do Secretariado Nacional da Mulher*

“MUDEZ SELETIVA”

por Thelma de Oliveira - 28 de novembro de 2014



Charge: Cabral/PSDB

Há alguns dias a ministra da Saúde da Espanha, Ana Mato, apresentou sua demissão do cargo horas após haver sido citada, por associação, a um escândalo envolvendo seu marido.

No Brasil, dois irmãos do atual ministro da Agricultura, são acusados de fraude pela Polícia Federal e têm mandados de prisão expedidos contras eles. Neri Geller pediu demissão? Não, está no exterior, representando o vice-presidente da República em missão oficial e mandou dizer em nota que confia na inocência dos irmãos. A presidente Dilma se cala.

Após o segundo turno eleitoral, o Petrolão assume um tamanho que choca a população e ultrapassa fronteiras, levando El País e The New York Times, entre outros, a dizer que a Petrobras é o maior escândalo financeiro da história o que, se levarmos em conta os 12.000 anos que nos separam do início da evolução humana, não é pouco.

Dilma, mais uma vez, calou-se por um bom tempo e, quando veio a público, disse que não se podia demonizar as empreiteiras envolvidas e que seu governo investigava tudo, como se não tentasse intimidar a Polícia Federal e atrapalhar as operações o tempo todo. Detalhe, o discurso delirante foi em plena reunião do G-20, reunião das 20 maiores economias do mundo, para que o vexame fosse completo.

Nem sempre a presidente da República foi tão fugidia. Nos meses que antecederam a campanha eleitoral e durante a mesma, Dilma Rousseff era figurinha fácil nas televisões, rádios e jornais do país inteiro. Só faltou irradiar jogo de futebol e ser madrinha de batizado de boneca.

Em todas as entrevistas que concedeu, usando descaradamente as dependências oficiais da Presidência – crime eleitoral, diga-se de passagem – Dilma afirmou que o Brasil estava muito bem e que se o candidato adversário, senador Aécio Neves fosse eleito, a economia iria ser entregue aos banqueiros, os juros subiriam, a gasolina aumentaria e a comida, desapareceria do prato dos brasileiros. Resumindo: o Brasil acabaria, levando com ele o Bolsa Família.

Acho que Aécio Neves ganhou porque, passadas as eleições, na verdade dois dias após o segundo turno, tudo o que foi dito aconteceu!

Na quinta-feira (27) veio o último toque – a cereja do bolo! -, na forma do anúncio da equipe econômica do novo governo velho da presidente. O futuro ministro da Fazenda, vejam só, foi aluno de Armínio Fraga, o mesmo Armínio Fraga execrado durante toda a campanha chapa-branca!

Ainda mais estarrecedor, para usar uma palavra tão cara à presidente, é que Joaquim Levy, o novo ministro, seja banqueiro, e tenha saído do Bradesco para socorrer Dilma no momento em que a economia do país enfrenta seu pior momento desde a criação do Plano real, no governo de Fernando Henrique Cardoso.

O Brasil enfrenta, simultaneamente, a queda de confiança dos investidores internacionais, estupefatos com a investigação do caso pelos Estados Unidos e Holanda, e a estagnação interna, com alta de inflação e PIB em queda. Esperamos que Levy tenha autonomia para fazer o que for necessário. A ausência de Dilma e seu silêncio sobre a posse da equipe não são bom sinal.

Fica a pergunta mais importante: como confiar em uma presidente que não honra o que diz; fala o que não pretende fazer e se omite, quando deve vir a público, dar explicações aos que nela acreditaram? Como funciona um país, quando o povo não acredita mais em quem o governa?

**Thelma de Oliveira, vice-presidente do Secretariado Nacional da Mulher*

“NO DIA INTERNACIONAL DA NÃO VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER, BRASIL EM LUTO POR OUTRA MARIA”

25 de novembro de 2014



Foto: Corbis

Nesta terça-feira (25), se comemora o Dia Internacional da Não Violência contra a Mulher, data escolhida pela Organização das Nações Unidas (ONU), para iniciar ações de combate à opressão. O Brasil, quatro dias antes, mostrou ao mundo que não tem o que comemorar, assistindo estarrecido, nos telejornais, ao assassinato de mais uma de suas Marias.

Maria Beatriz de Souza Santana era uma menina bonita de 14 anos de idade, cheia de sonhos e planos para o futuro. Uma adolescente de João Pessoa (PB), com a vida inteira pela frente. Como tantas outras Marias da mesma idade, sonhava apenas em alcançar a felicidade, crescendo em um país desigual.

Os sonhos de Maria Beatriz acabaram na última sexta-feira (21), de maneira brutal e gravada pelo sistema de vídeo da escola em que estudava. Quem os destruiu foi o ex-namorado de 15 anos que, inconformado com o rompimento do namoro, disparou três tiros na menina, no corredor do colégio onde também era aluno. Levada ao hospital, Maria Beatriz não resistiu aos ferimentos e morreu no mesmo dia.

No bolso da calça do uniforme da menina, um bilhete para as amigas contava sobre o fim do namoro.

Lemos as notícias que falam em duas famílias destroçadas e a abordagem parece injusta. De um lado há a família de Maria Beatriz; a quem foi negada a oportunidade de ver sua filha amadurecer; desabrochar; ir para a faculdade; ter um filho; o primeiro emprego. Pensamos no desespero dessa mãe, que deve ter se despedido com um beijo da filha que perdeu de maneira estúpida, por machismo e violência.

De outro lado, há uma família que será privada por três anos do convívio de um adolescente, mas não o perdeu para sempre. Uma família que, se Deus quiser, deve estar se perguntando hoje que tipo de valores ensinou a esse filho, para que ele um dia acordasse, pusesse um revólver no bolso e fosse para a escola, tirar a vida de uma mocinha, apenas por haver sido rejeitado por ela.

Vemos a foto da mãe do menino, dando apoio ao filho na Delegacia da Criança e do Adolescente, e ficamos pensando se esse suporte não veio tarde demais. O que faltou, na formação desse jovem assassino, que o fez achar ter o direito de tirar a vida de Maria Beatriz?

Em meio a essas duas famílias esperamos, aqui no PSDB Mulher

Nacional, que exista um corpo docente questionando suas regras de segurança. Uma escola buscando entender como foi possível a um aluno entrar armado em suas dependências; debatendo como evitar que essa tragédia se repita no futuro. Como ensinar nas salas de aula que o respeito às mulheres é dever de qualquer homem que se pretenda civilizado.

A violência que ceifou a vida de Maria Beatriz poderia ter levado qualquer menina, porque a verdade é que não estamos fazendo a nossa parte. Poderia ter sido a filha de qualquer uma de nós, aqui no PSDB Mulher, ou a sua.

**Secretariado Nacional da Mulher PSDB/PSDB Mulher*

“UMA QUESTÃO DE PRIORIDADE”

por Thelma de Oliveira - 19 de novembro de 2014



Foto: Fabio Pozzebom

Locatária: Alô, Seu Lourival?

Locador: Como vai, Dona Iracema?

Locatária: Então, Seu Lourival, estou telefonando para avisar que este mês eu tive que fazer uma despesa extra. Minha filha, a Joaniha, foi convidada para uma festa de 15 anos e não tinha roupa para a ocasião. Tive que comprar e não estava preparada. Vai faltar para o aluguel, não vou pagar está certo?

Locador: ?!?!?!?!?

Se você, assim como o Seu Lourival aí de cima, achou que Dona Iracema precisa escolher melhor suas prioridades, deve estar pensando a mesma coisa das últimas propostas da presidente do Brasil. Dilma mandou para o Congresso um projeto de lei pedindo para que suas contas do ano 2014 sejam aprovadas, mesmo não havendo cumprido a Lei de Responsabilidade Fiscal ou seja, mesmo não tendo economizado o que prometeu, no início do ano.

Gastou mais do que podia; escolheu mal as prioridades na hora de definir seus gastos e, não satisfeita, ao invés de reconhecer o erro e cortar despesas, como a Dona Iracema do diálogo aí de cima deveria fazer, preferiu mudar a lei.

A realidade difere da ficção da conversa que inventei para abrir o texto porque, por incrível que pareça, a presidente Dilma está conseguindo o que quer, pelo menos até agora. Enquanto a Dona Iracema, seria despejada do imóvel alugado, por não obedecer à sua obrigação de pagar o aluguel, a Comissão Mista de Orçamento do Congresso aprovou, no final da noite desta terça-feira (18) o projeto que, na prática, libera a presidente de qualquer responsabilidade sobre o mau uso que tenha feito do dinheiro público. A votação anula também os efeitos da Lei de Responsabilidade Fiscal, conquista do governo Fernando Henrique Cardoso, aprovada contra a vontade do PT.

A partir da noite de 18 de novembro de 2014, uma terça-feira, fica combinado assim: no Brasil, sempre que um governante não conseguir ou não quiser cumprir a lei; muda-se a lei. Você acha isso justo? O PSDB Mulher Nacional também não.

A oposição lutou durante toda a sessão para impedir que o projeto fosse aprovado e promete ir ao Supremo Tribunal Federal contra mais essa irresponsabilidade de um governo que gasta mais do que arrecada; gasta mal e dilapida o patrimônio brasileiro. Um governo que desmonta, de maneira sistemática e irresponsável, a economia equilibrada e o país organizado que recebeu das mãos do PSDB, em 2002.

Um governo que conseguiu colocar a Petrobras, orgulho do povo brasileiro e a maior petrolífera do mundo, nas páginas dos jornais

de todos os países como a empresa envolvida em um dos maiores escândalos financeiros da atualidade. Mas sobre esse assunto, falaremos em nosso próximo papo.

Thelma de Oliveira, vice-presidente do Secretariado Nacional da Mulher

“UM PAÍS DOENTE”

por Solange Jurema - 18 de novembro de 2014



Foto: Corbis

O Congresso Nacional realiza, no próximo dia 19, o lançamento da campanha “16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência Contra a Mulher”. No dia 5, do mesmo mês de novembro, o jornal Estado de S.Paulo avisou que no Brasil ocorre um estupro a cada 4 minutos.

Duas notícias tão diferentes não foram reunidas na abertura desse texto aleatoriamente e sim para mostrar que a campanha, iniciada em 1991, por iniciativa do Centro de Liderança Global de Mulheres

(Center for Women's Global Leadership – CWGL), com o objetivo de debater e denunciar as várias formas de violência contra as mulheres no mundo, precisa de um reforço efetivo e urgente, aqui no Brasil.

Dados do 8º Anuário Nacional de Segurança Pública, divulgados em 11 de novembro, mostram que o total de mulheres vítimas de estupros no Brasil pode ter chegado a 143 mil casos em 2013 – estarrecedor índice de um estupro a cada quatro minutos! O número é uma projeção, já que os pesquisadores calculam que os 50.320 casos registrados, sejam apenas 35% dos crimes dessa natureza realmente ocorridos.

Somos um país em que 65% das mulheres estupradas sequer registra a violência sofrida, por vergonha; falta de atendimento adequado ou medo de discriminação.

Somos um país em que o estupro está institucionalizado, ou não aconteceria um caso a cada quatro minutos. A banalização do crime mostra que seu combate é, sim, da conta de todos nós. Se a sociedade não se unir contra a violência sexual contra a mulher, debate-la no Congresso dificilmente resolverá o assunto.

Não pretendo, com essa colocação, desmerecer ou diminuir os ciclos de debates como a campanha “16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência Contra a Mulher”, pelo contrário. Sua importância é inquestionável. O que defendo é que a sociedade assuma sua responsabilidade em uma luta que também é dela.

As mães devem ter consciência da necessidade de reforçar em seus filhos uma imagem positiva e merecedora de respeito das mu-

lheres. Os meninos que aprendem desde cedo que “não é não”, e que nada justifica o uso de violência contra uma mulher, dificilmente serão estupradores ou violentos na idade adulta.

As terapias familiares precisam atingir de maneira mais ampla e efetiva os núcleos familiares disfuncionais. Sabemos que crianças vindas de lares violentos e abusivos tendem a reproduzir na vida adulta, comportamentos que vivenciaram na infância. Identificar e dar suporte a essas famílias ajuda a prevenir casos futuros.

As escolas, públicas e privadas, devem urgentemente incluir em sua grade escolar a prevenção à violência. A mesma matéria que informa que o Brasil tem um estupro a cada 4 minutos, mostra que o país registra um homicídio a cada 10.

As últimas notícias mostram um país doente, institucionalmente enfermo; violento; desigual; dilapidado. Precisamos fazer a nossa parte, nos debates, campanhas e congressos; mas também em casa, para começar a mudar essa realidade.

Solange Jurema, presidente do Secretariado Nacional da Mulher

“A HISTÓRIA É IMPLACÁVEL COM OS MISTIFICADORES”

por Thelma de Oliveira - 12 de novembro de 2014



Foto: George Gianni/PSDB

Três coisas distinguem o animal homem dos demais: os polegares opositores, que usa para construir naves espaciais, hospitais e bombas nucleares, entre outros artefatos; a percepção da própria morte e a capacidade de se comunicar através da fala, que alguns políticos inescrupulosos usam para agredir a realidade sem pudor e reinventar a História.

Cedo ou tarde o tempo resgata a verdade, rasga os véus da mistificação ideológica e as crianças voltam a aprender o que realmente ocorreu. A realidade histórica prevalece, os muros e estátuas são derubados, vão-se os mitos de pés de barro, fica o povo.

No dia 5 de novembro, oito dias após o segundo turno eleitoral, a presidente que, nos debates fez questão de destacar que o Brasil havia saído do Mapa da Fome elaborado pela FAO (Organização das

Nações Unidas para Alimentação e Agricultura), recebeu impassível a informação divulgada pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), órgão vinculado à Presidência da República, de que havia aumentado o número de miseráveis em seu governo.

O Ipea adiou o anúncio das estatísticas, alegando querer evitar favorecer este ou aquele candidato. Não é difícil perceber que, na realidade, o instituto queria, sim, privilegiar a candidatura oficial, omitindo o ingresso de mais de 371.000 pessoas no grupo dos que não conseguem ganhar sequer R\$ 70 por mês.

Escalada pelo Planalto para falar sobre o assunto, Tereza Campello, ministra do Desenvolvimento Social, explicou, segundo matéria publicada no site Exame, que o governo atribui o aumento a uma flutuação estatística, dentro da margem de erro do levantamento.

Não para nós! Para o PSDB-Mulher Nacional, 371.000 pessoas a mais sobrevivendo com menos de R\$ 70 mensais jamais serão uma estatística, muito menos mera margem de erro. Sabemos que são idosos, morrendo em corredores de hospitais lotados – se tiverem a sorte de ter o dinheiro da passagem de ônibus para chegar até lá -, são mulheres grávidas, subnutridas, porque o governo federal não as alcança, com serviços sociais que só funcionam nas propagandas eleitorais. Sabemos que são crianças quase nuas, brincando ao lado de esgotos correndo a céu aberto, alguns bem próximos do palácio em que dorme – se é que consegue dormir – a “represidenta”.

Não vamos discutir os critérios que o governo federal usa para definir quem está na linha de pobreza ou na linha de miséria. Basta apenas lembrar que, enquanto para Dilma, pobre é quem sobrevive

com R\$ 70 mensais, e miserável, quem está abaixo disso, o Banco Mundial utiliza a faixa de US\$ 1 dólar/dia por pessoa como linha de indigência – algo em torno de R\$ 76,14 mês – e de US\$ 2 dólares/dia por pessoa como linha de pobreza – o equivalente a R\$ 152,28 mensais, pela cotação de 11 de novembro, segundo dados da Wikipédia Portugal.

Se para os miseráveis, a presidente acha que R\$ 70 mensais são suficientes; para sua equipe, o céu é o limite. Segundo notícia publicada na Folha de S.Paulo do dia 11 de novembro, a dois meses do fim de 2014, ano eleitoral, os gastos secretos com cartões corporativos da Presidência da República bateram o recorde do governo Dilma Rousseff. Quem paga essa conta, já sabemos.

Thelma de Oliveira, vice-presidente do Secretariado Nacional da Mulher

“ALTIVEZ E INDEPENDÊNCIA”

por Thelma de Oliveira - 7 de novembro de 2014



Muito se tem falado sobre a oposição, nos últimos dias, particularmente sobre como a coligação e sua militância precisariam se comportar, na condição de derrotados no segundo turno das eleições presidenciais.

Para alguns, o PSDB deveria esquecer a campanha eleitoral mais asquerosa desde a redemocratização; curvar a cabeça, apertar a mão da vencedora e se unir ao governo federal, em apoio a um programa de governo inexistente, a uma economia exaurida, em nome da governabilidade.

O país da propaganda eleitoral esfumou-se, como um sonho de verão. Permanecemos pobres; os escândalos continuam a frequentar as páginas policiais. O número de miseráveis – contrariando o que a presidente Dilma apregoou nos últimos meses – aumentou pela primeira vez nos últimos dez anos, segundo dados da Pnad divulgados, convenientemente e sem alarde, após o segundo turno eleitoral. A inflação estourou o teto da meta. O que mudou, foi para pior.

Revoltado com tanta mentira e manipulação, o povo foi às ruas. Caminhou contra Dilma; contra a corrupção; contra uma possível fraude eleitoral; caminhou pela liberdade de uma imprensa que insistiu em ignorar o que estava acontecendo naquele 1º de novembro. É, no mínimo, irônico, que os jornais que cobriram com maior isenção os protestos daquele dia tenham sido o francês, Le Monde e o inglês, Financial Times.

A imprensa brasileira viu o que quis ver: um extremista isolado, pedindo o inimaginável, em pleno século XXI: o retorno dos militares às ruas! Não satisfeitos, imputaram ao PSDB a incitação, como se um partido que sempre se alinhou contra a ditadura militar e contra qualquer arbítrio, pudesse clamar por ele.

Faz parte da tática petista a incapacidade de conviver com qualquer tipo de oposição; é preciso aniquilá-la, desqualificá-la, reduzi-la a pó. Em 2013, surpreendidos com o vigor das manifestações, mandaram os Black Bloc para o trabalho sujo que desbaratou o movimento. Hoje, rotulam de direita golpista a quem ousa contestar suas ideias, seu desgoverno ou chamar a atenção para seus atos de corrupção.

Não vai funcionar, desta vez. O senador Aécio Neves voltou a Brasília e, em seu discurso de retorno ao Senado Federal, agradeceu aos 51 milhões de brasileiros que caminharam com ele durante a campanha. Aécio, da tribuna de um plenário emudecido e respeitoso, reiterou que fará uma oposição “incansável, inquebrantável e intransigente na defesa dos interesses dos brasileiros”.

“Vamos combater sem tréguas a corrupção que se instalou no governo brasileiro. E, mesmo sendo minoria no Congresso, vamos lu-

tar para que o país possa avançar nas reformas e nas conquistas que precisamos alcançar”, destacou.

Estamos com ele. O PSDB Mulher acredita que o papel da oposição é fiscalizar, questionar, denunciar e ir às ruas, sempre que necessário. Uma oposição forte, independente e altiva é essencial para o exercício da democracia; é isso o que Aécio Neves propõe, é isso o que faremos, caminhando ao lado dele.

Thelma de Oliveira, vice-presidente do Secretariado Nacional da Mulher

“AUDITORIA JÁ!”

por Solange Jurema - 3 de novembro de 2014



“

Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição” dita o parágrafo único do Artigo 1º da Constituição do país, que garante a todos nós o direito de escolha e aos nossos eleitos, o de nos representar com dignidade.

No mês passado, cerca de 125 milhões de brasileiros foram às urnas duas vezes para exercer o legítimo direito de escolher seus representantes para as assembleias estaduais, Câmara dos Deputados, Senado, governos estaduais e Presidência da República.

Essa massa se comportou de maneira civilizada, ordeira e tranquila ao depositar seu voto, com suas opções, nas urnas eletrônicas, com a convicção de que elas registrariam sem erros ou manipulações a sua escolha por esse ou aquele candidato, esse ou aquele partido.

No entanto, depois do segundo turno da eleição presidencial, começaram a surgir alguns fatos que levantaram dúvidas pertinentes sobre a eficácia e a vulnerabilidade do sistema de urnas eletrônicas usado no Brasil nos últimos pleitos.

Pelo país afora, nas redes sociais ou mesmo na mídia tradicional, ocorreram relatos de casos estranhos como a divulgação de resultados antes do término da apuração, o aparecimento de boletins de urnas distintos dos dados digitalizados e outros casos inquietantes.

Uma eleição presidencial precisa transcorrer em ambiente de transparência e lisura absolutas, portanto, há sim, margem para questionamentos. Enquanto os 51 milhões de eleitores que votaram no PSDB manifestarem dúvidas sobre se, como e porque esses erros ocorreram. Temos a obrigação de cobrar a explicação para cada um desses episódios.

Daí decorre a correta iniciativa da direção nacional do PSDB de pedir ao TSE uma auditoria especial sobre o sistema de armazenamento e transmissão de dados das urnas eletrônicas, comandado por representantes dos partidos e especialistas.

Não se trata, como bem registrou a nota oficial do PSDB (leia no site do partido), de questionar diretamente o resultado da eleição presidencial, mesmo com margem de vantagem tão pequena, inferior a 3% dos votos.

Trata-se de preservar o bem mais precioso de um cidadão em um regime democrático: o sigilo e o respeito ao seu voto, de sua vontade soberana de exercer livremente sua escolha.

O povo brasileiro, a democracia, e o próprio Tribunal Superior Eleitoral precisam dessa auditoria para sepultar de vez as desconfianças que pairam sobre o nosso sistema eleitoral, hoje fundamentado no uso das urnas eletrônicas.

Com essa ação estaremos preservando o parágrafo único do artigo 1º da Constituição brasileira e dizendo, em alto e bom som, que o poder está sendo emanado do povo e exercido, legalmente, em nome dele.

“AÉCIO NEVES É UM VITORIOSO!”

por Solange Jurema - 28 de outubro de 2014



Foto: Tania Ribeiro

Fez a Nação acreditar que é possível mudar, que é possível discutir os problemas nacionais em alto nível e apresentar propostas viáveis, sem demagogia.

Aécio Neves é vitorioso porque caminhou pelo país enfrentando uma poderosa máquina governamental, uma usina de mentiras e calúnias que empobreceu o debate.

Aécio Neves é vitorioso porque enfrentou uma candidatura irrigada a milhões de reais, valor que aumentava a cada dia e que, por vezes, vinha de nebulosas trocas de favores passados, presentes e futuros.

Aécio Neves é vitorioso porque enfrentou um monumental esquema da mídia governista, que usou e abusou de recursos públicos, de publicidade enganosa para espalhar suas calúnias, especialmente nas rede sociais.

Aécio Neves é vitorioso porque enfrentou, nas redes sociais, uma plêiade de petistas convictos, ou contratados a peso de ouro, para denegrir sua imagem, sequer poupando sua família.

Aécio Neves é vitorioso porque atravessou o país, levando a mensagem da esperança, da fé no Brasil e na gente brasileira, apesar de tudo, de todas as leviandades, e de todas as incompreensões e má fé dos adversários.

Aécio Neves é vitorioso porque, mesmo no calor da campanha, não perdeu a linha, não perdeu a elegância e agiu com vigor e rigor, quando necessário, sem jamais perder a compostura.

Aécio Neves é vitorioso porque arregimentou metade do povo brasileiro para dizer Não, um sonoro Não, ao governo Dilma e ao seu partido, sintetizado na palavra de ordem “Fora PT!” que embalou as ruas brasileiras.

Aécio Neves é vitorioso porque revelou – sem descer ao mesmo nível de seus adversários – as mazelas de um governo e de um partido que tentam se perpetuar no Poder por meio de um poderoso esquema de corrupção que destrói o patrimônio nacional.

Aécio Neves é vitorioso porque levou a todos os rincões as propostas das mulheres, mostrando ao Brasil a sua importância e a necessidade premente de acabar com a violência, discriminação e preconceito contra elas.

Aécio Neves uniu as oposições, fez o povo brasileiro cantar, com orgulho e altivez, o Hino Nacional, mostrou que “um filho seu não foge à luta” em defesa de seu país, da ética e da política, com “P” maiúsculo.

Aécio Neves saiu das urnas detentor da confiança de mais de 51 milhões de brasileiros que, a partir de agora, têm uma voz no Congresso que os representa; se tornou um ícone do povo brasileiro, um símbolo da resistência ao que está por vir.

Aécio é vitorioso porque, como ele mesmo disse, combateu o bom combate, falou a verdade e não perdeu a fé!

Algumas vezes se ganha, quando se perde. Aécio Neves nos ganhou a todas nessa caminhada. Conte conosco, Aécio, estaremos sempre com você!

Solange Jurema, presidente do Secretariado Nacional da Mulher

“ESTAMOS NA RETA FINAL DA CAMPANHA, É HORA DE MUDAR O BRASIL”

por Solange Jurema - 24 de outubro de 2014



Nos próximos dias, nas próximas horas vamos sair às ruas e levar Aécio Neves à Presidência da República!

Vamos provar de uma vez por todas, que as mulheres são a força que decidirá a eleição a favor de Aécio Neves.

Somos a maioria da população, a maioria dos eleitores.

Somos as que mais sofrem com a inflação nos supermercados, com o desemprego e com o “pibinho” que nos envergonha e tira os empregos dos brasileiros.

Vamos conversar com amigos, vizinhos e familiares e convencê-los do voto em Aécio Neves.

Vamos responder e acabar – com argumentos e emoção – o marketing mentiroso e de baixarias de Dilma e seus marqueteiros.

A verdade vai prevalecer!
Vamos às ruas!
Vamos eleger Aécio Presidente do Brasil!
45 neles!

Solange Jurema

“ELEGER AÉCIO NEVES SERÁ UMA VITÓRIA DO POVO BRASILEIRO”

por Solange Jurema - 16 de outubro de 2014



Falta pouco mais de uma semana para mudarmos o Brasil com a eleição de Aécio Neves para a Presidência da República!

Será uma vitória consagrada, uma vitória do povo brasileiro!

Uma vitória da ética, uma vitória da esperança de um país melhor, mais justo e menos desigual do ponto de vista regional.

Com Aécio Neves presidente do Brasil, cresce a certeza de que em seu governo as mulheres terão o espaço que merecem na vida política, econômica e social do país.

Teremos políticas públicas discutidas previamente com toda a sociedade e com as mulheres em especial.

Políticas públicas que diminuirão a violência, a discriminação e o preconceito contra a mulher, em todos os campos de atividade.

Políticas públicas que lutarão por mais creches para as mães que precisam trabalhar fora e não têm a tranquilidade de saber que seu filho está seguro, em um ambiente apropriado e cuidado por quem entende e está qualificado para esse trabalho.

Que darão mais atenção ao atendimento ambulatorial e médico-hospitalar das mulheres, tratando-as com necessário diferencial e olhar específico.

Que trarão mais e melhores oportunidades de empregos, com políticas que estimulem o empreendedorismo, a contratação de mulheres e terminem com a perversa distorção e discriminação salarial que, ainda hoje, faz com que homens ganhem muito mais do que nós, no mesmo cargo, pela mesma função.

E isso se repetirá em todas as áreas.

Aécio Neves tem a melhor proposta para o Brasil.

Seu projeto é consistente e o futuro governo tucano atenderá a tudo o que a população deseja: um país que cresça e crie oportunidades para todos, que controle preços e evite a inflação, que invista seus recursos no próprio território nacional, e que permita o desenvolvimento do agronegócio com sustentabilidade.

No primeiro turno, a maioria do povo brasileiro já disse “Não!” ao governo petista de Dilma Rousseff e à sua permanente e crônica corrupção.

A maioria dos candidatos a Presidente da República e partidos brasileiros derrotaram o PT em 05 de outubro e se uniu, no segundo turno, para mudar o Brasil.

Dois deles merecem destaque em função da qualidade de seus votos e de sua votação e por representarem importantes segmentos da sociedade brasileira, insatisfeitos com os desmandos governo Dilma Rousseff e do PT: Marina Silva (PSB/Rede) e Eduardo Jorge (PV).

A presença deles no palanque de Aécio Neves no segundo turno não é uma troca de favores, um loteamento de cargos. O apoio se fundamenta na discussão e aceitação de compromissos com o futuro do Brasil.

O povo não aguenta mais esse toma lá da cá praticado pelo governo Dilma Rousseff que culminou com o verdadeiro assalto à Petrobras para distribuição de recursos para campanhas eleitorais do PT e seus aliados.

O povo não aguenta mais tanta roubalheira, tanta corrupção. O povo não aguenta mais tantas desculpas mentirosas, seguidas por batidas frases do gênero “eu não sabia”.

Acaba-se com o patrimônio público e ninguém se responsabiliza pelas perdas milionárias da Nação.

Felizmente isso já tem data certa para terminar: dia 26 de outubro, um domingo, quando 143 milhões de brasileiros irão às urnas para desbancar o PT do governo federal.

Vamos às ruas, vamos convencer os indecisos, vamos eleger Aécio Neves Presidente da República do Brasil.

“VAMOS LEVAR AÉCIO AO SEGUNDO TURNO E, DEPOIS, À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA!”

por Solange Jurema - 2 de outubro de 2014



Menos de 72 horas nos separam do momento mais importante da história política recente do país, a eleição do dia 5 de outubro, domingo, que mudará o Brasil.

Não temos mais muito tempo para discutirmos e rediscutirmos a realidade da mulher na sociedade brasileira ou mesmo quais os caminhos a serem adotados para reduzir a violência, o preconceito e a discriminação contra ela.

Está na hora de assumirmos, em casa, com os vizinhos, nas ruas, nos bairros, a luta para conquistarmos mais votos para o nosso candidato a Presidente da República, Aécio Neves.

Estamos a um passo de garantirmos a ida do nosso presidente nacional do partido para o segundo turno e a disputa final contra a candidata do PT.

Todas as pesquisas indicam que o povo brasileiro está reconhecendo que Aécio Neves é a melhor opção para derrotar o petismo. Todos os institutos apontam o crescimento de sua candidatura nos últimos dias, nas últimas horas e precisamos consolidar essa tendência.

A única maneira de garantirmos isso é assumir, de peito aberto e sem vergonha, que somos da turma de Aécio Neves, da turma que não perdeu a esperança de mudar o Brasil. Da turma que não foge a boa luta, ao bom combate e que espera que todos os brasileiros se convençam de que só há um caminho: a eleição de Aécio Neves para ocupar o Palácio do Planalto.

Aécio Neves é um político preparado, sério, honesto e que ao longo de sua trajetória política honrou o nome do seu avô, Tancredo Neves. Deputado Federal, Presidente da Câmara dos Deputados, Governador de Minas Gerais, por dois mandatos, e Senador da República, Aécio Neves tem um currículo excepcional para ocupar o mais graduado cargo político da República.

O presidente nacional do PSDB é um homem aberto ao diálogo, que ouve, que escuta a população e executa exatamente aquilo que o povo espera de um governante. O que ele escreve, o que ele promete, vira compromisso, vira realidade, como já atestaram os mineiros.

Eleger Aécio Neves Presidente da República é ter a certeza de que o país mudará o curso de sua história. Ele não é um salto no escuro, não é uma aventura e nem busca sentimentos baratos para firmar seu nome como candidato.

Aécio tem propostas, tem firmeza, tem o propósito de mudar o Brasil. É um gestor mais do que testado, tem certificado de qualidade firmado pelos mineiros.

Sabe governar, sabe dialogar, construir pontes até mesmo com adversários, como já demonstrou na Presidência da Câmara dos Deputados e no governo de Minas.

Então, vamos ganhar as ruas, convencer os eleitores e pedir votos para garantirmos Aécio Neves no segundo turno e, depois, elege-lo Presidente da República!

“VOTAR É ESSENCIAL”

Solange Jurema - 29 de setembro de 2014



A menos de 10 dias das eleições do dia 5 de outubro, que levarão 142 milhões de eleitores brasileiros às urnas para escolher seus representantes, é necessária uma reflexão sobre porque ainda existem tantas pessoas que pensam em votar nulo ou branco ou mesmo em se abster.

Esse é um fenômeno que nessa eleição presidencial assume proporções maiores do que a de pleitos anteriores – cerca de 15% -, e uma de suas origens está na danosa prática política adotada pelo Partido do Trabalhadores na Presidência da República nos últimos 12 anos.

Já chamou a atenção da mídia, de todos os analistas e mesmo dos políticos, o fato de que 75% dos jovens maiores de 16 anos aptos a retirar seu título de eleitor para votar preferiram não fazê-lo! Apenas 25% se dispuseram a exercer a cidadania em seu grau maior em um regime democrático, que é eleger seus representantes.

É um sinal desalentador para uma nação que viveu anos sob a tutela militar; que conquistou nas ruas o sagrado direito de votar e ser votado e, agora, percebe seus jovens completamente desinteressados em participar de um pleito eleitoral que definirá o futuro deles e de todos nós, nos próximos quatro anos e mais além.

Precisamos despertar os jovens para a política e sensibilizar os que pretendem votar branco ou nulo, ou se abster, para que se convençam que essa não é a solução. Para acabar com as mazelas políticas, para dar fim aos desmandos do PT no Estado brasileiro com “mensalões”, “petrolões” e outros desvios de comportamento que tanto desiludem a população, em geral, para a participação política, a solução é o voto e a participação popular, não o alienamento.

Há de se conscientizar a todos que, quantos mais eleitores deixarem de votar, ou votarem em branco ou nulo, ou se abstiverem, mais poder terão esses políticos que desqualificam a vida político-partidária do Brasil.

A omissão, a pequena participação popular é que abre o caminho para os malfeitores, para aqueles que usam da política para se promover, para se servir do poder e amealhar fortunas literalmente sarrupriadas dos cofres públicos para abastecer partidos e/ou contas bancárias de dirigentes partidários.

Basta recordar que nas últimas eleições presidenciais 21% dos eleitores brasileiros deixaram de comparecer às urnas, um número que somados aos de brancos e nulos quase alcançou a casa dos 30% do total do eleitorado em 2010!

Um absurdo, que não pode ocorrer novamente, nesse momento em que o país tanto precisa de mudanças e da massiça presença de seu povo na condução dos rumos da política.

“O ESTADO POLICIAL PETISTA”

por Thelma de Oliveira - 24 de setembro de 2014



A sociedade brasileira às vezes parece não perceber o perigo e o risco que representa a continuidade e a permanência do Partido dos Trabalhadores no poder, especialmente na Presidência da República, por mais quatro anos.

Partido estabelecido em todas as unidades da Federação, o PT atua, age no sentido de se perpetuar no poder utilizando-se de todos – repito todos – os meios necessários para alcançar esse objetivo.

O PT tem um projeto que busca seus próprios interesses políticos e os de seus dirigentes, beneficiados pessoalmente com o modelo de corrupção e de vigilância que adotam.

Depois de invadir o site do Wikipédia para mudar o perfil de dois jornalistas, de alterar a página da Petrobras no mesmo site, e incriminar quem não participou do milionário desvio de recursos no Petrolão – para ficar nos dois casos mais recentes – o governo do PT quer monitorar o que cada um de nós fará no exterior, em viagens de negócios ou de lazer.

A desculpa é que o monitoramento vai fiscalizar se cada de um nós gastará muito ou irá entrar com bens/produtos acima de 500 dólares, cerca de mil reais! O novo sistema da Receita Federal será o “big brother” que o PT usará, seguramente, contra seus adversários políticos e eventuais opositores de diferentes campos da atividade humana.

O sistema da Receita saberá tudo sobre você e sua viagem: a profissão, os lugares que visitou, as lojas em que esteve, os objetos que comprou e quanto gastou, numa fiscalização prévia impensável em regimes democráticos.

É claro que o estado brasileiro, a sociedade brasileira e a própria Receita Federal precisam de instrumentos de controle e de fiscalização de abusos que um ou outro cidadão possa cometer em compras no exterior, mas definitivamente não com um sistema como esse, de controle prévio e absoluto.

Porém, é superdimensionado um modelo de acompanhamento, praticamente em tempo real, em que o Estado sabe da vida, em detalhes, de um cidadão, qualquer cidadão, no exterior. A quem interessa

esse controle? Quem armazenará e cuidará para que as informações sejam corretamente manuseadas?

Ou evitar que sejam utilizadas, como inclusive já ocorreu com a quebra do ilegal do sigilo fiscal do ex-secretário-geral da Presidência da República, Eduardo Jorge, realizada por um servidor petista da Receita Federal.

Não há dúvida de que há uma explícita invasão de privacidade do sagrado direito de cada um viver como quer e, no caso, gastar seus recursos da melhor maneira que entender, sem ferir as normas legais. Qualquer ação com a intenção de espionar a vida do cidadão é consequência da visão policialesca e autoritária do Estado, bem ao estilo da Rússia stalinista do século passado.

Qualquer outra explicação esbarra nos péssimos exemplos que a máquina petista e seus militantes deixaram nos últimos anos no governo federal: Mensalão, Petrolão e outros escândalos que tentaram esconder do povo brasileiro.

“MULHERES, VAMOS À LUTA!”

por Solange Jurema - 22 de setembro de 2014



Apoucos dias das eleições é chegado o momento de aumentarmos a nossa mobilização, de irmos às ruas e pedir voto para os candidatos tucanos, especialmente para o futuro Presidente da República, Aécio Neves.

Aécio reúne todas os pré-requisitos políticos para, de fato, mudar o Brasil e recolocá-lo na rota do desenvolvimento, da moralidade e da verdadeira justiça social, sem demagogias ou chantagens eleitorais.

Nós, do PSDB-Mulher, vamos intensificar nossa presença em todas as instâncias, em todos os ambientes e em todas os quadrantes do país levando as propostas de Aécio Neves para mudar o Brasil.

Nas duas últimas eleições mostramos nossa capacidade de organização e de mobilização elegendo um grande número de mulheres nos estados e municípios brasileiros. Na eleição do próximo dia 5 de outubro não será diferente.

Vamos convencer o eleitorado feminino brasileiro, a maioria, que Aécio Neves tem as melhores propostas, que ele lutará contra todo

e qualquer tipo de preconceito, discriminação e violência contra a mulher.

Não só isso, Aécio Neves tem uma trajetória política responsável, séria, competente, como Deputado Federal, Presidente da Câmara dos Deputados, Governador reeleito e agora Senador por Minas Gerais, um dos mais importantes estados de nossa Federação.

É, portanto, um homem testado na vida pública, sobre a qual não pesa qualquer suspeita de ato duvidoso. Um parlamentar que modernizou a Câmara, um governador que transformou e revolucionou a administração pública mineira para o benefício de sua população.

Todas nós sabemos, e as pesquisas confirmam isso, que as mulheres desempenham papel fundamental nas eleições não só do ponto de vista quantitativo, como principalmente qualitativo.

Nos segmentos mais pobres da população, o poder de influência da mulher é ainda maior entre seus familiares e amigos (as), até porque em quase 40% dos lares brasileiros ela é a principal responsável pelo sustento.

Responsável ou não pelo lar, a mulher é quem administra a casa, que faz as compras, que gerencia os gastos com água, luz, telefone e, por isso mesmo, sente diretamente os efeitos de uma política econômica desastrosa, com a volta da inflação e o crescimento próximo do zero.

Vamos às ruas e convencê-las de que a experiência e a competência administrativas de Aécio Neves são o melhor para o Brasil.

Vamos acabar com a corrupção, com as desigualdades econômicas e sociais.

Vamos fazer o país crescer sem inflação e gerar os empregos que os brasileiros precisam.

Vamos eleger Aécio Neves Presidente do Brasil!

“FELIZ ANIVERSÁRIO, DONA RUTH!”

19 de setembro de 2014



Brasília (DF) – Ruth Cardoso, o espelho em que se miram de todas as tucanas, estaria completando 84 anos nesta sexta-feira (19). É difícil imaginar o que teria produzido essa mulher extraordinária ou, como preferiu definir a jornalista Dora Kramer: incomum, se não tivesse ido embora há seis anos, serena e discretamente, como sempre preferiu viver.

Nascida em Araraquara, no interior de São Paulo, Ruth Cardoso ultrapassou fronteiras e limites, indo muito além do que as mulheres de sua geração costumavam aspirar.

Doutora em antropologia pela Universidade de São Paulo (USP), casada aos 23 anos com Fernando Henrique Cardoso e mãe de três filhos, Dona Ruth soube como poucas conviver com as várias facetas do feminino sem aparente angústia.

Longe de se deixar ofuscar pelo brilho de Fernando Henrique, Dona Ruth desenvolveu uma carreira acadêmica brilhante, indepen-

dente da de seu marido; publicou vários livros; criou seus filhos, acompanhou o crescimento dos netos e sempre foi voz ouvida com respeito e atenção dentro do PSDB, não é pouca coisa.

Só que ela foi além; no primeiro governo Fernando Henrique Cardoso criou o programa Comunidade Solidária. É sempre bom lembrar que entre os programas desenvolvidos pelo Comunidade Solidária, estão o Alfabetização Solidária, Universidade Solidária, o Comunidade Ativa e Capacitação Solidária. Programas que deram origem aos benefícios Bolsa Escola e Bolsa Alimentação, embriões do Bolsa Família do governo Luiz Inácio Lula da Silva.

E assim Dona Ruth Cardoso segue fazendo História e modificando a vida de milhões de brasileiros, que talvez jamais saibam o quanto devem a essa mulher especial e inteligente.

Parabéns, Dona Ruth, é um privilégio estar no mesmo PSDB que a senhora ajudou a fundar, há tantos anos!

Secretariado Nacional da Mulher/PSDB-Mulher

“AUTORITÁRIOS, MENTIROSO E ARROGANTES!”

por Solange Jurema - 19 de setembro de 2014



É incrível como o governo do PT de Dilma Rousseff desafia a sociedade, desrespeita a opinião pública e usa a máquina pública para ofender pessoas e assacar vilanias contra seus opositores.

Pouco após alterar pejorativamente o perfil de dois jornalistas conhecidos, Miriam Leitão e Carlos Alberto Sardenberg, na enciclopédia virtual Wikipédia, a partir de computadores do Palácio do Planalto; o PT adulterou o perfil de Paulo Roberto Costa, ex-diretor de Abastecimento da estatal e um dos denunciados na operação “Lava-Jato” da Polícia Federal. Dessa vez, a deturpação partiu de um dos computadores da própria empresa lesada.

Esse aparentemente “pequeno” escândalo é revelador da maneira abusiva e desrespeitosa como o PT e seus militantes tratam as informações públicas. E é muito grave e sério. Nenhum órgão público, nenhuma estatal, ou repartição pode servir de instrumento para uso próprio ou de um partido, muito menos de um governo.

Na Petrobras, um servidor, ainda não identificado, alterou o perfil de um ex-diretor da empresa, Paulo Roberto Costa, definindo-o como “cria do governo FHC”.

Ou seja, além de manipular informações, o objetivo político do autor (ou autores) é o de transferir para um governo tucano a responsabilidade da nomeação e a permanência desse diretor no cargo durante oito anos no governo petista de Lula!

Bastou surgir a crise com mais um mega escândalo, mais um caso de pilhagem dos cofres públicos para o governo petista não só tentar escondê-lo como, agora e nesse caso, tentar transferir para outro governo os atos que levaram a essa pilhagem.

A arrogância, o autoritarismo e a mentira dos petista e de seu governo extrapolam a qualquer bom senso, a qualquer nível de sanidade política.

Como eles podem imaginar que gestos como esse não afetam a dignidade das pessoas, mesmo quando não atingidas diretamente?

Como eles podem acreditar que a sociedade brasileira, a opinião pública não estão cansados de tantos desmandos, de tantos atos “mal feitos” e sem qualquer punição ou o mínimo de explicação.

Os maiores líderes do partido, ocupantes do mais elevado cargo público, a Presidência da República, só repetem um mantra da irresponsabilidade: “eu não sabia”, versão que foi atualizada para “eu não tina a menor ideia de que isso ocorria na Petrobras”.

O certo é que já passou o tempo deles no governo.

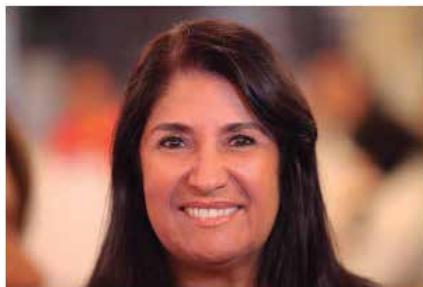
É hora de mobilizar os mais de 70% de brasileiros insatisfeitos com o atual quadro político, econômico e social do país e darmos a

melhor resposta para o país: a eleição de Aécio Neves para a Presidência da República.

Aí sim, vamos mudar a prática política petista, mostrando a toda a Nação que um governo, um governante, tem que ser exemplo e não o contrário.

“PODER CORROMPIDO”

por Thelma de Oliveira - 12 de setembro de 2014



Já não se trata apenas de discutir que os presidentes da República do PT se recusam a admitir as responsabilidades políticas e administrativas que lhe cabem nos casos de corrupção do Mensalão – Lula -, e do Petrolão, com Dilma Rousseff.

A palavra de ordem palaciana é uma antiga frase do filósofo grego Sócrates, graças a eles bastante atual e pertinente: “Eu só sei que nada sei”.

Os dois presidiam o país, faziam suas articulações políticas no Congresso Nacional, alimentavam os partidos aliados com cargos,

ministérios e, também, com dinheiro público desviado de empresas estatais do porte da Petrobras.

Tudo isso foi executado por assessores diretos, por ministros de Estado, por diretores de estatais, por presidentes de partidos, empresários, intermediários e petistas da direção nacional do partido.

Mesmo assim, Lula e, agora, Dilma se agarram ao mantra do “eu só sei que nada sei” como se o país ainda suportasse essa mentira, esse descaso com a opinião pública e a população brasileira.

O presidente de honra do PSDB, Fernando Henrique Cardoso, definiu bem o modo de agir petista: “Não é um caso, são muitos casos. Não é uma prática, é uma constante. Não é um desvio, é quase que uma regra.”

O mais grave de tudo isso – e que poucos conseguem perceber – é o que o PT se consolidou como partido político nas duas últimas décadas graças a esse método, a esse “constante” modo de atuar, que lhe assegurou os recursos para disputar as eleições municipais, estaduais e federais.

Desde o famoso caso do prefeito Celso Daniel, em Santo André, assassinado porque pretendia revelar o esquema de caixa 2 para os cofres do partido, em 2002, multiplicaram-se casos e mais casos de denúncias desse método “constante” do jeito de ser petista.

Assim, conseguiram aos poucos, eleições após eleições, de dois em dois anos, capitalizar as finanças do partido e pavimentar seu crescimento na vida política partidária municipal, estadual e nacional.

Claro que o PT conta com algumas poucas e honrosas exceções, de militantes e dirigentes, que se indignaram com o método “cons-

tante” de ser da direção nacional da agremiação e daqueles que alcançaram os mais importantes cargos da República.

Mas o fato é que, comprovado nas investigações da Polícia Federal e do Ministério Público Federal, que sacos de dinheiro circularam pelo país alimentando as campanhas de petistas e de alguns aliados, nas eleições municipais e federais a partir de 2002.

Assim, se elegeram boa parte dos prefeitos, governadores, senadores, deputados estaduais e federais e mesmo o Presidente da República, que pagou sua despesas de marketing de campanha no exterior, como admitiu à época seu próprio marqueteiro.

Portanto, e infelizmente, a delação premiada do ex-diretor da Petrobras, Paulo Roberto da Costa, só confirma que o PT no governo irriga sua base partidária, seus candidatos (e de aliados) com dinheiro público desviado.

As eleições de 5 de outubro serão a grande oportunidade de acabarmos com essa corrupção elegendo Aécio Neves Presidente da República!

“MAIS UMA VEZ, NINGUÉM SABE DE NADA”

por Solange Jurema - 10 de setembro de 2014



O governo do PT da presidente Dilma Rousseff não para de afrontar a nação com novos e profícuos escândalos que se avolumam e se repetem em velocidade estonteante.

Agora é a vez do detalhamento do verdadeiro assalto realizado na Petrobras, tomada por um grupo de malfeitores que usou e abusou de sua autoridade administrativa para irrigar com dinheiro desviado da empresa o PT e alguns dirigentes de partidos aliados, numa sangria desatada.

A delação premiada do ex-diretor da estatal por oito anos, Paulo Roberto Costa, revela como o PT e seus governos nos últimos 12 anos assaltaram a maior empresa da América Latina. A estimativa inicial é que foram desviados pelo menos R\$ 1 bilhão, o que já o torna o maior escândalo de toda a história da República.

Mensalão 2, Petrolão, não importa o nome que a mídia dê a mais esse caso de corrupção. Importa saber quem são e punir pessoas,

partidos e grupos que se locupletaram para permanecer no poder e continuar drenando recursos públicos em benefício próprio ou para campanhas eleitorais.

O mais irônico é que nas últimas campanhas presidenciais os candidatos do PT tentaram impingir aos adversários tucanos a pecha de “destruidores” e de “privatizadores” da Petrobras.

Passadas três administrações petistas, o depoimento do funcionário de carreira e ex-diretor da empresa revela quem são os verdadeiros destruidores da Petrobras, os homens e mulheres que, de fato, “privatizaram” o maior patrimônio brasileiro em favor de suas causas, partidárias e pessoais.

Estava certo o nosso candidato a Presidente da República, Aécio Neves, quando liderou o pedido da instalação da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) no Congresso Nacional. Está igualmente certo agora, ao exigir explicações do governo Dilma Rousseff.

Não se pode continuar assistindo passivamente à destruição do Estado, à partidarização da máquina pública, à essa infundável série de casos e mais casos de corrupção; e permanecer ouvindo da Presidente da República as mesmas palavras de seu antecessor imediato: “não sei”. Essas duas palavras demonstram, além de despreparo e omissão; descaso com o dinheiro público e desrespeito à população honesta do Brasil, que trabalha, paga seus impostos e vê seu dinheiro desaparecer nessa roubalheira desenfreada.

Para acabar com a dilapidação de nosso patrimônio e com a série de escândalos que nos envergonha a todos, temos que arregaçar as

mangas, ir às ruas e pedir voto para Aécio Neves, o único candidato dessas eleições que tem moral e autoridade para mudar o Brasil. Temos vinte e cinco dias para fazer a diferença, transformar o país que queremos deixar para nossos filhos e voltar a andar de cabeça erguida.

Vamos à luta! Vamos com Aécio!

“COPIAR ATÉ PODE, MAS DÊ O CRÉDITO”

por Thelma de Oliveira - 4 de setembro de 2014



O país inteiro se surpreendeu com a postura pouco ética da candidata do PSB à Presidência da República, Marina Silva, que copiou, literalmente, alguns trechos do Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH) apresentado pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso, em 2002. E, sem qualquer vergonha, apresentou-o à Nação como parte do seu Programa de Governo!

Uma postura, no mínimo, equivocada e que foge inteiramente aos padrões de quem pretende governar um país com a dimensão política, econômica e social do Brasil.

É, sem meias palavras, um gesto de profunda desonestidade intelectual por sequer citar a fonte que a inspirou; o governo Fernando Henrique Cardoso no seu 2PNDH, da Secretaria Nacional de Direitos Humanos.

Como imaginar que uma candidata que prega o fim da “velha política”, o fim da dicotomia que, segundo ela, empobrece o debate político, possa tentar enganar a população brasileira?

Como acreditar na originalidade de suas outras propostas se, em uma delas, importante para a sociedade, Marina plagia ideia de terceiros, de um adversário político, sem qualquer constrangimento?

É normal, natural e até mesmo salutar que governantes, ou mesmo candidatos, copiem de eventuais adversários políticos aquelas propostas que considerem corretas e que possam trazer benefícios a população desde que, é claro, deem crédito a quem de direito.

Copiar até pode, mas dê o crédito.

Faz parte do processo democrático e a população é que se beneficia quando há a continuidade de programas, de ações governamentais ou mesmo de discussões que enriquecem e esclarecem a opinião pública.

Diversas gestões tucanas municipais e estaduais em todo o território nacional adotaram programas de governos anteriores, de outros partidos, aprimorando-os. Mas nunca esqueceram de dar os nomes aos bois, de apontar o autor original da ação governamental.

Marina, em seu afã de apresentar um Plano de Governo, optou por copiar as boas ideias contidas no 2 PNDH de Fernando Henrique Cardoso, sem citar o autor do programa. Além disso, na sua pressa infantil, apoiou e depois desapoioou o casamento gay, para mais tarde tentar “corrigir” o que chamou de lapso.

Como bem definiu nosso candidato a Presidente da República, Aécio Neves, o gesto dela surpreendeu a todos e revelou o imprevisto que vive sua campanha socialista e a falta que faz uma equipe de assessores que lhe dê sustentação séria e fundamentada. Em outras palavras, sua incapacidade de administrar.

Mas Marina Silva não é a primeira opositora do PSDB a fazer isso e nem a primeira que tenta se apropriar do ideário tucano. Os governos petistas na Presidência da República tentaram se apoderar das ações dos dois governos de Fernando Henrique Cardoso, como a estabilidade econômica e os programas sociais que redundaram no bolsa família.

Marina Silva parece trilhar a mesma e perversa doença da imaturidade e cegueira política que contamina algumas lideranças e partidos brasileiros. Como se só eles fossem capazes de formular e implantar programas, como se o Brasil só existisse depois dos governos deles.

“AÉCIO, EXEMPLO DE POSTURA”

por Solange Jurema - 29 de agosto de 2014



Nessa já vitoriosa jornada rumo à Presidência da República, o senador Aécio Neves mostra ao povo brasileiro sua enorme capacidade de ouvir propostas e incorporar aquelas que são boas para o país – estilo de fazer política que o diferenciou nas duas vezes em que governou Minas Gerais.

Em São Paulo, em campanha, Aécio conheceu de perto e com mais detalhes o programa “Mulheres de Peito”, do governo paulista do tucano Geraldo Alckmin, que trata preventivamente a identificação do câncer de mama, aumentando muito as possibilidades de cura.

Aécio não titubeou em não só elogiar como avisar que, no Palácio do Planalto, estenderá esse programa a todas as brasileiras, sem distinção. Anualmente, no Brasil, cerca de 10 mil mulheres morrem por causa do câncer de mama, a maioria delas porque a doença foi detectada tardiamente.

Há que se registrar, como Aécio Neves fez, que pelo menos a metade dos municípios brasileiros sequer tem um mamógrafo, o que

dificulta a identificação precoce da doença, essencial para ampliar a sobrevivência da paciente – no mundo, a sobrevivência acima de cinco anos é de 61%.

A ação ativa e preventiva do governo paulista conseguiu reduzir a mortalidade do câncer de mama e Aécio Neves, ao conhecer seus resultados, imediatamente adotou como compromisso de seu futuro governo na Presidência da República.

Não é a primeira vez que Aécio Neves age assim. Já como senador da República pelo estado de Minas Gerais, ele incorporou como “política de Estado” o programa Bolsa Família, tão alardeado pelo atual governo como a solução dos problemas nacionais para acabar a pobreza no país.

De origem tucana, o Bolsa Família se ampliou e se tornou moeda política na gestão petista nos últimos onze anos. O projeto de Aécio Neves impede que essa exploração continue porque transforma esse programa social em política de Estado – ou seja, qualquer que seja o Presidente eleito, ele terá que continuar com o Bolsa Família.

Agindo assim, Aécio Neves se credencia ainda mais como a melhor opção para comandar o Brasil, depois de tantos desastros cometidos nas áreas política, econômica e social.

Vamos à Vitória!

Vamos eleger Aécio Presidente do Brasil!

“INCOMODA?”

por Solange Jurema - 26 de agosto de 2014



Começo esse texto imaginando se a você, homem, incomoda o fato de receber menos do que sua mulher. Incomoda?

E você, mulher, integrante do ranking daquelas que ganham mais do que os homens, convive bem com essa situação?

Se a mulher a quem a segunda pergunta foi dirigida respondeu que sim, pode considerar-se parte de uma porcentagem mínima no Brasil, e exemplo para todas nós, que batalhamos por uma sociedade igualitária.

O tema: salário inferior para mulheres, mesmo que desempenhem funções iguais às dos homens nem deveria ser discutido, por estar superado, mas não podemos ignorá-lo. Os números presentes na pesquisa “Características do Emprego Formal”, com base na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), enviada pelas empresas ao Ministério do Trabalho – mostram que a diferença salarial ainda é presente no Brasil e merece ser debatida pela sociedade.

Infelizmente, apenas no DF e no Amapá, o salário médio das mulheres é maior do que o dos homens. É inconcebível que, nos outros estados do Brasil, em pleno ano de 2014, ainda seja vedado à mulher receber o mesmo salário que um homem, para exercer a mesma função, mesmo nos casos em que é mais ou tão qualificada quanto ele.

De acordo com outra pesquisa, do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), no nosso país, os homens ganham aproximadamente 30% a mais que as mulheres de mesma idade e nível de instrução, quase o dobro da média da região latino-americana, que é de 17,2%. E mais uma vez pergunto, o que devemos fazer para reduzir essas disparidades salarias?

Iniciar pela educação da população minoritária, implementar políticas públicas que qualifiquem e facilitem a vida das mulheres, aumentar o número de creches, permitindo que as mulheres se dediquem mais à sua vida profissional?

Essas sugestões já foram apontadas por muitos, inclusive por mim, e as destaco porque precisam sair da teoria para virar realidade e de fato mudarem os dados das pesquisas.

Mas mesmo com tudo isso, precisamos nos mobilizar e prestar atenção nos bons resultados e mudanças que vêm ocorrendo. No Brasil, a diferença salarial média entre homens e mulheres é de 27% e, há 10 anos, era de 36,4%.

Hoje, as mulheres são maioria entre os brasileiros com ensino médio e superior. Enquanto elas estão 15% mais presentes no ensino médio, a diferença chega a 36% mais mulheres com ensino superior do que os homens. Mais de oito milhões de brasileiras estudaram

mais de 15 anos contra seis milhões de homens. Em outras palavras, as mulheres estão mais qualificadas e, mesmo assim, continuam a receber salários menores dos que os dos homens.

Conquistar direitos iguais só depende do empenho de todas nós, que somos a maior parte da população e, segundo o Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), também somos maioria entre os brasileiros que concluíram os ensinos médio e superior.

Nesse sentido, o Distrito Federal e o Amapá são exemplos animadores, na medida em que mostram que nessas unidades da Federação as mulheres estão mais bem situadas do ponto de vista salarial em relação aos homens. A questão é saber como os casais podem lidar com isso.

Precisamos compreender o nosso papel fundamental na sociedade e não aceitar salários inferiores aos pagos para homens que exerçam as mesmas funções.

Além disso, é imprescindível que participemos da política para, juntas, legislarmos a respeito desse e de outros temas, conscientizando nosso povo e criando leis mais severas contra o preconceito e a discriminação, inclusive salarial.

Solange Jurema

“TRAGÉDIA, EXEMPLO E AMOR”

por Solange Jurema - 16 de agosto de 2014



A menos de dois meses das eleições presidenciais o país viveu um drama político com o súbito e brutal desaparecimento do candidato do PSB, Eduardo Campos, e de mais seis pessoas, entre assessores e tripulantes.

Afora o fato político de que Campos deixou uma lacuna na eleição presidencial tolhendo nosso eleitorado de mais uma opção, há que se debruçar sobre a dor da família daqueles que perderam seus entes queridos, pais, esposas, namoradas, irmãos e amigos.

E dos exemplos que vem delas, especialmente da mãe de Eduardo, Ana, e de sua esposa Renata, que engrandeceram a importância e a dignidade das mulheres nesses contextos tão dolorosos a todos familiares.

Ana, passando por essa provação, mantém um silêncio obsequioso, recusando-se a compartilhar sua imensurável dor com a opinião

publica. Despiu-se completamente dos paramentos do cargo de ministra do Tribunal de Contas da União para introjetar a dor desesperada de uma mãe que vê um filho partir antes dela, contrariando o ciclo natural da vida.

Não perdeu a dignidade e nem se expôs publicamente.

Outro caso exemplar é o da esposa de Eduardo Campos, Renata, companheira de vida, de jornada pessoal construída ao longo dos anos, com cinco filhos, e que se mostrou inquebrantável, mesmo na morte.

Relato da jornalista Mariana Dias, repórter da Folha de S. Paulo, mostra a força, a coragem e a determinação dessa mulher em enfrentar, de repente, uma realidade tão brutal, com a perda do companheiro presente na sua vida e na criação dos filhos – “firme e serena”, na expressão da matéria da jornalista.

“Forte como uma rocha”, na definição de um amigo da família, Renata ainda encontra forças para apoiar seus filhos e amamentar o seu mais novo, Miguel, que herdou o nome do avô, também ex-governador pernambucano como seu pai.

O cotidiano dela ao lado de Eduardo Campos não foi diferente de milhares de brasileiras que convivem com maridos que, em razão de sua opção profissional ou de vida, afastam-se por longos períodos de caso – mesmo sendo presentes, como Campos.

E sua vida futura se confundirá com a de tantas outras viúvas brasileiras que vivem essa realidade.

Mas, como tantas, Renata, encontrará energia e determinação para criar seus filhos, com o exemplo e o amor do pai e a coragem da avó.

Ana e Renata, Cecília nosso abraço afetuoso do PSDB-Mulher e das mulheres brasileiras!

Vocês são exemplo.

Força nessa hora!

Solange Jurema

Presidente Nacional do PSDB-Mulher

“MAIS CONFIANÇA E DISPOSICÃO”

por Solange Jurema - 31 de julho de 2014



Solange Jurema e Thelma de Oliveira, do PSDB-Mulher Nacional, na reunião com Aécio Neves

A reunião do nosso candidato Aécio Neves com representantes de todos os estados e partidos da coligação “Muda Brasil”, em São Paulo, abriu um espaço maior para a reafirmação da mulher na política nacional e na campanha do futuro Presidente da República.

Na ocasião, várias tucanas do PSDB-Mulher expressaram com firmeza o desejo de participar ainda mais da campanha de Aécio Neves rumo ao Palácio do Planalto, que vem crescendo a cada dia. E receberam como estímulo, a palavra do candidato tucano, que afirmou às mulheres que elas têm e terão destaque, presença e espaço na condução das ações da campanha eleitoral. Aécio disse, ainda, que as tucanas serão apoiadas e trabalharão muito na mobilização e organização do voluntariado.

Do encontro ficou a convicção de que a vitória é certa, que a coligação “Muda Brasil” está estruturada em todas as unidades da Federação, e que sua organização e empenho transformará em realidade o desejo de mudança dos brasileiros. Como já apontam todas as pesquisas de opinião – Aécio Neves está, gradativamente, se aproximando da atual presidente, com perspectiva de vitória no segundo turno eleitoral!

Sobre a tendência de alta do candidato do PSDB, boa parte dela pode ser explicada pelos indicadores da progressiva e constante perda de apoio eleitoral feminino da presidente Dilma Rousseff, captados pela recente pesquisa do Datafolha. De fevereiro a julho, ela perdeu dez pontos percentuais, caindo de 44% para 34% de intenções de votos das mulheres e sua rejeição é a maior entre os presidenciáveis.

Em contrapartida, Aécio Neves, no mesmo período, subiu de 13% para 17% das intenções de voto feminino. Esse indicador é estimulante para a candidatura de Aécio Neves porque, como se sabe, as mulheres demoram a se definir em quem votar, mas exercem enorme influência na opção de votos de outros integrantes da família, vizinhos e amigos.

Outra boa notícia para o PSDB é a informação divulgada oficialmente pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) de que aumentou em 46% o número de mulheres disputando um cargo na eleição desse ano, em relação ao pleito de 2010, e que elas já são 30% do total de candidatas (há quatro anos eram 22%).

As mulheres também constituem a maioria do eleitorado brasileiro, com 52,1% do total – cerca de 74,5 milhões de eleitoras, percentual que, assim como Aécio Neves nas pesquisas de opinião, sobe gradativamente: em 2010 as mulheres representavam 51,8% desse segmento.

A reunião do “Muda Brasil”; os dados das mais recentes pesquisas de intenção de voto; o maior número de candidatas e o contínuo aumento da presença feminina no eleitorado; são estímulos para que nós, tucanas, candidatas ou não, aumentemos nossa disposição de luta e engajamento na campanha eleitoral que levará Aécio Neves à Presidência da República, em outubro próximo.

“A INACEITÁVEL DUPLA DISCRIMINAÇÃO”

por Thelma de Oliveira - 25 de julho de 2014



Foto: George Gianni/PSDB

Nesta sexta-feira, no Dia Internacional da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha, a sociedade brasileira pode mais uma vez discutir a questão da discriminação racial no Brasil com os olhos voltados para a mulher negra.

Os diversos artigos, debates e encontros realçam que no país ainda convivemos, infelizmente, com a discriminação racial que atinge a mulher negra duplamente, como podemos observar no nosso cotidiano – ela sofre discriminação por ser mulher e negra.

Num país de tantas desigualdades econômicas, políticas e sociais, a dupla discriminação da mulher negra se reveste de uma perversidade maior quando se fala de sua inserção, ou não inserção, no mercado de trabalho.

Estudo do DIEESE aponta uma série de indicadores que confirmam essa dupla discriminação da mulher negra no mercado de trabalho brasileiro. O desemprego é maior para ela do que para a mulher branca ou amarela ou para o homem negro.

A mulher negra recebe menores salários, como atesta a pesquisa do DIEESE. Na região metropolitana de São Paulo, por exemplo, a taxa de desemprego da mulher negra é de 26,2% contra 18,8% das não-negras. O desemprego da mulher negra é maior do que a taxa do homem negro (19,9%) e do não-negro (13,3%).

Ainda segundo o estudo, as mulheres negras demoram mais tempo para encontrar um novo emprego. Em São Paulo, a mulher negra demora 12 meses para se inserir no mercado de trabalho, contra 11 meses da não-negra.

Outro dado devastador: os salários das mulheres negras são quase a metade do salário das não-negras e inferior em cerca de 10% do salário do homem negro.

Mas a dupla discriminação não se restringe ao mercado de trabalho.

Como esposas, companheiras, mães e irmãs de negros, elas sofrem com outra trágica realidade: a morte de seus entes queridos.

De acordo com o Mapa da Violência 2014, as principais vítimas de mortes violentas no país são jovens do sexo masculino e negros.

Com tantas dificuldades em se afirmar numa sociedade discriminadora como a brasileira, a luta da mulher negra deve ser apoiada e inserida na vida partidária, como fez o PSDB ao criar o Tucanafro.

É um passo que pode parecer pequeno, mas é o começo da conscientização dessa dupla discriminação e uma razão a mais para nos mobilizarmos.

E seguir o exemplo do papa Francisco I ,que fez questão de receber no Vaticano a sudanesa Meriam Yahya Ibrahim, condenada à morte por ter abandonado o islamismo e casado com um católico.

Solta, foi recebida no Vaticano e ganhou visibilidade mundial para mostrar como a intolerância racial e religiosa levam a posturas absurdas, como a do governo do Sudão, que só recuou diante da pressão internacional.

Vamos nos mobilizar, organizar e lutar para acabar com qualquer tipo de discriminação que atinge a mulher negra brasileira.

Viva o Dia Internacional da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha!

**Thelma de Oliveira é a primeira-vice-presidente do PSDB Mulher*

“VAMOS À LUTA, VAMOS ÀS RUAS!”

por Thelma de Oliveira - 18 de julho de 2014



No decorrer desta semana (14 a 18/07) o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) divulgou o número preliminar de mulheres candidatas nas eleições de outubro de 2014.

Ao todo, serão 3.955 mulheres em um universo de 13.642 candidatos em todo o país, cerca de 29% do total, um ponto percentual a menos do que a lei determina ao garantir cota mínima de 30% a um dos gêneros.

Não é o ideal, mas já representa um significativo avanço que as mulheres alcançaram no decorrer dos últimos anos, ainda que em ritmo lento. Afinal, somos a maioria da população e do eleitorado brasileiro e nossa presença nos parlamentos federal, estadual e municipal está aquém dessa superioridade numérica.

Mas o que importa, nesses dias de campanha eleitoral, é constatar que as tucanas se mobilizaram para disputar as eleições em todos os recantos do país.

Ao todo, teremos trezentos e sete candidatas, para disputar uma vice-governadoria; uma vaga no Senado; noventa e duas vagas para a Câmara dos Deputados e duzentas e quinze, para as assembleias legislativas estaduais. É um incrível avanço para nós, tucanas, que nas eleições de 2010 disputamos com apenas cento e cinquenta e oito candidatas.

Com muito trabalho; muita discussão e com a mudança do Estatuto do PSDB, praticamente dobramos o número de candidatas em quatro anos, o que aumenta consideravelmente a possibilidade de eleger mais mulheres sob nossa bandeira partidária. Esse crescimento é resultado dos encontros, seminários e debates preparatórios realizados desde a eleição municipal de 2012, quando também ampliamos nossa presença nos municípios.

Esse trabalho do PSDB-Mulher diferencia o nosso partido dos demais, porque nossas candidatas realmente nos representam, representam nossas ideias e propostas, são tucanas genuínas e identificadas com as lutas femininas.

Ao contrário de outros partidos, não temos “candidatas-laranja”, usadas por algumas agremiações e coligações apenas para preencher o requisito legal. Nossas tucanas são candidatas para valer, para disputar a eleição, apesar das dificuldades que ainda enfrentamos.

Estamos rigorosamente dentro da lei 9.504/97. O PSDB não corre risco de ver suas coligações impugnadas pelo Ministério Público Federal, que promete ser implacável na fiscalização, o que é ótimo para as mulheres candidatas e para toda a sociedade brasileira.

Registradas as candidaturas, a hora agora é de ir à luta; de ir às

ruas defender nossas propostas; de eleger tucanas e tucanos e levar nosso presidente Aécio Neves à Presidência da República; com a certeza de que a mulher terá um espaço institucional em seu governo à altura de sua presença na vida brasileira.

“CAMPANHA É PARA DISCUTIR PROPOSTAS”

por Solange Jurema - 30 de junho de 2014



Foto: Chris Balbys

Encerradas as convenções e definidos candidatas e candidatos, o momento agora é de divulgar nossas propostas, conquistarmos votos e ampliarmos a participação da mulher na política brasileira.

Nós, do PSDB, costumamos debater ideias e fazer propostas concretas para mudar a sociedade, melhorar a qualidade de vidas das pessoas e gerir os recursos públicos com honradez e dignidade.

Infelizmente, na política nacional, alguns candidatos, partidos e até mesmo seus apoiadores, preferem agredir, insultar, divulgar calúnias (agora nas redes sociais) como se esse comportamento fosse característico da índole do brasileiro.

Ledo engano, o brasileiro gosta de ouvir, analisar e se decidir por um candidato e suas propostas sem levar em consideração ofensas ou mesmo frases de efeito duvidoso contra a “elite branca”, por exemplo.

O Brasil, suas várias etnias, sua cultura e sua tradição de país que acolheu as diversas migrações, de todos os seis continentes; fala por si só contra qualquer tentativa de levar à frente a política do ódio, da divisão.

Tentar jogar, em um discurso roto, “branco contra negro”, “pobre contra rico”, “vermelho contra azul e amarelo”, é subestimar a inteligência, a história, o cotidiano do povo brasileiro e de suas lutas para formar essa Nação tão diversa e plural.

Os tucanos pensam além desse discurso primário. O Brasil é complexo, assim como é complexa a realidade do país e as propostas que temos, para resolver os graves problemas que a população enfrenta na Saúde, na Segurança, na Mobilidade Urbana e na Educação, para listar apenas os mais citados nas pesquisas de opinião.

Nesse contexto nós, do PSDB-Mulher, e o nosso partido faremos uma campanha propositiva, com os olhos voltados para o povo, seus problemas e soluções, e o futuro do país.

Nas ruas; nos bairros; nas cidades; nos palanques e nos programas eleitorais vamos apresentar um rol de propostas para mudar os

estados, o Distrito Federal e o Brasil, que certamente receberão o apoio da maioria dos brasileiros.

Vamos à luta!

Vamos à vitória!

Vamos eleger tucanas!

Vamos eleger Aécio Neves Presidente do Brasil!

“RECONHECIMENTO E LUTA”

por Solange Jurema - 20 de junho de 2014



Coube ao Secretariado Nacional do PSDB-Mulher a honra de anunciar o resultado da Convenção Nacional do PSDB, ocorrida em 14 de junho, e de saudar e convidar, formalmente, o senador mineiro Aécio Neves a se tornar o candidato oficial do partido à Presidência da República.

Essa distinção é, antes de tudo, um reconhecimento ao papel das tucanas, de todas nós; ao trabalho que realizamos no partido e na sociedade para ampliar a participação da mulher na política e na eco-

nomia; à luta que empreendemos contra qualquer tipo de preconceito, violência e discriminação.

O PSDB-Mulher, hoje, é uma força inquestionável no partido e na sociedade brasileira. Ampliamos nossa participação nas prefeituras, vice-prefeituras e câmaras de vereadores nas eleições de 2012, e vamos repetir essa conquista agora em 2014, em outubro.

Estamos nos preparando com afinco. Reunimos milhares de tucanas nos últimos dois anos em seminários, debates e encontros, como o de Recife, sob o abrigo do amigo e inesquecível presidente Sérgio Guerra. Jamais esqueceremos que foi na gestão dele que conquistamos os 30% dos cargos nas direções partidárias nos três níveis: municipal, estadual e federal.

Assim como não esquecemos e testemunhamos a sensibilidade do nosso futuro Presidente da República, Aécio Neves, que tem se mostrado um incansável defensor de nossas causas e reivindicações.

Seu programa de governo já inclui nossos principais temas de luta para a reafirmação e ampliação do espaço da mulher e temos, mais do que a certeza, a segurança de que o Estado brasileiro mudará sua postura em relação às mulheres quando ele estiver no Palácio do Planalto.

O reconhecimento dos tucanos só fez aumentar nossa responsabilidade nas campanhas presidencial e estaduais. Vamos intensificar nossa luta e mostrar ao país, nas ruas, nas esquinas, nas cidades, que Aécio Neves é a melhor opção para o Brasil.

Tucanas, vamos à luta!

Muda Brasil, com Aécio Neves presidente!

“TÁ RUIM, PRESIDENTE DILMA!”

por Solange Jurema - 4 de junho de 2014



Foto: Agência Brasil

Nada mais esclarecedor para um político do que a opinião pública e sua percepção da realidade, capturada pelas pesquisas. Ainda mais quando o registro vem de fora, de institutos e instituições livres de amarras ou de quaisquer suspeitas de manipulação.

Esse é o caso recente de duas pesquisas realizadas sobre o Brasil e o humor do brasileiro, uma pelo instituto norte-americano Pew Research Center e a outra, pelo Serviço Mundial da BBC, divulgadas nessa semana.

Em ambas, revela-se o descontentamento do povo brasileiro com o atual estado das coisas, tais como a inflação crescente; a violência absurda nas ruas; a saúde precária; o transporte público deficiente e a falta de combate à corrupção. Todos esses problemas foram devidamente registrados e traçam o painel do desgaste do atual governo da presidente Dilma Rousseff, e do pessimismo reinante em relação ao futuro do país.

As pesquisas constatarem o que se vê e escuta nas ruas: a insatisfação generalizada com a gestão econômica e administrativa do governo Dilma. Nada menos do que 72% das pessoas estão insatisfeitas com a situação do país, percentual bem maior do que captado em junho do ano passado, de 55%, quando as manifestações de rua tomaram conta do país.

Mais significativa ainda é a percepção da população sobre a influência negativa que Dilma exerce sobre o Brasil, e que alcança 52% dos consultados, contra 48% dos que a vêem como positiva. Em outras palavras: ela perdeu a confiança e a credibilidade dos brasileiros e em sua gestão econômica, que 67% consideram “ruim” .

No exterior, a percepção negativa do Brasil subiu de 21% para 26% em apenas um ano, como divulgou a BBC, que pesquisou cerca de 24 mil pessoas em 24 países. No país e fora dele, a imagem do Brasil não é boa e tende a piorar, com a incapacidade demonstrada pelo governo federal em cumprir seus compromissos e preparar o país para receber bem os turistas que vêm para a Copa do Mundo – só para dar um exemplo, o recém inaugurado terminal do aeroporto Internacional Juscelino Kubitschek, em Brasília, simplesmente alagou com a última chuva!

Então, presidente Dilma, não adianta querer responsabilizar a oposição, não adianta culpar e querer censurar a imprensa com códigos de conduta, ou criar conselhos populares para tentar controlar os movimentos sociais.

A insatisfação do brasileiro com a inflação, com o PIB próximo de zero, com a corrupção desenfreada e o temor do desemprego, que começa a subir, ganhará forma em outubro, nas urnas.

“POLÍTICA DE ESTADO, NÃO DE GOVERNO”

por Thelma de Oliveira - 30 de maio de 2014



Reza a boa prática política e social que autoridades públicas sejam respeitadas, sigam as regras básicas de civilidade e respeitem o cargo que ocupam, especialmente um relevante, como o de ministra de Estado.

Infelizmente, a ministra do Desenvolvimento Social e Combate a Fome, Tereza Campelo, não cumpre esses preceitos e, esquecendo sua posição, ataca duramente, com adjetivos toscos, a proposta do senador Aécio Neves de aprimorar o Bolsa Família, aprovada na Comissão de Assuntos Sociais do Senado, esta semana, após duro embate com o PT, que era contra.

Definir a proposta como “leviana”, “eleitoreira” e afirmar que ela “distorce” e “deforma” o Bolsa Família é um gesto autoritário e prepotente, vindo de alguém que deveria respeitar o cargo que momentaneamente ocupa.

Há de se ter postura, se respeitar a liturgia do cargo e a trajetória de um político do porte de um senador da República, ex-governador de Minas Gerais e ex-presidente da Câmara dos Deputados.

A pergunta que cabe, senhora ministra, com todo respeito, é aonde a senhora estava enquanto Aécio Neves trabalhava por Minas e pelo Brasil?

O povo mineiro sabe que ele, nesse período, estava levando aos mineiros mais necessitados a indispensável rede de proteção social que os retirasse – em vez de tentar mantê-los nela – da situação de carência social em que se encontravam.

A preocupação e a adoção de políticas públicas voltadas para os mais necessitados não é, senhora ministra, uma exclusividade do PT e de seus governos e nem seus dirigentes tornaram-se o “pai” ou a “mãe” dessas políticas sociais. Até porque não são eles os inovadores nessa área. Diversos governos tucanos, nos três níveis, criaram novos e bem sucedidos programas dirigidos ao povo carente.

Portanto, já passou da hora de entender que um programa como o Bolsa Família não é “propriedade” dessa ou daquela administração, como o PT e seus governos querem fazer crer à população.

O Bolsa Família é uma conquista do povo brasileiro, resultado de ações de governos anteriores, da sociedade civil, como o “Fome Zero” do presidente Itamar Franco e do Betinho, e a unificação dos programas assistenciais promovidos pelo presidente Fernando Henrique Cardoso.

Como bem propôs o nosso presidente tucano Aécio Neves, exatamente para evitar distorções de pensamento como a que o PT de-

monstra agora, é que o Bolsa Família deve ser uma permanente política de Estado e não de governo.

O projeto de Aécio retira de governos futuros a chance de usar o Bolsa Família como moeda de troca, assustando a população carente com boatos infundados. Os governos mudam, o programa permanece.

É assim que se faz Política; com “P” maiúsculo.

“UM APOIO LIBERTADOR”

por Solange Jurema e Thelma de Oliveira - 28 de maio de 2014



No dia em que reunimos dezenas de tucanas para discutir o nosso futuro nas eleições de outubro, a Comissão de Assuntos Sociais do Senado nos reservou uma grata surpresa: a aprovação do projeto de lei do nosso presidente, o senador Aécio Neves, que altera, para melhor, o Bolsa Família.

É uma grande conquista, um avanço social para as mulheres, para as mães e chefes de famílias em extrema miséria que dependem exclusivamente do auxílio financeiro do Bolsa Família e que eventualmente ultrapassarem a faixa de renda prevista pelo programa.

Ao propor extensão do benefício do Bolsa Família por mais seis meses, o projeto de Aécio Neves protege o cidadão das fortes oscilações do mercado de trabalho, por conta da péssima gestão da economia.

Em um momento ele pode estar empregado, no outro pode não estar. A extensão do pagamento por seis meses continuados é uma espécie de “trava de segurança” a esse trabalhador que não tem a indispensável estabilidade no emprego.

É uma proteção àqueles que são as maiores vítimas da atual política econômica, que faz a inflação crescer continuamente e que atinge mais diretamente aos que não dispõem de recursos e meios de subsistência.

A aprovação do projeto na Comissão do Senado também é uma clara e contundente resposta da Casa aos que tentam plantar mentiras, impregnar as mentes da população com informações falsas, propositadamente distorcidas com fins eleitoreiros.

Eles mentem para o povo porque temem a mudança de rumo do país, que chegará ainda esse ano. Mentem porque o modelo de assistência social está esgotado, exaurido e não cria perspectivas para o beneficiário.

São os mesmo que, como o PT, votaram contra a aprovação da proposta porque não querem conceder o apoio libertador para quem precisa. Que não querem esse avanço tão importante porque não aceitam mudanças e querem manter o status quo desse segmento dessa população vulnerável para fins eleitorais – em outras palavras, manter o voto de cabresto.

É o PT e alguns de seus aliados que impedem a aprovação de outro projeto inovador de Aécio Neves, que torna o Bolsa família em programa de Estado.

Eles são contra qualquer avanço e se esquecem de que o Bolsa Família surgiu da unificação de três programas sociais do governo tucano de Fernando Henrique Cardoso, o Bolsa Escola, o Bolsa Alimentação e o Vale-Gás.

Aos que mentem, aos que se esquecem, a Comissão do Senado deu a resposta que o povo brasileiro dará nas urnas em outubro.

**Solange Jurema é presidente do PSDB-Mulher*

**Thelma de Oliveira é a primeira vice-presidente do PSDB-Mulher*

“ATÉ QUANDO PERDEREMOS LOANES?”

por Thelma de Oliveira - 23 de maio de 2014



Foto: Gláucia Beatriz

Já reproduzimos aqui as dificuldades que milhares de brasileiras agredidas anualmente enfrentam, quando procuram apoio do Estado, especialmente nas Delegacias Especializadas no Atendimento da Mulher, as DEAMs.

Já se falou que são poucas delegacias, insuficientes para a quantidade de mulheres que diariamente sofrem agressões descabidas de maridos, ex-maridos, namorados e ex-namorados.

Já se disse que as DEAMs, em sua maioria, não possuem pessoal qualificado, especializado no atendimento a mulheres agredidas. Ou profissionais de diferentes especialidades para tornar o atendimento mais humano, multidisciplinar, e com os olhos voltados para a vítima, não para o agressor.

Tudo isso já foi dito, mas as palavras mudaram pouco essa realidade, tão cruel e injusta com as agredidas, carente da ausência do Estado, de sua omissão na prevenção e repressão ao homem agressor.

Símbolo dessa completa omissão governamental ocorreu na distante cidade de Caxias, interior maranhense, com o hediondo assassinato da escritã Loane Maranhão Thé, de 33 anos, morta ao colher o depoimento de um agressor, um estuprador de suas próprias filhas menores, dentro de uma delegacia da Mulher.

É um absurdo!

É uma afronta à dignidade da mulher brasileira!

É revoltante assistir a tanta desfaçatez, tanto descaso e falta de segurança com as mulheres.

Esse fato revela que, no Brasil, a realidade supera qualquer peça de ficção.

Como imaginar que uma mulher, trabalhando em uma delegacia especializada, ouvindo o depoimento de um agressor, pudesse perder a vida?

Nem o mais criativo roteirista conseguiria imaginar essa cena. Infelizmente não se trata de ficção e sim da brutal realidade da mulher brasileira e da omissão do Poder Público.

O caso de Loane é o mesmo de milhares de brasileiras, infelizmente. E se torna emblemático, pelas circunstâncias em que ocorreu.

Não basta, agora, rever as normas de segurança internas das DE-AMs ou divulgar notas de repúdio, como fizeram o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) e a Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM-PR).

É preciso ação, determinação política do Governo Federal para rever esse quadro, que pesa sob o ombro de cada uma de nós, ao vermos tantas mulheres abandonadas pelo Poder Público.

Até quando veremos Loanes serem mortas sem que nada aconteça?

“ABOLIÇÃO PARA A MULHER NEGRA!”

por Solange Jurema - 16 de maio de 2014



Foto: Corbis

O dia 13 de maio de 1888, data da atrasada libertação dos escravos no Brasil, ficou para sempre como um marco que encerrou uma das mais perversas páginas da história brasileira e da humanidade.

Passados 126 anos, há de se focar sobre o que ocorreu com a mulher afrodescendente no Brasil: sua posição na sociedade; suas dificuldades; as discriminações específicas que enfrenta por conta do gênero e da raça, no dia a dia de suas vidas.

Hoje, o Brasil conta com cerca de 50 milhões de mulheres negras, número superior ao das brancas e que representa cerca de um quarto da população do país.

É, sem dúvida, um considerável contingente que ainda está longe de ocupar, na sociedade brasileira, o lugar que lhe é devido.

Na política e na economia, as afrodescendentes sofrem inúmeras discriminações, comprovadas por dados estatísticos: ingressam mais cedo no mercado de trabalho, 75% delas sem carteira assinada e são as que mais pontuam as taxas de desemprego.

Segundo pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), a remuneração das negras é 40% menor do que a das brancas, com igual qualificação. No país, menos de 0,5% das empresas nacionais contam com mulheres afrodescendentes em cargos executivos relevantes.

Outro dado assustador: 61% das mulheres assassinadas no Brasil são negras, percentual que sobe para 87% no Nordeste, uma das regiões com o maior número de negros do país.

Há muito que mudar e o que fazer. No PSDB, o Tucanafro se mobiliza em todas as unidades da Federação para conscientizar a população; lutar pelo fim da discriminação; garantir cidadania aos afrodescendentes de maneira geral e para promover sua inserção na sociedade.

Sempre é bom lembrar que, em tempos em que os atuais governantes se consideram “pais” de toda boa obra no Brasil, Fernando Henrique Cardoso foi o primeiro presidente da República a abrir um espaço institucional aos movimentos de afirmação dos negros.

Depois da Marcha “Zumbi + 10” a Brasília, em 1995, o presidente Fernando Henrique teve a coragem de reconhecer a existência do racismo no Brasil e das desigualdades por ele provocadas.

Em novembro de 1995, o governo do PSDB criou o Grupo de Trabalho Interministerial Para a Valorização da População Negra, embrião de políticas públicas afirmativas e de um novo olhar para a questão racial no Brasil. Posteriormente, inúmeras destas propostas foram incluídas no programa nacional de Direitos Humanos (PNDH), inclusive com a adoção de políticas compensatórias para promover a comunidade negra na economia e na sociedade brasileira.

Fernando Henrique abriu espaço para um amplo debate sobre o racismo, especialmente na Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância, da ONU, em Durban, África do Sul. E, depois desse encontro, adotou as primeiras políticas de quotas nos ministérios, como o da Justiça, o Itamaraty, o Desenvolvimento Agrário e outros.

É antiga a preocupação do PSDB com a questão do racismo e a discriminação da mulher na sociedade brasileira, e já deu resultados positivos no avanço da luta de toda a sociedade contra qualquer tipo de discriminação.

“MÃES E SUAS PREOCUPAÇÕES”

por Solange Jurema - 9 de maio de 2014



Foto: Corbis

No próximo final de semana as famílias brasileiras vão se reunir para comemorar mais um Dia das Mães. Tradição secular, de origem religiosa, a homenagem ainda consegue congrega as famílias e, apesar do apelo comercial que adquiriu atualmente, evoca reconhecimento, gratidão e o aconchego de um bom almoço caseiro.

Desde a oficialização da data no Brasil, no governo Getúlio Vargas, em 1932, a mulher mudou drasticamente seu papel na vida política, econômica e social do país. Acumulou novas tarefas, sem abandonar a maternidade.

As mulheres já são 54,9% do mercado de trabalho brasileiro e mudaram o seu perfil de mães: deixam a maternidade para mais tarde e constituem uma família bem menor do que a de suas mães e mais ainda das avós.

Isso se deve, basicamente, à maior escolarização da mulher, ao aumento de sua renda e à maior participação feminina no mercado de trabalho.

Em que pesem todas essas mudanças de comportamento e de responsabilidades – cerca de 35% dos lares brasileiros são mantidos exclusivamente por mulheres – a maternidade retardada não impede que elas desempenhem bem todas as suas atividades, especialmente a de ser mãe. E o que almejam, o que querem as mães de hoje?

Querem o melhor para os seus filhos. Querem creches públicas seguras para que possam também trabalhar, como os homens fazem, sem preocupações com bem estar de seus bebês.

Querem um transporte público de qualidade, que garanta a seus filhos estudar e trabalhar sem passar horas mofando nos ônibus e metrô.

Querem uma excelente escola pública, que realmente os eduque, os forme e os torne cidadãos qualificados, capazes de competir no mercado de trabalho em condições de igualdade com os egressos de escolas particulares.

Querem cidades mais seguras, em que seus filhos possam se divertir sem preocupa-las, com a certeza de que retornarão à casa são e salvos.

Enfim, querem para elas e seus filhos, serviços públicos de melhor qualidade que as deixem mais tranquilas para serem mães.

“INFLAÇÃO E AUTORITARISMO, STF E DEMOCRACIA”

por Thelma de Oliveira - 25 de abril de 2014



Dois episódios nessa semana chamaram a atenção da opinião pública e mostraram como o atual governo age sempre no sentido de prejudicar a população e atentar contra o regime democrático.

O primeiro deles se relaciona com o crescente aumento de preços no país, especialmente nas gôndolas dos supermercados, com os alimentos disparando e alcançando patamares antes do Plano Real, que estabilizou a economia brasileira.

Só o preço do tomate já subiu 31,72% e o da batata inglesa 17,27%, até março desse ano, e revelam o descontrole e a ausência de uma efetiva política agrícola e de abastecimento no país. Sinalizam claramente que o governo se descuidou dessa tarefa essencial, que é a preservação do poder de compra da população.

Mas o que inflação tem a ver com um governo autoritário, como escrito anteriormente?

Tem a ver porque, segundo notícias veiculadas, a presidente Dilma Rousseff e a sua equipe econômica estariam discutindo a possibilidade de excluir os preços dos alimentos do índice oficial da inflação.

No Brasil, nos idos do regime militar, o então todo poderoso ministro da Fazenda, Delfim Netto, expurgou a “inflação do chuchu” do índice oficial de preços, “comendo” 26% do cálculo oficial de preços, surrupiando parte do reajuste salarial anual dos brasileiros – na época, o índice servia de parâmetro, de referencia para os reajustes salariais.

O outro episódio é alvissareiro. Trata-se da corajosa decisão da ministra do Supremo Tribunal Federal, Rosa Weber, que garantiu à minoria no Senado e no Congresso Nacional o direito de realizar a Comissão Parlamentar de Inquérito da Petrobras.

Em caráter liminar, ela acatou o pedido dos partidos de oposição e determinou que o Senado Federal instale a CPI da Petrobras, exclusiva, sem aqueles outros penduricalhos que só tinham a intenção de desviar a atenção da população e impedir uma investigação séria e profunda sobre a Petrobras.

É a afirmação da Democracia, o respeito a Constituição e a autonomia dos Poderes, com a garantia de que a oposição possa fazer o seu papel de fiscalizar a correta aplicação dos recursos públicos que, no caso da Petrobras, foram praticamente dilapidados.

O que os governos petistas fizeram com a Petrobras assombrou o mundo: em quatro anos reduziram o seu valor à metade! Pegaram a maior estatal brasileira e a rebaixaram do 12 lugar (décimo segundo) para o 120 (centésimo, vigésimo) entre as maiores empresas do mundo.

Ainda bem que vivemos num regime democrático, em que os Poderes exercem seu papel e há liberdade de imprensa e de expressão para evitarmos que um novo autoritarismo se impunha nas contas públicas e no Parlamento brasileiro.

“DAS DIRETAS JÁ! AOS “BLACK BLOC”

por Thelma de Oliveira - 17 de abril de 2014



Ainda ecoam pelas ruas e praças do Brasil, revividos pela mídia, o clamor do povo brasileiro gritando “Diretas Já!”, nas comemorações dos 30 anos do maior movimento popular do país em todos os seu mais de quinhentos anos.

É emocionante rever imagens dos comícios que reuniram milhões de pessoas nas principais capitais do Brasil, liderados por homens da estirpe de Franco Montoro, Mário Covas, Leonel Brizola, Ulysses Guimarães, Teotônio Vilela, Luis Carlos Prestes, para citar apenas aqueles que já nos deixaram.

Saudades, claro, do meu Dante de Oliveira, a quem o destino quis dar o nome para o movimento político que mobilizou a nação e deflagrou o retorno dela ao processo democrático. Um reconhecimento e uma linda justiça a todo o seu trabalho em favor do povo brasileiro e, em especial, ao do Mato Grosso.

Estão vivos na minha memória, no meu coração, aqueles momentos inesquecíveis, do medo da repressão de um regime autoritário à coragem de enfrentá-lo com a certeza de que o povo estaria junto com essas lideranças históricas.

Como esquecer a sociedade civil irmanada com a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), a União nacional dos Estudantes (UNE), todo o meio artístico?

Passados trinta anos, com um presidente deposto por corrupção, o Brasil caminha para uma efetiva Democracia, num tempo relativamente longo para nossa República, que infelizmente conheceu mais períodos autoritários do que democráticos.

Isso tudo, apesar das desilusões, das decepções, especialmente com aqueles vestais que se autoproclamavam “honestos”, “guardiões da moralidade” e que no poder há 11 anos tentam se apropriar do Estado brasileiro, dilapidando patrimônio público, como fizeram com a Petrobras, que perdeu a metade do seu valor de mercado em quatro anos!

Mas, assim como vimos milhares de jovens na Diretas Já! e no impeachment de um Presidente da República, com os “caras pintadas”, a juventude brasileira de hoje já está nas ruas cobrando dos donos do Poder ações mais efetivas para a solução de problemas inéditos.

tas como transportes público, saúde, segurança e o fim da corrupção.

As manifestações de junho do ano passado mostraram essa brutal insatisfação sobre a condução do país pelo governo petista. Em tempos de internet, redes sociais, facebook, twitter, Instagram, não se pode mais abusar do da paciência e do tempo dessa juventude, inquieta e sabedora do que quer.

Pesquisa do instituto Data Popular sobre a chamada “Geração C” mostram que esse segmento recém-incorporado à economia e a política brasileira sabe o que quer. Esses jovens frequentam escolas e querem dar um salto profissional em sua qualificação, em comparação com a dos pais.

No Brasil, a pesquisa estima que já são 23 milhões de jovens entre 18 e 30 anos (55% do total dessa faixa etária), que ganham salários de até R\$ 1.200 reais por mês e se transformam em formadores de opinião na sociedade brasileira e tem conceitos menos conservadores que seus pais.

Nas manifestações de junho passado, apresentaram slogans, faixas e palavras de ordem diferentes daqueles que partidos e organizações sindicais sustentaram ao longo do tempo.

Não reivindicam o fim da ditadura nem maior liberdade sindical, de imprensa ou salário maior. Reivindicam acesso aos bens e serviços públicos de qualidade, sabendo que sai do bolso deles, dos trabalhadores e empresários os recursos para os governos administrarem o que é público.

Querem, enfim, mais qualidade e eficiência dos governos e menos corrupção.

Na esteira deles vieram os “black blocs”, que com sua truculência e violência praticamente afastaram os manifestantes sérios e ordeiros. Não é a toa que pesquisa realizada pela CNT/MDA, em novembro passado, revelou que 93% dos brasileiros rejeitam as ações dos mascarados dos “black bloc”.

O movimento Diretas Já! nos ensinou que podem-se levar milhões de pessoas às ruas para reivindicar a mudança de um regime político sem a necessidade de ações truculentas e desvairadas, inócuas.

Sigamos construindo a nossa Democracia, sem violência, mas com ampla participação de nossa juventude.

“MULHERES JÁ!”

por Solange Jurema - 19 de maio de 2015



Assim, como no slogan, repetindo o apelo nacional pelas “Diretas Já!”, na década oitenta, as mulheres querem seu espaço na política institucional do país agora, lutando não só pela definição de uma política de cotas, mas também pela garantia de pelo menos 30% das vagas dos parlamentos brasileiros – das câmaras de vereadores ao Congresso Nacional.

E o momento dessa luta é agora, quando a Câmara dos Deputados começa a discutir uma proposta de reforma política que definirá os novos instrumentos político-partidários para a consolidação da democracia brasileira.

E a ação das mulheres deve também ser imediata. Por incrível que pareça, faltou sensibilidade política ao relator e o mínimo de sintonia dele com os milhões de brasileiras e brasileiros que foram às ruas protestar contra os desmandos do atual governo.

O relatório dele simplesmente ignora a ampliação da participação da mulher na vida político-partidária e institucional do país.

Como imaginar uma reforma política nos dias de hoje sem a presença de propostas que ampliem a participação feminina na política?

Como ignorar que milhões de brasileiras foram responsáveis pelos painéis que se espalharam pelas principais cidades do Brasil?

Não custa repetir, para quem parece fingir não ver, que as mulheres são a maioria da população e do eleitorado e já respondem sozinhas por 40% das famílias do país.

No entanto, na Câmara dos Deputados as deputadas eleitas são menos do que 10% do total de parlamentares na Casa, percentual um pouco maior no Senado Federal.

O mundo mudou, o Brasil mudou, as nossas mulheres, embora ocupem espaço em todos os setores de atividade, ainda encontram resistência em marcar presença no meio político, um universo predominantemente masculino no país.

É preciso mudar essa realidade. Há que aprovar incentivos que sejam realmente eficientes para a maior participação feminina na política, com adoção de regras que façam cumprir a cota obrigatória de 30% das vagas das cadeiras dos parlamentos nacionais para mulheres.

Não há outro caminho.

É questão de tempo; quanto mais demorar, pior para a população e para a nação brasileira.

**Solange Jurema é presidente do Secretariado Nacional da Mulher/PSDB*

“O BRADO RETUMBANTE DOS BRASILEIROS”

por Solange Jurema - 17 de março de 2015



Foto: George Gianni/PSDB

Oditado – “O pior cego é aquele que não quer ver” – encaixa-se perfeitamente na visão de alguns integrantes e seguidores do governo Dilma Rousseff, na avaliação que fazem das manifestações ocorridas no dia 15 de março, que mobilizaram cerca de 2,2 milhão de pessoas em pelo menos 160 cidades brasileiras.

Não se pode jogar pelo ralo uma mobilização desse porte, a maior desde a mobilização da campanha pelas “Diretas Já!”, com argumentos simplistas do tipo “terceiro turno”, “mídia golpista”, “retorno dos militares” ou outros refrãos vazios e sem conexão com a realidade que os brasileiros vivem nos dias de hoje.

Os brasileiros que ocuparam as ruas buzinaaram ou bateram panela deram o seu recado claro e limpo, sem qualquer outro entendimento: Basta!

Basta de corrupção, basta de impunidade, basta de preços altos, basta de promessas eleitorais não cumpridas, basta de perdas traba-

lhistas (mudanças no seguro desemprego) e estudantis (alterações do FIES), enfim basta de tanta mentira na televisão, nos pronunciamentos e na propaganda oficial do governo.

Isso não quer dizer (e nem o PSDB prega essa matéria) que já chegou a hora do pedido de impeachment da presidente da República e nem que se pretenda tirá-la da cadeira principal do Palácio do Planalto à força e à revelia das leis e principalmente da Constituição.

O que mobilizou esses milhões de brasileiros foi a indignação e a consciência deles de que os maus políticos, a política e seus atuais governantes não têm o direito de roubar tanto, de mentir tanto e ainda se julgarem no direito de usar a rádio e televisão para tentar convence-los de que o errado está certo, de que o mal feito tem conserto com outro mal feito.

As pessoas também deram outro recado simples em relação às ruas e às cores que as enfeitam: a praça é do povo e ele gosta do verde e amarelo que, sem preconceito, é a combinação preferida dos patriotas e daqueles que querem um Brasil realmente mais justo.

Esse é o verdadeiro brado do povo brasileiro!

No fundo, no fundo, tanto o governo quanto o seu partido hegemônico, o PT, perderam a sintonia com as ruas. Se nos últimos anos esse partido se considerava “dono” delas, agora se intimida em ver a população tomar conta do asfalto, sem qualquer palavra de ordem previamente emanada de seus mentores, boa parte deles hoje em regime semiaberto, ou investigada por envolvimento com o novo escândalo do “Petrolão”.

A sensação de impunidade, que o fato de todos os petistas, condenados pelo escândalo do Mensalão, estarem soltos transmite, pode

explicar o grito das ruas. As manifestações de junho de 2013 e as de 15 de março comprovam isso.

Felizmente, o povo brasileiro preferiu seguir as belas frases do escritor português, José Saramago, em seu livro “Ensaio sobre a Cegueira”: Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.

O atual governo prefere não enxergar e nem reparar. Segue o ditado, prefere ficar com as benesses do Poder e não “o pulsar das ruas”.

**Solange Jurema é presidente do Secretariado Nacional da Mulher/PSDB*

“A INFLAÇÃO NOSSA DE CADA DIA”

por Thelma de Oliveira - 11 de abril de 2014



Foto: George Gianni

O governo Dilma Rousseff continua mostrando sua incompetência em administrar o país e, mais uma vez, permite o retorno da inflação a níveis que desconhecíamos desde 2003.

A inflação de março chegou a quase dois por cento, um absurdo considerando que não ha justificativa plausível para isso, mesmo que

as intempéries naturais sirvam de desculpas – aliás, se elas influenciam a responsabilidade é do governo que não tem um plano de contingência, emergencial.

Mas, o pior de tudo, é que esse número não é o número real da inflação nossa de cada dia, aquela inflação que nós, donas de casas, enfrentamos nos supermercados, nos armazéns e quitandas.

O preço de alimentos em algumas capitais subiu a inacreditáveis 35% em um único mês!

Só quem vai pelo menos uma vez por semana sabe, sente no bolso, essa terrível alta de preços que atinge diretamente aos pobres, que sem condições de acompanhar a velocidade do aumento de preços dos gêneros alimentícios.

Como comprar batata se o quilo dela subiu 35% em março?

Ou o tomate, que ficou 32% mais caro nesse mesmo período?

Acompanhou essa corrida contra os mais pobres o aumento das hortaliças e verduras de maneira geral, que batem a marca de 11,5% de aumento!

Quem ganha bem tem mais condições de enfrentar essa escalada de preços. Mas quem ganha o salário mínimo, a maioria do povo brasileiro, tem mesmo é que, mais uma vez, apertar o cinto e reduzir seus gastos com alimentação.

E nós sabemos como resolvemos isso: trocamos a batata pelo inhame, o tomate por outros tempero mais barato, escolhemos as verduras e hortaliças mais baratas. Isso quando ainda temos uma margem de escolha porque, se a inflação persistir, perderemos a opção dessas alternativas.

É claro que o governo Dilma Rousseff tem completa responsabilidade por esse descontrole de preços. A política econômica desse governo, desde o primeiro mês, desdenha o combate à inflação, permitindo que haja um contínuo aumento de preços.

Tem sua responsabilidade ao aumentar os gastos públicos com obras questionáveis e superfaturadas, como demonstram os casos relatados pela imprensa recentemente. Um governo que acaba gastando mais do que arrecada.

O efeito disso é o que nós enfrentamos nas gôndolas dos supermercados. Um incrível aumento de preços que nos faz lembrar aquelas maquinasremarcadoras que na década de 80 faziam parte do nosso cotidiano, quando íamos a um supermercado.

É só lembrar os meses em que a inflação chegou aos 80% e que só foi inteiramente debelada quando o nosso presidente tucano, Fernando Henrique Cardoso, fez o Plano Real e estabilizou a economia do país.

Estabilidade que, infelizmente, é constantemente ameaçada pelo governo petista de Dilma Rousseff.

“BEM VINDA, MARIA, FALA, DILMA!”

por Solange Jurema - 4 de abril de 2014



Foto: George Gianni/PSDB

Maria é um nome comum no país, um nome que Milton Nascimento eternizou em sua música “Maria Maria” que mostra toda a força, a garra da mulher brasileira.

“Mas é preciso ter força, é preciso ter raça, é preciso ter gana sempre”, diz a letra da música-símbolo das Marias do nosso imenso território.

Mas nessa semana conhecemos mais de perto uma outra Maria, de outra nação e de boa estirpe, guerreira como nossas Marias, a venezuelana Maria Corina Machado, deputada cassada pelo governo do ditador Nicolás Maduro.

Com firmeza, porém sem jamais perder a ternura, a elegante Maria Corina deixou alguns ensinamentos em sua rápida passagem por Brasília, em audiência pública na Comissão de Relações Exteriores do Senado Federal, sempre acompanhada de parlamentares da oposição brasileira.

Maria Corina teve seu mandato arbitrariamente cassado pelo próprio presidente da Câmara de Deputados venezuelano, em um rito sumário e autoritário, bem típico de um regime que vive sob o manto da ditadura institucionalizada. A “Justiça” chavista manteve a condenação!

Seu suposto “crime” foi o de ir a uma reunião da Organização dos Estados Americanos (OEA), a convite do governo do Panamá, para denunciar a atual crise econômica, social e política que vive a Venezuela – espaço negado pelo governo de seu país.

Sem meias palavras, com a mesma coragem que enfrenta o governo chavista, Maria Corina cobrou do governo Dilma Rousseff uma postura sobre a situação vivida pelos venezuelanos, que tiveram cerca de 250 mil assassinatos nos últimos 15 anos de regime chavista, 98% deles sem esclarecimento. “Há uma violação sistemática e nociva dos direitos humanos”, resumiu.

A Maria venezuelana, com outra frase lapidar, denunciou a grave omissão e o silêncio do atual governo brasileiro sobre a repressão nas ruas, o fim da liberdade de expressão e de imprensa promovidos por Maduro: “A indiferença seria cumplicidade”.

Parabéns, Corina, a Maria da Venezuela que não tem medo de falar, que encara a ditadura com a mesma força, garra e gana da mulher brasileira.

A Presidente do Brasil poderia aproveitar a oportunidade da viagem e repudiar essas práticas autoritárias do governo venezuelano.

Fala, Dilma!

Solange Jurema é presidente do PSDB-Mulher Nacional

“A JORNADA AINDA É LONGA”

por Solange Jurema - 28 de março de 2014



Foto: Agência Brasil

Duas pesquisas recentes do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) trouxeram más notícias para a mulher brasileira. As informações reveladas mostram que ainda temos um longo caminho nessa nossa jornada para mudar a mentalidade da sociedade brasileira.

A visão machista da realidade social do país parece estar impregnada nos corações e mentes dos brasileiros, como revelam os números das pesquisas, bem como os dados relacionados com os estupros de meninas.

A primeira pesquisa do IPEA, “Tolerância social à violência contra as mulheres”, do Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS) do IPEA indica que nada menos do que 65% dos entrevistados concordam com a frase “mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”, um absurdo.

Em pleno século 21, a sociedade brasileira, ou quase dois terços dela, corrobora a ideia machista, conservadora e retrógrada de que as

mulheres são responsáveis pela violência sexual que sofrem, como se elas, de algum modo, a estimulassem com sua roupa.

Essa visão antiquada é reforçada com os dados de outra frase: 58,5% dos entrevistados concordaram com a expressão “se mulheres soubessem se comportar, haveria menos estupros”, outro absurdo.

O mais grave é que o apoio a essas duas afirmações está embutido a ideia de que as mulheres que se vestem de maneira interpretada como “provocante” merecem algum tipo de punição, de correção social ou mesmo agressão sexual.

Uma ignomínia!

O estudo revela ainda que quase 70% dos entrevistados concordam total ou parcialmente com a frase “o homem deve ser a cabeça do lar”. Trata-se de uma visão machista, patriarcal, que não mascara o comportamento dos homens que ainda veem a mulher como “subordinada” a seus desejos e vontades – embora se saiba que hoje elas são responsáveis por quase 40% dos lares brasileiros.

Certamente essa maneira obtusa de encarar o mundo e o papel de um homem e de uma mulher na sociedade levam a outra trágica realidade do Brasil: mais da metade das meninas estupradas, em 2011, são crianças de até 13 anos de idade, exatos 50,7%. Nada menos do que 89% das vítimas foram do sexo feminino, e crianças e adolescentes representam mais de 70%.

Esses números estão presentes no estudo do IPEA “Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde”, no ano de 2011, que traz outros dados absurdos da vida brasileira.

No país, nesse ano, foram notificados oficialmente 12.087 casos de estupro, somente aqueles casos em que a vítimas procuraram

atendimento médico-hospitalar. Na verdade, estima-se que ocorram cerca de 527 mil tentativas de estupro e que apenas 10% dos casos registrados na polícia.

Essa dura realidade mostrada pelo IPEA não pode nos esmorecer, mas devem servir para que possam aprofundar nossa reflexões sobre a realidade brasileira, tão complexa, contraditória e surpreendente.

Continuaremos em nossa luta e disposição para aqui, na trincheira do PSDB-Mulher, levarmos nossas reivindicações de maior participação da mulher na vida política, social e econômica do Brasil.

“JUSTIÇA FEITA”

por Solange Jurema - 27 de março de 2014



Foto e arte: George Gianni

Ao longo de seu mandato como governadora do Rio Grande do Sul (2006/2010), Yeda Crusius, foi implacavelmente atacada por seus adversários políticos na Assembleia Legislativa, nas ruas pelos sindicatos atrelados, e especialmente pelo Partido dos Trabalhadores, incrustado em cargos chaves da administração pública federal.

Yeda Crusius fez uma gestão exemplar, zerando o déficit público do Estado que era da ordem de R\$ 2 bilhões; fez uma operação YPO do Banrisul, a maior já realizada por um banco estatal até então.

Propôs a reforma da previdência estadual, um novo plano de cargos e carreiras para os professores, enfim, promoveu uma verdadeira revolução administrativa, mudando hábitos e costumes quase seculares nos governos gaúchos.

Com isso, contrariou interesses políticos, sindicais, corporativos e midiáticos. Teve coragem para fazer isso tudo e pagou um preço alto por isso.

Mesmo com uma gestão eficiente para consertar as contas públicas estadual, setores da mídia gaúcha aderiram ao verdadeiro complô que se formou no governo federal, com a manipulação e o uso descabido de informações coletadas pela Polícia Federal, gerida na ocasião pelo atual governador petista.

Com base em uma investigação da Polícia Federal, os adversários históricos de Yeda Crusius e do PSDB montaram outra farsa na Assembleia Legislativa, criando a CPI do Detran, que só serviu para tentar desgastar a imagem e o governo tucano nos pampas.

Durante seis meses as oposições e parte da mídia promoveram, diariamente, um verdadeiro assassinato de reputação do governo Yeda, bem ao estilo autoritário, fascista e mentiroso denunciado pelo ex-secretário nacional do Ministério da justiça, Romeu Tuma Filho.

Pois bem, nessa semana o juiz Loraci Flores de Lima acatou um pedido do Ministério Público Federal e arquivou uma representação criminal movida contra a ex-governadora por não haver “provas, indícios suficientes contra ela no processo”.

O arquivamento demonstra, de forma inquestionável, a inocência de Yeda Crusius, injustamente submetida a um assassinato de reputação dela e de seu governo.

Como diz o ditado popular, a “Justiça tarda, mas não falha”.

Yeda Crusius é honrada, um quadro do partido, uma gestora competente e a Justiça finalmente reconheceu, com a sua decisão, a honorabilidade de nossa ex-presidente e fundadora do PSDB-Mulher.

Longa Vida a Yeda Crusius!

“MAIS AÇÃO PARLAMENTAR”

Solange Jurema - 14 de março de 2014



A semana comemorativa do Dia Internacional da Mulher serviu para que a mídia de maneira geral focasse os temas relacionados com os graves problemas que enfrentamos no Brasil com a presença da violência, discriminação e preconceito em nosso cotidiano.

Um dos focos foi a tramitação no Congresso Nacional dos projetos de lei de interesse das mulheres e que tentam rever ou minimizar o trágico quadro de violência contra a mulher no país. Dois deles

mereceram destaque na atividade parlamentar nesse período e registraram conquistas para as mulheres: o PL 6296/13, da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) da Violência Contra a Mulher; e o CPC – PL 8046/10, que trata do novo Código do Processo Civil brasileiro. O presidente da Câmara dos Deputados, Henrique Alves, se comprometeu publicamente com a bancada feminina na Câmara dos Deputados a colocar na pauta de votação o PL 6296/13, que estabelece o pagamento de um salário para toda mulher de risco social provocado por comprovada situação de violência doméstica e familiar e impossibilitada de comparecer ao seu local de trabalho.

É um benefício com nome grande, mas também com enorme repercussão social chamado Auxílio-Transitório Decorrente de Risco Social Provocado por Situação de Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher. Seu valor será definido pela média aritmética simples dos maiores salários de contribuição correspondentes a 80% de todo o período contributivo.

O projeto é resultado do trabalho da CPMI, aguarda a votação do plenário da Câmara dos Deputados e garante por tempo indeterminado o auxílio das mulheres agredidas, que no Brasil chega a casa de quase três centenas. Sem dúvida é um avanço e os deputados federais o aprovarão para assegurar esse auxílio da Previdência Social.

Nessa mesma semana do Dia Internacional da Mulher a Câmara dos Deputados garantiu outra conquista para as mulheres brasileiras na votação do novo Código do Processo Civil: o PSDB e os demais partidos votaram a favor de uma emenda de toda a bancada feminina no Congresso Nacional que mantém o regime de prisão fechado para o devedor de pensão alimentícia.

Anteriormente, em sua tramitação no Senado Federal, havia sido aprovado para os homens devedores um regime de prisão semiaberto, o que representava um inaceitável retrocesso. Além disso, o novo texto assegura três dias para o devedor quitar o seu débito familiar e, se não o fizer, será preso. Pela nova redação, ele também poderá ter seu nome inscrito nos cadastros de inadimplentes como SPC e Serasa.

Essas duas conquistas mostram a importância do Parlamento num regime democrático e evidenciam como o trabalho conjunto da bancada feminina no Congresso nacional traz resultados concretos para a melhoria da qualidade de vida da mulher, que vive esses constrangimentos.

Reforça também a importância de nós, tucanas, nos prepararmos ainda mais e melhor para as eleições de 5 de outubro para garantirmos um número maior de mulheres nos poderes executivos e legislativos estaduais e nacional.

Com mais mulheres nas Assembleias Estaduais e no Congresso Nacional mais conquistas virão.

Vamos à luta!

Solange Jurema é presidente nacional do PSDB-Mulher

“OBRIGADA, SÉRGIO GUERRA”

por Solange Jurema - 7 de março de 2014



O Dia Internacional da Mulher, neste 8 de março, praticamente coincide com a data da perda de um grande líder tucano, o nosso ex-presidente nacional do PSDB, o Deputado Federal pernambucano Sérgio Guerra, que morreu no último dia 6.

Sérgio Guerra é um daqueles políticos que passará para a história política do Brasil, do Nordeste e de Pernambuco como um exemplo de tolerância, de diálogo, de compreensão, de entendimento e, principalmente, de muita sensibilidade com as lutas das tucanas.

É dele a assinatura da Resolução 1/13 da Comissão Executiva Nacional do PSDB, que garante a presença de pelo menos 30% de mulheres nas direções municipais, estaduais e da nacional, um avanço em nossa luta interna pela ocupação de espaços institucionais na vida partidária.

Com o total apoio e intensa participação dele, o PSDB-Mulher realizou o histórico encontro de mulheres em Pernambuco, que reuniu mais de 1.000 tucanas de todas as unidades da Federação, de todos os recantos desse nosso imenso Brasil.

Desse evento nacional surgiu a “Carta de Recife”, onde listamos nossas reivindicações e apresentamos nosso ideário de luta e que fundamentou a Resolução 1/13, assinada posteriormente por ele, depois de assumir o compromisso público com as tucanas.

Sérgio Guerra era assim: ouvia, acertava um “combinado” e depois o cumpria rigorosamente. Com ele, valia o que os antigos diziam “o fio de bigode”, palavra dada, palavra cumprida.

Esse apoio quase que incondicional de Guerra – porque ele também fazia suas ponderações firmes e pertinentes e nos convencia com os seus argumentos – resultou no excelente desempenho eleitoral do partido e especialmente das mulheres nas eleições municipais de 2012.

O PSDB elegeu 96 prefeitas, 83 vice-prefeitas, 726 vereadoras, um desempenho eleitoral superior ao pleito municipal de 2008, fruto da parceria do Secretariado Nacional do PSDB-Mulher comandado por Thelma de Oliveira, com Sérgio Guerra, numa sintonia em que todos ganharam: as mulheres, as tucanas, a sociedade, o partido.

Então, na semana do Dia Internacional da Mulher não poderíamos deixar de registrar nossa gratidão pública a tudo que ele fez pelas tucanas, pelas mulheres brasileiras, pelo Brasil e pelos pernambucanos, que o elegeram deputado federal e senador, reconhecendo seu trabalho e sua imensa capacidade política.

Coincidentemente, Sérgio Guerra nos deixou no mesmo dia de Mário Covas, em 2001, outro ícone do partido e também um homem e político sensível aos problemas da mulher – apenas para registrar, foi no governo tucano de Covas que as mulheres ganharam o direito de registrar em seu nome a casa ou o terreno concedido pelo Estado.

Portanto, tucanas, vamos comemorar esse Dia Internacional da Mulher com exemplo de dois tucanos que já nos deixaram fisicamente, mas que nos legaram um rol imensurável de exemplos para nossa jornada.

A luta continua!

Solange Jurema é presidente do PSDB-Mulher nacional

“NOSSA PREPARAÇÃO PARA A LUTA”

por Solange Jurema - 24 de fevereiro de 2014



Todas nós sabemos que este ano eleitoral é fundamental para o futuro do Brasil, do seu povo e especialmente para as mulheres que lutam por uma inserção feminina maior na vida político-institucional do Brasil.

Nós, tucanas, não podemos deixar de nos prepararmos de maneira constante e permanente para o novo desafio eleitoral que se apresenta em outubro para ampliarmos nossa presença nos poderes executivos e legislativos, como fizemos nas eleições municipais de 2012.

Por isso foi importantíssimo o seminário “Mulheres e Políticas Públicas”, que ocorreu na última semana em São Paulo, pelas tucanas paulistas com o apoio da Fundação Konrad Adenauer e do PSDB-Mulher Nacional.

Durante dois dias pudemos conhecer, discutir e debater pelo menos três temas importantes para nossa atividade político-partidária e suas implicações no cotidiano: o sistema político brasileiro, sustentabilidade e políticas públicas ambientais, a segurança e o mercado de trabalho para sob a ótica das mulheres. Conhecemos mais de políticas públicas voltadas para essas três questões essenciais para nossas vidas.

A legislação ambiental, a demarcação legal dos três entes federativos (União, Estados e Municípios) e as políticas públicas que podem minimizar a destruição ambiental predatória – conciliando o interesses de desenvolvimento econômico com a preservação do meio ambiente – é um desafio, como nos mostrou Selene Yuasa.

É necessária uma forte integração de políticas públicas federais, estaduais e municipais para que o meio ambiente seja preservado ao mesmo tempo em que investimentos econômicos possam gerar os necessários empregos para a população, ou seja, para que os recursos naturais possam ser usados de forma racional.

Desafio semelhante ocorre na questão da Segurança para as mulheres. Os dados apresentados pela especialista Tânia Pinc revelam que as mulheres continuam sendo assassinadas, em 90% dos casos por homens, dos quais 70% tiveram algum tipo de relação afetiva.

Ainda falta uma efetiva integração entre a União, Estados e Municípios, na adoção de uma política pública comum que preserve a

vida da mulher, que trate o agressor de maneira mais rigorosa e suas penas definidas de maneira mais rápida e efetiva.

Sem dúvida, é necessária essa integração assim como uma abordagem multidisciplinar sobre o tema – policial, jurídico, psicológico, de saúde pública – em que o Estado, em sua plenitude, realmente combata essa hedionda violência contra as mulheres brasileiras.

A pesquisa apresentada ao seminário pela socióloga Fátima Jordão mostra que 34% das mulheres consideram a falta de creche para o filho como o maior problema para conseguir um emprego.

Hoje, as mulheres brasileiras são responsáveis por cerca de 40% dos lares brasileiras, o que por si só revela a sua importância no cenário de mercado de trabalho, que poderia ser maior se o Estado pudesse prover a elas creches de qualidade – seriam necessárias 12 mil creches para abrigar as 10 milhões de crianças de zero a três anos de idade.

A pesquisa também aponta que creche e transporte público como as duas maiores demandas das mulheres para o Poder Público (16% cada) enquanto 75% das entrevistadas apontam que a existência de creches também ajudaria muito no dia a dia das mulheres.

Outro dado bastante relevante é o de que 91% das mulheres consideram essencial sua profissão e trabalho.

Discutir esse e outros temas, ouvir especialistas e tirar nossas próprias conclusões é o caminho certo e adequado para prepararmos as tucanas para o próximo embate eleitoral.

Meio Ambiente, Segurança, Mercado de Trabalho, Creches, Educação, Saúde, Transporte Coletivo, tudo isso são problemas presen-

tes no cotidiano da brasileira e temos que considerar que, nós mulheres, somos 80% dos usuários dos serviços públicos.

Cabe a nós, do PSDB-Mulher, nos prepararmos e apontar os caminhos para o eleitorado brasileiro e mudarmos a realidade do País.

**Solange Jurema é presidente nacional do Secretariado do PSDB-Mulher*

“O NOVO OLHAR DO SOL NASCENTE”

por Solange Jurema - 14 de fevereiro de 2014



O mundo se surpreendeu com a inusitada decisão do primeiro-ministro japonês, Shinzo Abe, de abrir mais 250 mil vagas em creches para que as mulheres do país do sol nascente possam matricular seus filhos e consigam manter uma vida profissional. A medida faz parte do programa japonês de reativação da economia. O objetivo dele é claro: criar condições básicas para que a mulher japonesa possa ingressar no mercado de trabalho.

Uma medida que, envolta em outras de cunho “econômico”, ganharam importância maior porque revelou a capacidade do governan-

te japonês de enxergar com “outros olhos” a importância e o papel da mulher na sociedade e na economia de um país.

Mais do que isso, mostrou sua sensibilidade em ousar a adotar um nova ótica de governo em relação a mulher. O plano de gestão de Shinzo Abe determina a extensão do direito a creches para todas as mulheres – mães solteiras, as que trabalham apenas meio período, as que procuram emprego e as universitárias. É uma quebra dos tabus locais.

Para estimular ainda mais a presença feminina nas empresas nipônicas, Abe a partir desta medida quer estimular as empresas a definir como meta a inclusão de pelo menos uma mulher na lista de integrantes da direção executiva da companhia. Também está no programa a ampliação da licença maternidade de um para três anos. Mas essa última proposta esbarra em resistências das empresas.

Essas ações governamentais pretendem fazer com a mulher japonesa seja inserida no mercado de trabalho de maneira mais rápida e eficiente. Atualmente menos da metade delas participa do mercado de trabalho, enquanto 83% dos homens fazem parte da força de trabalho.

Abe define esses gestos como uma imperiosa necessidade econômica e uma otimização da extraordinária capacidade intelectual japonesa que está sendo desperdiçada por conta de preconceitos seculares – nos cálculos oficiais, a incorporação desse segmento pode fazer com que o Produto Interno Bruto (PIB) do Japão cresça de 9% a 15% a mais.

No Brasil, as mulheres ainda convivem com a ausência de políticas públicas que lhes proteja no mercado de trabalho ou mesmo que

lhes crie condições de acessá-lo com tranquilidade, disponibilizando creches em quantidade e de qualidade.

Aqui, cerca de 10 milhões de crianças de zero a três anos estão fora das creches, sem abrigo e sem carinho, bem ao contrário que apregoa o governo em seu programa “Brasil Carinhoso”.

O governo precisaria construir cerca de 12 mil novas creches, tarefa inalcançável para uma gestão que em quatro anos não construiu mil unidades, apesar da promessa de campanha eleitoral de 6,5 mil novas creches no período 2010/2014.

Se existissem, de fato, políticas públicas que favorecessem a mulher brasileira a participar em melhores condições no mercado de trabalho, o resultado econômico também se faria presente.

Assim como no Japão, a estimativa é que o incremento de sua participação no PIB seria de 9% se elas tivessem o mesmo nível de emprego dos homens – o hiato é de 23 pontos percentuais, ainda muito alto.

O que falta aqui para abirmos nossos olhos é o discernimento, a ousadia e a visão de longo prazo para se perceber, com clareza, o que Abe já identificou: a mulher é o pilar mais importante e estratégico no pleno desenvolvimento político, econômico e social de uma Nação.

**Solange Jurema é presidente nacional do PSDB-Mulher*

“MEIO EXAME, COMPLETA INCOMPETÊNCIA”

por Thelma de Oliveira - 7 de fevereiro de 2014



Vice-presidente do Secretariado Nacional da Mulher

O governo de Dilma Rousseff consegue se superar a cada dia em suas atrapalhadas e na má gestão administrativa, desrespeitando os direitos básicos e elementares da mulher brasileira. É um desrespeito sem fim e que surpreende ainda mais por se tratar de um governo que tem uma mulher no comando.

A nova ação para as mulheres é a nefasta portaria 1.253/13, do Ministério da Saúde, que estabelece procedimentos e financiamentos para tratamentos no Sistema Único de Saúde (SUS) e que dificulta a realização de exames de mamografia preventivos ao câncer de mama para mulheres entre 40 e 49 anos.

É uma regra oficial que discrimina esse segmento e que, segundo estatísticas médicas oficiais, é atingida por um terço dos casos de câncer de mama de mulheres brasileiras – em alguns estados chega a ser 42% dos casos. Também é a com maior risco de desenvolver a

doença sem que o diagnóstico seja feito de maneira precoce.

Pela portaria, o SUS só arcará com as despesas de apenas uma “mamografia lateral”, ou seja, de somente um seio! Uma mulher, que tenha menos de 49 anos, que for atendida por unidade hospitalar credenciada pelo SUS, só poderá realizar o exame de uma mama. A outra mama está “fora da garantia”.

É surreal, é non sense, parece até piada, como se a mulher tivesse uma mama só! Mas infelizmente não o é.

O Instituto Nacional do Câncer (Inca) informa que o cancro de mama é o segundo de tipo mais frequente do mundo e responsável por 22% dos casos novos a cada ano. Em 2010, no Brasil, morreram 12.705 mulheres e 147 homens em decorrência do câncer de mama. Em 2011, foram 13.225 mortes pela doença.

A portaria é, também, ilegal porque a lei 11.664 garante, desde 2008, que o SUS deve assegurar a realização do exame mamográfico a todas as mulheres a partir dos 40 anos de idade.

Estão corretas, absolutamente corretas, as entidades de classe médicas que questionarão a portaria na Justiça assim como a recomendação que os profissionais de saúde continuem prescrevendo a mamografia completa e não a unilateral.

Não podemos aceitar passivamente que um burocrata, sentado em uma cadeira em uma sala de ministério, preocupado em apenas “fechar as contas” orçamentárias, decida cortar despesas com a saúde de milhões de brasileiras. Esse quadro é o retrato fiel do governo: insensível aos problemas do atendimento médico-hospitalar feminino.

Os governantes do PT esquecem que o câncer de mama é a principal causa de morte em mulheres no Brasil e no mundo. A estimativa é que, somente no decorrer deste ano, ocorram 57 mil novos casos – e a mamografia é o principal exame para detectá-lo precocemente e evitar óbitos.

Em outra direção, o governo tucano do governador de São Paulo, o médico Geraldo Alckmin, autorizou que mulheres entre 50 e 69 anos podem realizar mamografia sem receita médica – das duas mamas, é claro. No mês do aniversário, as paulistas podem se dirigir a um das 300 unidades hospitalares e realizar esse exame sem a necessidade de autorização médica prévia.

É mais uma conquista das mulheres brasileiras e um direito que somente um governo com sensibilidade política é capaz de reconhecer plenamente.

“MENSAGEM DE FIM DE ANO”

por Solange Jurema - 20 de dezembro de 2013



Queridas tucanas, amigos do PSDB. O Natal está batendo à porta e já sentimos a esperança renovada que o ano novo nos promete. Mas antes de abraçar 2014 gostaria de lembrar os feitos do PSDB-Mulher, em 2013.

Foi um ano de grandes desafios e muitas realizações. Em uma breve revisão de nossas atividades, destaco o Congresso Nacional do PSDB-Mulher, em maio, no Recife, que elegeu o novo secretariado para o biênio 2013/2014; a consolidação dos secretariados estaduais; os cinco encontros regionais (AL, SP, PA, GO, RS) e os cinco cursos de política para mulher, em parceria com a Fundação Konder Adenauer (SP, MG, RJ, BA, BSB); a campanha Outubro Rosa contra o câncer de mama.

E 2014 promete mais trabalho. As eleições majoritárias vão exigir um esforço redobrado das mulheres do PSDB. Além de eleger o presidente da república, teremos o desafio de aumentar o número de assentos do partido nos governos estaduais, Assembleias Legislativas

vas, Câmara dos Deputados e no Senado. E vamos lutar pelas candidaturas femininas. Chega de ser coadjuvante nas disputas eleitorais!

As mulheres levaram as duas últimas eleições presidenciais ao segundo turno. Somos 51% do eleitorado brasileiro. Por que não preencher e até superar a cota mínima de 30% no parlamento? O PSDB-Mulher vai oferecer as armas para quem quiser ir à luta. No próximo ano, o segmento feminino do partido, em parceria com a Fundação Konder Adenauer, irá promover curso de capacitação para mulheres candidatas. Uma contribuição para aperfeiçoar os conhecimentos em áreas consideradas relevantes, como agenda política, movimentos sociais e cidadania.

Despeço-me desejando um Natal pleno de alegria e paz ao lado dos que amamos. Para 2014, proponho que a frase da poetisa goiana, Cora Coralina, seja uma bandeira:

Eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida, removendo pedras e plantando flores.

Cora Coralina

Solange Jurema

Presidente do PSDB-Mulher

“JUSTO RECONHECIMENTO”

por Thelma de Oliveira - 19 de dezembro de 2013



A referência do nosso presidente Aécio Neves às mulheres no seu documento de 12 pontos, apresentado ao Brasil no começo dessa semana, é um importante passo e um estímulo para continuarmos em nossa luta por uma representação política feminina e pelo fim de todo tipo de violência, preconceito e discriminação contra a mulher.

Nosso presidente foi muito claro em suas palavras iniciais: “As mulheres devem merecer políticas estruturantes que garantam o fortalecimento dos novos papéis que exercem”. Aécio citou quais seriam os nossos diferentes papéis como mães, professoras, donas de casa, esposas, filhas, chefes de família e a necessidade de o governo olhar com responsabilidade e atenção a nossa emancipação e empoderamento.

Chamar a atenção pública nacional para a questão de gênero no Brasil e para a obrigação do Estado em ter um olhar próprio para as mulheres, revela a preocupação tucana e de seu maior dirigente em atuarmos efetivamente para mudar a realidade brasileira, em todos os âmbitos: econômico, político, social e de gênero.

Aécio Neves teve a sensibilidade de perceber que o Brasil não avançará se não houver mudanças na postura do Estado e da sociedade.

de em relação a mulher. Basta de violência contra as mulheres, basta de preconceito, de discriminação e da ausência de um estado atuante e preparado para lidar com as questões específicas de gênero.

Nunca é demais repetir que as mulheres são a maioria da população e do eleitorado brasileiros, respondem por quase 40% dos lares do país e, mesmo assim, encontram enormes dificuldades em sua afirmação pessoal e profissional como protagonistas do cotidiano brasileiro.

Na política, Aécio Neves, o PSDB e as tucanas lutam por maior empoderamento das mulheres. Internamente, o partido avançou nos últimos anos abrindo maior espaço de poder às tucanas filiadas.

Estamos realizando encontros municipais e estaduais, cursos de qualificação e seminários na nossa luta por maior empoderamento da mulher na vida nacional. Estamos nos preparando para repetir o desempenho recorde das eleições municipais de 2012.

Ano que vem teremos as eleições e estamos nos organizando, identificando e qualificando nossas candidatas para enfrentar mais esse desafio eleitoral, com a certeza e a convicção que o povo brasileiro dará mais Poder às mulheres e elegerá novamente um tucano para a Presidência da República.

Vamos a Vitória!

Thelma de Oliveira

Vice-presidente do PSDB-Mulher

“DE VOLTA AO LA MONEDA”

por Solange Jurema - 16 de dezembro de 2013



O Palácio de La Moneda ou simplesmente La Moneda é a sede da Presidência da República do Chile. Foi projetado originalmente para abrigar a Casa da Moeda, quando o Chile era uma colônia espanhola. Suas paredes são construídas com pedras muito grandes, chegando a mais de um metro de largura, para dar resistência à construção nos frequentes abalos sísmicos que ocorrem em Santiago. O La Moneda mostrou que é uma construção imune também a golpes de estados como o que apeou do poder o presidente Salvador Allende, em 11 de setembro de 1973. O edifício foi duramente bombardeado pelos canhões do Exército chileno e por aviões da Força Aérea chilena. Não sucumbiu aos anos de chumbo, a exemplo do povo chileno.

Sólida como o La Moneda, a socialista Michelle Bachelet, uma pediatra de 62 anos, que ocupa pela segunda vez a sede do poder chileno a partir de março, sofreu na ditadura de Augusto Pinochet: foi presa, torturada, teve o pai assassinado e amagou o exílio. Mas não

cultivou mágoas e o sentimento de revanchismo. Eleita pela primeira vez em 2006, Bachelet governou de forma democrática. Fez uma pausa de quatro anos. Lá não existe reeleição. Deu certo ou não, tem que passar a cadeira para outro.

O povo chileno aprovou a passagem de Bachelet pelo La Moneda, tanto que ela foi reconduzida, neste domingo, com 62% dos votos, para mais quatro anos de mandato. A segunda colocada, Evelyn Matthei, foi amiga de infância da nova presidente. Os pais eram oficiais da Aeronáutica antes de defenderem trincheiras diferentes na ditadura. O pai de Bachelet foi morto pelo regime militar. O de Matthei se tornou um dos principais colaboradores de Pinochet.

Duas mulheres, histórias cruzadas, caminhos separados, ideologias contrárias: uma de esquerda a outra de direita. Mas ambas mostraram durante a campanha bastante civilizada que a política não é uma questão de gênero. Necessita de preparo, competência e disposição para o diálogo com as forças de oposição. Saber lidar com as frustrações que a vida pública impõe.

Michele Bachelet terá uma árdua tarefa pela frente. Apesar de o Chile ter o modelo econômico mais bem sucedido da América Latina. A própria candidata eleita lista as urgências: reformas profundas na educação, tributos e na Constituição.

Outra missão: resgatar o interesse dos chilenos pela política. Na eleição desse domingo, menos de 50% dos eleitores compareceram às urnas, segundo a justiça eleitoral. O voto não é obrigatório no Chile. Fico pensando: não fossem mulheres, as duas concorrentes, a abstenção não teria sido maior?

A vitória de Michelle Bachelet é uma prova cabal de que o empoderamento das mulheres não é uma utopia. É uma necessidade.

Solange Jurema
Presidente do PSDB-Mulher

“O “PIBINHO” TAMBÉM É PROBLEMA NOSSO”

por Solange Jurema - 9 de dezembro de 2013



Persiste na sociedade brasileira a ideia, o senso comum de que as mulheres não entendem de economia, nem devem se preocupar com a situação econômica do país, o que é um grande equívoco de desinformação e atraso na maneira de ver a inserção mulher na sociedade de hoje.

Para quem ainda pensa assim, basta lembrar que somos 48,9% da População Economicamente Ativa (PEA) do Brasil e 47,8 milhões de mulheres no mercado de trabalho, além de sermos responsáveis por

cerca de 40% dos lares brasileiros, enfrentando grandes dificuldades.

Afinal, somos nós mulheres, as milhares de brasileiras que cotidianamente enfrentam inúmeras adversidades para manter em dia o orçamento de nossas casas, lutando contra a inflação, o aumento do preço da carne, da verdura, do ônibus – a cada ida ao supermercado, um susto com os preços. E que acompanha as incertezas do companheiro sobre a sua permanência ou não no emprego, com uma eventual redução salarial.

Portanto, o fraco desempenho da economia brasileira, o “pibinho” de 1% do ano passado e que deve se repetir nesse ano, nos afeta e sabemos disso.

O “pibinho” petista do governo Dilma Rousseff está diminuindo o ritmo da economia brasileira, que começa a dar seus sinais com a redução da produção industrial, do agronegócio, das vendas no comércio.

No mesmo sentido, o final do ano nos trará um déficit na balança comercial, outro triste desempenho do governo Dilma Rousseff que aponta para a redução de número de empregos, acentuada pela queda dos investimentos, que também ocorreu no último trimestre.

Não há, portanto, como imaginar que as mulheres passarão por esse quadro sem serem atingidas direta ou indiretamente pelo baixo desempenho dos indicadores econômicos.

Se a atividade diminui, o emprego se reduz e milhares de homens e mulheres perderão suas vagas no mercado de trabalho.

Se a inflação persiste, se o combustível sobe, isso significa que as despesas aumentam, sem que o salário acompanhe o mesmo ritmo.

Se o PIB não cresce a pelo menos 4% (uma taxa ideal básica), cerca 2 milhões de brasileiros ficam sem chances de trabalhar.

A isso tudo se deve somar mais uma nova e grave constatação, divulgada recentemente pelo Banco Central: as famílias brasileiras devem aos bancos nada menos do que 1,2 trilhão de reais, um número simplesmente estratosférico, recorde histórico. Lembramos que o excessivo consumo foi estimulado pelo governo petista para fugir da crise econômica mundial, desencadeada pelos Estados Unidos em 2008.

Podemos não ser economistas de formação, mas sabemos o que esses fatores representam em suas vidas e de toda a sua família. E não há ninguém com capacidade maior de “apertar o cinto” e arrumar a casa, como uma mulher.

Solange Jurema
Presidente do PSDB-Mulher

“NÃO AO RETROCESSO!”

Por Thelma oliveira - 27 de novembro de 2013



A Comissão Especial da Câmara dos Deputados que analisa a reforma do Código de Processo Civil brasileiro agiu na contramão dos interesses das mulheres ao aprovar o texto-base mudando o regime de prisão dos homens que não pagam a pensão alimentícia, bem como os prazos para pagamento delas – de três para 10 dias.

O mais grave é a nova proposta de Código Civil acabar com o regime fechado para semiaberto de prisão para os inadimplentes, inclusive permitindo a possibilidade dele cumprir a pena em casa, caso não haja como separá-lo de outros presos.

É um retrocesso inaceitável e que fere diretamente os interesses de milhares de mulheres e crianças brasileiras que dependem do apoio do ex-marido e pai responsável para manter a família.

O nosso cotidiano e, infelizmente, a crônica policial dos jornais estão repletos de casos e mais casos de mulheres que, abandonadas pelos maridos, penaram para criar e sustentar seus filhos de um rela-

cionamento amoroso em que o pai se manteve ausente não só afetivamente como financeiramente.

A prisão quase que imediata do mau pagador é umas poucas regras da legislação brasileira que resolve o problema, ou pelo menos cria condições para resolvê-lo, uma vez que o pai inadimplente rapidamente encontra os meios para por a sua obrigação em dia. Prende-o, o dinheiro aparece, como costuma repetir advogados de varas de família de todo o Brasil.

Abrir mão dessa verdadeira trava de segurança, nesse momento, é um equívoco que trará graves consequências para as mulheres brasileiras e seus filhos dependentes.

Tem toda razão, portanto, a bancada feminina na Câmara dos Deputados que vem reagindo com determinação a mais essa tentativa de por fim a um legítimo direito das mulheres.

Provoca mesmo indignação conviver com a possibilidade de se mudar uma legislação que funciona bem exatamente porque ex-maridos e pais ausentes sabem que podem ir para a cadeia se não cumprirem seu compromisso regularmente.

Num país em que poucas leis “pegam”, a prisão por falta de pagamento de pensão alimentícia é uma das poucas que “pegou” e que fez, pobres e ricos, amargarem as grades por não cumprirem corretamente com suas obrigações paternas.

Afinal, ela não permite aqueles infundáveis recursos do sistema jurídico nacional que protelam o cumprimento de decisões e pune artistas, jogadores de futebol, pedreiros, homens simples, sem qualquer privilégio oriundo de status social ou financeiro.

O PSDB-Mulher, nossas deputadas federais com a bancada feminina, continuarão lutando para que o plenário da Câmara dos Deputados não aprove essa retrógada proposta, um atraso sem precedentes numa conquista históricas das mulheres brasileiras.

Thelma de Oliveira

Vice-presidente do Secretariado Nacional do PSDB-Mulher

“SALVE O ESTADO DE DIREITO! SALVE A DEMOCRACIA E SUAS INSTITUIÇÕES!”

por Solange Jurema - 19 de novembro de 2013



De depois de oito anos, 11 dos condenados no Mensalão dormiram na prisão. E o PT não tem do que reclamar: partido que se dizia diferente, teve a sua cúpula patrocinando desvio de recursos públicos para o partido e, em alguns casos, para seu próprio enriquecimento pessoal.

Afinal, tudo o que PT sempre defendia e queria para a sociedade brasileira aconteceu:

- Políticos corruptos que usaram dinheiro do povo foram condenados e presos;
- Banqueiros que extorquiam ainda mais a população com juros altos e pagamentos de propinas, também foram para o xilindró;
- Publicitários que enganaram a população com a falsa propaganda de que o paraíso é aqui, também seguiram o mesmo caminho;
- Sindicalistas-pelegos que usaram a estrutura sindical para se perpetuar no poder também foram presos;
- Secretárias que não agiram como cidadãs e, ao invés de denunciar o “mal feito”, se locupletaram com ele, também estão encarceradas.

A democracia e seus instrumentos legais também funcionaram perfeitamente, como sempre desejou a sociedade brasileira e o PT.

A imprensa denunciou e investigou o caso com ampla liberdade de expressão e circulação de informações, incluindo a publicação de frases famosas como “fui traído” ou “eu não sabia de nada”, de um “inocente” presidente da República...

O Ministério Público desempenhou seu papel e fez as devidas e necessárias apurações, com autonomia e independência, o que o PT também sempre defendeu.

A Polícia Federal fez o seu trabalho com competência e determinação e investigou as denúncias, coletou provas e as apôs nos autos do inquérito, como sempre o PT desejou.

A Câmara dos Deputados instaurou processos internos e cassou o mandato dos parlamentares envolvidos, como sempre defendeu o PT.

Por fim, o Supremo Tribunal Federal se debruçou durante anos sobre o inquérito, o analisou, o discutiu e decidiu, dando direito pleno de defesa, como sempre apregou o PT.

Então, por que reclamar e espernear com falsas acusações de que há “perseguição política”, que há “arbitrariedade” e “desrespeito aos direitos humanos”?

Não há nada disso.

O que há é a prisão de ladrões, de empresários corruptores e de políticos corruptos que usaram seus cargos públicos para desviar recursos de toda a população.

O resto é demagogia.

Solange Jurema

Presidente Nacional do PSDB-Mulher

“É PRIVATIZAÇÃO, SEM VERGONHA!”

por Thelma de Oliveira - 25 de outubro de 2013



A população foi obrigada a assistir e a ouvir durante 8 minutos e três segundos na noite da última segunda-feira a uma envergonhada demonstração de mais um abuso do poder público pela presidente Dilma Rousseff.

Usando a prerrogativa presidencial de requisitar a rede nacional de rádio e televisão, Dilma fez uma enfática defesa da política do seu partido, o PT, na privatização do pré-sal, que ela inutilmente tentou convencer os brasileiros do contrário.

Assim como o PT, a presidente Dilma envergonha-se de admitir que seu governo está privatizando, através de concessões e partilhas, alguns setores e serviços e, agora, a maior bacia de pré-sal do País.

É privatização, sim, presidente, sem vergonha.

Não precisa ter vergonha e nem tentar esconder o sol com peneira. O povo brasileiro não é burro e nem trouxa. Sabe o que o seu governo está fazendo e começa a se conscientizar que foi enganado na eleição de 2010, quando a então candidata dizia que privatizar o pré-sal seria um “um crime”.

Aliás, nesse sentido, a presidente não inovou. Seu antecessor no cargo já fizera isso nas campanhas de 2002 e de 2006. Não só isso, mentiu ao eleitor brasileiro dizendo que o candidato tucano, se eleito, iria privatizar as estatais e o pré-sal (em sua campanha de 2010).

Então, presidente, não precisa gastar dinheiro público em rede nacional para ainda tentar, mais uma vez, enganar o povo brasileiro.

A bacia de pré-sal Libra foi, sim, privatizada. O petróleo é nosso, mas apenas 40% dele que vier da maior bacia do pré-sal, que ao longo de 30 anos irá fornecer de 8 a 12 bilhões de barris de petróleo.

Os outros 60% são de ingleses, holandeses, franceses e chineses e suas empresas que, juntas, irão investir na exploração e comercialização do petróleo extraído de Libra.

Se não houvesse a privatização, somente a Petrobras participaria do negócio.

Simple, assim, presidente.

Sem vergonha de ser feliz porque o país precisa de investimentos estrangeiros, de parcerias comerciais que beneficiem o país e seu povo, como sempre defenderam – sem nenhuma vergonha – os tucanos em todos os recantos do país.

“TEM QUE SABER FAZER BEM”

por Thelma de Oliveira - 22 de outubro de 2013



O país assistiu o governo Dilma Rousseff e o PT se renderem a um dos mais importantes preceitos da economia de mercado, que é a atração de investimentos para gerar empregos e renda. Fizeram o leilão do campo de Libra, o maior do pré-sal, com produção prevista de 8 a 12 bilhões de barris de petróleo em 35 anos.

Em português claro, privatizaram o pré-sal, atitude que a então candidata petista chamava de “crime”.

Passaram-se 11 anos para que o chamado Partido dos Trabalhadores e seu governo federal entendessem que o mundo está globalizado, que a economia é praticamente uma só e que o Estado – qualquer um – não dispõe de recursos para despesas pesadas como no investimento para exploração de petróleo na camada do pré-sal.

Renderam-se a um modelo já desenhado no governo Fernando Henrique Cardoso e que, com a privatização do sistema de telecomunicações, colocou o Brasil totalmente inserido no universo das redes sociais, da telefonia celular, nos tempos de smartphones.

O que seria do Brasil, hoje, se ainda tivéssemos aquele arcaico modelo de telecomunicações herdado do regime militar (e que ironicamente por vezes o governo Dilma revive) em que mastodontes estatais não respondiam à demanda da sociedade?

Mas, mesmo se submetendo à realidade econômica e política do mundo globalizado, o PT e seu governo Dilma Rousseff “privatizantes” não aprenderam como se faz.

Ela e o PT enganaram o povo nas campanhas presidenciais de 2002, 2006 e 2010 chamando os candidatos tucanos de “privatizantes”, que iriam privatizar essa ou aquela empresa, inclusive a Petrobras, que hoje, no modelo de leilão adotado, só terá 30% de participação no consórcio vencedor.

E não souberam desenhar um modelo próprio de privatização que atraísse de fato o investidor estrangeiro – somente 10 empresas petrolíferas se credenciaram para disputar o leilão, mesmo assim com receios e restrições.

E só houve uma proposta.

Na verdade não houve um leilão. Somente um consórcio se apresentou, levando o futuro petrolífero do Brasil sem concorrência, ganhando com o percentual mínimo de repasse de petróleo, variável que definiria o vencedor.

Isso porque as regras definidas pelo governo não davam garantias necessárias aos investidores, que preferiram não correr o risco de perder rentabilidade. Ou seja, esse governo não é confiável para o investidor estrangeiro pelas seguidas quebra de regras e pela sua permanente inconsistência e dúvidas em “privatizar” serviços/ con-

cessões sem assumir isso claramente, no discurso e no marco regulatório.

De outro lado, o modelo de partilha (em que a União fica com parte do petróleo extraído) adotado pela Petrobras define que a maior estatal brasileira detenha apenas 30% do controle do controle, de um empreendimento descoberto por ela, numa histórico trabalho de campo dos petroleiros brasileiros.

As próprias centrais sindicais e sindicatos atrelados ao governo petista questionam essa partilha, taxando-a de entrega da “soberania nacional”, mas essa é outra discussão.

Foram tratados como baderneiros e agredidos por um aparato repressor digno da ditadura militar.

O fato é que PT e Dilma quebraram, mais uma vez, as suas promessas de campanha. Fazem o que disseram, em três eleições presidenciais, o que nós, tucanos, iríamos fazer se fossemos vitoriosos.

Enganaram o povo, enganaram o eleitor, mas não enganarão mais por muito tempo.

Como já ensinava o presidente abolicionista norte-americano Abraham Lincoln: “Pode se enganar a todos por algum tempo; pode se enganar alguns por todo o tempo; mas não se pode enganar a todos todo o tempo.”

Os fatos estão aí, as privatizações também, assim como 2014 – falta menos de um ano para as eleições presidenciais, em que eles não poderão mais continuar enganando o povo. E nem cometer mais, aí sim, “crimes” contra o Brasil impunemente.

“REGISTRO EM CARTÓRIO, UM DIREITO INALIENÁVEL”

por Solange Jurema - 22 de outubro de 2013



O emocionante depoimento da jornalista Miriam Leitão sobre as dificuldades que enfrentou, na década de 70, no interior de Minas Gerais, para registrar seu filho é revelador da situação que vivem ainda hoje as mulheres brasileiras.

Uma lei retrógrada, anacrônica, machista e sem nenhum sentido ainda garante aos homens a primazia, a exclusividade, do registro de um recém nascido no Brasil. Um absurdo, uma inominável discriminação de gênero em pleno século XXI.

O Estado, com base na Lei 6.075/73, a Lei de Registros Públicos, ainda nos vê como incapazes de administrar nossa vida, nosso corpo e nosso próprio destino e daqueles que geramos.

Como aceitar que uma mulher não possa registrar o ser que ela mesma gestou durante nove meses em seu próprio ventre? E o homem, sim?

É inadmissível, é inaceitável.

A realidade da participação da mulher na vida brasileira nos dias de hoje não nos permite mais aceitarmos essa discriminação.

No Brasil, as mulheres respondem por 40% dos lares brasileiros, sozinhas!

Ocupam 46% do mercado de trabalho!

Ou seja, somos mais do que responsáveis, somos mais do que capazes, sérias e compromissadas com o futuro de nossos filhos e filhas. De registrá-los, dando-lhes o direito de uma certidão de nascimentos com o nome da mãe e do pai.

Defendemos, portanto, a imediata alteração da Lei de Registros Públicos, garantindo à mulher o direito, assim como já existe para o homem, de registrar a criança sem a presença do pai.

No começo do mês, a Comissão de Justiça da Câmara dos Deputados aprovou um projeto de lei nesse sentido, que pode seguir diretamente para a sanção do Presidente da República, a mulher Dilma Rousseff.

Quando for sancionada, o novo texto legal acaba com a incoerência, com a incongruência entre a Lei 6.051/73 e a Constituição e o Código Civil brasileiro, que preservam os direitos e as garantias da mulher, impedindo e punindo qualquer tipo de discriminação.

A Constituição deu a mulher os mesmos direitos e deveres na família e, portanto, uma lei menor juridicamente não pode afrontá-la. Também não cabem mais argumentos falaciosos como os de que algumas mulheres podem se aproveitar da nova regra legal e “falsificar” paternidade a terceiros. Eles partem do pressuposto de que a mulher mente.

Na verdade, durante séculos e mais séculos os homens fizeram exatamente isso, mentiram covardemente: usaram de todos os poderes que dispunham – político, familiar, econômico e social – para deixar de reconhecer a paternidade de crianças que padeceram em sua vidas, tidos como “filhos bastardos”. A literatura brasileira e universal é plena de casos desse tipo.

Mas o mundo agora é outro e, no Brasil, as mulheres assumem, cada vez mais, o seu papel na família, que inclui a obrigação de proteger os filhos do seu relacionamento.

“LULA, ANTES TARDE DO QUE NUNCA...(MAS CONTA TUDO COMO FOI...)”

por Thelma de Oliveira - 22 de outubro de 2013



O fundador, mentor, criador do Partido dos Trabalhadores, o ex-presidente Lula, finalmente assumiu algumas culpas, algumas responsabilidades e admitiu o que todos os brasileiros já sabiam: o

PT é um partido quem tem corrupção, que aos 33 anos de existência tem apego a cargos públicos e que “valoriza” o Parlamento.

A entrevista que ele deu ao conceituado jornal espanhol El País, no último final de semana, é revelador de como ele sabia da corrupção do seu partido, que ela fez parte do crescimento do seu partido ao longo de suas três décadas de vida na política brasileira.

Na definição dele próprio, de um partido pequeno, que cresceu e passou a ser grande, o PT apresentou os “defeitos” comuns a toda instituição e seus militantes se esqueceram dos tempos em que faziam campanha de graça, de manhã, de tarde e a noite.

Hoje, e Lula não disse isso na entrevista, o PT faz campanha com dinheiro público, processo que recrudescer na sua gestão como presidente da República. Disse que queria um partido que agisse de “maneira diferente” dos demais, mas não conseguiu, aliás sob seu comando.

Tanto as eleições de 2002 como, principalmente, as campanhas municipais de 2004 e as presidenciais/estaduais de 2006, o PT fraudou sua vitória com dinheiro público, como demonstrou o Mensalão e seus negócios – diversos diretórios estaduais do partido admitiram terem recebido dinheiro de “caixa 2” para suas campanhas, na verdade dinheiro público desviado!

O mais surpreendente na entrevista de Lula é que, apesar de tudo, ele ainda dá uma absurda fórmula de evitar-se a corrupção no governo: “ser 150% corretos” e não cometer erros.

Fica a pergunta: se roubar de maneira “correta”, que ninguém descubra, pode?

Ora, basta apenas cumprir a lei e ser correto sempre – 100% correto! Não precisa mais do que isso, o que Lula e seus colegas e companheiros de partido e de governo esqueceram ao longos últimos 11 anos no governo federal.

A cada semana, a cada dia, pipocam denúncias de corrupção nos ministérios do governo Dilma, como ocorreram no governo Lula. Um dia é o ministérios do Esportes, no outro é do Trabalho, na semana seguinte em algum fundo previdenciário estatal controlado pela máquina de fazer dinheiro do PT.

Mesmo assim, Lula queixa-se de que nenhum país do mundo tem tantos controles dos gastos públicos como o Brasil... Agora, imaginem se esses mecanismos de controle e fiscalização não existissem!

Como suposto “democrata” Lula admite conviver com a imprensa brasileira, apesar dela não apoiá-lo e nem falar bem dele como gostaria. Ele parece ter esquecido que nesses 33 anos de vida do PT o partido sempre contou com um generoso espaço da mídia quando seus dirigentes atiravam pedras no vidro alheio. Agora, no Poder, são vidraça e não aceitam a postura crítica da mídia. Em outras palavras, autoritários e prepotentes.

Exemplo desse viés autoritário é a crítica que Lula faz a imprensa brasileira que condenou previamente – “a prisão perpétua “ – alguns dos seus companheiros de partidos flagrados no Mensalão, uma tardia defesa daqueles que o preservaram no decorrer da investigação e julgamento no Supremo Tribunal Federal.

De qualquer modo, alguma autocrítica o ex-presidente Lula fez. Não contou, ainda, tudo o que sabe desses 33 anos do PT, mas revelou aos espanhóis e ao mundo a sua postura autoritária e arrogante, bem ao feito do seu partido.

“MULHER: PRESENTE, TAMBÉM, NA MEDICINA”

por Solange Jurema - 18 de outubro de 2013



Parece não haver mais nenhum setor importante da vida brasileira em que as mulheres não estejam presentes, com quantidade e qualidade.

No dia 18 de outubro, comemorativo ao Dia do Médico, devemos celebrar também a presença significativa das mulheres no universo da medicina brasileira.

Pesquisa do Conselho Federal da Medicina (CFM) aponta que as mulheres já são maioria entre os profissionais com menos de 29 anos – com exatos 53,315 do total.

É uma mudança, uma transformação que vem ocorrendo desde a década de 70, quando as mulheres começaram a ingressar de maneira massiva nos cursos de Medicina.

Só para efeito de comparação e de mudança desse mercado de trabalho, nas faixas etárias mais avançadas há uma inversão: entre os profissionais com mais de 70 anos, a pesquisa do CFM só contabiliza 18% de mulheres.

Já em 2009, ainda segundo o CFM, pela primeira vez mais mulheres do que homens entraram no mercado de trabalho.

Há portanto uma tendência de crescimento e em breve as médicas serão a maioria dos profissionais – atualmente, elas são 141 mil, o que representa 41% do total em todo o Brasil.

A femininização da medicina brasileira é uma tendência que reflete, também, uma tendência mundial de maior presença das mulheres nesse campo de atividade.

Levantamento da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em 2007, mostra que a proporção de mulheres médicas em 30 países estudados cresceu 30% entre 1990 e 2005.

Ou seja, em mais alguns anos teremos mais médicas do que médicos no Brasil, mais um motivo de orgulho e exemplo que deve ser propagado para mostrar, mais uma vez, nossa enorme capacidade profissional.

Viva o Dia da Médica.

Presidente nacional do PSDB-Mulher

“MÉDICAS, PROFESSORAS E O DESCASO FEDERAL”

por Thelma de Oliveira - 17 de outubro de 2013



Essa semana nos dá a chance de reconhecer e elogiar o trabalho de duas das mais importantes categorias profissionais do país: professores e médicos. Eles são verdadeiros heróis brasileiros, nas escolas e hospitais tão precários. Trabalham sob o manto do descaso federal.

Os primeiros nos dão a Educação e a formação para nos conduzir no decorrer de toda a nossa vida. Ninguém esquece a primeira professora, os primeiros ensinamentos.

Os médicos nos garantem a vida, o bem-estar, o tratamento necessário para podermos usufruir de uma boa saúde, superarmos eventuais doenças.

Nas duas profissões, as mulheres se destacam.

O Brasil tem 1,6 milhão de professoras só no ensino fundamental – 80% do total do corpo docente.

E temos 148 mil médicas, cerca de 41% do total.

Mas a situação de trabalho, as condições em que tanto as professoras quanto as médicas exercem a sua profissão são de péssima qualidade.

Não há uma efetiva preocupação do governo federal em garantir ao corpo docente do país condições dignas de trabalho. O salário é insuficiente, não há valorização da Educação, não existem creches e nem escola integrais aonde efetivamente poderiam educar crianças.

Mesmo assim, não deixam de cumprir o compromisso de formar brasileiros e brasileiras que recorrem ao ensino público esperando encontrar nele o caminho para ascensão social e profissional.

Com a classe médica a situação não é diferente. Vivemos o caos na saúde pública do Brasil, em qualquer unidades da Federação.

Corredores lotados de pacientes, falta de macas, de seringas, de enfermeiros, enfim de quase tudo. O caos!

Não bastasse isso, o governo federal os ataca covardemente, acusando-os de não querer ir trabalhar no interior e importa milhares de médicos estrangeiros para fazer esse papel.

E os traz atropelando a Constituição, entregando a população interiorana nas mãos de supostos profissionais que sequer fizeram o Revalida – prova que os habilita a exercer a profissão no Brasil.

Para efetivar esse seu programa eleitoreiro, o governo federal acabou com o poder dos Conselhos Regionais de Medicina de conceder o registro profissional.

Vale tudo nessa louca corrida para garantir votos em 2014!

É nesse quadro, nesse caos, que as médicas ocupam um espaço

maior na comunidade médica e sofrem ao ver tanta desorganização, tanto desserviço público no Brasil.

Por isso mesmo, professoras e médicas merecem nosso respeito.

1ª vice-presidente do Secretariado Nacional da Mulher

“O EMPREENDEDORISMO É NOSSO”

por Solange Jurema - 16 de outubro de 2013



A mulher brasileira sem dúvida nenhuma é uma guerreira. É uma batalhadora e um permanente exemplo de luta disposição e garra nesse nosso imenso país. Cuida dos filhos, da casa, sai pra rua, faz compras, trabalha fora e ainda cuida da afetividade do lar.

Com tamanha capacidade de se desdobrar, não é surpresa ver os novos indicadores do empreendedorismo no Brasil que apontam para uma expressiva participação feminina nesse segmento importante da economia brasileira.

Hoje, de cada dez empresas em atividade no setor, três são comandadas por mulheres.

O dado integra o Anuário das Mulheres Empreendedoras e Trabalhadoras em Micro e Pequenas Empresas, em parceria do Sebrae com o Dieese. O estudo analisou o perfil de gênero nos pequenos negócios com faturamento anual de até R\$ 3,6 milhões entre os anos de 2001 e 2011.

Nesse período, o número de empreendedoras no Brasil cresceu 21,4% enquanto a participação dos homens subiu apenas 9,8% no mesmo intervalo de tempo. O maior crescimento ocorreu na região Norte do país, com 80%, seguido da região Centro Oeste com 43%.

Mas é no Nordeste que as mulheres lideram o ranking de empreendedorismo. Mais da metade dos pequenos e micros negócios nordestinos pertencem a mulheres, exatos 51,8%, superando a média nacional de 49,6%, segundo dados de outra pesquisa, a do Global Entrepreneurship Monitor (GEM), em parceria com o Sebrae.

O perfil das mulheres empreendedoras que montam seu próprio negócio e começam sua atividade empresarial se divide entre aquelas entre 40 e 64 anos (52% do total) e jovens entre 18 e 39 anos (41,3%).

Nada menos do 40% delas são chefes de família e 70% delas tem pelo menos um filho.

O estudo revela ainda que as mulheres dão mais atenção aos clientes, investem mais em capacitação, sabem conciliar melhor do que os homens as atividades pessoais e profissionais. Elas são mais detalhistas, sensíveis e intuitivas, conseguem aliar as características de coragem, iniciativa e determinação, com a sensibilidade, intuição e cooperação.

Ou seja, tudo o que sabemos, fazemos e convivemos no nosso cotidiano a pesquisa retratou com precisão, dando números e perfis científicos à nossa realidade como mulher, mãe, profissional e empreendedora.

É resultado da maior participação da mulher no mercado de trabalho, na busca de novos desafios no empreendedorismo e mais um passo em nossa emancipação.

Mas só isso não basta. Precisamos mudar a nossa realidade nos nossos lares, dividindo mais as tarefas domésticas, por exemplo.

No mercado de trabalho exigir equiparação salarial, acabando com essa inaceitável discriminação salarial, que ainda persiste.

Do Poder Público, também exigir serviços públicos de qualidade, mais eficientes e com maior apoio com creches e escolas em tempo integral.

Aos pouco, nesse ou aquele segmento, vamos repetir o que ocorreu no empreendedorismo, que já é nosso.

Sempre com muito esforço, luta e dedicação.

Presidente nacional do PSDB-Mulher

“SALÁRIO AINDA DISCRIMINA”

por Thelma de Oliveira - 2 de outubro de 2013



Os novos dados da Pesquisa Nacional por Amostra por Domicílios (PNAD) de 2012 divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) na semana passada merecem uma reflexão mais apurada, especialmente sobre as informações relacionadas com a diferença salarial entre homens e mulheres no Brasil.

O Brasil continua sendo um país injusto e as políticas públicas da gestão petista nos últimos 11 anos não reverteu, como apregoam as peças publicitárias oficiais, os graves problemas nacionais, aqueles que dizem respeito diretamente à qualidade de vida da população.

O analfabetismo cresceu de 2011 para 2012. Agora, no país, existem 13,2 milhões de analfabetos, contra os 12,9 milhões registrados no ano passado. É claro que esses brasileiros não são cidadãos plenos, não tem condições de exercer plenamente a cidadania, pelo descaso do governo federal nos últimos anos, que não estabeleceu nenhum programa sério e contínuo para erradicar o analfabetismo.

Ainda falta infraestrutura essencial no país: 42,9% dos domicílios brasileiros não têm rede de esgoto, de saneamento básico, apesar de toda a propaganda oficial de que vivemos quase que num paraíso. É uma vergonha.

A péssima diferença de renda aumentou, apesar de discurso oficial em contrário, e a concentração de renda permanece inalterado, o que demonstra a falácia de que milhões de brasileiros vivem cada vez mais e melhor no Brasil da fantasia petista.

Nesse quadro do mundo real, o PNAD do IBGE trouxe novas e preocupantes informações sobre o preconceito contra a mulher no mercado de trabalho. Maioria da população, ocupando 40% dos empregos privados, a mulher continua recebendo menos do que o homem.

Em 2012, as mulheres tiveram um rendimento médio de R\$ 1.238, contra R\$ 1.698 dos homens. Ou seja, 72,9% dos obtidos pelo sexo oposto – no ano anterior, o rendimento das trabalhadoras representava 73,7% do valor recebido pelos homens. O rendimento médio das mulheres aumentou 5,1% no período, o dos homens subiu 6,3%.

Em português claro, no ano passado a mulher passou a receber ainda menos do que os homens recebem pelo trabalho que realizam, apesar de termos maior escolaridade e sermos a maioria nas universidades.

É um fato grave e que merece uma atenção especial de todas nós e das autoridades voltadas para a questão da mulher. Afinal, não deixa de ser surpreendente essa piora na comparação salarial entre os sexos, até porque o PNAD aponta uma elevação de 10,8% no salário

das trabalhadoras domésticas com carteira assinada (98% do total de empregados em residências) e de 8,4% para os sem carteira.

Resumo: há algo de muito errado no governo petista e seu mundo de fantasia.

“A DURA REALIDADE DA MULHER BRASILEIRA”

por Thelma de Oliveira - 1 de outubro de 2013



Os dados mais recentes da pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) sobre assassinatos de mulheres por violência doméstica, divulgados nesta semana, refletem uma quase que estagnação das mortes no Brasil nos últimos anos, mesmo com o advento da lei 11.340, a chamada Lei Maria da Penha, em 2006. A estimativa é de que, no período 2001/2011, 50 mil mulheres tenham sido assassinadas, o equivalente a 5 mil mortes por ano no Brasil.

De 2001 a 2006 – veja a tabela do IPEA abaixo – antes da lei entrar em vigor, a taxa de mortalidade para cada grupo de 100 mil

mulheres foi de 5,28. De 2007 a 2011, a média alcançou 5,22, uma pequena redução, aquém do que desejamos e gostaríamos.

Aparentemente, a nova legislação não intimidou os agressores já que a cada uma hora e meia uma mulher é morta no Brasil e um terço dessas agressões é realizada no âmbito doméstico, 40% cometidas por amigos íntimos.

No entanto, não podemos questionar a validade ou não da existência da Lei Maria da Penha como um instrumento de cerceamento à violência masculina contra sua companheira ou ex-companheira. Sem a lei, não tenho dúvidas de que essa dura realidade seria ainda pior porque não haveria qualquer tipo de constrangimento ou ameaça legal ao homem agressor.

Um dado estatístico que reforça essa avaliação, esse entendimento, é a redução de 5,02 para 4,74 da taxa de mortalidade para cada grupo de 100 mil mulheres assassinadas no Brasil de 2006 – ano da promulgação da lei – para 2007.

Naturalmente, a discussão em torno da Lei Maria da Penha, sua exposição na mídia, as promessas de autoridades a colocaram em tal evidência que, nesse primeiro momento, se tornou um freio-motor na covarde agressividade masculina. Mas é preciso mais ações efetivas do Poder Público.

Todos nós sabemos que a existência de uma lei não é suficiente, por si só, para conter uma tradição cultural arcaica do homem brasileiro de ver a mulher como sua “propriedade,” sem respeitar sua liberdade, sua autonomia, seu direito sagrado de fazer o que considerar melhor para a sua própria vida.

As ações do Poder Público devem reunir Judiciário, Legislativo e Executivo em trabalho conjunto, contínuo e permanente para extirpar de vez da vida das mulheres brasileiras esse indesejável e brutal comportamento masculino.

Começa, por exemplo, na necessidade do currículo escolar contemplar a discussão dos gêneros numa ótica de, desde a infância, meninos e meninas conviverem com mútuo respeito, com direitos e obrigações iguais nesse relacionamento, no campo familiar, de trabalho e na sociedade.

O Brasil precisa de mais Delegacias Especializadas no Atendimento a Mulher, de promotorias e varas no Judiciários específicas e voltadas para o combate a violência contra a mulher, e de leis ainda mais rigorosas e eficazes na punição ao feminicídio.

Nossa luta continua.

“COM AS BRAVAS TUCANAS DO NORDESTE”

por Solange Jurema - 17 de setembro de 2013



No próximo dia 20, sexta-feira, estaremos em Maceió (AL) reunindo as tucanas dos nove estados brasileiros que compõem o Nordeste para discutir, abertamente, como mobilizar as bravas mulheres nordestinas para a nossa jornada em defesa da mulher e das propostas do PSDB.

É o primeiro grande encontro regional do PSDB depois da posse de nosso presidente senador Aécio Neves, que no dia seguinte estará presente conosco para definirmos ações de todo o partido para fazê-lo ainda mais forte na região, preparando-nos para as eleições de 2014.

Como se sabe, as mulheres são a maioria da população e dos eleitores brasileiros, embora nossa representação política no Congresso Nacional, por exemplo, seja inferior a 15% do total de 594 parlamentares, entre os 81 senadores e 513 deputados federais.

No Nordeste não é diferente. As mulheres são a maioria da população e de eleitores. Somos 3,4% a mais de mulheres do que de homens na região – 51,7% dos 54,2 milhões de nordestinos são mulheres contra 48,5% de homens. Percentual superior ao do Brasil – 51,5% contra 48,5% da população total do país.

No entanto, só temos duas mulheres governando, apenas 2 senadoras e 10 deputadas federais. Certamente é uma representação pífia diante de nossa maioria na população nordestina.

Esse será um dos temas que iremos discutir, nos dias 20 e 21 de setembro, para mudar radicalmente esse quadro. Vamos debater e decidir como nos mobilizarmos cada vez mais para atrair um número cada vez maior de mulheres, de lideranças municipais e estaduais, para se engajarem no PSDB e trabalhar contra a violência, a discriminação e o preconceito contra as mulheres.

O PSDB-Mulher quer mudar a regra eleitoral brasileira e ampliar a presença de mulheres nos legislativos – Câmaras de Vereadores, Assembleias Legislativas e Senado e Câmara dos Deputados – e já encaminhou à direção nacional do nosso partido que 30% desses parlamentos sejam obrigatoriamente preenchidos por mulheres.

O caminho para alcançar isso é o nosso PSDB também encampar, nacionalmente, a proposta de as candidaturas partidárias sejam paritárias – 50% das vagas para mulheres, como deseja o povo brasileiro.

O rumo é esse e somente a nossa presença nas lutas partidárias, nossa discussão e nossa mobilização garantirá essa reivindicação, que vai ao encontro do que a população brasileira quer, como demonstram os resultados de pesquisas de opinião.

A pesquisa do Instituto Patrícia Galvão/Ibope indicou que 71% dos brasileiros considera a reforma política importante para que as mulheres conquistem 50% das vagas nas candidaturas do partido.

Mais: 78% concordam que os partidos devem apresentar uma lista de candidatos com metade de homens e metade de mulheres. E que oito, entre dez brasileiros, considera que, sendo as mulheres a maioria da população brasileira, elas deveriam ocupar metade dos cargos legislativos.

Nessa mesma pesquisa, nada menos do que 74% deles acredita que só haverá verdadeira democracia no Brasil com maior presença das mulheres na política; e 73% defendem punição aqueles partidos que não fizerem isso.

Ou seja, esse é o desejo do povo brasileiro, é a vontade do povo brasileiro. E, como diz o dito popular, a voz do povo é a voz de Deus.

E eu acrescento: é a vontade das tucanas do Nordeste e do Brasil.

Presidente nacional do PSDB-Mulher.

“SUPERAR A POBREZA, NÃO ADMINISTRÁ-LA PARA FINS ELEITORAIS”

por Solange Jurema - 9 de setembro de 2013



Não interessa muito à população carente que recebe ajuda do Estado a discussão sobre quem começou ou não os programas assistenciais no país, embora a História registre que os programas recentes surgiram no governo tucano de Fernando Henrique Cardoso.

O que interessa aos milhões de brasileiros que ainda estão na faixa da miséria absoluta e dependem quase que exclusivamente do apoio estatal é a garantia de que isso não lhes faltará até que possam caminhar com as próprias pernas.

O PSDB, desde a sua fundação, sempre se preocupou com o que comumente se chama “porta de saída” para os beneficiários dos programas sociais. Nunca os usou para manter os atendidos em uma rede que os aprisionasse por anos e anos, garantindo sua subsistência e a troca pelo voto.

Também nunca usou a publicidade para enganar o povo e nem maquiagem a realidade, que ainda é dura para a maioria da população brasileira. Não fizemos programas sociais de marketing, daqueles em que se gasta mais com a sua divulgação do que como o próprio programa.

Muito menos fazemos promessas vãs para ganhar votos, se eleger e esquecer-las nos escaninhos da burocracia. O governo Dilma, por exemplo, disse que construiria 6,8 mil creches e até agora não alcançou duas dezenas; prometeu 500 UPAs (Unidades de Pronto Atendimento) e só entregou 12 – para ficar nesses dois exemplos.

Nosso partido tem os olhos voltados para o futuro do país e mais ainda para construir o futuro daqueles que hoje ainda vivem sem trabalho, sem renda, sem educação e saúde. Que não têm futuro e oportunidades.

O novo Portal Social do Brasil, o PSDB (www.portalsocialdo-brasil.org.br) retrata a maneira como os governantes tucanos criam e mantêm seus programas sociais.

A criação de oportunidades, a qualificação profissional básica e a inclusão social são marcas inalienáveis do tucanato. Temos propostas e experiências que deram certo e nos estimulam e nos desafiam a avançar nessa área. Não tememos o debate social porque temos muito o que mostrar.

Como bem disse o nosso presidente Aécio Neves, não queremos administrar a pobreza e constituir um feudo eleitoral. Queremos discutir propostas e ações para superar a pobreza e não a sua manutenção e administração para fins eleitorais, como faz o governo petista.

Presidente nacional do PSDB-Mulher

“O RELATÓRIO, A VIOLÊNCIA E A IMPUNIDADE”

por Solange Jurema - 6 de setembro de 2013



Com toda a pompa e circunstâncias, a presidente da República, Dilma Rousseff, recebeu das mãos de parlamentares o relatório final da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) do Congresso Nacional sobre a violência contra as mulheres no Brasil, um calhamaço de mais de mil páginas.

Os números, como se previa, são alarmantes e confirmam o que todos já sabiam: é permanente e crescente as mais variadas formas de violência contra as mulheres, inclusive a que tira a vida de milhares de brasileiras anualmente – são 4,6 assassinatos para 100 mil mulheres, um dos maiores do mundo.

Mas as pompas e as honrarias da solenidade não podem apagar a omissão do Poder Público brasileiro, especialmente do governo federal, em agir de maneira preventiva no combate à violência, e da Justiça em punir com severidade os bárbaros assassinatos cometidos e que permanecem impunes.

O relatório é importante porque contém um completo diagnóstico do que acontece em todas as unidades da Federação: a constante agressão que as mulheres sofrem de companheiros, ex-companheiros, namorados, ex-namorados, sem distinção de região, de idade ou de poder aquisitivo.

No rolde sugestões da CPMI, uma delas se destaca, que é a de um projeto de lei que tipifica o crime de “feminicídio”, incluindo-o no Código Penal como agravante para o homicídio. É um avanço que pode intimidar os homens agressores e permitir que a Justiça cumpra, com mais rigor e determinação, as punições para eles.

Não podemos mais assistir casos como o do jornalista Pimenta Neves, que matou sua ex-namorada, a também jornalista Sandra Gomide, pelas costas, por ciúmes e, depois de 13 anos, recebeu o salvo conduto e cumprirá sua pena em regime semiaberto.

Esse caso é emblemático e mostra como a legislação brasileira e a Justiça estão caducas e anacrônicas em relação ao combate a esses bárbaros crimes, inaceitáveis e repugnantes.

Como se vê nesse caso, no Brasil, tira-se a vida de uma jovem mulher de 35 anos por motivo fútil, o julgamento demora 11 anos e, alguns meses depois da condenação, por “bom comportamento” e usando artifícios legais, consegue-se a liberdade em regime semiaberto.

É uma afronta a todas nós, à sociedade brasileira, à Justiça e ao próprio Congresso Nacional e seu relatório da CPMI – ainda mais que a decisão da Justiça paulista ocorreu menos de dez dias de toda a pomposa solenidade de entrega do documento à presidente da República!

“LONGO CAMINHO A PERCORRER”

por Solange Jurema - 23 de agosto de 2013



É inegável que nas duas últimas três décadas as mulheres brasileiras conquistaram importantes espaços históricos na vida social, política e econômica do país, mas também não há como negar que ainda temos um longo caminho a percorrer.

Lutamos pela igualdade de gêneros, pelo fim da violência contra a mulher, contra o preconceito e a discriminação em todos os campos da atividade humana. Disso não arredamos o pé, por mais que existam incompreensões, visões equivocadas e atrasadas em nosso dia a dia, seja em casa, na rua ou no local do trabalho.

Uma pesquisa divulgada nesta semana, pela empresa de recrutamento Catho, revela o quanto temos que caminhar para que o Estado, a sociedade, as empresas e nossos companheiros reconheçam nosso direito de ocupar um lugar no mercado de trabalho, sem discriminação.

Essa pesquisa revelou o que já sabíamos, mas numa dimensão maior, ainda mais discriminadora contra a mulher brasileira: mais da metade delas deixa o mercado de trabalho para se dedicar exclu-

sivamente ao filho. Nada menos do que 53% das mulheres que tem filho deixam o emprego e apenas 18,6% delas retorna ao mercado de trabalho.

E esse retorno é lento e demorado. Cerca de 25% delas só consegue retornar ao mercado de trabalho depois de um a dois anos. Especialistas apontam diferentes razões para essa demora, mas basicamente a pesquisa indica que as mulheres esperam a criança conseguir uma certa autonomia, ao completar um ano de vida, e acaba por aceitar propostas salariais inferiores ao que recebiam antes da maternidade.

Até mesmo nesses casos há um preconceito do mercado em acolher o retorno da mulher comparativamente ao homem: de seis meses contra cinco.

Mas a pesquisa trouxe boas novas para as mulheres brasileiras. Elas aumentaram significativamente sua presença nos cargos diretivos das empresas, com crescimento médio de 60% – entre 2002 e 2013 – nas funções de gerencia, de coordenação, especialmente nas áreas de medicina, recursos humanos, educação e administração pública.

Mesmo assim ainda temos um longo caminho a percorrer no mercado de trabalho. Somos 45% desse mercado, porém ocupamos apenas 7,9% dos cargos de diretoria, 7,7% dos conselhos de administração e 3,5% dos cargos de presidente.

É um longo caminho a percorrer.

“AINDA HÁ MUITO PRECONCEITO”

por Thelma de Oliveira - 23 de agosto de 2013



As pesquisas e estudos de qualquer ordem sempre servem para nos mostrar, com dados precisos, qual é a realidade de um determinado momento, de um determinado segmento. Portanto, não podemos deixar de vê-las e extrair informações que nos permitam agir de maneira mais correta para corrigir injustiças.

É esse o caso do estudo do DIEESE realizado a pedido do jornal O Globo que revela que as mulheres e os negros são os mais discriminados no mercado de trabalho brasileiro, mesmo em uma situação em que a taxa de desemprego é relativamente pequena.

Nele, constata-se que as mulheres e os negros são a maioria entre os desempregados e ainda mais numerosos entre aqueles que procuram um novo emprego há mais de um ano.

As mulheres são 53,9% do total de pessoas que procuram emprego há menos de um ano, percentual que sobe para 63,2% quando se referem aqueles que estão desempregados há mais de um ano.

O estudo indica uma aparente contradição, na verdade um quadro dramático: quanto menor a taxa de emprego do país, maior é a discriminação contra as mulheres e os negros.

Segundo o DIEESE, em 1999 quando a taxa de desemprego estava próxima dos 20%, mulheres e negros representavam cerca da metade dos desempregados há mais de um ano. Em 2012, quando o desemprego estava na casa dos 10%, as mulheres e negros nessa situação representavam cerca de 60%.

Essa perversa discriminação se tornará ainda mais crítica nos próximos meses, quando já surgem os fortes indícios de piora do mercado de trabalho. Porque, também nesse caso, os segmentos mais atingidos na demora para a reinserção no mercado de trabalho são as mulheres e os negros, os grupos sociais mais vulneráveis. As mulheres mais afetadas são as com baixa escolaridade, pobre e com filhos pequenos.

Paralelamente a esse quadro, vive-se em um país em que o governo federal não possui qualquer política pública voltada exclusivamente para esses segmentos. Não há um adequado programa de qualificação e requalificação profissional, nem mesmo um diagnóstico das razões e fatores discriminatórios.

Esse governo jamais teve e nunca terá a mulher como prioridade em suas políticas públicas, infelizmente.

**Primeira vice-presidente do PSDB-Mulher*

“IDH DOS TUCANOS É MELHOR”

por Thelma de Oliveira - 16 de agosto de 2013



Os recentes dados do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) do Brasil constataam que os prefeitos tucanos e as cidades administradas por eles detêm as melhores qualidades de vida do país, segundo levantamento do jornal Folha de S. Paulo.

É mais uma importante informação que confirma o que os números do IDHM já apontavam: a melhoria de qualidade de vida no Brasil foi maior no governo de Fernando Henrique Cardoso do que nos governos petistas que o sucederam, apesar de toda a demagógica propaganda oficial do governo federal nos últimos 10 anos.

Em um ranking elaborado pelo jornal paulista, o PSDB é um dos partidos brasileiros mais bem qualificados, com uma média de IDHM de 0,677 nas cidades governadas pela legenda.

O estado de São Paulo, governado pelos tucanos há quase vinte anos, possui 28 dos 50 municípios mais desenvolvidos do país, uma marca que não espelha só o poderio econômico dessa unidade da Federação.

O jornal cita como destaques duas cidades paulistas administradas por tucanos: Águas de São Pedro em segundo lugar, e Santos, a sexta colocada, no ranking nacional.

O resultado altamente positivo para o PSDB é, principalmente, o reflexo de como os tucanos gerem os governos, seja federal, estadual ou municipal: voltados para a melhoria da qualidade de vida da população, focando a administração na Educação, Saúde e Segurança, que garantem uma maior longevidade e melhor distribuição de renda.

Assim foi no governo Fernando Henrique Cardoso que implantou o Plano Real, o Fundef, a rede de proteção social sem demagogia e nem clientelismo com os programas Bolsa Escola, Vale Alimentação e Vale Gás, que mais tarde se transformaram no Bolsa Família, numa tentativa petista de patentear a ‘paternidade’ de ações sociais no Brasil.

É uma vitória e uma conquista que nos deixa, tucanos de todos os rincões do país, ainda mais confiantes na determinação de que realmente estamos no caminho certo ao assumir a responsabilidade de conduzir os destinos daqueles que nos elegeram.

Os dados são inquestionáveis e para qualquer comentário em contrário, qualquer proselitismo petista, vale a frase do nosso presidente de honra:

“Verdades da História sempre vencem a propaganda política populista”, escreveu no Facebook o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

**Primeira vice-presidente do PSDB-Mulher*

“A VITÓRIA DA DEMOCRACIA”

por Solange Jurema - 15 de agosto de 2013



Artigo da presidente nacional do PSDB-Mulher, Solange Jurema

A aprovação pela Câmara dos Deputados da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) que torna obrigatório ao Executivo pagar as emendas parlamentares até 1% da receita líquida da União no ano anterior resgata a autonomia, a independência e o exercício político soberano do Congresso Nacional. E tem o apoio da bancada do PSDB.

É uma conquista que na realidade transcende ao Parlamento e se torna histórica para todo o povo brasileiro. Não há democracia plena, com “D” maiúsculo, sem um Congresso Nacional autônomo e exercendo plenamente o seu poder.

A PEC acaba com o “troca-troca”, com o “toma lá, dá cá”, tão nocivo à vida política brasileira, às relações entres os poderes Legislativo e Executivo e que marcaram tristemente os últimos anos da vida pública nacional.

É fruto desse tipo de relação promíscua – de dependência dos parlamentares à boa vontade do Executivo em troca de apoio nas votações – o modelo de corrupção do Mensalão do PT, que envolveu deputados federais e partidos políticos, sob o comando do então Chefe da Casa Civil da Presidência da República.

Mas, felizmente, tanto o Mensalão petista como essa política nefasta são passado na nossa vida política. O novo texto da Constituição acabará com o “balcão de negócios” que, especialmente nos últimos anos de governos petistas, se tornou regra para governar, para impor a maioria e prejudicar a população.

Sem qualquer dúvida, o antigo modelo punia severamente a população porque o governo federal petista, em sua política pouquíssimo Republicana, liberava as emendas parlamentares de seus aliados, em detrimento às dos opositoristas.

Ora, uma emenda parlamentar não é individual, não se propõe a beneficiar uma pessoa só, e sim toda uma comunidade, toda uma região. O antigo modelo simplesmente discriminava aqueles parlamentares e seus representados como se votar na oposição fosse um crime, uma blasfêmia.

Resgata-se o pleno exercício parlamentar e a plena cidadania.

Uma decisão desse porte também resgata o prestígio do Congresso Nacional junto à população brasileira, que ocupou as ruas do país em junho passado exigindo mais moralidade, mais transparência e menos corrupção. Torna o Parlamento Brasil

“APLICAR MAIS A LEI E APOIAR QUEM PRECISA”

por Thelma de Oliveira - 9 de agosto de 2013



Primeira vice-presidente do PSDB Mulher.

Ninguém pode duvidar que a Lei Maria da Penha em seus sete anos de existência trouxe inúmeros e incontáveis progressos na luta das mulheres contra a violência que elas sofrem, especialmente de companheiro, ex-companheiro, namorado ou ex-namorado. A pesquisa do Data Popular/Instituto Patrícia Galvão informa que nada menos do que 86% das pessoas acreditam que as mulheres passaram a denunciar seus cônjugues ou ex-cônjugues depois da lei Maria da Penha.

Pela primeira vez na história do país se promulgou uma lei específica para combater e inibir a violência masculina contra as mulheres, sistematizando-se normas e procedimentos jurídicos para enquadrar os agressores. É um avanço institucional que ainda precisa de outros instrumentos legais para se fechar o cerco aos agressores e de uma

ação mais efetiva do Poder Público.

Com o decorrer dos anos, o novo instrumento legal obrigou o Poder Público a começar a se aparelhar para permitir que as mulheres pudessem, pelo menos, registrar as agressões sofridas – ainda que nos dias de hoje existam poucas delegacias especializadas no atendimento e mulher, menos de 600 em nosso imenso território nacional.

A lei Maria da Penha já é conhecida por 98% da população, segundo recentes pesquisa, mas o Estado brasileiro não consegue acompanhar a crescente demanda de denúncias e denúncias que diariamente se reproduzem no país, apesar de 56% da população ter a percepção de que as ocorrências de agressões contra as mulheres são um dos crimes mais frequentes no país.

Ainda falta mais consciência da população no sentido de denunciar os agressores domésticos. Essa mesma pesquisa aponta as razões das mulheres não denunciarem seus agressores: vergonha e medo de sofrerem represálias – há a crença, em 85% das pessoas entrevistadas, de que quem denuncia corre mais riscos de ser assassinada. O que, infelizmente, encontra respaldo na realidade.

Há demora, em muitos casos, em se cumprir uma decisão judicial, por exemplo, de que o homem ameaçador fique afastado de sua mulher ou ex-mulher – às vezes, quando chega a denunciada já está morta.

Para que essa consciência seja ampliada e as mulheres percam o medo e a vergonha e denunciem seus agressores, o aparelho estatal brasileiro precisa dar mais segurança e garantias às mulheres.

A lei que obriga a rede do SUS a dar atendimento emergencial as vítimas de violência sexual é mais um passo nesse sentido, mas

ainda falta muito – no Brasil, a cada 12 segundos uma mulher é estuprada, um absurdo inaceitável.

É preciso que haja uma mudança rápida e substantiva de toda a nossa cultura machista de ver a relação conjugal, bem como do Poder Público em como intervir num eventual conflito conjugal. Há, ainda, muito preconceito do tipo “briga entre marido e mulher ninguém mete a colher”. Esse ditado popular não é verdadeiro, é arcaico e extremamente lesivo às mulheres.

É dever, sim, do Estado, interferir nas relações conjugais deterioradas, em que a mulher é seguidamente espancada, sofrendo agressões físicas, morais e psicológicas. Assim como é obrigação do Estado dispor dos meios e dos serviços necessários para dar maior efetividade à lei Maria da Penha.

“DORMINDO COM O INIMIGO”

por Solange Jurema - 7 de agosto de 2013



Artigo de Solange Jurema, presidente nacional do PSDB-Mulher

Os dados de uma nova pesquisa nacional sobre a violência contra as mulheres demonstram que, infelizmente, continua a violência contra elas e vem de dentro de casa, de parceiros, ex-parceiros – 54% dos brasileiros, ou seja, cerca de 60 milhões de adultos, conhecem uma mulher vítima de agressão e 56% conhecem um homem agressor.

Os números da pesquisa do Data Popular e o Instituto Patrícia Galvão, realizada em maio, revelam algo ainda mais assustador: as violentas ruas brasileiras são mais seguras que os lares, já que 70% dos entrevistados disseram que o lar é o local aonde as mulheres são agredidas e não nos espaços públicos.

Levantamento anterior do ano passado, com base no “Ligue 180”, já constatará que 70% das agressões foram realizadas pelo marido ou conjugue da vítima, percentual que subia para 89% quando se somavam os casos com ex-marido, namorado e ex-namorado.

A boa nova da pesquisa é que, depois de sete anos de existência, a Lei Maria da Penha é conhecida por 98% dos entrevistados e que 86% deles acreditam que as mulheres passaram a denunciar mais casos de violência após a vigência da lei. Mas apenas 40% conhecem o “Ligue 180” que acolhe as denúncias e somente 20% sabiam espontaneamente o número gratuito.

Mesmo assim, a percepção dos entrevistados é a de que nos últimos cinco anos aumentaram as agressões contra as mulheres no Brasil. Outra percepção é a de que os autores das agressões e assassinatos contra as mulheres não são punidos “nunca ou quase nunca”.

A metade dos entrevistados pensa que a forma como a Justiça pune não ajuda a diminuir a violência contra as mulheres – 85% entendem que a punição aplicada pelo Judiciário a homens que matam suas parceiras ou ex-parceiras não é adequada, porque é lento e as penas reduzidas.

Pode-se listar uma outra série de questões relacionadas à pesquisa, mas só esses dados mostram que o Poder Público no Brasil, nos três níveis, precisa focar mais e centrar suas ações para a defesa da mulher com instrumentos realmente eficazes.

Poucas unidades da Federação dispõem de uma Delegacia de Atendimento à Mulher ou de um Centro de Referência aonde as mulheres podem se dirigir e pedir socorro diante da brutalidade masculina.

No Judiciário, pode-se contar nos dedos os tribunais que contam com serviços voltados especificamente para o atendimento diferenciado aos julgamentos de casos envolvendo as agressões. O resulta-

do disso é a percepção da população de que há morosidade e impunidade, como revelam os números da pesquisa.

E, no Legislativo, ainda não se tem, sequer, uma representação feminina quantitativa de acordo com a nossa presença na sociedade – somos a maioria da população e do eleitorado.

Mas, com todos esses problemas, não podemos esmorecer. Devemos continuar trabalhando no sentido de mudar a cultura, de mudar a maneira como o Poder Público, os partidos políticos e as instituições encaram as mulheres.

Ainda existe muito preconceito, muita discriminação, mas muita vontade e disposição nossa de eliminar isso da sociedade brasileira.

“A IMPORTÂNCIA DO PLANO REAL”

artigo de Thelma de Oliveira - 5 de agosto de 2013



Artigo da vice-presidente do PSDB-Mulher, Thelma de Oliveira

Os recentes números revelados do Índice de Desenvolvimento Humano dos Municípios (IDHM) e do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) sobre o aumento da qualidade e o tempo de vida dos brasileiros e brasileiras nas últimas três décadas nos levam a uma reflexão sobre a realidade econômica do país nesse período.

As duas primeiras décadas abordadas – as dos anos 80 e 90 – foram marcadas por um processo de inflação que impregnou a realidade da vida dos brasileiros, até chegarmos à hiperinflação, com o crescimento de preços mensal batendo na casa dos 90%!!!

E o que mudou essa trágica situação?

O Plano Real, de Fernando Henrique Cardoso, que nos seus mandatos estabilizou a economia brasileira, mudou a cultura da remarcação diária de preços e permitiu a melhoria de qualidade de vida do brasileiro, criando programas sociais. O país, os governos e os

cidadãos puderam poupar, planejar e investir naquilo que lhes é essencial.

Portanto – e ninguém pode negar os fatos – a melhoria de qualidade e do padrão de vida dos brasileiros está diretamente relacionada à histórica decisão de um governante tucano que criou, implantou e consolidou um plano econômico que colocou o país e seu povo em outro patamar de vida a trilhar o caminho da estabilidade da moeda.

Hoje, se o IDH mostra que nas duas últimas décadas o país começa a reduzir e a superar seus atrasos seculares no desenvolvimento do povo, isso só foi possível porque houve o Plano Real antes. Sem ele, o país não teria condições de alterar significativamente a vida do brasileiro, como os números demonstram.

Na média, o IDH dos municípios no período 1991/2010 subiu 47,5%, passando de 0,493 para 0,727 e saindo da classificação de “muito baixo” para “alto”, de acordo com os parâmetros do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Em 1990, 86% dos municípios brasileiros detinham a classificação de “muito baixo”, percentual que caiu para incríveis 0,6%!

Os dados do IDHM já antecipavam outra notícia positiva para o país em relação à longevidade do nosso povo. Os níveis são considerados “muito alto, de 0,816, bem próximo do ideal, que é de 1.

Já a pesquisa do IBGE revela a expectativa de vida do brasileiro saltou de 62 anos e 5 meses, em 1980, para 73 anos e 9 meses, um crescimento de 11 anos e 4 meses a mais, em todas as regiões do Brasil. Segundo o estudo, ao longo de três décadas a expectativa de vida no país aumentou, anualmente, cerca de 4 meses e 15 dias. Um avanço significativo.

Para as mulheres, uma notícia boa a mais: elas alcançam idades mais avançadas do que os homens – 77,3 anos contra 76,3, um ano a mais de vida.

Todos esses avanços são uma conquista de todos, especialmente do povo brasileiro, amparadas na Constituição-Cidadã de 1988, mas não se pode deixar de registrar que – ao contrário do que dizem os governos petistas – o Brasil não começou em 2003, quando eles assumiram o governo federal.

Até porque, como demonstram os dados comparativos, levantados em análise do nosso Instituto Teotônio Vilela (ITV), fica evidente que no período de Fernando Henrique os indicadores são melhores que os dos governos petistas que lhe sucederam.

Mas o que importa é que o Brasil está melhor e tudo, de fato, começou no Plano Real de Fernando Henrique Cardoso. O resto é tentativa vã de enganar o povo.

“A HORA É DE MOBILIZAÇÃO”

por Solange Jurema - 1 de agosto de 2013



Artigo de Solange Jurema, presidente nacional do PSDB-Mulher

Daqui a dois meses, no começo de outubro, termina o prazo legal para que pessoas se filiem a partidos com o objetivo de se candidatar para as eleições de 2014. É uma data importante no calendário eleitoral brasileiro, um momento de definições de rumos.

Será o primeiro pleito para a Presidência da República, governos estaduais, Senado, Câmara dos Deputados e Assembleias Legislativas estaduais e distrital sob a égide da lei 9.504/97, que garante pelo menos 30% das vagas para mulheres.

O desempenho das mulheres em todo o Brasil nas eleições municipais de 2012, com um crescimento da ordem de 85% no número de candidatas – saltou de 72,4 mil em 2008 para 133 mil em 2012 – revela a importância desse instrumento legal.

Outro dado que confirma sua validade é a eleição de 663 prefeitas em todo o país e de 7.648 vereadoras – que demonstram, por si só, a

importância da legislação de cotas com o estímulo a ampliação de nossa participação na vida institucional e político-partidária brasileiras.

O excelente desempenho PSDB nas eleições municipais de 2012 é, também, uma clara confirmação de que a lei 9.504/97 é válida e nos ajudou a bater todos os recordes eleitorais/municipais da história do partido: elegemos 96 prefeitas, 83 vice-prefeitas e 726 vereadoras – um crescimento expressivo!

Mas é claro, também, que ao lado do apoio da legislação nós, do PSDB-Mulher, nos preparamos previamente para a eleição de 2012 com eventos das mais diversas matizes e locais – municipais, estaduais, regionais e nacionais – que permitiram selecionar, filiar e tornar candidatas aquelas lideranças da comunidade e da sociedade identificadas com os ideais da social-democracia.

Nossa jornada para 2014 começou no XI Convenção Nacional do PSDB quando nos comprometemos a alcançar a meta dos 50% de filiações partidárias de mulheres, no que já estamos nos dedicando com intensidade.

Nossa luta, ainda mais vigorosa e inspirada nas manifestações populares em todo o Brasil de junho, nos leva a procurar mais alternativas para ampliar a presença feminina nos parlamentos brasileiros, nas três instancias da Federação.

Estamos reivindicando, na discussão da Comissão da Reforma Política da Câmara dos Deputados, que sejam reservadas 50% das vagas para mulheres nos parlamentos – federal, estaduais e municipais.

É uma necessidade e um avanço para nos aproximarmos da realidade da mulher na vida brasileira – afinal, nunca é cansativo repetir, somos 52% da população e do eleitorado e respondemos por um terço das famílias brasileiras.

Portanto, vamos arregaçar as mangas, aumentar as filiações de mulheres combativas, traze-las para o PSDB e torná-las, junto com as atuais filiadas, candidatas do partido em 2014.

“O EXEMPLO QUE VEM DO ALTO”

artigo de Thelma de Oliveira - 26 de julho de 2013



O país e o mundo ficaram “atônitos” com as imagens do carro do Papa Francisco parado e cercado por populares na Avenida Presidente Vargas, no Rio de Janeiro, depois de entrar em um engarrafamento provocado por sua passagem pelas ruas da cidade.

No mesmo dia, jornais de todos os recantos do mundo e especialistas condenaram o fato, inclusive com críticas ao Santo Padre, que manteve a janela do carro aberta, tocando as mãos das pessoas, sem qualquer constrangimento ou receio de ser agredido.

No dia seguinte, a surpresa geral: o carro era o mesmo, a janela aberta era a mesma e o homem era o mesmo, dando um recado a todos: à sua segurança, ao mundo e aos milhares de fieis, espalhados pelas ruas do Rio de Janeiro ou ligados nos aparelhos de televisão ou na internet: “O meu papado será assim, a minha postura será essa, em resumo.”

Um suposto erro de segurança e a postura do Papa Francisco revelam um ensinamento crucial dele para todos nós políticos brasileiros: não podemos ter medo do contato com o povo, da relação direta, pessoal, com aqueles que nós representamos ou queremos representar.

Papa da Companhia de Jesus, ele dá contínuos exemplos do que pretende fazer em seu papado e à sua própria figura do descendente de Pedro: simplicidade, austeridade e os olhos voltados para os mais necessitados.

Aliás, na eleição de seu antecessor já dera um exemplo incomum, renunciando à candidatura em favor do seu concorrente direto, o alemão Joseph Ratzinger, a quem até hoje reverencia como papa.

Em sua primeira viagem como Papa, Francisco desceu em terras brasileiras colecionando exemplos que começaram com a dispensa de um avião oficial, sem cama.

É simbólica a imagem dele entrando no avião de carreira da Alitalia, como o último passageiro a embarcar, carregando a sua própria mala, sem qualquer assessor por perto. A imagem dele subindo na aeronave percorreu o mundo.

No Brasil, sua mensagem é a de que os jovens – e todos nós – não podem se deixar enganar por fascínios de falsos ídolos “que se colocam no lugar de Deus e parecem dar segurança: o dinheiro, o poder, o sucesso, o prazer”, todos ídolos passageiros. E especialmente àqueles que acreditaram nas facilidades do prazer, pelo uso de drogas que levam a um caminho sem volta para a maioria dos dependentes químicos.

Não esqueceu de um tema caro aos brasileiros e seus governantes: a corrupção de algumas pessoas que se beneficiam aos invés de agir em prol da sociedade. “Nunca desanimem, não percam a confiança, não deixem que se apague a esperança”, recomendou, reafirmando a crença de que a realidade pode mudar, o homem pode mudar.

Por sua vontade, também fez questão de visitar uma favela no Rio de Janeiro, a comunidade de Varginha, conhecida como “Faixa de Gaza” tal o teor de violência, e se aproximar, ainda mais, daqueles que no Brasil ainda vivem com péssimas condições de qualidade de vida – alguns sem a infraestrutura básica.

Certamente relembrou seu trabalho franciscano na província de Buenos Aires, em favelas formadas por imigrantes latino-americanos, como nossas favelas são formadas por nortistas e nordestinos em busca de uma vida melhor.

A curta estadia do Papa Francisco está, portanto, repleta de exemplos para o povo e especialmente para políticos que se deixam iludir por falsos profetas que se consideram “Deus” e que se encantam com o Poder e seus jatinhos.

“POR MAIS MULHERES NOS PARLAMENTOS”

artigo de Solange Jurema - 23 de julho de 2013



A discussão em torno da reforma política no Congresso Nacional é um momento especial, ímpar, para rediscutirmos o papel da mulher na política brasileira e o PSDB-Mulher não se furtará a essa discussão.

Nosso partido, desde a sua fundação, ouviu a “voz rouca das ruas” e se perfilou ao lado das lutas sociais para novas conquistas da sociedade brasileira.

A ampliação da presença feminina na política, no geral, e nos parlamentos, em particular, é um dos gritos que ecoam das manifestações populares que sacudiram o Brasil no mês passado.

Os números comprovam isso e clamam por uma nova postura das mulheres, da sociedade e dos partidos políticos: nós somos 52% da população e 51,3% do eleitorado e, no entanto, ocupamos menos de 15% do Congresso Nacional, por exemplo. Na Câmara dos Deputados, dos 513 deputados federais somente 46 são mulheres – cerca de 8%!

Nas últimas eleições municipais do país, de 415 mil candidatos registrados para concorrer às câmaras de vereadores apenas cerca de 130 mil eram mulheres, o equivalente a 31% do total de candidatos.

O que se vê é que os partidos ainda reservam o número mínimo de 30% do total de candidatos para candidaturas de mulheres, de acordo com a lei, mas ainda estão longe de seguir o que essa própria lei define, como a destinação de 5% do Fundo Partidário para a formação política das mulheres e 10% do tempo de propaganda partidária para a promoção e divulgação da ação feminina na sociedade.

Queremos mais espaços institucionais. A representação feminina no parlamento está muito aquém do que a mulher brasileira merece, responsável que é por mais de um quarto dos lares no país, pela sua crescente participação no mercado de trabalho.

O PSDB-Mulher propõe, na reforma política que está sendo discutida na Câmara dos Deputados, que se garanta 30% das vagas de todos os parlamentos nacionais – Senado Federal, Câmara dos Deputados, Assembleias Legislativas e Câmaras de Vereadores – para as mulheres.

De qualquer modo, a questão está colocada na pauta de discussão da reforma política e o PSDB-Mulher apoia a adoção de mecanismos legais que ampliem nossa presença na disputa eleitoral, assegure recursos para podermos entrar em condições financeiras adequadas e para que possamos usufruir do tempo de televisão e rádio necessários para divulgar o nosso trabalho, dando visibilidade às nossas lideranças.

O caminho é esse e a recente pesquisa pelo Instituto Patrícia Galvão, já citado em outros artigos tucanos, mostra que 80% da população brasileira quer maior presença feminina na política.

“O PSDB NÃO FOGE À LUTA”

por Thelma de Oliveira - 16 de julho de 2013



Artigo da vice-presidente nacional do PSDB-Mulher, Thelma de Oliveira

O PSDB surgiu das ruas, surgiu no Parlamento, na Constituinte de 88, como uma nova força política que queria acabar com antigas e velhas práticas político-partidárias ainda existentes no reinício da redemocratização do Brasil.

Passados 25 anos, conquistamos muito para o país, para a boa prática política e administrativa, combatemos a corrupção, modernizamos o Estado brasileiro, estabilizamos a economia e não nos furta-
mos – no governo ou na oposição – a enfrentar os graves problemas nacionais.

Nesse momento em que o país e suas principais lideranças ainda refletem sobre as manifestações de milhões de brasileiros, a maioria jovens, o PSDB mais uma vez não fugiu à responsabilidade, a seus compromissos com a Nação e encaminhou uma proposta de reforma política, apresentada pelo nosso presidente Aécio Neves.

O PSDB quer uma mudança real nos hábitos e costumes políticos do país e que promova uma maior participação da sociedade no destino do Brasil e de seus cidadãos.

Queremos ampliar a participação popular, a ligação entre o povo e seu representante nos executivos e legislativos das três esferas.

Queremos reavivar o sentimento de que a população e seus representantes estão unidos e coesos em torno do Brasil, como nas memoráveis campanhas da “Diretas Já!” do inesquecível Dante de Oliveira, e do impeachment de um Presidente da República.

As ruas perderam o medo, perderam a vergonha de dizer que estão incomodados e, mais do que isso, fartos do que alguns políticos fazem com seu dinheiro público, exauridos de serem mal atendidos nos transportes coletivos, nos hospitais, nas escolas.

A proposta do PSDB vai ao encontro dessa sintonia com as ruas. Propomos o fim da reeleição para os chefes dos executivos, com a definição de um mandato de cinco anos para eles e para os parlamentares.

Queremos um sistema eleitoral com voto distrital misto, o que permitirá que a população eleja homens e mulheres mais próximos do seu cotidiano, do seu dia a dia, compartilhando problemas e soluções. Ao mesmo tempo, uma lista partidária oferecerá nomes para serem escolhidos pela população.

Queremos o fim das coligações proporcionais que tanto distorcem as eleições para deputados e vereadores, criando situações esdrúxulas de termos parlamentares de 300 votos em um colégio eleitoral de mais de 10 milhões de pessoas porque um companheiro de nominata o elegeu.

A situação atual afasta ainda mais o povo de seus representantes porque por vezes candidatos de maior expressão popular e de maior votação ficam de fora da lista dos eleitos.

Do mesmo modo, não faz mais sentido escolher dois suplentes para a vaga de Senador ou permitir que familiares do titular sejam incluídos na chapa para perpetuar um modo quase feudal de se fazer política em pleno século 21. Não queremos mais isso, o povo nas ruas não quer mais isso na vida política do país.

Defendemos o retorno da inclusão de uma cláusula de desempenho que acabe com a proliferação de siglas que, em sua maioria, buscam obter recursos do fundo partidário e meios para se beneficiar de eventuais cargos nesse ou naquele governo.

Hoje, no Brasil, existem mais de três dezenas de partidos, alguns com desempenho localizado, sem dimensão nacional, e às vezes sem um claro programa partidário – a continuidade desse quadro não faz bem para a consolidação da democracia em nosso país. Também distancia o povo de seus representantes, que ficam diluídos numa verdadeira sopa de letrinhas sem significação maior para a população.

A redução do uso do tempo de televisão e rádio para propaganda eleitoral – apenas com a soma dos tempos dos candidatos a titular e vice da chapa majoritária – tornaria o pleito mais democrático e igualitário, dispensando-se a necessidade de uma busca oportunista e eleitoreira para se ganhar mais tempo de propaganda.

É claro que essa proposta não é única a ser aprovada pelo Congresso Nacional e não consertará de uma vez só, de uma penada só, os graves e profundos problemas da representação política no Brasil.

Mas é o caminho nessa direção.

Caberá à população, no prazo certo, dar a sua opinião final, na forma de um referendo, sobre as propostas que o Congresso Nacional aprovar. Assim é a democracia e é assim que se constrói uma relação direta e de confiança entre o povo e seus representantes.

O PSDB quer isso, luta por isso desde a sua fundação e sempre estará ao lado e na defesa dos verdadeiros interesses do povo brasileiro.

“MAIS PODER PARA AS MULHERES”

por Thelma de Oliveira - 11 de julho de 2013



Artigo da vice-presidente nacional do PSDB-Mulher, Thelma de Oliveira

“O que será?

Estão falando alto

Pelos botecos

E gritam nos mercados

Que com certeza

Está na natureza...”

Chico Buarque

Em tempos de reforma política, em que as ruas clamam por mudanças radicais na forma de se fazer política no Brasil, nada como uma pesquisa como a realizada pelo Ibope/Instituto Patrícia Galvão, que captou o sentimento popular sobre o verdadeiro desejo de maior presença feminina nas instâncias decisórias do Legislativo.

Não há mais como esconder e nem existem meios de evitar o que o povo também quer e revela nas pesquisas e nas ruas: 80% da população brasileira entendem que as mulheres – que são a maioria da população e do eleitorado – devem ter pelo menos a metade das cadeiras de todos os parlamentos. As mulheres, mais do que os homens, querem isso – 82% contra 69%.

Ou seja, o povo brasileiro confia nas mulheres e quer que elas ocupem 50% das cadeiras do Senado Federal, da Câmara dos Deputados, das Assembleias Legislativas Estaduais e das Câmaras de Vereadores.

A pesquisa foi realizada com 2.002 pessoas no Brasil, entre os dias 11 e 15 de abril, antes, portanto da multidão ir às ruas. Hoje, com certeza, esse sentimento deve ser maior ainda, quando o povo está nas ruas querendo uma representação política mais real e mais direta.

O povo brasileiro quer mais, segundo a pesquisa do movimento “Mais Mulheres na Política”. Setenta e um por cento das pessoas entrevistadas acreditam que a reforma política é “importante/muito importante” para que seja criada essa paridade (meio a meio) nos parlamentos federal, estaduais e municipais do Brasil.

Nada menos do que 74% dos brasileiros entendem que só haverá uma democracia de fato quando as mulheres tiverem mais espaços de tomada de decisão no país.

O empoderamento feminino deve começar nos partidos, como sugere a pesquisa: 78% concordam que os partidos deveriam apresentar uma lista de candidatos 50% homens e 50% mulheres. Para 73%, deveria haver punição para o partido que não cumprir essa regra.

É claro que ainda não há consenso político nem mesmo consciência política entre os partidos para uma representação feminina dessa grandeza. Mas os primeiros passos já estão sendo dados, pelo menos no PSDB, que garante 30% de participação das mulheres em seus órgãos diretivos municipais, estaduais e nacional.

A pesquisa revela, por exemplo, que somente 72% dos homens concordam com a ampliação do acesso feminino dentro dos partidos, contra 82% das mulheres que querem isso.

Nossa luta continua e seguiremos trabalhando, com planejamento adequado, nos fortalecendo com ações concretas e demonstrando, em nossa prática política diária, que devemos e podemos alcançar mais espaço não só no partido como em toda a sociedade, como é o desejo irrefreável do povo brasileiro.

“UM HOMEM, UM LÍDER E AS RUAS”

por *Thelma de Oliveira* - 5 de julho de 2013



Dante de Oliveira. Foto: ABr Thelma de Oliveira: Vice-presidente do PSDB-Mulher

Quis o destino que na passagem do sétimo ano sem Dante de Oliveira, o Brasil viva um clima de intensa mobilização popular, como as que ele comandou, ao lado de figuras emblemáticas, como Ulysses Guimarães, Franco Montoro, Tancredo Neve, José Richa, Leonel Brizola, Fernando Henrique e o próprio povo brasileiro.

Maior mobilização da História do Brasil, a campanha nacional pelas “Diretas Já!” assolou o país com uma massa que, nas ruas, recuperava o seu orgulho de ser brasileiro, de cantar novamente o hino, sem vergonha e sem medo do regime militar.

De gritar, alto e bom som, “que um homem seu não foge à luta”, como você nunca fugiu da boa luta, da boa causa, como a do sagrado direito de um povo eleger, de maneira livre, direta e soberana, os seus governantes, o presidente da República, como propunha sua emenda.

Dante era um homem do povo, vivia pelo povo e dedicou a sua vida aquilo que ele mais gostava: fazer política de manhã, de tarde e de noite em prol desse povo – desde a época do movimento estudantil até o Congresso Nacional, onde apresentou na Câmara dos Deputados a emenda constitucional que ganhou o seu nome, a Dante de Oliveira, e levou milhões às ruas.

Tal como em 1984, as cidades brasileiras hoje vivem um fervor cívico, uma indignação patriótica e uma vontade de mudar a realidade política, econômica e social do Brasil, uma “ira santa”, para recordar a música que na época embalou o país na homenagem de Milton Nascimento à figura lendária de Teotônio Vilela.

Quem souber ouvir esse desejo de mudança estará ao lado do povo e da história. Quem fizer ouvido mouco ou tentar enganar os jovens anônimos que ocupam as ruas, desaparecerá, como já aconteceu com partidos políticos do passado.

Ecoam nos meus ouvidos, ainda, os gritos e a revolta do povo brasileiro que, em uníssono, bradava uma palavra de ordem inesquecível, “A luta continua!”, depois do plenário da Câmara dos Deputados derrotar a emenda Dante de Oliveira.

A luta do povo continuou, você continuou a sua luta política, se tornou ministro da Reforma Agrária, prefeito de Cuiabá e governador do nosso querido Mato Grosso. Não desistiu nunca de ajudar quem mais precisava, os mais carentes, e de acabar com a injustiças sociais no nosso estado.

Não esqueço, também, outra palavra de ordem que saiu das galerias do parlamento brasileiro para ganhar as ruas: “O povo não esquece, acabou o PDS”.

O povo não esqueceu, o PDS acabou.

É a sina de quem não ouve “a voz rouca das ruas”.

Mas você, Dante, ficou.

Ficou em nossas vidas, em nossos corações, na lembrança do povo mato-grossense e na história do Brasil.

Ficou nas ruas, com a juventude inquieta que, nos dias de hoje, quer um Brasil mais digno, mais justo, mais igual, sem corrupção, sem ditaduras de qualquer natureza – política, econômica, social ou comportamental.

Obrigada, Dante, em meu nome e de todo o povo do Mato Grosso e brasileiro, que aprendeu com você e com outros líderes nacionais que é nas ruas que se conquista o novo, que se conquista a liberdade.

Longa vida a Dante de Oliveira e a seu ideal.

“SEM GOVERNABILIDADE”

por *Thelma de Oliveira* - 4 de julho de 2013



Por Thelma de Oliveira

São desastrosas, para dizer o mínimo, as reações da presidente Dilma Rousseff à “voz roucas das ruas” que levaram mais de um milhão de brasileiros a clamar por mudanças no Brasil.

A fragilidade de suas ações políticas, os graves equívocos cometidos na condução da economia e a desarticulação gerencial de seu governo e de sua base aliada no Congresso Nacional criam um cenário sombrio para o futuro de sua governabilidade, se ela ainda a recuperar.

Dilma Rousseff e seu staff mais próximo não entenderam o significado das manifestações de rua que surpreenderam o seu governo. Erraram desde o primeiro momento quando, ao pensar dar uma resposta adequada, investiu na ideia de convocar uma Constituinte exclusiva para tratar de Reforma Política.

A falta de sensibilidade política é tão grande que ela simplesmente se esqueceu de consultar um respeitado constitucionalista, o seu

vice-presidente Michel Temer, ex-presidente da Câmara dos Deputados e integrante do maior partido da coligação governista.

Corrigido esse erro, Dilma e sua equipe partiram para outro: o de “sugerir” ao Congresso Nacional a realização de um plebiscito com cinco itens – financiamento de campanha, sistema de voto, fim do suplente do senador, – que podem se desdobrar em milhares de questionamentos.

E que contem um erro crasso para um plebiscito, em que só cabe uma resposta, o sim ou o não. No plebiscito de Dilma necessariamente devem ser incluídas várias opções ao eleitor como por exemplo, na escolha do sistema eletivo, que pode ser distrital, proporcional ou misto.

Essas inconsistências legais e a pressa do governo Dilma em impor à Nação um novo modelo político esbarraram no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que, preocupado com o respeito a Constituição e à necessidade do povo estar plenamente informado sobre o que irá decidir, estabeleceu um prazo mínimo de 70 dias para colocar o plebiscito em votação. Além de lembrar que o princípio da anualidade para o pleito eleitoral é cláusula pétrea da Constituição e não pode ser alterada, como sugeriu o PT.

A reação da base governista no Congresso Nacional também praticamente inviabilizou a aprovação do plebiscito a tempo de valer para as eleições de 2014. No próprio PT não há consenso, o PMDB incluiu outros tópicos, o PP é contra e o PSB só o quer no ano que vem.

O PSDB e as oposições – unidas desde o começo das sugestões de Dilma Rousseff – denunciou que a verdadeira intenção do governo

Dilma era a de criar uma cortina de fumaça para desviar a atenção da opinião pública e – se desse certo – realizar a reforma política que lhes possa perpetuar no poder, como bem definiu o nosso presidente nacional, senador Aécio Neves.

A total desarticulação da base governista no Congresso Nacional é fruto do conflito de interesses distintos da plêiade de partidos que a compõem e que levam a seguidas derrotas em plenário– os casos mais recentes são o percentual de distribuição de royalties para Saúde e Educação e a concessão do Passe Livre para estudantes.

A esse verdadeiro quadro de caos político, soma-se à crítica situação da economia brasileira, com um “pibinho” de envergonhar qualquer governante; a queda de 2% da produção industrial em junho; a alta do dólar; a baixa da bolsa de valores e o descontrole dos preços, com a inflação crescendo dia a dia, semana a semana, mês a mês.

Em resumo, a decadência e a incapacidade do governo Dilma Rousseff de dar uma resposta às demandas das ruas, também constatada nas pesquisas, revelam que falta governabilidade.

**Vice-presidente do PSDB-Mulher*

“AS RUAS CHEGARAM, ANTES DE 2014”

por Thelma de Oliveira - 2 de julho de 2013



Falta de aviso não foi: há muito o PSDB tem apontado em todas as instâncias da vida pública que é grande a insatisfação da população brasileira com o “andar da carruagem” do governo Dilma Rousseff.

Nas tribunas, nos governos estaduais e municipais, na mídia, nas ruas, o PSDB alertou que o povo estava cansado de ver o “mal feito” sem punição; de ver o PT defender os mensaleiros condenados pelo mensalão; de assistir o descaso do governo Dilma com a má qualidade dos serviços públicos prestados, especialmente na áreas da saúde, educação, transportes e segurança; de sentir na pele a alta de preços nas quitandas e supermercados.

O resultado todos nós vimos. Milhões de brasileiros, de todas as “tribos”, de todas as regiões, de todos os credos reuniram-se nas ruas para dizer um “basta” ao que está posto, especialmente no governo petista de Dilma Rousseff.

É claro que as manifestações atingem, em menor grau, a todos os governos estaduais e municipais, mas é significativo que a concentração de repúdio concentra-se na figura da atual ocupante do Palácio do Planalto à medida que a maioria dos serviços públicos dependem, diretamente, da distribuição dos recursos federais, aliás má distribuição.

A população também viu que, quando quer, esse governo petista se torna capaz de alcançar o chamado “Padrão Fifa” em que tudo funciona com relativa eficiência e qualidade de serviço – talvez movidos por interesses outros, como por exemplo a partilha das obras realizadas nos estádios, na ordem de R\$ 7 bilhões, sendo que o de Brasília chegou a casa dos R\$ 1,8 bilhão.

O raciocínio é simples e a sabedoria popular “pegou no ar”: Se há dinheiro e eficiência para construir estádios porque não há para a construção de hospitais e escolas, para a compra de armas para os policiais, para a melhoria dos serviços de ônibus e metrô?

A brutal rejeição ao nome da atual presidente da República, sua queda de popularidade são a mais completa tradução da voz rouca das ruas brasileiras. E que ainda não tiveram respostas à altura do movimento.

O Congresso Nacional, mais sintonizado com os clamores da rua, já deu claras respostas com a aprovação de medidas como o fim da PEC 37, a criação do Passe Livre, a distribuição de royalties para saúde e educação, com o voto dos parlamentares tucanos.

Tentar calar as ruas com medidas paliativas, como a convocação de uma Constituinte e, agora de um plebiscito, é menosprezar a capacidade e a inteligência do povo brasileiro de ver que a verdadeira

intenção presidencial, é a de criar uma cortina de fumaça para esconder sua ineficiência em lidar com os problemas nacionais e incapacidade gerencial de resolvê-las.

O PSDB, no Parlamento, nas tribunas, continuará cumprindo seu inalienável direito de exercer o papel de oposição que lhe foi conferido pelo povo brasileiro. E barrará no Congresso Nacional a intenção de se aprovar uma reforma política que atenda aos interesses do PT e seus aliados para se perpetuar no Poder, como bem percebeu e denunciou o nosso presidente do partido, senador Aécio Neves.

As ruas já chegaram, antes de 2014, e o povo brasileiro está dando a sua resposta a quem patrocinou mensaleiros, que perdeu o controle da economia e que usa e abusa da propaganda para mostrar um país que só existe nas telas.

O Brasil verdadeiro está nas ruas.

**Segunda vice-presidente do PSDB Mulher*

“OS 19 ANOS DO PLANO REAL”

por Solange Jurema - 1 de julho de 2013



Por Solange Jurema

Hoje, 1º de julho, o Brasil comemora 19 anos do Plano Real, o mais bem sucedido plano de estabilização econômica que o país já conheceu, fruto de um trabalho coletivo de políticos e economistas do porte de Fernando Henrique Cardoso, Pedro Malan, Gustavo Franco, Walter Barelli, Pêrsio Arida, Edmar Bacha e tantos outros.

Para quem hoje comemora a entrada na casa dos 19 anos de vida, a estabilidade dos preços é uma realidade de um cotidiano que permite a todos e a cada de um nós programar o seu futuro com tranquilidade. Não conheceram a hiperinflação e nem têm ideia do que isso representa na vida das pessoas.

Esses brasileiros e os que eram menores – hoje na faixa dos 35 anos de idade – desconhecem o que significa viver num país em que a cada dia os preços subiam alucinadamente numa brutal hiperinflação, que alcançou os inimagináveis 2.500% ao ano, nos idos de 1993.

Foi preciso muita determinação, muito planejamento, muita perseverança e muita preocupação com o povo para eliminar essa verdadeira praga da vida dos brasileiros.

A ida ao supermercado se transformava num verdadeiro pesadelo e até mesmo um exercício de imaginação e de malabarismo para saber o que exatamente se levaria para casa.

Nós, mulheres, enfrentávamos as prateleiras com galhardia, de olho nas maquininhas de remarcar preços que conviviam com os nossos olhares à procura do melhor preço. Era uma verdadeira corrida contra o tempo.

Quantas vezes nossas amigas empregadas nos supermercados, antes de remarcar o preço, nos avisavam que em seguida haveria uma nova mudança no valor do arroz, do feijão, da manteiga.

Essa cena inverossímil para as jovens mulheres dessa geração – que se criou ou mesmo nasceu no ano de criação do Plano Real – era a realidade que fazia parte do nosso cotidiano.

Nessa época também começamos a conhecer um pouco mais de inglês e de economia com o aparecimento do overnight, over tudo, e outros termos que aprendemos para garantir um pouco de poder aquisitivo de nossos cruzeiros, cruzeiros reais.

Traumatizados com o Plano Collor e sua virulência que confiscou milhares de cruzeiros e sonhos de milhões de brasileiros, frustrados com o fracasso de outros planos econômicos, o Plano Real devolveu ao brasileiros a esperança de que se poderia construir um novo país.

A partir do Plano Real, da eleição de Fernando Henrique Cardoso, de sua reeleição, o país mudou. Lei de Responsabilidade Fiscal,

Privatizações, Telefonia Celular e programas sociais do Comunidade Solidária – para citar alguns – transformaram definitivamente o Brasil e seu povo.

Não é a toa que um dos motivos dos brasileiros irem às ruas – segundo indicam as pesquisas – é a insatisfação com a inflação que já corrói o poder aquisitivo de todos, especialmente dos que ganham menos.

Conquista do povo, o Plano Real e a consequente estabilidade econômica devem ser preservados como um dos pilares da qualidade de vida do brasileiro e que não pode ser destruídos pela incompetência de um governo petista.

** Presidente nacional do PSDB Mulher*

“BASTA DE PRECONCEITO E DE VIOLÊNCIA”

por Solange Jurema - 25 de junho de 2013



Desde 1990 a homossexualidade deixou de ser considerada “doença” pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e no final dessa década, no Brasil, o Conselho Federal de Psicologia, em sua Resolução 1/99, seguiu no mesmo caminho, vedando certas práticas e orientações em consultórios de psicólogos.

No mundo e no Brasil a discriminação, o preconceito e a violência contra os homossexuais perderam o seu suposto aval “científico” que lhes permitia cometer barbáries com tratamentos como a lobotomia e outros.

Não há, portanto, sentido em a Câmara dos Deputados aprovar qualquer projeto que pretenda rever essa conduta do CFP, o chamado projeto que “cura gay”, que contraditoriamente surgiu na Comissão de Direitos Humanos e das Minorias da Casa.

É absurdo imaginar que em pleno século 21 o parlamento brasileiro conviva com uma visão tão retrógrada e preconceituosa contra

a homossexualidade e que ainda se discuta propostas tão anacrônicas e que, lamentavelmente, em alguns casos vieram de parlamentares tucanos.

O Congresso Nacional é o local adequado para que os representantes do povo brasileiro proponham leis, discutam ideias e façam propostas, mas não parece cabível que se tente aprovar uma legislação castradora de direitos básicos do cidadão.

Não se trata de fazer qualquer apologia a essa ou aquela tendência sexual. Trata-se, sim, de respeitar a opção sexual de cada ser humano, sem se pensar “em cura” ou punição legal, como já ocorreu em alguns países no século passado.

Cada um é responsável pelo seu próprio corpo, por sua própria vida e por sua opção sexual e não pode ser punido ou discriminado por isso. A Declaração Universal dos Direitos Humanos e a Constituição do Brasil garantem isso e devem ser seguidas e respeitadas.

**Presidente nacional do PSDB-Mulher*

“AS VOZES DAS RUAS, 25 ANOS DEPOIS”

por Solange Jurema - 25 de junho de 2013



O Manifesto de criação do Partido da Social Democracia Brasileira, o nosso PSDB, afirmava que o partido surgia para ouvir “a voz rouca das ruas”, o clamor que, desde a campanha pelas “Diretas Já!”, contaminou o povo brasileiro por maior e mais participação política.

Vivíamos os idos da década de 80, da Assembleia Nacional Constituinte que fez a Constituição-Cidadã, que garante a nossa liberdade de expressão, de organização, de livre manifestação e os direitos individuais e sociais dos brasileiros, duramente conquistados depois de 21 anos de regime militar.

Poucos anos depois, milhões de brasileiros saíram às ruas pelo impeachment do então presidente da República, acusado de corrupção. O PSDB estava presente nas manifestações, carregando a bandeira da ética, do respeito à Constituição e à vontade do povo,

manifestada ordeiramente em todo o país, sob o comando dos jovens “cara-pintadas.

Nesses 25 anos de existência não fugimos às nossas responsabilidades com o Brasil, seja no governo ou na oposição. Fizemos o Plano Real, acabamos com a inflação, estabilizamos a economia, criamos uma rede de proteção social sem clientelismo e a Lei de Responsabilidade Fiscal, para citar algumas delas.

Nos governos, enfrentamos crises econômicas, sociais e políticas com dignidade e competência porque nunca deixamos de ouvir “a voz rouca das ruas”, não ficamos surdos a seus clamores.

Exemplo maior e repleto de simbolismo foi a atitude do nosso inesquecível Mário Covas, nosso primeiro presidente do PSDB, durante uma manifestação de professores paulistas em greve.

Covas, em seu destemor cívico, não aceitou recomendações de que deveria sair pelas portas dos fundos de um prédio. E, com o vigor democrático de quem foi cassado, enfrentou os manifestantes usando apenas a sua voz para lembrar a todos que enfrentara a ditadura militar para que os professores pudessem estar ali, reivindicando salários.

Na oposição, não deixamos de cumprir nosso papel alertando o povo brasileiro dos desmandos cometidos nos últimos 10 anos de petismo. Alertamos que os serviços públicos estão deteriorados, que a corrupção grassa na administração pública federal, que a inflação está sem controle.

E falamos isso porque estávamos, como sempre, ouvindo o clamor das ruas, conhecíamos as dificuldades do cotidiano do brasileiro, obri-

gado a passar horas em ônibus precários, a enfrentar filas para serem atendidos em hospitais e a ver seu salário corroído pela inflação.

Vinte e cinco anos depois do surgimento do PSDB, os brasileiros ocupam de novo as ruas em um protesto generalizado, a partir de insatisfações diversas e com multiplicidade de propostas. As “vozes roucas” se fazem presente, as ruas voltam a ecoar pedidos de mudanças, e novas formas de mobilização aparecem – a maioria soube das manifestações pelas redes sociais.

Cabe a nós fazermos uma reflexão mais profunda sobre esse fenômeno que reúne crianças, jovens, idosos e que se tornou tema nas mesas das refeições familiares, atingindo a todas as classes sociais, sem distinção.

A política deixou de ser um assunto de poucos e só de adultos. As crianças estão querendo participar e entender e isso é muito importante, pois afinal elas são o nosso futuro e a certeza de que desse movimento surgirão líderes que responderão por esse futuro.

É um movimento pacífico, que busca melhorar a qualidade de vida do povo brasileiro de maneira geral, que não aceita mais a corrupção desenfreada, a péssima qualidade dos serviços públicos.

Nós, do PSDB, temos que ter os ouvidos bem abertos para entender o que o povo quer, coerentes com nossa participação na história política recente do Brasil.

“A VOZ ROUCA QUE VEM DOS ESTÁDIOS”

por Solange Jurema - 17 de junho de 2013



Asonora vaia que a presidente da República, Dilma Rousseff, ouviu dos quase 70 mil torcedores que lotaram o Estádio Nacional Mané Garrincha, em Brasília, na abertura da Copa das Confederações, não é apenas um “jeito” brasileiro de se manifestar em locais públicos, como argumentam alguns.

Trata-se, em primeiro lugar, da vocalização de um sentimento que toma conta de todo um país em razão dos desmandos, dos abusos e do descontrole do atual governo federal. É um sinal claro, a 1 ano e 4 meses da eleição presidencial, de que a população está dizendo “não” a tudo o que está sendo feito.

Está dizendo “não” aos inacreditáveis 7 bilhões de reais gastos na construção dos estádios, alguns deles com o dobro do preço estimado, como o Mané Garrincha – ia ser 800 milhões e custou 1,6 bilhões de reais. E com boa parte dos recursos bancados direta ou indiretamente com recursos públicos.

Está dizendo “não” aos trapalhões e aloprados do governo federal que não sabem gerir com competência o Bolsa Família e reprimem com violência os movimentos sociais.

Do lado de fora dos estádios, o “não” é dito por segmentos da população que indiscriminadamente se reúnem e protestam contra ficar sem teto por causa da construção dos estádios; contra os gastos para a Copa da Confederações e do Mundo. É um “não” desarticulado, difuso, mas que vem eivado de insatisfações, que vem da voz rouca dos estádio, da voz rouca das ruas.

Por trás de cada um desse segmento está uma insatisfação maior com que se vive no Brasil nos dias de hoje. A vaia do Mané Garrincha, como se sabe, foi protagonizada pela classe média habilitada a comprar ingressos por 200, 300 ou 400 reais, que de algum modo está sendo severamente castigada pela atual política econômica do governo Dilma.

Os números comprovam a situação da classe média no Brasil. Segundo o IBGE, a renda da classe média subiu cerca de 6% para uma inflação de preços ao consumidor (IPCA) medida de 5% para um aumento de seus gastos-padrão em 23%.

Os remédios com 37% lideraram os aumentos para a classe média, os preços dos produtos no supermercado subiram 25%, seguido dos de combustíveis com 16%, de alimentação fora de casa em 10%, telefone e celular 14%. É muito aumento para pouco reajuste salarial.

Portanto, as vaias do novo estádio nacional de Brasília vieram, sim, da classe média insatisfeita em pagar a conta sem receber de

volta a devida prestação do serviço público, mas ecoam a voz rouca das ruas que, mesmo de maneira difusa e desarticulada, começa a se organizar para dizer “Não” ao que está aí, em 2014.

**Presidente do Secretariado nacional do PSDB-Mulher*

“MEU SUPERMERCADO, MINHA INFLAÇÃO”

por Thelma de Oliveira- 14 de junho de 2013



A cada semana que as donas de casa entram no supermercado se deparam com um outro Brasil, que não é aquele que o PT e a presidente Dilma Rousseff mostram na propaganda paga nas emissoras de rádio e televisão. É uma realidade vivenciada diariamente pelas mulheres que enfrentam as prateleiras dos gêneros alimentícios, seja em quitandas ou supermercados.

E não se trata apenas de uma “sensação”, de um sentimento opcionista que tomaria conta dos corações e mentes das mulheres

brasileiras ou, nem mesmo, de rabugice de um velho sentado à beira do mar, como citado pela presidente da República.

Trata-se, sim, de uma realidade inquestionável que atinge diretamente os bolsos e as bolsas das mulheres que se desdobram para fazer mais com menos. Nos últimos 12 meses a inflação dos alimentos é da ordem de 12%, enquanto o crescimento dos preços em geral é de 6,5%.

Pesquisa realizada pelo comércio aponta que as vendas de hiper e supermercados caíram 5,5% no período abril 2012/abril 2013, o que revela a perda de poder aquisitivo da população, especialmente as famílias de menor renda, que gastam mais com a compra de alimentos e gêneros essenciais.

Essa realidade, Presidente, e não o “Velho do Restelo”, explica a insatisfação das mulheres brasileiras com sua gestão – ou melhor a falta de gestão – na mais recente pesquisa da Datafolha, que em sua análise diagnosticou: “O que chama mais a atenção na pesquisa é que, dos oito pontos de popularidade que a presidente perdeu, a maior parte é proveniente de conjuntos menos escolarizados e de menor renda, especialmente do Sudeste e Sul. E o mais importante – as mulheres, muito mais do que os homens, deixaram de apoiar Dilma. E quando se focaliza o subconjunto de mulheres de renda mais baixa, essa tendência se potencializa”.

Talvez por isso, ao lançar o seu novo programa populista “Minha Casa Melhor” a presidente petista tenha se dirigido especialmente às mulheres do Brasil, tentando cortejá-las com a promessa de financiamento subsidiado para a aquisição de eletrodomésticos. Não adianta, presidente Dilma.

Há, sim, um descontrole da inflação, o pibinho é de 0,6%, o dólar sobe, a empregabilidade está crescendo em um ritmo menor e a credibilidade internacional do governo federal petista despenca nas agências de risco no exterior.

Não se pode, portanto, responsabilizar o “Velho do Restelo” pelas agruras do seu governo ou estigmatizar, mais uma vez, a oposição por suas observações críticas que, infelizmente, se tornaram realidade. Há muito apontamos que a política econômica está equivocada, que a inflação é o mais perverso dos impostos para os pobres e que é preciso ter rumo, um rumo certo como fizeram os navegantes portugueses como Vasco da Gama.

Quem está “azarando” seu governo é a sua própria equipe política e econômica, responsáveis por deixar o país no quadro em que se encontra. Como bem disse nosso presidente, Aécio Neves, criticar a oposição não resolve o problema de inflação. E nem acusá-la de “leviana” justifica a falta de uma consistente política econômica.

Leviandade é a tentativa permanente de querer enganar o povo com programas demagógicos, aproveitando-se de sua carência. O “Velho do Restelo,” e suas características pessimistas impregnam as brasileiras porque elas – ao irem aos supermercados – conhecem a real situação da economia brasileira e o fracasso de sua gestão.

**Vice-presidente do PSDB Mulher*

“CHEGOU NO BOLSO E ESTÁ CHEGANDO NAS PESQUISAS”

por Solange Jurema - 12 de junho de 2013



As pesquisas mais recentes sobre a aprovação do governo Dilma Rousseff indicam uma queda da ordem de 6 a 8 pontos percentuais e mostram claramente que a elevação dos preços alcançou o bolso dos brasileiros e brasileiras e chegou às pesquisas.

Não há quem, de Norte a Sul, de Leste a Oeste do país, que não fique chocado com o crescente aumento dos preços dos produtos nos supermercados – e não se trata mais de apenas vitimizar o tomate como o vilão da inflação porque foi superado por outros gêneros alimentícios, de limpeza etc.

O preço dos gêneros alimentícios que afeta as donas de casa, que começam a administrar seu orçamento doméstico com maior cautela ainda, comprando menos. A inflação dos gêneros alimentícios medida no IPCA aponta aumento de quase 14%, no período de doze meses, de maio de 2012 a maio de 2013 – mais do que o dobro da inflação medida de 6,5%.

Para termos uma ideia mais objetiva do que isso significa e dando os nomes aos bois, nesse mesmo período a cebola subiu 94,18%, a batata 123,48% e, claro, o tomate 149,69%. Ou seja, para nós, responsáveis pelas compras de nossa casa, a inflação não é de 6,5% em doze meses e sim da ordem de 120 a 150% porque fazemos a comida nossa de cada dia com cebola, batata e tomate.

Como se sabe, há sempre uma demora entre a população viver uma situação e reagir, de algum modo, ao que vem enfrentando no seu dia a dia. A insatisfação demonstrada nas pesquisas é apenas exemplo de como começa a ganhar corpo, na sociedade brasileira, uma clara insatisfação contra o atual estado das coisas, contra o governo Rousseff.

O pífo crescimento da economia brasileira na casa dos 0,5%, os seguidos equívocos gerenciais (Caixa Econômica Federal e o Bolsa Família), a alta do dólar que trará mais inflação, o crescente aumento de despesas com pessoal que afetam o ajuste fiscal estão criando um “caldo” efervescente que resultará em uma queda maior ainda dos índices de aprovação do governo Dilma Rousseff. É questão de tempo.

**Presidente nacional do PSDB-Mulher*

“SOU FELIZ SENDO PROSTITUTA? SERÁ, PRESIDENTE?”

por *Thelma de Oliveira* - 6 de junho de 2013



O governo da presidente Dilma Rousseff não se acanha e não parece medir esforços para, em cada semana, aprontar situações grotescas que chocam a opinião pública nacional. Depois do vexame do corre-corre do Bolsa Família, chegou a vez de mais uma trapalhada, agora no Ministério da Saúde.

Sem que o ministro da Saúde soubesse, o Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Doenças Sexualmente Transmissíveis, Síndrome da Imunodeficiência Adquirida e Hepatites Virais do ministério divulgou uma inusitada e polêmica campanha nas redes sociais chamada “Sou feliz sendo prostituta.”

A surpreendente e rápida ação do ministro demitindo o diretor do departamento – fato raro na gestão petista que continua abrigando os “aloprados” da Caixa Econômica Federal – não apagou mais essa péssima ação do governo Rousseff, que semanalmente nos “brinda” com trapalhadas como essa.

Qualquer campanha de prevenção e de combate é sempre bem vinda porque esclarece, conscientiza e estimula as pessoas a agir corretamente. Então, a ideia de estimular o uso de camisinhas para os homens que mantêm relação sexual com prostitutas não está errada.

O que está errado e equivocado é confundir as coisas, propositalmente ou não. Uma coisa é você falar de prevenção contra doenças transmissíveis, outra é, de maneira explícita, dizer que as mulheres são felizes por serem prostitutas.

Há um abismo entre as duas realidades e que se aprofunda quando nos voltamos para a triste realidade brasileira, onde meninas, algumas impúberes, são prostituídas de maneira vil e doentia nas rodovias desse imenso interior do Brasil.

Levantamento da Polícia Rodoviária Federal (PRF) em 2012 aponta que existem 1.776 pontos de exploração sexual de meninas menores de idade nas rodovias brasileiras. As rodovias BR-230, a 116, a 101, a 364, a 153 e a 163 são responsáveis por quase a metade dos pontos identificados pelo relatório da PRF.

Ainda segundo o documento da Polícia Rodoviária, em parceria com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), a organização internacional Childhood Brasil e a Secretaria Especial dos Direitos Humanos, cerca de 65% dos locais vulneráveis à exploração sexual ficam em áreas urbanas. Desde 2005, a PRF resgatou 3.215 crianças e adolescentes que viviam sujeitas à essa exploração.

Os números são dramáticos e se referem apenas à exploração de crianças, obrigadas a usar o corpo para, na maioria das vezes, terceiros de apropriarem dos recursos auferidos.

É uma indignação para um país como o Brasil.

Portanto, o Ministério da Saúde jamais deveria ter disponibilizado nas redes sociais uma campanha com um slogan tão nefasto como “Sou feliz sendo prostituta.”

O que o governo deveria fazer era estabelecer políticas públicas para o combate implacável à exploração sexual e definir ações preventivas para aquelas que, maiores de idade, possam se proteger, e aos seus eventuais parceiros que pagam por sexo.

Mas nunca imaginar que alguém possa ser feliz prostituindo o corpo.

**Vice-presidente nacional do PSDB-Mulher*

“HORA DE ARREGAÇAR AS MANGAS”

por Solange Jurema - 3 de junho de 2013



Passada a XI Convenção Nacional do PSDB com a nossa intensa e vibrante participação, conquistadas 30% das vagas no Diretório e na Comissão Executiva Nacional, chegou a hora de nos voltarmos para a organização interna do PSDB-Mulher, arregaçar as mangas e pensar em 2014.

O Secretariado Nacional da Mulher já começou a discutir o seu planejamento para o biênio 2013/2014

e traçar as linhas de ações político-partidárias para ampliarmos nossa participação na sociedade brasileira.

O objetivo é estabelecer um roteiro de viagens pelo país, ao lado do presidente do partido, o senador mineiro Aécio Neves, e apresentar nosso plano de ação e as políticas do PSDB-Mulher para nossas militantes e para a sociedade.

Nunca é tarde para lembrar que nós, tucanas, já somos 44% dos totais de filiados do PSDB e nos comprometemos a chegar a 50% no menor prazo possível, realizando um esforço de filiações em todo o território nacional, especialmente naqueles estados em que a nossa estrutura ainda não está fortalecida como deveria.

Afinal, em ano de eleição presidencial, o partido precisa estar organizado em todos os seus segmentos – mulher, sindical e juventude – e em todas as unidades da Federação para elegermos o Presidente da República e o maior número de governadores, senadores, deputados federais e estaduais.

Nossa campanha de filiação para alcançar a meta dos 50% de filiados será realizada junto à sociedade, atraindo quadros qualificados e identificados com as causas da mulher, com o combate à violência e a discriminação contra as mulheres.

Pessoas sérias, honestas e comprometidas com o povo. Dessas, os estados irão indicar aquelas que levarão às ruas nossas propostas nas campanhas eleitorais, com a força, a coragem e o vigor de nossa militância.

Esse trabalho é fundamental, diria essencial para alcançar nosso objetivo partidário de tornar o PSDB um partido ainda mais representativo no contexto institucional do Brasil.

Nós, mulheres, somos a maioria da população e do eleitorado, chefes de família de um terço dos lares brasileiros e nossa representação política – em todos os níveis – ainda é muito pequena, aquém do que deveria ser.

Portanto, vamos começar a trabalhar desde já para alcançarmos nossos objetivos, arregaçar as mangas e mais uma vez, mostrar nosso valor como militantes e lideranças que lutam pelo fim de qualquer tipo de discriminação e violência contras as mulheres no Brasil.

Presidente do Secretariado Nacional do PSDB-Mulher

“A VOLTA DOS ‘ALOPRADOS’, AGORA NO GOVERNO”

por Thelma de Oliveira - 29 de maio de 2013



Ainda está na memória dos brasileiros o episódio dos “alopradados” do PT, que, nas eleições de 2006, foram flagrados em um hotel de São Paulo tentando “armar” contra a candidatura de José Serra à Presidência da República. Naquele momento, o país conheceu um pouco mais do método escuso e atabalhado dos petistas para enfrentar adversários no pleito eleitoral.

Passados tantos anos a nação assistiu, entre surpresa e estarrecida, mais um ação tipicamente aloprada dos petistas no governo Dilma Rousseff, com o caso do Bolsa Família, um enredo grotesco e digno das chanchadas da Atlântica, não fosse um assunto sério e que interessa diretamente a milhões de brasileiros.

A Caixa Econômica Federal (CEF) errou e errou feio ao antecipar o pagamento do benefício do Bolsa Família sem avisar aos interessados ou a mídia. Não só isso, a CEF mentiu e sonegou informações,

ao que parece, ao próprio governo federal. Tentou esconder seus erros numa atitude infantil, de moleque pego em flagrante e que tenta esconder dos pais o mal feito.

Não são dignos do cargo que ocupam porque comprometem a seriedade de uma instituição e seu qualificado corpo funcional, que não pode ser responsabilizado e nem desmoralizado por essa verdadeira molecagem – esse é o resultado aparelhamento petista da máquina do Estado em que a carteira de petista vale mais do que sua competência e moral para o cargo que exerce.

Mas os dirigentes da Caixa não agiram sozinhos na chanchada dos aloprados petistas. Contou com a participação, em cena, de uma ministra de Estado, Maria do Rosário, que de maneira leviana e irresponsável, acusou a oposição de ser a responsável. Se mostrou pequena para o cargo que ocupa e sorrateira ao usar a sua visibilidade social para tentar denegrir a imagem dos partidos de oposição.

A ministra contou, ainda, com o protagonismo do ministro da Justiça, o petista José Eduardo Cardoso, que também esqueceu suas obrigações institucionais e disse que tratava-se de uma “ação orquestrada” e colocou a Polícia Federal à procura das “pessoas que vieram fazer o mal”, os “vândalos”, nas palavras do ex-presidente Lula...

Não precisa ir tão longe, ministro da Justiça. Os malvados do presidente Lula estão dentro da própria Caixa Econômica, quadros históricos do PT, ocupando cargos importantes na direção do banco estatal.

São eles os responsáveis pelo “terrorismo eleitoral” explicitado pelo Presidente nacional do PT, o jornalista Rui Falcão, que há muito esqueceu um dos princípios básicos do jornalismo, o de se bem informar para informar ao povo.

A chanchada patrocinada pelo PT e o governo federal contaram com a participação especial da presidente Dilma Rousseff que, no embalo das lambanças iniciadas com a CEF, disse que se tratava de uma ação de pessoas que cometeram um “ato desumano e criminoso”...

Nisso, a presidente tem razão: são desumanos e criminosos todos aqueles que zombam dessa maneira da população mais carente do país, aquelas que se abrigam no guarda-chuva do Bolsa-Família para sobreviver e garantir o monopólio eleitoral do PT. Ação social, é bom lembrar, que um dia o então opositor se referia como “migalhas” concedidas para os poderosos de plantão se perpetuarem no Poder – sábias palavras.

A presidente Dilma Rousseff tem a caneta na mão. Já se sabe quem são os responsáveis, “os boateiros”, os “terroristas eleitorais”, os “orquestrados”, os “malvados”, os “desumanos e criminosos”, os “vândalos”, todos encastelados na sinecura dos cargos da Caixa e no seu ministério.

Ou, então, ela pode fazer como a sua ministra do Desenvolvimento Social, Tereza Campello, que preferiu, em plena crise, pegar um avião e viajar de férias para a Disney World – pelo menos lá a presidente e sua “preocupada” ministra poderão de fato participar de cenas hilárias com os patetas, camundongos e monstros sem prejudicar o povo brasileiro.

“NOSSA PARTICIPAÇÃO É A NOSSA FORÇA”

por Solange Jurema - 24 de maio de 2013



AXI Convenção Nacional do Partido da Social Democracia Brasileira, o nosso PSDB, se tornou histórica pelo avanço conquistado pelas tucanas, o principal, a incorporação da Resolução 1/13 ao Estatuto do nosso partido. Agora é oficial, temos garantida a participação em pelo menos 30% dos cargos das diretorias e executivas municipais, estaduais e da nacional.

Não só isso, as tucanas deram vida e dinamismo à Convenção com a sua entrada no plenário do encontro. Foi um momento inesquecível e que carregaremos – todos nós, homens e mulheres do partido – em nossa memória.

Com mais de 1.000 militantes e delegadas de todas as unidades da Federação, o PSDB-Mulher demonstrou que somos uma força organizada, articulada e participativa. Não somos e nunca seremos apenas coadjuvantes de um encontro nacional do partido.

Somos protagonistas, estamos escrevendo a nossa história no partido e na sociedade brasileira. A cada espaço conquistado na frente

partidária pavimentamos o caminho para novas conquistas na sociedade brasileira.

Com a mudança estatutária, certamente conseguiremos atrair novas e importantes lideranças comunitárias para o nosso partido. Teremos mais fóruns de discussão de nossas propostas para acabar com a discriminação e a violência contra a mulher no Brasil.

Já somos 44% do total de filiados do PSDB e vamos avançar mais nessa marca. Queremos chegar aos 50% dos filiados e vamos conseguir isso num prazo relativamente curto. Essa é a nossa meta, é o nosso compromisso conosco, com o partido e com a sociedade.

Se a XI Convenção Nacional reconheceu e consolidou nossa conquista e espaço institucional, nós, tucanas, nos comprometemos publicamente, de maneira clara e explícita, a chegar aos 50% dos filiados.

E vamos cumprir nossa meta.

Parabéns a todas vocês, especialmente à militância feminina que viajou três ou quatro dias de ônibus para estar presente na convenção nacional e marcar sua presença nesse momento tão importante para as tucanas, para o PSDB e o Brasil. Sem vocês, a convenção não seria o que foi.

A eleição do senador mineiro Aécio Neves para a presidência nacional do PSDB é um alento, não só para as tucanas, mas para todas as brasileiras e brasileiros.

Vamos à luta, vamos cumprir nossa meta de termos 50% dos filiados.

**Presidente do Secretariado Nacional do PSDB-Mulher*

“MUDOU, MUDOU SIM, E PARA MELHOR”

por Solange Jurema e Thelma de Oliveira - 20 de maio de 2013



Algumas cenas de nossas vidas ficam indelevelmente marcadas para sempre, guardadas em nossa memória como símbolo de algo que ajudamos a construir e que ninguém tirará o nosso mérito coletivo.

Ver as mulheres tucanas entrando no plenário de nossa 11ª Convenção Nacional do PSDB gritando palavras de ordem, se afirmando com uma delas em uníssono “PSDB-Mulher forte. O PSDB que a gente quer só será forte com a presença da mulher” é uma dessas cenas inesquecíveis e que ficará para sempre na história e na vida de cada uma de nós, do PSDB e do PSDB-Mulher.

A incrível mobilização das tucanas para essa Convenção coroou um trabalho de anos para consolidar a nossa presença nos cargos diretivos do nosso partido, como definiu a maioria dos convencionais do partido nesse final de semana, em Brasília.

A luta começou há 14 anos e prosseguiu até o último momento da noite que antecedeu a Convenção Nacional, quando ainda estávamos

argumentando, ponderando e lutando para consolidar a nossa conquista referendada pelo presidente Sérgio Guerra, com a Resolução 1/13.

Contamos com o apoio dele, do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, do deputado João Almeida. E, principalmente, do nosso novo presidente, senador Aécio Neves, que, mais uma vez, mostrou sua sensibilidade e habilidade para entender que abrir mais espaços para as mulheres é fortalecer o PSDB, como entoavam as tucanas de norte a sul do país.

Agora é oficial, é estatutário, reconhecido em Convenção Nacional: as tucanas têm direito, no mínimo, a 30% dos cargos dos diretórios e executivas municipais, estaduais e nacional. É apenas o começo porque ao longo dos próximos anos novas vitórias virão e novos espaços partidários serão conquistados.

Nossa luta não se restringirá apenas à frente partidária interna. Sairemos às ruas, vamos alcançar a meta dos “50% de filiação”, identificar e filiar lideranças femininas nos municípios, nos estados e trazê-las para o PSDB.

Vamos às ruas, como sempre fizemos, levando nossas propostas partidárias, mostrando e demonstrando para a sociedade brasileira que o PSDB e seu candidato à Presidência da República são a melhor opção para o Brasil.

Vamos ampliar nosso espaço no Congresso Nacional, nas Assembleias Estaduais e eleger tucanas comprometidas, não só com a luta pelo fim da discriminação e violência contra a mulher, mas com a luta de todo o povo brasileiro.

“PSDB-MULHER, 14 ANOS DE LUTA”

por Thelma de Oliveira - 15 de maio de 2013



O PSDB-Mulher comemora seu 14º ano de existência num momento especial, o da conquista da cota de 30% dos cargos dos diretórios e suas executivas municipais, estaduais e nacional.

É um passo a mais em nossa luta para ampliarmos a presença das mulheres – e não só das tucanas – na vida político-partidária do país com repercussões em toda a sociedade brasileira.

Como mulheres estamos acostumadas a construir nossas vidas, nossos lares, criar nossos filhos e a nossa carreira profissional, com muito esforço, conquistando, passo a passo, cada uma dessas etapas.

Na política, nos partidos, não é diferente. Nos 14 anos de PSDB-Mulher cada conquista foi resultado de nossa organização, de nossa mobilização, de nossa vontade de alcançarmos mais espaços na vida política do PSDB, dos municípios, dos estados e do Brasil.

Nesse intervalo de tempo elegemos duas governadoras – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul e Maria Abadia no Distrito Federal

– aliás duas ex-presidentes do Secretariado Nacional do PSDB. Elegemos duas valentes senadoras – Lúcia Vânia em Goiás e Marisa Serrano no Mato Grosso, essa última, ex-presidente do Secretariado Nacional do PSDB-Mulher.

Além dessas, elegemos, com imensas dificuldades, centenas de vereadoras, deputadas estaduais, prefeitas, vice-prefeitas, deputadas federais. Na última eleição municipal batemos um recorde, com a eleição de 93 prefeitas, 83 vice-prefeitas e 726 vereadoras.

Agora, com a Resolução Nacional 1/13, assinada por nosso presidente Sérgio Guerra, participaremos pela primeira vez de um Congresso Nacional do partido com maior respaldo político, iniciando uma nova jornada para novas e históricas conquistas.

No ano que vem iremos participar de uma nova eleição no Brasil e as tucanas se organizarão com mais vigor e afinco. Vamos conquistar mais vagas nas listas partidárias, lutaremos por mais recursos partidários para as campanhas das tucanas e escolheremos os melhores nomes para nos representar nos governos e bancadas estaduais e no Congresso Nacional.

Quatorze anos é pouco na história política de um país, mas é muito no decorrer da consolidação de um sistema democrático depois de o Brasil passar por uma ditadura de mais de 20 anos.

As lutas políticas das décadas de 60 e 70 já sinalizavam para uma participação maior da mulher. O surgimento do PSDB-Mulher, na década de 90, foi um alento que nos trouxe mais força e disposição.

Longa vida ao PSDB-Mulher.

**Presidente nacional do Secretariado da Mulher – PSDB-Mulher*

“PSDB: 27 ANOS DE INTENSA PARTICIPAÇÃO DA MULHER”

por Solange Jurema - 25 de junho de 2015



Neste 25 de junho, o Partido da Social Democracia Brasileira completa 27 anos de existência com a tranquilidade, a certeza e a segurança de estar no caminho certo. Sem crise de consciência; por não haver iludido, enganado e muito mesmo decepcionado os eleitores que votaram em nossos candidatos e candidatas.

O PSDB surgiu com o objetivo de mudar a realidade política brasileira, de definir parâmetros de gestão, de eficiência e correção no uso de recursos públicos.

E assim foi. Questão de coerência e honestidade política.

Durante os dois períodos de Fernando Henrique Cardoso na Presidência da República o país finalmente ganhou um plano econômico que consolidou a nossa moeda, o Real, e acabou com a inflação até o surgimento dos governos petistas, que a realimentam com má gestão e ineficiência populista.

Ainda sob a égide de nosso Presidente de Honra, o país conheceu a Lei de Responsabilidade Fiscal, que definiu parâmetros claros da boa prática administrativa, que o atual governo petista de Dilma Rousseff tentou burlar com as famosas “pedaladas”, hoje na mira do Tribunal de Contas da União.

Também foi durante o governo Fernando Henrique que o Estado brasileiro, pela primeira vez, voltou os seus olhos para a mulher brasileira, com a criação da Secretaria de Estado dos Direitos da Mulher com status de ministério um avanço histórico incalculável.

Essa Secretaria foi fruto da experiência e da vivência de uma tucana que muito contribuiu para a história política, acadêmica e social do país; a querida Ruth Cardoso. Sua presença no governo de Fernando Henrique era a certeza de que qualquer demanda social ou das mulheres receberia a merecida atenção e uma resposta rápida e efetiva.

Ruth Cardoso também exerceu forte influência na criação do PSDB-Mulher, apoiando ostensivamente seu surgimento e estimulando figuras tucanas importantes como Yeda Crusius, Maria de Lourdes Abadia, Cecy Cunha e Moema Santiago, a participar de sua direção.

O PSDB, em suas quase três décadas de existência, sempre contou em seus quadros com mulheres fortes, competentes, dedicadas e vocacionadas para servir ao público e não para se servir dele.

De memória – e peço desculpas desde já por esquecer alguma companheira de primeira hora – recorde de nomes como o de nossa primeira senadora, Eva Blay, de Lucy Montoro, Yeda Crusius, Thelma de Oliveira, Vilma Motta, Lêda Tâmega e Marisa Serrano.

Todos esses nomes e os de todas as tucanas que anonimamente a elas se uniram, carregaram nossas bandeiras partidárias nas campanhas eleitorais, ajudaram a consolidar o PSDB e escreveram a história do Brasil, dos estados, do Distrito Federal e de milhares de municípios que tiveram o privilégio de serem comandados por um tucano ou uma tucana.

A todas elas, o partido deve muito e estou certa de que na próxima Convenção Nacional nosso trabalho será reconhecido e conquistaremos mais espaços políticos.

Viva o PSDB! Viva o PSDB-Mulher!

Viva as tucanas, porque sem elas estes 27 anos não seriam os mesmos!

**Solange Jurema é presidente do Secretariado Nacional da Mulher/
PSDB*

“OPINIÃO DE MULHER”

COLABORADORAS



“SÃO PAULO E A VOZ PIONEIRA PELA IGUALDADE”

por Nancy Ferruzzi Thame - 22 de junho de 2015



“ Foi muito gratificante ver, nesta semana que passou, as mulheres com quem interagimos em grupos temáticos, seja em reuniões, seja nas redes sociais, manifestando-se sobre o voto contrário de parlamentares, abstenções a ausências no dia em que a cota para mulheres nos parlamentos entrou na pauta do Congresso Nacional”

São Paulo, estado pioneiro na organização de mulheres em torno das conquistas de gênero deu mais um passo para o avanço nesta questão com o anúncio feito pela USP de que passa a integrar o movimento internacional HeForShe. Aqui, ElesPorElas certamente logo terá sua embaixatriz, como no âmbito global a jovem atriz Emma Watson tomou para si a defesa da igualdade de gêneros. Nosso desejo é que tenhamos em São Paulo e no Brasil muitas vozes ecoando esse discurso, de homens e de mulheres. Na política, nosso

Secretariado estadual, alinhado com o nacional, busca a adesão de políticos, administradores públicos, especialistas em diferentes áreas, formadores e disseminadores de opinião.

Nosso trabalho nas bases é com as novas lideranças, as que estão nas comunidades, em todo o estado, na sociedade civil, mulheres que emponderamos por meio do conhecimento. O que o PSDB Mulher busca é incentivar o exercício da política e da cidadania com opinião. Isso não somente dentro do partido, mas sobretudo fora, onde se constrói a participação para além do voto. Queremos contribuir para a democracia, formando massa crítica. Incentivamos mulheres a atuar na política e a votar de forma consciente. Foi muito gratificante ver, nesta semana que passou, as mulheres com quem interagimos em grupos temáticos, seja em reuniões, seja nas redes sociais, manifestando-se sobre o voto contrário de parlamentares, abstenções e ausências no dia em que a cota para mulheres nos parlamentos entrou na pauta do Congresso Nacional. O assunto perdeu na Câmara dos Deputados, mas ainda vai ao Senado. E lá estão elas, nos grupos, identificando posições e votos dos parlamentares a favor ou contra. Se são suas eleitoras, contatam-nos para cobrar uma resposta, uma explicação ou para agradecer o “sim”.

Nós, as mulheres paulistas, temos muito orgulho de suceder as grandiosas que vieram plantar as sementes, que desbravaram esses caminhos, tão logo o Brasil adentrava o período da democratização. Daqui deste estado saíram modelos para o mundo, como o das delegacias da mulher. Programas sociais encabeçados pela antropóloga Ruth Cardoso, que sempre será um exemplo para nós nas lutas por

gênero e pela igualdade, foram gestados nesse efervescente meio de debate de políticas públicas. É por isso que, quando ouvimos discursos em favor da nossa bandeira, “você precisam do enfrentamento para ocupar seu espaço na política” entendemos que uma batalha perdida não dá por encerrada esta história. Pelo contrário. Estamos só no começo e o Brasil é um país jovem, de democracia recente, como todos na América Latina. Temos muito o que aprender, o quanto nos politizarmos para obter conquistas maiores que virão. Mas é preciso humildade para aprender e coragem para empreender. Quero convidar a todas e todos dispostos à transformação que a política pode promover pela democracia para estar conosco. ElesPorElas, nós por todos e todos por um país melhor.

**Nancy Ferruzzi Thame é presidente do PSDB-Mulher SP*

“QUE ATIRE A PRIMEIRA PEDRA”

por Terezinha Nunes - 16 de junho de 2015



Foto: PSDB/PE

Uma das passagens mais conhecidas sobre a presença de Jesus na terra refere-se à frase: “quem não for pecador que atire a primeira pedra”. Conta o evangelista São João que os fariseus levaram a Jesus uma mulher adúltera (na época a mulher adúltera era apedrejada até a morte) e o inquiriram sobre o que fazer com ela. Jesus citou a célebre frase e todos os homens, de mansinho, colocaram – como se diz hoje – a viola no saco e desistiram do apedrejamento.

Faz mais de 2 mil anos que este episódio aconteceu mas é a melhor imagem que pode ser mostrada para analisar a celeuma que tomou conta do país há poucos dias quando a parada gay da avenida Paulista, em São Paulo, a mais famosa da América Latina, exibiu homossexuais usando símbolos religiosos – especialmente a cruz – para se contrapor ao que definem de homofobia praticada por movimentos cristãos, sobretudo evangélicos, nas casas legislativas brasileiras.

É difícil alguém ter razão quando o radicalismo toma conta de uma contenda, seja ela qual for. Muito menos quando ele é arma

dos dois lados e, envolvendo também a religião, passa ao largo dos ensinamentos de Cristo, fazendo a abominável intolerância se generalizar.

É isso que se depreende da guerra estabelecida entre as duas correntes desde que a bancada evangélica alcançou números inimagináveis no Congresso e que o Movimento LGBT, sobretudo os mais perseguidos, que são os transexuais, entendeu que a melhor forma de defesa é o ataque.

Terão as paradas o efeito esperado? É possível que sim nos primeiros anos mas, recentemente, a julgar pela última manifestação, o tiro pode estar saindo pela culatra e, ao invés de ajudar na luta contra a intolerância, estaria atraindo para o ringue quem está distante dele. Usar símbolos religiosos nada mais serviu do que para acirrar os evangélicos e puxar para o embate também segmentos da Igreja Católica.

Tudo bem que os transexuais podem ter tido a intenção de denunciar, usando a cruz, a falta de aceitação deles pela sociedade, afinal, quando esteve no mundo, Jesus sempre se postou ao lado dos perseguidos mas atrair os católicos para este celeiro é, sem dúvida, um contrassenso. O próprio papa Francisco na volta a Roma, após viagem ao Brasil, declarou aos jornalistas sobre os gays : “quem sou eu para julgá-los?”. Na ocasião o papa recomendou o uso da misericórdia para com eles e deixou as portas da Igreja abertas para todos.

A postura de Francisco ecoou em todo o mundo e levou um dos principais astros pop e homossexual assumido, Elton John, a afirmar em seu facebook que Francisco é “a melhor notícia dos últimos sécu-

los”. Mesmo não católico, disse que aplaude o papa de pé e concluiu: “Francisco é um milagre da humildade na era da vaidade”.

O cardeal Dom Odilo Scherer pontuou sobre o uso de símbolos religiosos na Parada Gay que isso pode “aumentar o fosso da incompreensão e do preconceito com os homossexuais”, concluindo “e não é isso que a Igreja Católica deseja para eles, pois também os ama e tem uma boa nova para eles, filhos muito amados pelo Pai do céu, que os chama a viver com dignidade e em paz consigo mesmos e com os outros”.

O tom a mais adotado na Parada Gay deve ser corrigido a julgar pelo que falou a atriz Viviany Beleboni que apareceu crucificada. Ela própria esclareceu que usou a cruz apenas para simbolizar o sofrimento dos transexuais nos dias de hoje.

“É preciso cuidar para não banalizar ou usar de maneira irreverente símbolos religiosos em respeito à sensibilidade das pessoas. Se queremos respeito, devemos respeitar” – afirmou o mesmo Dom Odilo.

Na verdade, em momento de radicalização como o atual, todo o cuidado é pouco para não passar das medidas.

** A ex-deputada Terezinha Nunes é presidente da Junta Comercial de Pernambuco (Jucepe)*

***Portal PSDB-PE*

“ACATAR OU REFUGAR NAS QUESTÕES DE GÊNERO: COM A PALAVRA O CONGRESSO NACIONAL”

por Lêda Tâmega - 16 de junho de 2015



Foto: George Gianni/PSDB

Com a IV Conferência Mundial sobre Mulheres, realizada em Beijing, em 1995, a questão da inclusão política e do “empoderamento” das mulheres entrou definitivamente para a agenda dos governos nacionais e ganhou dimensão global. A partir daí, a voz das mulheres – que já ecoava, num crescendo, desde os tristes episódios de discriminação e violência que marcaram o final do Século XIX e início do Século XX – tornou-se mais vibrante e insistente, obrigando os detentores do poder a prestar mais atenção aos seus trinados, aos seus grunhidos, aos seus rugidos, urros mesmo.

A meta de igualdade de gênero esteve na pauta de muitos acordos internacionais, inclusive nos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, mas, neste ano de 2015, prazo final para a concretização

daqueles objetivos, muitos governos carecem de participação feminina em instituições governamentais e órgãos de tomada de decisão. O Brasil encontra-se em uma posição vergonhosa a nível global, ocupando a longínqua 116ª posição, entre 190 países, no ranking de representação feminina no Legislativo, conforme dados da União Interparlamentar. Essa triste realidade é altamente prejudicial à boa evolução do processo democrático.

Aumentar a representação feminina em instituições governamentais e órgãos de tomada de decisão é crucial para o efetivo empoderamento das mulheres, especialmente sua inclusão nas decisões sobre todas as questões – não apenas aquelas que são tradicionalmente rotuladas de “questões das mulheres”, como crianças, idosos, saúde e bem estar da família.

A Conferência de Beijing recomendou que a comunidade internacional e a sociedade civil – inclusive organizações não governamentais e setor privado – implementassem ações estratégicas a fim de reduzir a desigualdade entre homens e mulheres, compartilhando poder e tomada de decisões. Muitas conferências internacionais concordaram com a meta de alcançar 30% de representação de mulheres no governo. Trinta países alcançaram a marca de 30% em 2012. Até 2013, a representação mundial de mulheres no parlamento foi pouco acima de 20% (União Interparlamentar). No Brasil as mulheres ocupam 9,9% das cadeiras da Câmara dos Deputados e 13% das do Senado Federal. Temos mesmo muito a avançar.

Estamos, pois, vivendo um momento único, em que duas PECs podem dar um passo decisivo para igualdade de gêneros, tendo o

respaldo de 71% dos brasileiros que consideram a reforma política muito importante para garantir a inclusão de 50% de mulheres nas listas de candidaturas dos partidos (pesquisa IBOPE/Instituto Patrícia Galvão).

Fechar os olhos e deixar passar em branco essa rara oportunidade seria, além de barrar o aprimoramento de nossa deficiente democracia, um atentado aos direitos humanos das mulheres, pois, já está mais do que provado que uma democracia exitosa não pode existir sem a participação ativa de todos os seus membros, homens e mulheres. É preciso que todas as vozes sejam ouvidas, e as questões de interesse dos homens e das mulheres sejam tratadas por um sistema de governo eficiente e responsável. Igualdade de gênero é uma questão complexa, que precisa ser tratada à luz das céleres mudanças que acontecem em nossa sociedade, particularmente no que diz respeito aos papéis de homens e mulheres.

Nesse sentido, as mulheres brasileiras esperam que Congresso Nacional responda afirmativamente aos seus direitos, consubstanciados nas PECs 23/2015 e 24/2015. A primeira determina que metade das vagas na Câmara dos Deputados, Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais, deverá ser ocupada por mulheres, sendo que, na primeira eleição a se realizar após a aprovação desta PEC, o percentual será de 30%, aumentando em 5% a cada eleição, até alcançar 50%; a segunda torna obrigatória uma vaga para cada gênero, quando da renovação de dois terços do Senado Federal.

Em breve, talvez nesta terça-feira (16/06), o Congresso vai votar esses dois projetos cruciais, que podem fazer avançar o processo

político em nosso país e abrir novos caminhos para o fortalecimento da democracia pela participação equitativa e solidária de todos os membros da sociedade.

**Lêda Tâmega é secretária da Executiva do Secretariado Nacional da Mulher/PSDB*

“SOMOS NÓS, ELES E A VITÓRIA PARA TODOS”

por Nancy FerruzziThame - 11 de junho de 2015



Presidente do PSDB-Mulher São Paulo, Nancy Thame – Foto: PSDBMulher-SP

Tivemos nesta semana conquistas importantes para compartilhar com todas as militantes, as mulheres simpatizantes do nosso trabalho à frente do Secretariado da Mulher no PSDB e as mais de 50% de eleitoras brasileiras. Fazemos parte de um segmento da sociedade historicamente contemplado por lutas nada fáceis para alcançarmos um objetivo humano, o da igualdade entre os gêneros. O direito ao

voto, que no Brasil se deu 83 anos atrás, foi o que nos permitiu decidir a quem entregar o poder de nos representar. Mas as mulheres também querem representar as vozes da sociedade nos parlamentos, é justo que tenham condições de disputar a escolha dos eleitores para tal. Esta é a questão. Nos é dado o direito, mas não a condição de participar da política. Por isso temos de celebrar os avanços aos quais me refiro no início deste artigo. Em São Paulo, o PSDB fez valer com votação de 6 a 4, na última reunião da atual Executiva Estadual, o direito previsto no Regimento Interno de ocuparmos 30% dos diretórios que se compõem agora em convenções. Assim atuaremos mais ativamente nas decisões político-partidárias, seremos motivadas a aprender e a ensinar dentro deste ambiente de onde nascem as lideranças para a renovação da política, dentro e fora do partido. A outra conquista foi nas inserções da propaganda partidária, que a Lei nos garante com 10% deste tempo para mostrarmos nosso trabalho e disseminarmos as propostas que as mulheres do partido têm para a sociedade. A deputada Mara Gabrilli foi ao ar em rede nacional, no domingo último, para cobrar do Governo Federal a conta que as mulheres brasileiras estão pagando com a crise econômica e política neste país.

Avançamos e muito nestes dois últimos anos de trabalho diuturno, incansável, quando percorremos as cidades em todas as regiões do estado de São Paulo para formar os Secretariados da Mulher, em cada diretório. Promovemos Encontros Regionais enriquecedores e, mais do que isso, transformadores. As mulheres que se resignavam, foram lá nos ouvir, contaram suas experiências, receberam incen-

tivo, informação, formação e se tornaram protagonistas. Os cursos que promovemos com o apoio da Fundação KornadAdenauer ao longo deste mandato deram aos sonhos e anseios destas mulheres o embasamento conceitual, teórico, histórico e prático. Com conhecimento, estas hoje 12.150 mulheres mobilizadas pelo PSDB Mulher estadual estão mais confiantes em si próprias e na força que exercem ao seu redor, no poder de atração que pode fazer este contingente aumentar mais e mais, em nome da democracia plena, feita por homens e mulheres. Somos ouvidas para além das nossas salas de reunião, estamos com grupos de mulheres organizadas como o das eleitoras, a Libra, que nos prestigia em nossos seminários, workshops, convidando-nos a participar dos seus eventos de formação de um eleitorado feminino mais crítico e atuante. Nós representamos no coletivo Mulheres da Base Aliada as militantes e as eleitoras do PSDB em São Paulo. Em dezembro de 2014 fomos recebidas pelo governador Geraldo Alckmin, que nos ouviu sobre as demandas dessas mulheres que representamos, recebeu de minhas mãos um documento que consolidava as diretrizes pensadas por todas as representantes de partidos que compõem a base de seu governo e nos respondeu com ação. Temos uma nova Coordenação de Políticas para as Mulheres, na Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania do Governo do Estado alinhada com as diretrizes de gênero que defendemos. Com o Governo do Estado pretendemos divulgar, aprimorar, ampliar e fortalecer as políticas públicas para as mulheres. Somos o estado pioneiro no enfrentamento da violência contra a mulher, temos programas como o Mulheres de Peito que são referência nacional e que-

remos que o Brasil possa ver em São Paulo esse modelo de inclusão da mulher em todos os setores da sociedade.

**Nancy Ferruzzi Thame é presidente do PSDB Mulher SP*

“CARAS-PINTADAS DE CRACHÁ”

por Terezinha Nunes - 9 de junho de 2015



Não é difícil de descobrir. Este final de semana, a estudante universitária Carina Vitral foi eleita presidente da UNE, no congresso em Goiás, celebrando 12 anos de dominação da entidade pelo PCdoB, um dos partidos aliados ao PT.

A instrumentalização da UNE não fica apenas por aí. Além da ausência da entidade das ruas desde que o PT assumiu o poder, há, de norte a sul do país, denúncias de cooptação dos dirigentes pelo Governo Federal. Hoje, por exemplo, acontece uma coisa impensável na época dos bons anos da insubordinada UNE: as entidades estudantis dominam a confecção de carteiras de estudante ficando com parte da renda obtida na operação, o que acaba por vincular o mo-

vimento aos governos dos quais depende para celebrar convênios.

O jornalista Josias de Souza, da Folha de São Paulo, afirma que nos governos Lula e Dilma a UNE recebeu R\$ 57 milhões do Governo Federal, se comprometendo a usar parte dos recursos na nova sede, um prédio que, na verdade, está sendo feito com base em acordo com a iniciativa privada que vai explorar parte dele através de espaço comercial. Tanta proximidade com o poder – político e econômico – impede a entidade de ir à frente.

Orgulho da juventude brasileira de outrora, UNE não é mais a mesma. Segundo o pesquisador Marcos Ribeiro de Mesquita que fez pesquisa sobre o assunto os estudantes não mais se interessam por ela e consideram, em resumo, que a entidade está “burocratizada, centralizadora, partidarizada e ultrapassada”.

Pelo andar da carruagem, foi-se mais um pilar de resistência da sociedade civil brasileira. Os caras-pintadas de outrora hoje escondem o rosto.

** A ex-deputada Terezinha Nunes (PSDB-PE) é presidente da Junta Comercial de Pernambuco (Jucepe)*

*** Portal PSDB-PE*

“O PSDB E O QUE O BRASILEIRO ESPERA DELE”

por Cristina Lopes Afonso - 28 de maio de 2015



**Publicado na edição desta quarta-feira (27) do jornal Diário da Manhã*

A descrença na política que inundou os debates País afora é, em grande parte, reflexo das práticas dos agentes públicos para chegar ao poder e se manter nele. Em detrimento da fidelidade a legendas e programas partidários, falam muito mais alto os acordos por cargos, a troca de interesses e os favorecimentos de toda sorte, muitas vezes, criminosos.

Às vésperas da eleição para o diretório do PSDB em Goiânia, prevista para o próximo domingo, 31 de maio, se torna fundamental e urgente uma reflexão sobre o envolvimento das bases e lideranças em torno de um projeto capaz de fazer diferença aos olhos dos eleitores.

Prestes a chegar aos 27 anos, nascido no bojo da nova democracia brasileira, o PSDB traz consigo como desafio a implantação de um grande pacto nacional em nome da eficiência e probidade na condução da máquina pública, como aguarda, sem muita esperança, a sociedade brasileira, massacrada pela chaga da corrupção e pela inoperância do poder público.

Para alcançar essas metas, os correligionários já têm cartilha: as principais diretrizes detalhadas no programa do partido, quais sejam a qualificação dos serviços públicos, com educação, saúde e segurança de qualidade; a retomada do crescimento econômico, com geração de emprego e renda; e a retidão e transparência na administração.

Só que pouquíssimos percebem que onde reinam os interesses particulares e de pequenos grupos não há espaço para o florescimento de tais propostas. Por isso, abrir mão das expectativas pessoais em nome de uma nova política passa necessariamente pela união em torno de propostas reais de bem-estar e satisfação para todos os brasileiros. Não para alguns.

Desta forma, assim como o PSDB, defendo uma reforma política com o fortalecimento dos partidos em nome das grandes bandeiras do país. E nesse momento de escolher novas lideranças, é esse o sentimento que precisa ser levado em conta, sob pena de o Brasil nunca mais ver a sociedade em paz com a política. Por isso, mesmo no município, nosso pequeno cadinho, o partido pode e deve dar exemplo.

*Cristina Lopes Afonso é vereadora do PSDB e presidente da Comissão de Direitos Humanos e Cidadania da Câmara de Vereadores de Goiânia

“A ESCLEROSE MÚLTIPLA E A INCLUSÃO NO MERCADO DE TRABALHO”

por Mara Gabrilli - 27 de maio de 2015



Foto: Agência Câmara

Na última quarta-feira de maio, celebra-se o Dia Mundial da Esclerose Múltipla, doença autoimune cujos sintomas ocorrem em surtos, deixando sequelas graves que muitas vezes podem comprometer os movimentos e funções importantes como a visão.

Estima-se que cerca de 30 mil brasileiros convivam com essa inimiga invisível. Tomada por um cansaço abrupto e mordaz, a pessoa com esclerose múltipla não encontra em seu entorno apoio para lidar com os sintomas velados da doença.

Diferente de uma pessoa com deficiência, o paciente de esclerose múltipla ainda não conta com nenhum tipo de política pública que o garanta o essencial para ter qualidade de vida. Mais que apoio de familiares e amigos, essas pessoas precisam da compreensão por parte

dos empregadores para adequar a carga horária das empresas ao seu tratamento, muitas vezes evasivo e extremante debilitante.

Hoje a Lei de Cotas não inclui o paciente da esclerose múltipla em seu rol de beneficiados. Realidade que queremos alterar a partir da Lei Brasileira de Inclusão, projeto que relatei na Câmara dos Deputados. A ideia é que as empresas contratem seguindo a avaliação da classificação internacional de funcionalidade (CIF).

Diferente da CID (Classificação Internacional de Doença), a CIF leva em consideração não só a funcionalidade da pessoa, mas o contexto ao qual ela está inserida. A partir dessa avaliação, uma pessoa com esclerose múltipla, até então fora da lei de cotas, pode ser incluída no mercado de trabalho, já que a avaliação será muito mais abrangente.

A mudança muda o conceito de deficiência, que não mais será compreendido como uma condição estática e biológica da pessoa, mas como o resultado da interação das barreiras impostas pelo meio com limitações de natureza física, mental, intelectual e sensorial. Ou seja, a deficiência deixa de ser um atributo da pessoa e passa a ser o resultado da falta de acessibilidade que a sociedade e o Estado oferecem.

Sempre uso o meu caso como exemplo ao abordar essa questão. Apesar de ter uma deficiência física considerada severa, as tecnologias assistivas e os outros recursos que disponho em meu dia a dia tornam minha paralisia insignificante. Mas para uma pessoa com deficiência, mesmo em grau leve, as barreiras enfrentadas podem ser muito maiores, se levarmos em consideração seu estado de vulnera-

bilidade social e sua total falta de acesso a recursos básicos, como medicamentos, cadeira de rodas, serviços de reabilitação, transporte, etc.

Felizmente, os avanços da habilitação e reabilitação trouxeram novas perspectivas sobre a vida, inclusive, àqueles, que como eu, perderam movimentos, mas continuam com a alma inquieta. Contudo, é preciso trabalhar para que mais pessoas tenham as mesmas oportunidades no ambiente de trabalho. Para isso as empresas devem cumprir, além da legislação, sua cota de tolerância e respeito às necessidades de cada ser humano.

“DA ERA DIGITAL À ESCRAVIDÃO”

por Terezinha Nunes - 19 de maio de 2015



“ Por favor nos ajudem”, gritavam para uma embarcação de jornalistas centenas de pessoas de Mianmar e Bangladesh, famintas e penduradas em barco precário no mar do sudeste da Ásia na semana passada. Há dois meses se encontravam à deriva buscando entrar na Malásia e há uma semana estavam sem comer.

De forma semelhante, imigrantes das regiões mais pobres da terra se aventuram diariamente em busca de abrigo nos países da costa europeia e asiática – há uma semana eram mais de 6 mil segundo a ONU – onde são vítimas de naufrágios, tendo o maior deles ocorrido em abril no mar mediterrâneo, no qual morreram mais de 800 pessoas, incluindo crianças.

Essas imagens preocupantes e degradantes da condição humana se sucedem atualmente na TV, entremeadas por notícias de perseguições de toda espécie ao redor do mundo e pela insanidade dos partidários do Estado Islâmico (EI) a decapitar diante das câmaras qualquer pessoa que discorde deles, sejam cristãos, jornalistas ou

simples voluntários da causa humanitária na Síria e no Iraque, países em cujos territórios levantaram acampamento para aterrorizar o mundo.

Essas situações que jamais se poderia imaginar viessem a acontecer com essa crueza e velocidade em plena Era Digital estão demonstrando diariamente como parte da humanidade ainda é obrigada a conviver com costumes da idade antiga. O mundo onde o celular e o computador são corriqueiros experimenta também o atraso da era dos descobrimentos quando a escravidão de africanos atravessava o oceano atlântico, transportando em embarcações torpes e insalubres, muitas vezes amarrados, os escravos que trabalhariam como tal na lavoura da cana-de-açúcar no Nordeste brasileiro. Página vergonhosa da história nacional.

Qual a solução para essa desigualdade que bate à nossa porta? Perplexa a Comunidade Européia se reúne e, na falta de uma saída plausível, denuncia a existência de uma organização criminosa que, a custo de pagamento, estaria em alguns países, onde a fome e a guerra tornam a vida insuportável, enganando pessoas e colocando-as em barcos cujos comandantes abandonam as embarcações ao se verem em apuros, provocando tragédias.

Por outro lado, o Alto Comissariado da ONU para os Direitos Humanos acusa os europeus de estarem transformando o mar mediterrâneo em “grande cemitério” ao não permitir que estes barcos ancorem em sua costa. O papa Francisco faz constantes apelos aos europeus por uma solução e pede clemência e misericórdia com os que se encontram à beira da morte em barcos à deriva.

Sobre o Estado Islâmico, recentemente quem melhor espelhou a realidade foi o cientista canadense Graeme Word para quem o EI deve ser entendido como organização que vive no século VII, interpretando o Alcorão ao pé da letra, e “matando os infiéis”. Como os novos escravos da África e da Ásia os partidários do EI ou não chegaram ou deram as costas à civilização.

O primeiro ministro da Itália Matteo Renzi acusou o golpe há poucos dias ao dizer que o transporte de imigrantes pelo mar “recorda a época da escravidão” e defendeu que as causas sejam combatidas “pela raiz” e que “a África deve se tornar o elemento chave da política italiana e mundial”.

O que Matteo quis demonstrar? Que, independente da exploração por mercadores de homens, não dá mais para ignorar o que acontece nos países mais pobres ou expostos a ditaduras sanguinárias que obrigam as pessoas a uma viagem sem volta pelo mar.

Só não se foi a fundo ainda, porém, em relação ao Estado Islâmico. Por enquanto o que se discute é exterminá-lo a bomba como se não fossem surgir movimentos tão atrasados quando esse a causar perplexidade. Um componente explosivo poderia estar por trás dos dois maiores flagelos que afrontam o mundo atualmente. Autoridades europeias trabalham com a hipótese do EI estar infiltrando seguidores naquele continente entre os passageiros dos barcos que carregam imigrantes.

** A ex-deputada Terezinha Nunes (PSDB-PE) é presidente da Junta Comercial de Pernambuco (Jucepe)
Portal PSDB-PE*

“SEGURIDADE SOCIAL DEBATERÁ PROPOSTA QUE CRIA PROGRAMA DE TELEASSISTÊNCIA AO IDOSO”

14 de maio de 2015



Foi aprovada, nesta quarta-feira (13), requerimento da deputada federal Shéridan (PSDB-RR) no qual a parlamentar pede a realização de audiência pública para debater o Programa de Teleassistência ao Idoso (PL 7179/14). O projeto é de autoria do deputado federal Marco Tebaldi (PSDB-SC) e relatado pela tucana na Comissão de Seguridade Social e família, onde acontecerá o debate.

Pela proposta, o programa consistirá na instalação de um aparelho para comunicação de emergências na residência do idoso, conectado à linha telefônica e à rede de energia elétrica. Sempre que estiver em situação de perigo, risco emergencial e social, ou necessite de atendimento à saúde, o idoso deverá acionar um botão que enviará sinal de alerta à central de atendimento, que deverá funcionar 24

horas. A central entrará em contato com o idoso e com as pessoas mais próximas a ele. Caso necessário, acionará também o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu).

De acordo com Shéridan, o Brasil possui cerca de 18 milhões de idosos, ou seja, 12% da população, e a previsão é que nos próximos vinte anos essa população exceda os 30 milhões. “Diante dessa estatística do IBGE, torna-se imperativo pensar em políticas públicas que beneficiem efetivamente esse segmento da população, oferecendo-lhes acesso facilitado à saúde e à qualidade de vida”, justifica a deputada. Segundo ela, a proposta de Tebaldi busca uma solução eficaz para problemas enfrentados pelos idosos e por isso a audiência é necessária.

Serão convidados o prefeito de Santos, Paulo Alexandre Barbosa, e o presidente da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, João Bastos Freire Neto.

**Do portal do PSDB na Câmara pela Deputada Shéridan*

“O LUGAR DA MULHER NO PARTIDO POLÍTICO”

por Nancy Ferruzzi Thame - 14 de maio de 2015



Nancy Ferruzzi Thame: “O sistema de Representação Política pode ser um fator impulsionador ou inibidor dessa participação feminina. E isto é perceptível mesmo no interior das democracias consolidadas e com alto grau de desenvolvimento econômico.”

Qual o espaço existente para as mulheres dentro dos partidos políticos? A pergunta que fiz em recente artigo científico, com o tema: “As mulheres na política brasileira: dos objetivos idealizados à realidade distante”, escrito para a conclusão do curso da pós-graduação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, trouxe para a reflexão a conquista da participação feminina de forma efetiva na política partidária.

Por que ainda somos usadas para preencher cotas legais, não somente nas disputas para os parlamentos, mas também nas eleições

internas que definem as Executivas dos partidos políticos? Speck e Mancuso (2012), autores pelos quais me embasei, mostram que capital político contribui em alguns casos para sucesso eleitoral – fenômeno entendido como a ocupação de um dado cargo anterior. Seria este o motivo que afasta a mulher? Ela não teria tanto sucesso porque ainda não teve o acesso necessário, ou seja, seria vítima de uma espécie de círculo vicioso? Os autores mostram também, no entanto, que o gênero tem impacto sobre algumas campanhas. Quais os efetivos problemas? Dois estudos recentes conduzidos no âmbito do Consórcio Bertha Lutz (Speck; Sachett, 2011; Araújo; Borges, 2011) mostraram claramente o peso do fator financeiro nas campanhas eleitorais e como isto influencia as chances segundo o sexo. Os resultados só reforçam um dos pontos da agenda da Reforma Eleitoral que é a mudança de regras no financiamento de campanha. No caso do trabalho de Speck e Sachett, os autores mostraram como o gênero opera como um viés redutor ou ampliador de chances de obtenção de recursos financeiros.

Para além desse relevante debate, uma das possíveis explicações para a falta de acesso das mulheres a recursos estaria associada à falta de espaço nos partidos políticos. Um olhar sobre a formação de alguns órgãos nacionais adensa o debate. Na consulta aos sites de um conjunto de legendas relevantes – não são todas que possuem em seus sites os nomes dos membros de suas executivas – percebemos a baixa participação feminina.

Ao debruçarmos sobre os números de janeiro de 2015, notamos uma presença muito pequena de mulheres nestes espaços de decisão

partidária, sendo que em muitos partidos, como é o caso do PT e PSDB, movimentos internos das mulheres conseguiram inserir, recentemente, cotas de participação em seus regimentos. No PT, de 50% e no PSDB, de 30% – apesar de entre os petistas o percentual chegar a 45% e no PSDB a 19%. São avanços, porém ao que tudo indica os resultados só virão com intensa mobilização e pressão das mulheres dos segmentos nas eleições internas, para realmente fazerem cumprir seus regimentos. Em outras legendas o quadro é ainda mais desolador: PMDB e DEM não chegam, sequer, a 10% de mulheres em seus órgãos colegiados no plano nacional, a despeito de todos terem grupos para mulheres. Qual o peso de tais integrantes no comando da legenda? Recentemente, em janeiro de 2015, o PSD ocupou espaço legal no rádio e na TV para fazer mais uma campanha de chamamento à filiação feminina, algo comum entre os partidos brasileiros, mas que não parece se refletir em espaços decisórios. Mas a despeito de tais aspectos é perceptível a falta de espaço e a dificuldade de avanço no total de eleitas, sobretudo quando tomamos por base as eleições proporcionais, que costumam espelhar melhor características da sociedade e representação de diferentes ideias e aspectos.

O sistema de Representação Política pode ser um fator impulsionador ou inibidor dessa participação feminina. E isto é perceptível mesmo no interior das democracias consolidadas e com alto grau de desenvolvimento econômico. Porém, no Brasil, parece relevante defender a ideia de que a lógica da participação feminina esteja presente nos debates sobre reforma política. Lembrando que alguns pro-

jetos que tramitam no Congresso contemplam esta temática e temos atualmente uma comissão suprapartidária de mulheres parlamentares presentes na discussão da reforma, com o objetivo de garantir que tenhamos de fato 30% das cadeiras nos parlamentos eleitos.

Percebemos que as últimas décadas foram marcantes para a história das mulheres do mundo e também para as brasileiras na esfera política. Há, no entanto, uma questão histórica básica na sub-representação e também de justiça que precisa ser reparada. É preciso compreender que a democracia tem como preceito oxigenação, alternância e participação ampla da sociedade. Sem a participação das mulheres não há democracia.

Partido político que não enxergar a contribuição significativa e imprescindível que pode ser dada pela representação das mulheres, estará fadado ao atraso e ao esvaziamento. Com certeza, queremos participar e não mais como meras suplentes.

**Nancy Ferruzzi Thame é presidente do PSDB Mulher São Paulo e vice-presidente do Secretariado Nacional da Mulher do PSDB.*

**Assessoria do PSDB-Mulher SP*

“UM DIA PARA SE PENSAR”

por Dell Santos - 13 de maio de 2015



Quem presenciasse o dia de hoje no que concerne à igualdade de condições entre as etnias sem ter sabido de todo o passado ou ter tido um mínimo de instrução histórica como pano de fundo dificilmente diria que já se passaram tantos anos desde os fins da escravidão.

A condição das etnias escravizadas, e aqui falo especificamente do negro, a quem a data de hoje se refere, melhorou desde então até os dias de hoje, isso é incontestável. Mas poderia e deveria ter mudado muito mais. Em primeiro lugar, não consigo entender por que se celebram datas de libertação dos escravos em vários países do mundo, pois cada país libertou seus escravos em uma data diferente, mas não existe o Dia Mundial do Fim da Escravidão, ou o Dia Mundial da Igualdade Étnica, ou mesmo o Dia Mundial do Combate à Escravidão, porque não podemos esquecer que a escravidão, por incrível que pareça, ainda existe nos dias de hoje e, o que espanta

ainda mais, em países ricos como o Brasil. Seria muito importante que o mundo todo se unisse e envidasse esforços no combate às relações subumanas de trabalho e à desigualdade de oportunidades entre as diferentes etnias.

O ano de 2015 vive acontecimentos muito importantes e que nos fazem refletir sobre a igualdade étnica. Logo no início do ano ficamos surpreendidos e boquiabertos com o atentado sanguinolento de um grupo radical islâmico à sede do periódico francês Charlie Hebdo. É de fato inconcebível e inaceitável que intelectuais e jornalistas tenham suas vidas ceifadas por uma gente intransigente e sanguinária. No entanto não consigo calar quando comparo a repercussão mundial que isso tem com a repercussão que tem o seqüestro de centenas ou milhares de meninas indefesas na Nigéria pelo BokoHaram, outro grupo radical islâmico cuja barbárie em nada deve aos absurdos do Estado Islâmico. Mas o que são essas meninas pobres, negras, algumas talvez até analfabetas? O mundo tende a separar humanos em categorias, alguns mesmo em subcategorias. Quando dezenas ou centenas de europeus morrem num avião pilotado por um louco suicida isso tem muito mais repercussão, muito mais eco na imprensa mundial do que quando africanos negros e árabes morrem numa embarcação que adernou no Mediterrâneo, entre a Líbia e a Itália. O mundo mede suas perdas humanas com dois pesos e duas medidas. Acho ótimo vestirmos camisetas dizendo “Je Suis Charlie”. Mas que tal vestirmos, também, “Je Suis Afrique” ou “Je Suis Nigeria”?

Hoje devemos fazer uma profunda reflexão sobre o que vem acontecendo, em pleno século XXI, com as outras etnias que não a

branca, e em especial com os negros. É inadmissível que em plena era da tecnologia de ponta, da internet, da velocidade exacerbada da informação presenciemos cenas de tamanha atrocidade como as vistas nos assassinios de jovens negros por policiais brancos facínoras nos Estados Unidos. A comunidade negra tem a verdadeira obrigação de transformar o país em um barril de pólvora enquanto esses casos não forem devidamente esclarecidos e resolvidos.

Após mais de um século de libertação, temos sim muito o que comemorar: o fato de um negro ter galgado à cadeira presidencial do país mais rico do mundo, de os negros não sofrerem mais a segregação que sofriam em sua própria casa na África do Sul, de negros estrelarem papéis principais em novelas brasileiras, serem capas de revistas ou mesmo de negras serem laureadas com a coroa de Miss Universo.

Mas isso tudo ainda está muito longe de ser o suficiente. Apenas começamos nessa longa trajetória. Devemos, temos a obrigação de ficar cada vez mais vigilantes quanto às oportunidades e ao tratamento dados aos negros. Só assim seremos capazes de, num futuro próximo, ser tratados com a devida dignidade e o devido respeito.

**Dell Santos é coordenadora de Eventos do PSDB Mulher da Capital, 2ª Vice Presidente Tucanafro Municipal e diretora de eventos do Tucanafro Estadual.*

“O GIGANTE ACORDOU”

por Terezinha Nunes - 28 de abril de 2015



Fundada em 1952 sob a inspiração do arcebispo Dom Hélder Câmara, atualmente em processo de beatificação e batizado pelo Papa Francisco de “apóstolo da América Latina”, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil engajou-se, desde o início, na luta por uma sociedade mais humana e mais justa.

Em algumas ocasiões ganhou proeminente destaque. Em 1956, ao reuniu os bispos do Nordeste em Campina Grande, na Paraíba, na presença do então presidente Juscelino Kubitschek quando fez uma denúncia pública sobre a situação de pobreza e miséria da região, obrigando o presidente a tomar diversas medidas, culminando com a criação da Sudene em 1959.

Durante o regime autoritário, a CNBB atuou, na surdina ou de forma pública, engrossando o movimento de resistência à ditadura. Dom Hélder, o crítico mais forte ao poderio dos militares, passou a denunciar a nível internacional a tortura de presos políticos e acabou proibido de falar no país, teve sua casa metralhada e seu principal auxiliar, o Padre Henrique, torturado e morto no Recife.

Alguns outros bispos manifestaram-se fortemente em defesa da abertura política como fizeram, entre outros, Dom Aloísio e Dom Ivo Lorscheider e Dom Luciano Mendes. Dom Aloísio e Dom Eugênio Sales, o primeiro como arcebispo de São Paulo e o segundo como arcebispo do Rio de Janeiro, salvaram a vida de vários perseguidos políticos, como se sabe hoje, abrigando-os em locais seguros ou ajudando-os a sair do país.

Depois desse período mais negro da nossa história, a CNBB dedicou-se também a denunciar as injustiças mas de forma mais branda, uma vez que o país atravessava a calma proporcionada pela democracia. Não deixou, porém, de se manifestar contra a corrupção e pela reforma política.

Conseguiu um milhão de assinaturas para forçar o Congresso a aprovar a Lei da Ficha Limpa e, recentemente, junto com a OAB, passou a defender um projeto de reforma política.

Mais recentemente, sob a inspiração do papa Francisco, que defende uma Igreja mais engajada na luta do dia a dia e diz que a política “é forma mais sublime de se praticar a caridade”, a CNBB vem retomando o período dos grandes embates em favor da justiça e da ética.

Isso ficou patente na semana passada com a Assembléia dos bispos em Aparecida que decidiu escolher para novo presidente da Conferência o arcebispo de Brasília Dom Sérgio Rocha e que aprovou um texto duro sobre a crise que está instalada no país, informando que ela “coloca em risco a ordem democrática” e que os poderes constituídos “têm o dever irrenunciável do diálogo aberto, franco e

verdadeiro na busca de uma solução”.

A CNBB deixou claro ainda que não se deve esperar dela condescendência com malfeitos: “ninguém pode exigir de nós – diz o texto – que releguemos a religião para a intimidade secreta das pessoas, sem qualquer influência na vida social “e conclamou, reagindo à redução da maioria penal à terceirização em todos os setores e ao ajuste fiscal entre outros temas – “é inadmissível que a preservação dos direitos sociais venha a ser sacrificada para justificar a superação da crise “.

Dom Sérgio Rocha, agora falando em nome de mais de 300 bispos, arcebispos e cardeais brasileiros, não deixou por menos, incorporando a postura dos mais combatentes bispos de outrora. Defendeu uma Igreja “efetiva e relevante” na vida da sociedade e uma CNBB “de postura ativa que continuará a denunciar o que vai contra o reino de Deus”.

O recado foi dado.

**Terezinha Nunes (PSDB-PE) é presidente da Junta Comercial de Pernambuco (Jucepe)*

“SÃO SEMPRE AS MULHERES A LUTAR POR LIBERDADE”

por *Beatriz Ramos* - 19 de junho de 2015 [Email Share](#)



Foto: George Gianni/PSDB

Em 1936 uma moça de 26 anos saiu distribuindo quatro enteados adolescentes e três filhos – a criança menor tinha três anos, a maior sete – entre seus parentes fez uma mala e despencou de Maceió, Alagoas, para o Rio de Janeiro, capital da República, em plena ditadura Vargas.

Petulante e segura – não se sabe bem do que-, instalou-se com uns tios em um casarão do Méier, incomodou meio mundo, fez perguntas constrangedoras aos poderosos de então, não sossegou enquanto não tirou o marido do Presídio de Dois Rios, na Ilha Grande, em Angra dos Reis, quase um ano depois de sua prisão sem culpa formada.

Em janeiro de 1938 duas mulheres invadiram a Alemanha nazista, durante a Segunda Guerra Mundial, para resgatar uma menina que, nascida na Prisão de Mulheres de Berlim, acabara de perder

a mãe, executada em uma câmara de gás. A mais velha era avó do bebê, a outra, sua tia. A viagem foi a terceira tentativa de resgate, não desistiram até conseguir salvar pelo menos a criança.

Em 07 de maio de 2015 falaram na Comissão de Direitos Humanos do Senado Federal, Lilian Tintori, Mitsy Ledezma e Rosa Orozco.

Lilian é uma moça bonita, de 37 anos, mãe de uma menina de cinco anos e de um bebê de 20 meses. Seu marido, Leopoldo López, está preso desde fevereiro de 2014, acusado de incitar manifestações violentas. Isso mesmo, López é acusado de promover protestos que, uma vez nas ruas, foram invadidos por grupos armados de rojões, com máscaras e capuz, dando à polícia de Maduro o argumento necessário para reprimir, violentamente quem protestava de cara limpa, sem nada nas mãos. Parece familiar?

Preso sob acusação de assassinato, López já foi torturado várias vezes, mas o governo Dilma parece achar que nada disso fere os termos da cláusula democrática prevista no Protocolo de Ushuaia de 24/7/98, do MERCOSUL, que veda o ingresso de ditaduras no bloco. E apoia o regime Maduro, por omissão.

Mitsy Ledezma é mulher do prefeito de Caracas, Antonio Ledezma, preso em fevereiro de 2015, sob acusação de arquitetar um golpe de estado em parceria com os Estados Unidos. De nada adiantaram as negativas da oposição e dos americanos. A prisão, truculenta, à luz do dia, sem a menor preocupação com uma tintura sequer de legalidade, dá uma dimensão exata de como andam as instituições venezuelanas no momento. Não levaram tanques porque os corredores eram estreitos. Dilma Rousseff, mais uma vez, calou.

Rosa Orozco tinha uma única filha, de 21 anos de idade. Geraldín Moreno estava protestando em uma manifestação contra o regime de Maduro, em frente de sua casa, no dia 19 de fevereiro de 2014, quando foi ferida por milicianos chavistas com um tiro no rosto. A menina, levada ao hospital, morreu três dias depois. A mãe chora enquanto levanta o cartaz com duas fotos da jovem; uma a mostra viva, rindo; a outra, não.

Muitos brasileiros foram à audiência pública, éramos tantos que foram necessários mais dois auditórios para acomodar os participantes. Alguns choraram com Rosa, enquanto ela contava que, apenas naquele mês de fevereiro, 19 estudantes foram mortos em protestos contra o regime, a maior parte com tiros na cabeça. Executados.

Ouvindo seus relatos, imediatamente lembrei-me da mulher que abre esta crônica, Heloísa, que também deixou os filhos para trás e saiu desabalada para gritar por justiça para seu marido preso. Fico imaginando se o menorzinho de Lilian a reconhecerá, quando voltar de suas andanças e como estará sua família. Sei que a de Heloísa e Graciliano demorou a se reunir, levar sete filhos para o Rio, naquela época, seria difícil para quem estava saindo da cadeia, quebrado.

Heloísa recuperou primeiro as duas menores, Luíza e Clara, depois foi mandando buscar os outros, à medida que a vida ia endireitando. Consta que, quando foi pegar a caçula, já com quatro anos, a pequena olhou para ela e desandou a chorar. A mãe abraçou-a, preocupada e carinhosa, perguntou se não a reconhecera e se a garotinha não estava feliz em vê-la. “Eu conheci, mas pensei que fosse retrato”, veio a resposta. O mundo era grande, naquela época, a gurria devia achar ter sido esquecida.

Sem imaginar consolo para a dor de Rosa Orozco, penso em Dona Leocádia e em Lygia Prestes, que foram à Alemanha três vezes, até que conseguissem resgatar das garras nazistas Anita Leocádia, com um ano de idade. Não consigo entender como o mundo mudou a ponto de a única mulher presente à audiência a menosprezar a dor da mãe em luto, ser exatamente uma senadora do antes perseguido PC do B.

Quando foi que interesses políticos menores passaram a prevalecer sobre os humanitários? Será que os comunistas esqueceram que sem a ajuda de Sobral Pinto, advogado de direita e de um enorme movimento mundial, nem Graciliano Ramos nem Anita Leocádia teriam sido libertados?

Não existe nada mais asqueroso que feminismo ou ativismo de direitos humanos de ocasião. A intervenção da senadora comunista Vanessa Graziottin foi recebida em silêncio profundo, nas três salas, e recebeu de Rosa Orozco uma resposta indignada.

Que Lilian Tintori e Mitsy Ledezma, assim como os familiares de todos os presos políticos venezuelanos, recebam logo seus parentes de volta. Que Maria Corina volte à vida pública. Para Rosa Orozco fica nossa solidariedade, porque o que Maduro lhe tirou, ninguém no mundo pode devolver.

**Beatriz Ramos é cronista e responsável pelas mídias sociais do Secretariado Nacional da Mulher/PSDB*

“AS “SURPRESAS” DOS 100 DIAS DO GOVERNO DILMA”

por RayssaMoura - 20 de abril de 2015



No dia 10 de abril o governo da Presidente Dilma completou 100 dias do seu segundo mandato. A sua companha eleitoral foi marcada por diversas promessas aos brasileiros, em específico, aos trabalhadores e aos estudantes. Mas será que estas promessas estão caminhando para seu cumprimento? Até o momento, não.

Logo no primeiro mês de seu mandato os brasileiros se depararam com a notícia de que teriam um aumento de 12,25% ao ano na taxa de juros. Em fevereiro, mais uma surpresa: o preço do combustível foi aumentado duas vezes seguidas em menos de um mês, num total de mais de 5% em alguns estados, como é o caso do Distrito Federal. Mas os aumentos, não param por aí. Os brasileiros também estão pagando mais caro pela energia consumida. As regiões, sul,

sudeste e centro-oeste, abastecidas pela energia da usina de Itaipu, estão pagando 46,14% a mais em suas contas de energia, isso para compensar os gastos da empresa Eletrobras, hoje, investigada por corrupção. Em março, o governo autorizou um aumento de 5 a 7,7% no preço dos medicamentos.

Uma das principais bandeiras de seu governo foi: não mexer nos direitos dos trabalhadores, nem que a vaca tussa. Pois bem, em dezembro de 2014 foi anunciando algumas mudanças nas concessões dos benefícios dos trabalhadores para 2015. Entre elas, mudança na concessão do abono salarial, seguro desemprego, seguro defeso (seguro-desemprego do pescador artesanal) e auxílio doença. Podemos dizer que... a vaca tossiu e engasgou.

Mas não foram só os trabalhadores afetados, os estudantes também. A Presidente chegou a lançar o lema de que o Brasil seria uma Pátria Educadora, mas logo em seguida o MEC anunciou mudanças nos programas educacionais. Houve alterações nos programas do FIES e Prouni, dificultando ainda mais os sonhos dos estudantes que não podem pagar por seus estudos. Em fevereiro ocorreu atrasos nos repasses da União para o PRONATEC que afetou o andamento das aulas dos estudantes. Mas o atraso não foi só no nesse programa. A entidade que reúne as instituições federais, a Andifes, estima que cerca de 30% dos recursos de custeio (como material de consumo e manutenção) que o MEC repassa mensalmente às instituições têm sido retidos.

Cabe ressaltar que, além das mudanças nos direitos trabalhistas, programas educacionais e aumento dos impostos, o país vem

passando por seu maior escândalo de corrupção envolvendo uma de suas principais empresas, a Petrobras. Segundo estimativa do MPF, o desvio de dinheiro chega a mais de R\$ 2 bilhões. O partido da presidente também está passando por forte crise política. Dois de seus tesoureiros foram presos por indícios de corrupção, dois ministros indicados pela presidente renunciaram ao cargo e seu principal aliado, PMDB, travou uma “resistência” aos pedidos do governo junto ao Congresso Nacional.

E o povo?

Nos dias 15 de março e 12 de abril uma grande parcela da população de vários estados do Brasil foi às ruas manifestar suas indignações frente a todas as mentiras ditas em épocas eleitorais, ao escândalo da corrupção, a uma reforma política e por diversas outras reivindicações. O povo não aguenta mais a situação em que o país se encontra. Clamam por mudança, mas continuam sem resposta.

Por fim, tendo por base todas essas insatisfações e promessas até o momento não cumpridas, pode-se dizer que o governo precisa mudar seu modo de gestão. Estão elaborando políticas públicas de curto e médio prazo sem avaliarem a efetividade das mesmas e por consequência estão tendo que mudar o que foi formulado sem uma perspectiva de longo prazo.

**Rayssa Moura é cientista política e filiada ao PSDB-DF*

“A MULHER ATIVISTA E O DESAFIO DE ATUAR NA POLÍTICA”

por Martha Raquel Alves Leitão - 14 de abril de 2015



“ Assumir o protagonismo na participação política requer que se-
jamos atuantes em relação a nossos interesses imediatos e mediatos”

Acredito que o primeiro grande desafio da participação da mulher na política é o reconhecimento enquanto sujeito político. Movimen-
tos autogestionários, como ativistas, por exemplo, organizam-se por objetivos em comum, e é o embate de idéias e o diálogo que cul-
minam com resultados. A mulherativista, ao participar da política, opinando e propondo em relação aos objetivos em comum, também contribui para a consecução dos objetivos. Ou seja, é na relação su-
jeito e coletividade que ocorre a

participação política. Além do reconhecimento enquanto sujeito político, um dos grandes desafios da mulher é conseguir apoio para

projetos de ativismo. Portanto, é importante termos a inequívoca percepção de que assumir o protagonismo na participação política requer, além de nossos compromissos pessoais e profissionais, que estejamos engajadas em relação a nossos interesses imediatos e mediatos, de modo que a questão de gênero não seja um fator excludente.

Quando em 1997 (e em oito anos posteriormente) tornei-me representante de classe pela primeira vez, fui eleita por alunos, colegas de classe no ensino fundamental. A participação envolvia desde o diálogo quanto ao asseio da sala de aula, o bom funcionamento das instalações da escola, até questões comportamentais no relacionamento professor e aluno. Naquele ambiente escolar, praticava esportes e não tinha a mínima intenção de arrefecer expectativas, não importasse quantas vezes quem quer que fosse insinuasse ou dissesse que isto ou aquilo não era “coisa de menina”. Assim era no futebol, assim era na representação discente. No ensino médio, a representação discente começou a possibilitar cada vez mais o diálogo com “adultos”, inclusive com a coordenação e a diretoria da escola, além de representantes de outras classes. Nossos embates passaram a incluir interesses de pesquisa e possibilidades de atividades escolares.

Na faculdade, o diálogo abrangia, além da sala de aula, interesses como bolsa de estudos, participação no Diretório Acadêmico, além da comunicação entre os estudantes, e entre a instituição e os alunos. Tempos depois, já formada em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, assumi a Coordenação da Comissão de Assistência Judiciária da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção de São Pau-

lo, Subseção de Santo Amaro, na qual cumpria-me, no exercício de prerrogativas e funções, zelar pelo bom cumprimento do Convênio entre a Ordem dos Advogados do Brasil, Seção de São Paulo, e a Defensoria Pública do

Estado de São Paulo, inclusive mediante as medidas necessárias em âmbito institucional e através de palestras. No decorrer destes trinta anos de vida, vez ou outra, algo acontece e faz com que eu lembre que ser mulher é ter a coragem de se propor uma série de conquistas que, entretanto, a sociedade, por vezes, considera, mesmo hodiernamente, tipicamente masculinas. Foi assim que me senti quando abracei o empreendedorismo. Em um momento de dificuldades, dediquei-me ao comércio ambulante. De fato, pela manhã, nós, mulheres, somos a maioria nas bancadas de café com bolo, no comércio de produtos artesanais e semi-artesanais. Mas, naquele momento, também não deixei de me propor ao desafio de

ingressar em ambientes majoritariamente masculinos, os ambientes do período da tarde e da noite no comércio ambulante, com produtos industrializados. Sempre podemos ir além de paradigmas.

Desde 2011, no ativismo em direitos humanos, o desafio de ser mulher também está presente. A dificuldade de conseguir apoio para projetos de ativismo, de conciliar a agenda de ativismo com outras agendas pessoais e profissionais, e ter reconhecida a atuação enquanto sujeito político na sociedade: participar é um avanço, mas há desafios. Mesmo os movimentos autogestionários, como ativistas, organizam-se por objetivos em comum, e é o embate de idéias e o diálogo que culminam com resultados. Portanto, a mulher, ao

participar da política, opinando, propondo, também contribui para a consecução dos objetivos.

Ou seja, é na relação sujeito e coletividade que ocorre a participação política. Assumir o protagonismo na participação política requer que sejamos atuantes em relação a nossos interesses imediatos e mediatos, de modo que a questão de gênero não implique em “isto não é coisa de mulher”, mas em “além de tudo, eu também sou mulher”.

**Martha Raquel Alves Leitão é advogada ativista dos direitos humanos e militante pelo PSDB-Mulher SP*

“A SOLUÇÃO: RENÚNCIA E PARLAMENTARISMO”

por Lêda Tâmega - 7 de abril de 2015



A grave crise que se abate sobre nosso país torna cada dia mais inviável a permanência de Dilma Rousseff na Presidência da República, não só pelos amargos frutos servidos aos brasileiros ao cabo de quatro anos de uma gestão desastrosa, mas pelas frequentes

pugnans que opõem Planalto e Congresso Nacional. O balanço desse imbróglio torna-se altamente explosivo, se adicionado às impressionantes revelações que continuamente emergem das escavações empreendidas pelo MP e pela PF nas profundezas do Petrolão, no embalo da operação Lava Jato. Aí estão combinados os ingredientes mais apropriados a fazer desmoronar as bases do equilíbrio institucional da República e, com elas, a vigência do Estado Democrático de Direito e a paz social.

Se o governo ainda não percebeu o tamanho do Leviatã, milhões de cidadãos já soaram o alarme, cobrindo as ruas das cidades brasileiras de verde-amarelo, fazendo ecoar seus refrãos por sobre mares, rios, florestas, planícies e planaltos desse nosso imenso Brasil: “Fora CorruPTos”, “Fora Dilma”, “Fora PT”, “Impeachment Já”... O sentimento de indignação agigantou-se e estende-se, num crescendo, a todas as camadas da sociedade.

Expressões como “elite branca” e “classe média alta” para designar os descontos é a cortina de fumaça com que o PT e seus sequazes procuram desviar o foco da crise, na tentativa de esconder a grande verdade que ninguém mais pode ignorar: Após doze anos de governo, o PT perdeu a fantasia, está nu e se apresenta ao povo brasileiro na sua verdadeira pele, que nada tem a ver com aquela do paizão generoso, que governa para os pobres, pratica a justiça e combate a desigualdade social. Acabou o tempo em que José Dirceu podia sair por aí impunemente gabando-se de que “o PT não rouba, nem deixa roubar”.

De repente, aos olhos da Nação estupefata, o partido político que se dizia diferente dos demais, o paladino da ética, da moral e

da decência, aparece sem disfarce, mostrando-se como realmente é: uma organização criminosa especializada em roubar o dinheiro público. Um bando de bandidos que, com a mesma mão que faz tilintar as atrativas parcas moedas do Bolsa Família, retira vultosas somas do Erário para financiar, a juros baixos, investimentos de empresas brasileiras em países “amigos”, numa estratégia demagógica para firmar-se como o grande patrocinador da integração dos povos da América Latina, com colossal prejuízo para o país. Sem falar na dinheirama que tem abastecido os bolsos e as contas bancárias de dezenas de comparsas aqui e no exterior. Enquanto isso, nosso povo vive à mingua de educação de qualidade, de assistência médico-hospitalar decente, de segurança no campo e na cidade, de infraestrutura, de proteção das fronteiras, de combate ao desmatamento, para citar apenas as mazelas mais gritantes.

O PT jogou o Brasil no fundo do poço, e, pelo jeito, esse fundo é falso. A todo instante afundamos ainda mais. Até onde?

O Partido dos Trabalhadores aviltou-se e reduziu-se à mais abjeta e daninha praga jamais gerada na política brasileira. Como tal, se desqualificou para continuar governando o Brasil. Dilma Rousseff, por sua vez, perdeu totalmente a confiança dos brasileiros tantas foram as mentiras plantadas em sua campanha eleitoral e tantos foram os atos de incompetência e de irresponsabilidade que desastrosamente marcaram seus primeiros quatro anos de governo. Tendo a rejeição de 62% da população, a Dilma não resta outra saída a não ser a renúncia. Essa seria uma atitude de grandeza, evitaria maiores conflitos e atenderia a um desejo da maioria dos cidadãos brasileiros.

Isso pode significar tempos difíceis pela frente, mas não será o fim do mundo, se um grupo de homens e mulheres notáveis por seu saber, experiência e honradez se debruçarem na elaboração de um programa de governo para o Brasil, a ser e apreciado pela sociedade.

Um raio de esperança brilha no horizonte. Está na hora de trazer novamente ao debate a questão do parlamentarismo, regime de governo que, aliás, já está se insinuando nas recentes e inusitadas movimentações que acontecem no âmbito do Congresso Nacional. Esse quadro, associado à crescente força da voz que vem das ruas, deixa claro que o poder do Executivo vai sendo paulatina e inapelavelmente anulado, circunstância talvez inédita em nossa história republicana. O Brasil está maduro e ansioso por mudanças urgentes, que sanem os males e abram caminhos para um futuro promissor.

Por que parlamentarismo? Repito aqui as palavras do saudoso Governador Franco Montoro:

“O parlamentarismo fortalece os partidos e assegura ao legislativo participação responsável nas grandes decisões nacionais. Permite mudanças de governo sem provocar crises institucionais. É essencialmente um regime de programas, discutidos e definidos publicamente com o apoio da maioria dos representantes da nação, ao contrário do presidencialismo, que tende a ser o regime do poder unipessoal e das decisões a portas fechadas, num convite permanente ao fisiologismo político. A adoção do parlamentarismo representará, assim, um passo importante para o aperfeiçoamento da democracia no Brasil. (*)

Mas esse é um tema a ser examinado em uma outra oportunidade.

() V Convenção Nacional do PSDB – Brasília, 15/05/1999*

“DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO”

por Mara Gabrilli - 30 de março de 2015



Foto: George Gianni/PSDB

Você sabia que no último Censo do IBGE, quase 20 milhões de brasileiros com deficiência declararam possuir alguma ocupação? No entanto, somente 330 mil estão trabalhando com carteira assinada. De acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego, o cumprimento da Lei de Cotas no Brasil é de apenas 26%. Na prática isso significa que apenas uma em cada quatro vagas é preenchida. Se a lei fosse integralmente cumprida, haveria cerca de 1,2 milhão de funcionários contratados.

Mas o que explica números tão desanimadores?

Além da barreira de acesso à educação, que há tempos impede esse público de ter uma formação básica, hoje, se uma pessoa com deficiência resolve ingressar no mercado de trabalho formal, ela perde o auxílio que recebe do Estado para viver. Por insegurança, muitas optam por viver na informalidade.

Para mudar tal realidade, a Lei Brasileira da Inclusão, projeto recentemente aprovado pela Câmara dos Deputados sob minha rela-

toria, propõe a criação do Auxílio Inclusão, um benefício que será concedido à pessoa com deficiência que ingressar no mercado de trabalho formal. Diferente de apenas receber benefícios de subsistência do Estado, a pessoa com deficiência passará de beneficiada para contribuinte, como todo trabalhador. A Previdência, por sua vez, deixará de apenas pagar benefícios integrais para milhões de pessoas e passará a receber a contribuição desses trabalhadores. O resultado é ampliação de empregos e benefícios, alavancando a economia e reduzindo a desigualdade social.

O Auxílio ainda ajudará a pessoa a arcar com os custos da deficiência. Uma pessoa tetraplégica, por exemplo, chega a gastar em média R\$ 6 mil para manter uma vida tão produtiva quanto antes. Isso levando em conta os gastos em várias fases de sua vida, como a compra de um carro adaptado, a contratação de cuidadores, medicamentos e a troca de cadeira de rodas.

Além de garantir dignidade, poder de consumo e bem-estar, o trabalho é uma das principais fontes de integração social. Para mim, a felicidade está ligada a minha capacidade de produzir. E o trabalho é um dos maiores combustíveis para me manter preenchida de sonhos e perspectivas para o País. E para seguir minha trajetória.

**Mara Gabrilli é deputada federal pelo PSDB/SP*

“A INÉRCIA DO ESTADO NA BUSCA DA ACESSIBILIDADE ÀS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA”

por Érica Uderman - 17 de março de 2015



Foto: CorbisImages

É de fácil constatação o desrespeito às pessoas com deficiência física e mobilidade reduzida que, embora tenham seu direito assegurado, deparam-se constantemente com rotas inacessíveis, barreiras arquitetônicas, obras oriundas de projetos deficientes e diversos outros empecilhos que levam a concluir pela inexistência da acessibilidade.

Segundo estudos do Censo Demográfico 2010 do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a população do Brasil é composta por mais de 190 milhões de pessoas, das quais mais de 45 milhões são pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida. Sa-

liente-se que mais de 23% da população não tem acesso aos edifícios e logradouros públicos/privados, assim como aos meios de transporte coletivo em sua plenitude.

Assim, entende-se que este grupo, 23% da população brasileira, sofre limitações não apenas físicas (inerentes à sua deficiência ou redução de mobilidade) como também estruturais, impedindo/limitando o desenvolvimento de suas atividades diárias, como: saúde, lazer, estudo, trabalho e demais.

O direito de acesso das pessoas com deficiência física aos edifícios e logradouros públicos, assim como aos meios de transporte coletivo encontra-se assegurado na Constituição Federal de 1988.

Observa-se, que o direito ao acesso, embora previsto, estava condicionado a lei posterior sancionada apenas no ano 2000 – Lei Federal nº 10.098/00. Ou seja, foram necessários 12 anos para que uma lei meramente instrumental viesse a estabelecer normas e critérios genéricos para promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência física ou mobilidade reduzida.

Como se não bastasse os 12 anos de espera, transcorreram outros quatro anos para que o Poder Executivo fixasse os prazos silentes na Lei Federal, com o Decreto Regulamentar nº 5.296/04, ficando estes compreendidos entre 12 e 120 meses a contar da data de publicação do Decreto.

Espantosamente, resulta-se mais de duas décadas para elaboração e regulamentação de uma lei básica, cujo objetivo consiste única e tão somente, em garantir direito fundamental para determinado grupo de cidadãos brasileiros.

Não obstante, passado o lapso temporal para adoção dos ajustes e adaptações necessários, tanto o Poder Público como Privado, não o fizeram ou o executaram de maneira bastante precária.

Exemplo deste descaso aconteceu em caso recentemente noticiado na mídia nacional no qual um advogado, que exerce suas atividades profissionais no Rio Grande do Sul, foi impedido de comparecer a duas de suas audiências, pois estas aconteceriam no segundo andar do Fórum de São Francisco de Paula, prédio construído na década de 60 e desprovido de qualquer acessibilidade.

Com efeito, não se pode olvidar dos generosos prazos trazidos no Decreto regulamentar nº 5.296/04, que entrou em vigor aos 02 de dezembro de 2004, sendo totalmente inadmissível a omissão daqueles que não se adaptaram e, principalmente, do Poder Público, que tem o poder e dever de exigir o cumprimento da lei, determinando a adaptação do local.

Diante deste triste contexto, verificando-se a falta ou limitação do acesso aos edifícios e logradouros públicos e privados, compete à população o exercício da cidadania, formalizando reclamações no próprio órgão ou estabelecimento (público/privado), denunciando as irregularidades por meio de representação ao Ministério Público ou propondo ação judicial cabível, na busca incessante da utópica isonomia constitucional.

**Érica Uderman é advogada e filiada ao PSDB*

***Publicado originalmente no criativaonline.com.br*

“MULHER E DIGNIDADE”

por Isabel Helena Cavalcanti Marinho - 10 de março de 2015



A Constituição Federal, no artigo 1º, inciso III, prevê a “dignidade da pessoa humana”, assim, a mulher brasileira teve a eficácia de sua dignidade com a promulgação e entrada em vigor da Magna Carta vigente.

Destarte, no ano de 2003 passou a vigorar o Código Civil Brasileiro, promulgado pelo então Senhor Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, Código esse que veio consolidar, o já previsto, no nosso diploma maior.

Assim, não podemos nos olvidar que o Código Civil atual veio consolidar os direitos fundamentais da mulher, através da dignidade da pessoa humana, abrangendo um universo de preceitos que norteiam a vida nosso bem maior.

Apesar de todas nossas “conquistas”, do avanço social aliado ao direito positivo, a mulher, segundo dados levantados pela Organi-

zação das Nações Unidas (ONU), vive uma “epidemia silenciosa”, o que dá ensejo ao desenvolvimento das políticas públicas que se voltem para dar uma resposta rápida e eficaz no combate à violência contra a mulher.

Fazendo-se uma digressão à História da Humanidade, percebe-se que não é de hoje que a mulher vem sendo tratada com discriminação, pois, desde a idade antiga, as primeiras civilizações costumavam, através da família patriarcal, a vislumbrar a mulher em comparação com os escravos e as crianças, seja, como coisa, sequer tinha observado um dos direitos mais antigos, quais eram: o direito a sucessão e propriedade.

Entretanto, no sistema Babilônico, a posição da mulher já lhe concedia direitos equiparados ao homem. O legislador babilônico considerou a tradição judaica, harmonizou os costumes e estendeu o direito e a lei à todos os súditos.

Os gregos viam a mulher, o menor e o escravo da mesma maneira como éramos vistas por Aristóteles, como coisa.

Na Idade Media, a Igreja dominou a humanidade, adotou a inquisição onde mulheres eram queimadas vivas, sempre que pregavam o judaísmo ao invés do Cristianismo.

Ressalte-se que, na Idade Moderna, o filósofo alemão, Immanuel Kant, afirmava: “a sabedoria da mulher não é raciocinar é sentir”. Entretanto com o liberalismo e, posteriormente, as Revoluções Industrial e Francesa, o ideal de liberdade passou a mostrar a mulher novos paradigmas, obviamente que não eram os ideais.

As ideias de Jean Jacques Rousseau demonstravam que “o homem deveria ser feliz desfrutando da liberdade e igualdade”, diferente da Teoria de Thomas Hobbes, Hobbes previa ser o “homem mal por natureza”.

O Contrato Social (Rousseau) fazia com que o homem passasse a recuperar o bem-estar primitivo. O homem teria transferido seus direitos naturais ao Estado em troca dos seus direitos civis, o que deu ensejo a muitas lutas de classes.

Com a Revolução Francesa, 1789, veio a trilogia de liberdade, igualdade e fraternidade, dando início a Idade Contemporânea, seguindo-se da Declaração dos Direitos do Homem que representou importante momento de consciência coletiva, dirimindo as desigualdades sociais entre os povos.

Ainda hoje, no século XXI, apesar de muitas conquistas, somos carentes de tantas outras, inclusive a conscientização da maioria das mulheres, sobretudo no que tange a valorização do corpo e, sobretudo, da mente.

Na Idade Contemporânea, século XXI, a humanidade permanece vislumbrando a violência contra a mulher, considerada uma epidemia, que nos dias atuais requer uma resposta urgente e eficaz no sentido de que tenhamos o pleno reconhecimento da dignidade da pessoa humana, independente de gênero.

Assim, espera-se que com o reconhecimento da dignidade da pessoa humana, sejam minimizadas as discriminações, que na maioria das vezes tem origem na família, apenas pelo fato de sermos mulheres, muitas vezes somos massacradas, espoliadas, maltratadas,

ofendidas, humilhadas, no interior de nossos lares, em público, no trabalho, na escola, na família, no trânsito, nas festas, nas atividades esportivas, enfim, em nosso cotidiano, onde somos ameaçadas e agredidas e ainda a exemplo de anos atrás somos proibidas de expressar nossos sentimentos e até mesmo, ainda, nos tempos modernos e na contemporaneidade, e por que não nos dias atuais.

Através das mais diversas profissões, como nas artes, na literatura, na música, no teatro, no esporte, na educação, na saúde, na justiça, forças armadas, atividades políticas e atividades religiosas, enfim, onde hoje ocupamos lugares de destaque, necessário se faz que tenhamos a liberdade de demonstrar que tais predicados não são exclusividade masculina nem feminina, são privilégios que desconhecem gênero. Pois, embora sejam, algumas mulheres agredidas fisicamente, psicologicamente e sexualmente e até mortas, muitas vezes por aqueles, a quem um dia fez juras de amor, são agredidas por motivos fúteis e covardes, que violam os direitos humanos, ou melhor os Direitos Fundamentais, culminando com o nosso bem maior, a vida.

Diante da digressão que se fez à história da humanidade desde as primeiras civilizações, não se poderia olvidar de tecer e porque não, enaltecer as mulheres do Rio Grande do Norte, guerreiras desde o Brasil Colônia, quando Clara Camarão lutou ao lado do seu marido contra os holandeses.

Também não podemos nos olvidar da primeira mulher eleitora no Brasil, no ano de 1927, a grandiosa Celina Guimarães.

Dentre tantas mulheres que se destacaram na poesia no século XIX e XX, tivemos o privilégio de ter uma norte-rio-grandense, a

poetisa Auta de Souza, em seguida teço homenagens a Nísia Floresta que com suas convicções políticas ultrapassou as fronteiras do Estado Brasileiro envolvendo-se com vários movimentos literários na França e na Itália expondo suas ideias avançadas para aquela época. E tantas e tantas profissionais que tem enaltecido o Estado do Rio Grande do Norte nas mais diversas áreas.

Em síntese, diante das lembranças com relação a mulher desde os primórdios ate os dias atuais, proponho que comemoremos esse oito de março homenageando todas as mulheres femininas, mães, filhas, esposas, sensíveis, doces, carinhosas, amadas e amantes, profissionais, detentoras da tríplice jornada, inteligentes, competentes e seguras, sobretudo a mulher anônima, cuja dignidade deva ser respeitada.

**Isabel Helena Meira e Silva Cavalcanti Marinho é secretária-geral do Instituto Teotônio Vilela/RN*

“FEMINICÍDIO: AS PALAVRAS SERÃO TRANSFORMADAS EM AÇÕES?”

por Telma Tulim - 9 de março de 2015



Telma Tulim é delegada aposentada com trabalho pelo enfrentamento da violência contra a mulher

Com uma mulher na Presidência da República, empossada este ano para seu segundo mandato, esperávamos que o país fosse melhor para as mulheres brasileiras que os anos anteriores, ou pelo menos que o caminho fosse tomado o quanto antes na direção correta. Os números das pesquisas continuam sendo terríveis – levando-se em consideração que são subdimensionados – já que a maior parte das vítimas não registram denúncias e, por isso mesmo, nunca chegamos nem perto da realidade; mas já sabemos que mais de 5.000 mulheres por ano continuam sendo mortas no âmbito familiar no Brasil.

Também temos ciência de que a Lei Maria da Penha, por si só, não reduziu o número de mortes, pois segundo o IPEA, a taxa de mortalidade para cada 100.000 mulheres, foi de 5,28 no período de 2001-2006, antes da lei, e de 5,22 entre 2007 e 2011, segundo os úl-

timos dados disponíveis, ou seja, os assassinatos contra as mulheres continuam desmoralizando o Brasil e muitas vezes esses crimes são praticados sem que a vítima sequer consiga se defender, principalmente quando elas decidem terminar um relacionamento. É sabido ainda, que a cada quatro minutos uma mulher foi vítima de estupro no Brasil em 2013 e ainda não há dados concretos de 2014.

Se os registros policiais revelam o abuso sexual de mais de 50.000 mulheres, segundo o último relatório do Fórum de Segurança Pública, sabemos por perspectiva, que os casos podem chegar a quase 150.000, pois duas em cada três mulheres ainda não denunciam, sendo que a grande maioria é de crianças e adolescentes.

E o que estamos assistindo? Um governo omissivo, o qual não investe para colocar em prática a Lei Maria da Penha, que ainda não saiu do papel: não há Juizados Especiais para tratar dos casos específicos, não há Casas de Apoio e Acolhimento em número suficiente, não há grupos de apoio e reeducação para onde os juízes possam encaminhar os agressores, não há um trabalho efetivo de acompanhamento e tratamento de vítimas de violência sexual, não há campanhas preventivas de efetivos resultados, não há um trabalho educativo para que nossas crianças sejam protegidas da violência e dos abusos.

As Delegacias de Defesa da Mulher conseguem punir e/ou processar os agressores mas, sozinhas, não podem amparar as vítimas e seus filhos, é preciso uma equipe, com profissionais comprometidos nas áreas da psicologia, social, jurídica, de saúde física e mental.

Agora vem a aprovação da lei que aumenta a pena e adiciona ao rol dos crimes hediondos o que foi chamado de Femicídio, ou

seja, o homicídio da mulher pelo simples fato de ter nascido assim, mulher.

Ufa! Ainda há muito que fazer para garantir a igualdade de gênero no nosso Brasil, agora chamada “Pátria Educadora”.

**Telma Tulim é delegada aposentada e vereadora pelo PSDB-SP em Tupã*

“DIA INTERNACIONAL DA MULHER: MULHERES NEGRAS SÃO AS QUE MAIS SOFREM COM A DESIGUALDADE”

9 de março de 2015



Neste domingo (08) em que comemora-se o Dia Internacional da Mulher, ainda em 2015 a sociedade se vê em uma situação desconfortável quando o assunto é a igualdade de gênero. As mulheres brasileiras conquistaram diversas vitórias ao longo das últimas décadas, e hoje têm sete anos a mais de média de vida que os homens, são maioria da população e do eleitorado.

Entretanto, apenas 10% do congresso é formado por mulheres, e elas continuam mal representadas nas ciências exatas e na liderança de grupos de pesquisa. Continuam sofrendo com a segregação ocupacional, a dupla jornada de trabalho e com a violência doméstica.

Para a mulher negra, a situação é ainda pior. São elas que trabalham sem carteira assinada e têm salário mensal 57,6% menor que as trabalhadoras brancas, amarelas e indígenas. A média de rendimentos das brasileiras negras é de R\$ 625 frente aos R\$ 985 ganhos pelas não negras, segundo informações contidas no Anuário das Mulheres Empreendedoras e Trabalhadoras em Micro e Pequenas Empresas, elaborado pelo Sebrae e Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese) com base em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) entre 2002 e 2012.

Em dezembro do ano passado, LuislindaValois, Presidente do Tucanafro Bahia, lamentou a situação da mulher negra no Brasil. “Dos 39 ministros, temos apenas uma negra. Você entra em uma multinacional, não se vê uma negra ocupando cargo de chefia. Então nós temos que mudar, não pode mais ficar assim. Toda vez que eu posso eu digo: se o direito é meu, eu vou. A porta pode estar fechada, mas meto os pés e entro. Por que para nós negros, e principalmente nós mulheres, é tudo mais difícil.”

A violência é outro grave problema. O total de negras mortas corresponde a 61% das mulheres assassinadas. Estudo preliminar do IPEA estima que, entre 2009 e 2011, o Brasil registrou 16,9 mil feminicídios, ou seja, “mortes de mulheres por conflito de gênero”, especialmente em casos de agressão perpetrada por parceiros íntimos.

Esse número indica uma taxa de 5,8 casos para cada grupo de 100 mil mulheres.

Juvenal Araújo, Presidente do Tucanafro Brasil, diz esperar que o Governo Federal tome ações mais efetivas para diminuir esta desigualdade racial e a de gênero. “Ser negro no Brasil não é fácil, o que dizer, então, para a mulher negra? Ela é a que mais sofre, pelo preconceito, falta de oportunidade. Para uma mulher negra ser bem sucedida no Brasil ela deve derrubar mil e um obstáculos. É necessário que sejam criadas políticas públicas eficientes para que este problema acabe,” finaliza.

**Artigo do Tucanafro*

“VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA MULHER”

pela deputada Shéridan - 7 de março de 2015



No mês em que comemoramos o Dia Internacional da Mulher, uma triste realidade ainda assombra muitos lares brasileiros: a violência doméstica. Esse comportamento machista atravessa séculos travestido de dogmas religiosos, costumes violentos e legislações permissivas.

Na tentativa de endurecer ainda mais essas práticas abusivas, tive a oportunidade e a felicidade de fazer parte de uma grande conquista para todas nós, a aprovação do Projeto de Lei 8.305/14, do Senado, que considera homicídio qualificado o assassinato de mulheres em razão do gênero (feminicídio), com punição de 12 a 30 anos de prisão quando o crime envolver violência doméstica, familiar ou menosprezo e discriminação contra a condição de ser mulher.

Por mais esta vitória, está evidente que nós mulheres devemos perseverar diante das dificuldades, não desistir de lutar pelos nossos sonhos e acreditar sempre no poder da família. É no seio familiar

que são transmitidos os valores morais e sociais que servirão de base para o processo de socialização e formação das nossas crianças, bem como as tradições e os costumes perpetuados através de gerações. O ambiente familiar é um local onde deve existir harmonia, afeto, proteção e todo tipo de apoio necessário na resolução de conflitos ou problemas. As relações de amor, confiança, segurança, conforto e bem-estar proporcionam esta unidade.

A violência contra a mulher é uma das maiores preocupações do Estado brasileiro, pois não afeta só a vítima, mas a sociedade. Segundo estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), a cada uma hora e meia uma mulher morre vítima de violência, que geralmente ocorre nas relações domésticas, familiares e afetivas. Ocupamos o sétimo lugar no ranking mundial em maior índice de homicídios entre as mulheres.

Muito tem sido feito para coibir este tipo de crime, mas, infelizmente, ainda é alarmante sua ocorrência.

A mulher está ocupando cada vez mais espaços na sociedade, na política e dentro do lar. Já são muitas as provedoras, as que sustentam financeiramente suas casas. Elas têm descoberto o seu poder de ação, especialmente para a sua sobrevivência e para a autorrealização pessoal, profissional e material. Este novo cenário não é visto de maneira positiva pelos homens que culturalmente e tradicionalmente foram “ensinados” que a mulher deve ser passiva, subserviente a eles.

Dados mostram que 83% dos casos de violência são cometidos por pessoas que têm ou tiveram vínculo afetivo com as vítimas. Mais

de quatro mil e seiscentas mulheres morrem por ano assassinadas dentro de casa. A Lei nº 11.340/2006, popularmente conhecida como Lei Maria da Penha, revolucionou significativamente o ordenamento jurídico do país. Foram criados serviços de apoio e defesa à mulher vítima da violência doméstica, os chamados juizados de violência doméstica e familiar contra a mulher.

Esta semana o IPEA, após levantamento inédito, divulgou que este tipo de homicídio diminuiu ou deixou de crescer em 10%. É certo que houve a redução dos assassinatos, porém, a maioria das cidades e municípios não têm estes juizados ou serviços nem a estrutura adequada para receber as denúncias e proteger quem é ameaçada, agredida.

Comemoramos sim os efeitos da lei, mas há muito a ser feito. A violência contra a mulher é uma violação dos direitos humanos e constitui um obstáculo para a conquista da igualdade de gênero, ensejando assim, a adoção de políticas públicas e sociais que efetivamente reprimam essa prática na sociedade.

Mulheres, estamos de parabéns pelo nosso dia, por tudo que somos, por tudo que fizemos e pelo nosso presente de luta e coragem!

**Shéridan é deputada federal pelo PSDB-RR*

“EM DEFESA DAS MULHERES”

por Analice Fernandes - 7 de março de 2015



Tenho destinado parte de meu mandato como deputada estadual para concentrar esforços em um assunto que eu julgo de extrema importância – o combate à violência contra a mulher. Sou autora de três Leis e um Projeto de Lei que caminham neste sentido.

Hoje quem se dispuser a entrar no site da Secretaria de Segurança Pública terá acesso rápido e fácil sobre dos dados de violência contra a mulher no Estado de São Paulo, divididos por crime e região – o que antes da aprovação da Lei 14.545/2011 não acontecia.

Com um clique os dados estão acessíveis de maneira fácil e compreensível para que possamos acompanhar, analisar, cobrar e também traçar políticas públicas de combate à violência.

Conseguimos também a aprovação da Lei 14.950/2013 que cria a Campanha de Conscientização de Combate à Violência Contra a Mulher, a ser desenvolvida no mês de novembro, nos órgãos estaduais. Propusemos esta Lei depois de observarmos que a violência contra a mulher aumenta consideravelmente nos meses de dezembro.

No ano passado, conseguimos a aprovação da Lei 924/2014 que determina que a Secretaria de Segurança Pública inclua em seus Sistemas de Informação as medidas protetivas de urgência expedidas pelo poder judiciário.

Muitas vezes, a mulher vítima de violência que fica sem o comprovante da medida protetiva, quando busca socorro na Delegacia não há nada que comprove a existência da medida. Ela, então, é obrigada a recorrer ao cartório do Fórum que expediu o documento. Este processo pode demorar até três semanas, e às vezes é necessária a presença de um advogado.

A Lei ainda precisa ser regulamentada pela Secretaria de Segurança Pública. Quando o sistema estiver implantado a ação da polícia também será facilitada.

Agora estamos trabalhando para a aprovação do PL 583/2012 que dispõe sobre a notificação compulsória, que deve ser feita por toda unidade de saúde pública ou privada, toda vez que atender mulheres vítimas de violência. Não são raras às vezes, que mulheres procuram as unidades de saúde depois de serem vítimas de violência doméstica, ou de violência cometida por um terceiro, e o caso não é notificado aos órgãos competentes. A violência acaba ficando escondida aos olhos da sociedade e das autoridades.

Acredito que esta luta seja de toda a sociedade e ela só será vencida quando conseguirmos criar uma rede protetora eficiente, formada pela polícia, pelo judiciário e por medidas educativas e de conscientização. Uma missão para todos que acreditam em uma sociedade pacífica e igualitária.

**Avalice Fernandes é enfermeira e deputada estadual eleita pelo PSDB -SP para o quarto mandato*

“A MULHER PRECISA EFETIVAR SEU PAPEL DE AGENTE DA HISTÓRIA BRASILEIRA”

por Geovânia de Sá - 6 de março de 2015



Artigo da deputada federal Geovânia de Sá (PSDB-SC)

O dia 8 de março é uma data marcada por comemorações, por reflexões e pela certeza de que a mulher conquistou seu espaço, está inserida na sociedade, mas falta muito para um tratamento igualitário em relação aos homens. O dia Internacional da Mulher é dedicado àquelas que ao longo dos anos foram conquistando seu espaço e provando, muitas vezes com luta e sofrimento, que o sexo feminino não constitui fragilidade. Historicamente machista, a sociedade limitou a participação feminina e atribuiu como trabalho da mulher apenas a criação dos filhos e a realização dos serviços domésticos. Cansada de ser marginalizada e ciente de sua capacidade, a mulher avançou contra o preconceito masculino e na ânsia de conquistar o que lhe é de direito, ela foi acumulando funções e, além de cuidar da casa e dos filhos, deixou de ser coadjuvante, para ser agente da his-

tória. Deixou de ser apenas a grande mulher escondida por detrás de um homem, para ser observada e reconhecida como pessoa, repleta de erros e acertos, mas digna de merecimentos por sua capacidade resolutiva a frente de qualquer setor da sociedade.

Olhar para o passado, principalmente no que nos remete ao dia 8 de março, quando mulheres trabalhadoras de Nova Iorque foram mortas, é sempre um exercício de consciência. Trazer esse contexto para a história da mulher no Brasil também significa refletir sobre os avanços da participação feminina. Por que mesmo executando a função equivalente, muitas vezes com mais propriedade, o salário das mulheres ainda é menor do que os dos homens? O último levantamento feito pelo IBGE apontou que a mulher brasileira ganha quase 27% a menos que o homem. No meu estado, Santa Catarina, a diferença sobe para quase 36%. O que será que falta provar?

Embora muitos avanços tenham sido alcançados com a Lei Maria da Penha, hoje no Brasil ainda contabilizamos 4,4 assassinatos a cada 100 mil mulheres, número que coloca o país no 7º lugar no ranking mundial. A Lei existe para ser cumprida, mas ainda há muita impunidade.

Na política a discrepância entre a participação feminina também é latente. Desde 1932, quando ganharam o direito ao voto, as mulheres vêm abrindo espaço nas fileiras políticas de nossa democracia, mas de forma absurdamente tímida. Para ilustrar esse acanhamento e ainda sem entrar no mérito dos motivos que apontam tal diferença, basta trazer os números desta casa. Em um universo de 513 parlamentares, somos apenas 51 mulheres, não chegamos a 10% do

número total de deputados. Em Santa Catarina somos apenas duas representantes e em 83 anos de participação feminina, fui a primeira mulher eleita no sul catarinense. No Brasil, estados como Alagoas, Espírito Santo, Mato Grosso, Paraíba e Sergipe não elegeram uma única mulher nesta legislatura. Temos, amparadas por Lei, o direito de sermos 30% dos candidatos, mas por que elegemos tão poucas mulheres? Culpa delas, porque não buscam seu espaço? Ou culpa dos homens que mesmo de forma velada, intimidam a participação efetiva feminina no planejamento partidário e inserem a mulher no processo nas vésperas dos prazos eleitorais, apenas para cumprir uma exigência legal, sacramentando o insucesso da candidatura?

A evolução da representatividade feminina, não só no nosso país, foi, sem dúvida, a mais profunda e definitiva transformação social ocorrida ao longo do século 20 e precisamos impulsioná-la ainda mais no século 21. Se não há mais nada a ser provado, é lógico e pontual que devemos criar mecanismos para aumentar a participação feminina na política e nas decisões que pautam o desenvolvimento desse país. É necessário que possamos auxiliar na equiparação salarial entre homens e mulheres e, sobretudo, é especialmente indispensável a diminuição dos índices de violência que ainda corroem a expectativa feminina de vida e crescimento.

A mulher não é um sexo frágil. A mulher é parte integrante da sociedade e sua superioridade se confirma porque além da capacidade de realizações equivalente aos homens, ela ainda possui a exclusividade de gerar vida. Por tudo isso e pela glória da missão que lhes foi dada por Deus, convido todas as mães, avós, esposas, amigas e companheiras, a mudarmos a realidade que está posta e a assumirmos nosso verdadeiro papel de agentes da história brasileira.

“PRECISAMOS IR ALÉM DA LEI MARIA DA PENHA”

por Mariana Carvalho - 6 de março de 2015



Artigo da deputada federal Mariana Carvalho (PSDB-RO)

O dia 8 de março para nós, mulheres, é uma data a ser celebrada, mas no Brasil, a violência que nos atinge tira o brilho desse momento. Atualmente, o nosso país ocupa um vergonhoso sétimo lugar no ranking de países onde as mulheres mais sofrem violência, tanto física quanto psicológica.

Tenho percebido que mesmo com a Lei Maria da Penha em vigor, o Brasil ainda contabiliza 4,4 assassinatos a cada 100 mil mulheres. E a cada cinco minutos uma mulher é agredida no país e a cada duas horas uma é assassinada. Ao final de um mês são 372 mulheres mortas.

Números levantados pelo Instituto Avante Brasil (IAB), a partir de dados do DataSUS, do Ministério da Saúde, mostram que o país está mais violento em relação as mulheres. Na década de 80, uma mulher era morta a cada seis horas, totalizando 113 mortes por mês.

O Instituto prevê que se nada mudar, até 2050 mais de 300 mil mulheres serão mortas no Brasil, vítimas da violência. Diante desse quadro já está na hora de o país encarar esse feminicídio.

Como médica e advogada tenho percebido que mesmo existindo a Lei como instrumento de punição, ainda é necessário fazer muito mais para diminuir esse estado de violência que promove um verdadeiro massacre de mulheres em nosso país, destruindo famílias e sobrecarregando os sistemas públicos de saúde e segurança.

O Estado precisa estar preparado para atender as mulheres que estão, psicologicamente, abaladas, em situação de desprezo e acuadas. Os profissionais da Segurança Pública necessitam de treinamento para lidar com as vítimas de violência doméstica.

As Delegacias Especializadas da Mulher ainda são um sonho na maioria das cidades brasileiras e, quando tem são precárias com a falta de condições para atender de forma eficiente a cidadã que procura o Poder Público para denunciar a violência de que foi vítima. Independente da faixa etária ou classe social, ela atinge crianças, adolescentes, mulheres e idosas.

Em Porto Velho, capital do meu estado, Rondônia, existe apenas uma Delegacia da Mulher e, pasmem, funciona somente das 8 da manhã às 19h30. Depois desse período, as ocorrências são registradas nos DPs.

Isso quer dizer que a mulher que foi espancada, violentada, estupro ou abusada além de todo o trauma e da humilhação que passou, precisa encontrar forças e superar a vergonha para relatar a sua triste história a policiais despreparados para lidar com essa situação.

Considero isso um absurdo que precisa acabar. Delegacias da Mulher têm que se tornar uma realidade em todas as cidades e com funcionamento 24 horas, tendo profissionais capacitados e dedicados a prestar o melhor serviço para a nossa segurança.

Mas, depois de vencer o medo, de fazer a denúncia contra o marido ou namorado que a espancou ou a estuprou como fica essa vítima? Por falta de uma casa de passagem ou abrigo na maior parte das cidades brasileiras e por não ter para onde ir, ela acaba tendo que voltar a morar com o agressor, colocando a vida mais uma vez em risco e, em alguns casos, decretando a própria sentença de morte.

Chego a triste conclusão que essa sensação de impunidade, dependência financeira, filhos e medo de morrer faz com que muitas mulheres convivam com companheiros violentos e façam do silêncio uma frágil defesa.

Nesses doze anos de vida pública vejo a necessidade urgente da reestruturação não só do nosso sistema de segurança, mas também das políticas sociais voltadas para as mulheres. O poder público deve se engajar de forma mais atuante no combate a violência feminina.

Já os jovens devem ser educados nas escolas a não aceitarem a violência contra a mulher como prova de que são homens. A cultura machista não pode ser considerada um estilo de vida e aceito pela sociedade.

Aqui expresso meu sentimento de indignação e, como uma voz feminina no Congresso Nacional e representante do PSDB-Mulher, quero alertar os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, da necessidade de se garantir segurança as mulheres brasileiras.

“A SENSIBILIDADE E INTUIÇÃO FEMININA TRANSFORMANDO OS ESPAÇOS DE PODER”

por Mari Pessin - 25 de fevereiro de 2015



Foi preciso tomar algumas atitudes radicais, entre elas, queimar sutiã em praça pública para que a mulher se fizesse ouvir. Muito tempo se passou desde então, muitas foram as lutas e inúmeras as conquistas ao longo da história.

Em todo o mundo, as mulheres têm enfrentado as dificuldades de acesso ao poder. Mesmo diante de tantas barreiras, estão contribuindo de forma significativa, para mudar suas comunidades, seu país e o mundo contemporâneo. Trabalhando para agregar valor social e aumentar a qualidade de vida das pessoas.

Contudo, ainda que estejamos avançando na conquista da igualdade entre mulheres e homens, no acesso a cargos de decisão, ainda há muito que fazer.

A mulher conseguiu romper as barreiras de uma cultura que limitava e castrava seus direitos, que deixava impune seus agressores e

opressores. Rompeu as barreiras do preconceito, saiu às ruas e mostrou que tinha voz e vez.

Há 83 anos conquistou o sagrado direito ao voto, se fez mais forte ao poder votar e ser votada!

Aprendeu a duras penas que o voto pode ser a tradução da democracia na construção da igualdade. Ocupou o mercado de trabalho e transformou a cara do mundo.

As leis, que garantem direitos como licença maternidade, horário especial para amamentação, proteção contra violência e punição aos agressores, entre outras, tem o pulso firme e a delicadeza da assinatura de uma mulher.

Mas junto com tantas conquistas, apresentam-se novos desafios e obstáculos que precisam ser superados entre eles, a dupla e às vezes tripla jornada de trabalho que sobrecarrega. Ainda recai sobre a mulher a maior parcela de responsabilidade nas tarefas domésticas e na educação dos filhos.

Entretanto com o advento de uma nova sociedade que precisa adaptar-se às exigências e urgências dos novos tempos, é possível observar a formação compulsória de uma nova cultura, onde fica visível também uma mudança gradativa no perfil das famílias brasileiras.

Não é raro encontrar famílias em que a mulher é a principal provedora e o homem precisa adaptar-se e ocupar um lugar de extrema importância, que diz respeito principalmente aos cuidados com os filhos e com o lar. E muitas vezes acumulam também suas atividades em arranjos home-office.

Portanto cozinhar, balançar a criança e atender ao telefone ao mesmo tempo, já não é prerrogativa feminina. O momento atual torna evidente a necessidade de garantir os direitos conquistados ao longo da história e dar mais voz as mulheres.

Isso significa aumentar a sua influência nos processos decisórios. Compreendendo que esta decisão, impossível de ser adiada, pode mudar significativamente a trajetória do planeta. Vivemos na era da intuição, e eu não conheço sinceramente um Ser mais intuitivo do que a mulher.

Garantir às mulheres a possibilidade de regar verdadeiramente a terra com o sagrado feminino é almejar uma sociedade mais justa, o respeito às diferenças individuais e a atenção ao coletivo! Sem vergonha de ser sensível a dor alheia.

Digo verdadeiramente por que é natural encontrar nas reuniões dos partidos políticos, por exemplo, uma mesa composta por vinte ou trinta homens e uma ou duas mulheres, que devem figurar educadamente arrumadas e caladas (como no século passado), relegadas a segundo plano na composição de chapas e na estrutura de poder.

Estou tentando lembrar de uma mulher que seja presidente de algum partido político, mas neste momento não lembro de nenhuma. Será que existe?

Apesar de estar inserida em todas as áreas do conhecimento, apesar de ser aceita em quase todas as profissões (mesmo considerando a disparidade salarial, que persiste), a mulher foge da política. Por diversas razões, como falta de apoio, recursos diversos e orçamento. Mas principalmente por ser um mundo ainda tipicamente masculino,

onde culturalmente se expor demais pode ser perigoso.

Preste atenção a um fato cultural, comprovado. Quando um homem diz aos amigos, pretendo me candidatar, as pessoas normalmente dizem:

– Isso mesmo parabéns, conte com meu apoio!

Mas quando esta mesma frase é dita por uma mulher, é comum a expressão:

– Será...você tem certeza, pense melhor?

O Brasil é um país onde a participação da mulher na política ainda é considerada muito baixa. Apesar do número de candidaturas aumentar a cada pleito, a parcela de eleitas ainda é muito pequena. Mesmo tendo sua participação garantida por lei, a mulher candidata fica relegada às margens do poder. Normalmente, são convencidas a emprestar seu nome para fechar chapa, e assim ajudar aos partidos a atender minimamente a uma determinação legal.

Segundo Graziottin (2013), na luta especificamente pela representação política, no mundo inteiro, a presença das mulheres nos Parlamentos – uma das instâncias mais importantes em uma democracia – não chega aos 20%.

No Brasil, em particular, a situação é mais grave: menos de 10% no Congresso Nacional, entre 11% e 12% nas Assembleias Estaduais e Câmaras Municipais. Menos de 12% dos eleitos na última eleição, considerando todos os cargos em disputa, são mulheres. No entanto, o eleitorado brasileiro, em 2010, era composto majoritariamente por mulheres. Sabemos todos que a questão da representação é complexa e não deve ser abordada de uma maneira mecânica, a mesma

autora afirma ainda que este existe um gritante hiato de gênero, no que se refere à ocupação de postos políticos, e isto é mais do que suficiente para embasar a acusação de sub-representação feminina.

A política é uma das mais importantes áreas a ser conquistada pelas mulheres. É no âmbito político, onde são tomadas as decisões, que vão interferir diretamente no futuro da Nação, seja em âmbito federal, estadual ou local. Principalmente nas decisões relevantes que envolvem desde a elaboração até a avaliação de uma política pública e a destinação de recursos nas áreas prioritárias que clamam por atenção.

Porém, a mulher é um ser político por natureza, e atua ligada na função complexa de multi tarefas como mediar, educar, legislar, agregar, planejar, economizar, cuidar, entre tantas outras.

Desta forma ao aumentar de maneira efetiva a influência da mulher em todos os níveis da vida pública, aumentam as possibilidades de mudança, em direção à igualdade entre os gêneros e ao empoderamento da mulher.

Lembrando Shakespeare, “Somos feitos da mesma matéria de nossos sonhos”, portanto, mergulhar no novo, misterioso e desconhecido além de fascinar, possibilita que você se reconheça em plenitude e desenvolva capacidades, competências e habilidades múltiplas para atuar em cenários complexos e passíveis de mudanças como o universo político contemporâneo.

A representatividade nasce do povo, assim como todo poder emana dele, como reza a nossa Constituição Cidadã. E o povo, ou seja, o conjunto dos cidadãos e cidadãs deste país é formado por 51,5% de

mulheres conforme o IBGE/2012. Portanto a maioria!

E se lugar de mulher é na política, é pra lá que vamos! Para somar, colaborar, contribuir, cooperar, participar, construir e partilhar.

Afinal, homem ou mulher, o que importa realmente é compreender que fazemos parte da mesma espécie, companheiros na jornada terrestre e juntos temos a responsabilidade de fazer o melhor, para cuidar das pessoas e do planeta que deixaremos para as futuras gerações!

**Mari Pessin é coordenadora de Comunicação do PSDB Mulher Curitiba*

“A CONQUISTA DO VOTO FEMININO NO BRASIL COMPLETA HOJE 83 ANOS”

por Jimmy Rocha - 24 de fevereiro de 2015



Foto: Arquivo pessoal

O direito do voto feminino no país foi assegurado no Código Eleitoral Provisório N° 21.076, em 24 de fevereiro de 1932. Essa conquista foi fruto de uma longa luta iniciada antes mesmo da Proclamação da República, quando conseguimos aprovação para permitir que, enfim, as mulheres pudessem ter direito a voto e a voz.

Até aquela época, somente as mulheres casadas, viúvas e solteiras que tivessem renda própria podiam exercer o direito básico para o pleno exercício da cidadania feminina no Brasil.

Em 1934, felizmente, essas restrições ao voto foram eliminadas do Código Eleitoral, embora a obrigatoriedade do voto fosse exclusiva dos homens. Só em 1946 a obrigatoriedade do voto foi estendida

às mulheres. Foram muitas as mulheres que lutaram pela conquista do direito ao voto feminino.

Atualmente, a luta do seguimento feminino é pela efetivação de seus direitos fundamentais, mediante a garantia da liberdade social e do empoderamento da mulher, uma vez que ainda são vitimas de opressão e necessitam travar lutas diárias, para conquistar espaço no meio político e em todos os segmentos do país.

Uma salva de palmas...

E nossos sinceros agradecimentos a cada uma que escreveu a História com “H” maiúsculo...

**Jimmy Rocha é cientista política e coordenadora de comunicação social do Secretariado Nacional da Mulher/PSDB*

“VOTO FEMININO NO BRASIL: 83 ANOS!”

por Sandra Quezado - 24 de fevereiro de 2015



Comemoramos este ano, no dia 24 de fevereiro, 83 anos do voto feminino. A data deve ser sempre motivo de reflexão, pois significa muitas conquistas para o direito de cidadania das mulheres. Devemos ter em mente, no entanto, que o direito de votar conquistado inicialmente pelos homens, também teve que acompanhar os avanços sociais em cada época, com suas respectivas restrições: votavam os homens “bons da terra” (católico, casado ou emancipado, com cabedal e pureza de sangue), aqueles que possuíssem renda mínima anual de 100 mil réis ou, ainda, aqueles que soubessem ler e escrever e não precisassem comprovar renda. Os menores de 21 anos, as mulheres, os analfabetos, os mendigos, os soldados rasos, os indígenas e os integrantes do clero estavam impedidos de votar.

A primeira eleição no Brasil aconteceu de forma indireta, em 23 de janeiro de 1532, com os moradores da primeira vila fundada na colônia portuguesa de São Vicente, em São Paulo. Em 1889, com a Proclamação da República, o voto ainda não era direito de todos. O voto direto para presidente e vice-presidente apareceu pela primeira vez na Constituição Republicana de 1891.

Assim, para refletirmos sobre as conquistas do voto feminino, é fundamental lembrar o trabalho precursor da paulista Berta Lutz (2/8/1894-16/9/1976), cientista, pesquisadora e a segunda mulher a ocupar um cargo público via concurso no Brasil. Em 1919, ao voltar de Paris, onde se formou, Berta Lutz começou um movimento de destaque pela igualdade de direitos entre os sexos, fundando a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher. Em 1922, representou as brasileiras na Assembléia Geral da Liga das Mulheres Eleitoras nos Estados Unidos e, ao chegar de volta ao Brasil, criou a Federação Brasileira para o Progresso Feminino para encaminhar a luta pela extensão de direito de voto às mulheres.

Graças a esse movimento organizado, dez anos depois, em 1932, Getúlio Vargas instituiu no código eleitoral brasileiro o voto feminino facultativo para aquelas que fossem dependentes do marido. Em 1934, as restrições femininas foram eliminadas do Código Eleitoral, permanecendo a obrigatoriedade do voto para os homens. No ano de 1946, uma nova alteração no código tornou obrigatório o voto das mulheres.

Em 1936, Berta Lutz assumiu uma cadeira de deputada na Câmara Federal. Durante seu mandato, defendeu a mudança da legislação

referente ao trabalho da mulher e dos menores de idade, propondo a igualdade salarial, a licença de três meses para a gestante e a redução da jornada de trabalho.

Algo que devemos levar em conta nessa reflexão do dia 24 de fevereiro, é que sem o trabalho das mulheres que se reuniram com Bertta Lutz, na Federação Brasileira para o Progresso Feminino, talvez não tivéssemos conseguido a mudança no Código Eleitoral de 1932.

É por essa razão, que hoje nós também temos que nos manter organizadas para prosseguirmos obtendo conquistas eleitorais importantes, como ampliar o número de mulheres no parlamento, onde a representatividade ainda é tão pouca, apesar de sermos a maioria da população e do eleitorado brasileiro. Essa é a missão do PSDB -Mulher!

É o mínimo que podemos fazer para homenagear essas mulheres determinadas que nos precederam há 83 anos atrás: não vamos nos dispersar, jamais!

**Sandra Quezado é presidente do PSDB-Mulher/DF*

“MUITO A COMEMORAR, MUITO MAIS A CONQUISTAR!”

por Regina Lacerda - 24 de fevereiro de 2015



Neste ano comemoramos oitenta e três anos do Dia da Conquista do Voto Feminino no Brasil. Precisamos celebrar essa data! Afinal, oitenta e três anos após o dia 24 de fevereiro de 1932 quando, pelo Decreto 21.043 do código eleitoral provisório durante o governo do presidente Getúlio Vargas, o voto feminino foi assegurado nós, mulheres, somos a maioria da população, a maioria do eleitorado, 45% da força produtiva do país e respondemos por 40% dos lares nacionais.

Mas, antes de lembrarmos quem foram as mulheres que colaboraram nessa conquista, precisamos registrar algumas que, nas mais diversas áreas de atuação, foram abrindo espaços para chegarmos até aqui.

Alice Tibiriçá, uma mineira de Ouro Preto, que sugeriu ao presidente Getúlio Vargas, em 1932 a criação do Dia das Mães e também trouxe as comemorações pelo Dia Internacional da Mulher ao Brasil, em 1947.

A pioneira na luta pelos direitos humanos no país, a índia Madalena Caramu, que em 1561 escreveu uma carta ao bispo de Salvador pedindo o fim dos maus-tratos contra crianças escravas. Aprendeu a ler e a escrever e tornou-se a primeira mulher alfabetizada no Brasil.

No quadro complementar de oficiais do Exército Brasileiro consta Maria Quitéria, uma baiana que se alistou no Regimento de Artilharia para lutar na Guerra da Independência. Ana Néri, viúva, primeira enfermeira brasileira, que figura desde 2009 no Livro dos Heróis da Pátria por ter sido voluntária na Guerra do Paraguai após inconformar-se com a convocação dos três filhos e do irmão para aquela guerra. Lutou e conseguiu o direito de acompanhá-los, montando uma enfermaria modelo para atendimento aos soldados.

Anita Garibaldi, conhecida com Heroína dos Dois Mundos, que casou-se aos 14 anos, pediu o desquite três anos depois e casou-se com Giuseppe Garibaldi, italiano por quem se apaixonou e com quem lutou na Revolução Farroupilha, no Rio Grande do Sul. Duas são as cidades em Santa Catarina que homenageiam esta que foi considerada exemplo de coragem e dedicação tanto no Brasil quanto na Itália.

Nísia Floresta, educadora, escritora, poetisa, provavelmente a primeira mulher a publicar textos em jornais, num tempo em que mal existia a imprensa no Brasil. Publicou o livro “Direitos das mulheres e injustiça dos homens”, provavelmente o primeiro livro do movi-

mento feminista na América Latina. Foi seguida pela poetisa Narcisa Amália, primeira jornalista mulher do país e assim por centenas de outras mulheres que usaram essa profissão para compartilhar ideias democráticas e progressistas.

Chiquinha Gonzaga, a primeira mulher a reger uma orquestra no Brasil, primeira compositora popular, mulher com imensa vontade de tirar o piano das rodas sofisticadas e levá-lo ao povo. É dela também a primeira marcha de carnaval, composta em 1899: Ó abre Alas. Dorina Nowill, primeira aluna cega a frequentar uma escola no Brasil e a enfrentar todas as dificuldades de lidar com espaços não adaptados e profissionais não habilitados a lidar com deficientes. E Nise da Silveira, alagoana, umas das primeiras médicas do Brasil, única em uma turma de 158 alunos.

E quanto ao dia 24 de fevereiro? Nossa luta pela participação feminina na política inicia-se no século XIX quando Celina Guimarães Viana aparece como a primeira mulher da América Latina a alistar-se como eleitora, no Rio Grande do Norte, dando seu voto em 5 de Abril de 1928 na cidade de Mossoró. Proporcionou a seu Estado ser o primeiro a estabelecer no seu serviço eleitoral que não mais haveria distinção de sexo para o exercício do voto.

Alzira Soriano tornou-se a primeira prefeita da América Latina, também em 1928, com sessenta por cento dos votos, oriunda da cidade de Jardim de Angicos/RN. Posteriormente elegeu-se também vereadora por Lajes/RN, sua cidade natal.

Bertha Lutz, bióloga e ativista, considerada uma das maiores líderes na luta pelo direito ao voto feminino, fundou a Federação

Brasileira para o Progresso Feminino elegendendo-se deputada federal suplente, assumindo o mandato em 1936. Na Câmara, lutou por melhorias na legislação trabalhista em relação ao trabalho feminino e infantil como redução da jornada, licença maternidade de três meses e igualdade salarial.

Patrícia Galvão, mais conhecida como Pagu, a primeira presa política do país, famosa pelo incentivo ao teatro, principalmente a grupos amadores em Santos, onde viveu os últimos anos de sua vida. Carlota Pereira de Queiróz, eleita deputada federal por SP em 1934, primeira voz feminina na história do Brasil a ser ouvida no Congresso Nacional. Esther de Figueiredo Ferraz, a primeira mulher a ocupar um cargo de Ministra da Educação, da qual tive o privilégio de ser datilógrafa em 1985, iniciando minha vida profissional. Eunice Michellis, uma amazonense que em 1974 foi eleita deputada federal, consegue em 1979 ser eleita a primeira Senadora do Brasil. Mas a história não poderia deixar de registrar Olga Benário, deportada do Brasil para a Alemanha, que recebeu a confissão pública de Celso de Mello, então presidente do STF em 1998. “Cometemos erros e um deles foi permitir a entrega de uma pessoa a um regime totalitário como nazista, uma mulher grávida.”

Mas nossos números ainda são pequenos, embora 8.210 mulheres tenham disputado as eleições de outubro de 2014, o que representou 61% a mais que 2010. Dos oitenta e um senadores, apenas onze são mulheres (13,6%) e entre quinhentos e treze deputados federais, 10% são mulheres, ou seja, temos nesta 55ª. legislatura, cinquenta e uma deputadas federais. Dos cerca de cinco mil quinhentos e setenta

Prefeitos do Brasil 88% são homens e apenas 654 cidades são administradas por Prefeitas. Nesse aspecto então, temos muito que avançar, muito mais a conquistar. Estabelecer igualdade de participação nos partidos e ampliar ainda mais nossa presença no Parlamento e na vida pública.

Assim, neste 24 de fevereiro de 2015 quero registrar meu respeito e minha admiração a todas as mulheres aqui citadas, às milhares de outras, anônimas, que fizeram da luta feminina uma luta de grandes conquistas e às mulheres do PSDB com as quais tenho a honra de compartilhar um ambiente político que se soma a um momento extremamente importante no Brasil. À nossa presidente do Secretariado Nacional da Mulher, Solange Jurema, primeira ministra da Mulher no Brasil e a Yeda Crusius, presidente de honra, Thelma de Oliveira, Senadora Lúcia Vânia; às nossas parlamentares eleitas para esta legislatura Shéridan de Anchieta, Geovânia de Sá, Mariana Carvalho, Mara Gabrilli e Bruna Furlan, a todas as que, como eu, ousadamente se candidataram nessas eleições e especialmente em Brasília a Maria de Lourdes Abadia que nos honra com sua trajetória política e Sandra Quezado, presidente do PSDB Mulher/DF, que neste ano foi a única mulher candidata ao Senado no Distrito Federal.

Que possamos fazer deste dia um marco para outras conquistas, ampliando a participação feminina na política e abrindo caminho para o maior empoderamento da mulher que já contribuiu tanto ao longo da história e continuará contribuindo para um país melhor, mais justo, com mais oportunidades e igualdade para todos.

E VIVA O VOTO FEMININO no Brasil!

**Regina Lacerda é empresária, teóloga, pedagoga, escritora e filiada ao PSDB/DF.*

“25 DE NOVEMBRO, DIA DE COMBATE À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E DIA DO DOADOR DE SANGUE. COINCIDÊNCIA, NÃO?”

Por Telma Tulim - 25 de novembro de 2014



Foto: PSDB Mulher SP

O dia 25 de novembro é, ao mesmo tempo, data que marca os movimentos contra a violência às mulheres e também um dia para comemorar, abraçar e agradecer os benevolentes doadores de sangue.

Ao verificar os números trágicos das pesquisas mundiais, constatamos que no Brasil a maior causa de morte de mulheres é a violência. No mundo mais de 30% da população feminina experimenta ou já experimentou algum tipo agressão física ou sexual de seu parceiro.

A violência que cerca as mulheres ocorre principalmente no ambiente familiar, local em que seu sangue, muitas vezes, é derramado com o uso da força física. Em alguns casos, há um derramamento de energias, por agressões psicológicas que aos poucos vai minando as forças da vítima.

Violência que deixa rastros de sofrimento, dor, desespero, desamparo, traumas em crianças, abandono de idosos, entre tantas outras consequências.

Violência que afeta a economia do país, sobrecarrega os sistemas de saúde e deixa impunes os agressores.

Violência que gera mais violência e vai ensinando as gerações futuras.

Mais difícil do que livrar-se das agressões é influenciar o poder público a destinar recursos financeiros para mudar essa situação; mobilizar governos para que invistam em estruturas físicas e profissionais com a finalidade de auxiliar tantas famílias que se destroem nas amarguras dessa situação constrangedora.

E quem está preocupado? No Brasil há uma lei vigorando há 8 anos; uma legislação que trouxe esperança para tantas mulheres, mas que não consegue deixar o branco do papel e passar ao colorido da realidade e, de forma inaceitável, não conseguem alterar os números que permanecem altos, com graves seqüências para a saúde física e mental das vítimas.

Percebemos que os governos, nos três níveis de poder, não demonstram qualquer interesse em praticá-la na sua integralidade.

Delegacias de Atendimento à Mulher, com suas estruturas de Polícia Judiciária conseguem – às vezes – prender e/ou punir os agressores mas não tem condições de amparar as vítimas e seus filhos.

A Casas de Apoio são poucas e com raríssimas exceções, desprovidas de profissionais em número suficiente para execução do trabalho que deve ser realizado com amor, dedicação e muito profissionalismo.

Grupos de Apoio e Reeducação aos Agressores, não temos notícias da existência, embora seja uma previsão expressa na lei.

Deveríamos nos lembrar que, no momento em que ajudamos a mudar a vida de uma mulher, damos oportunidade para que todos os seus descendentes tenham também outro destino, de vida plena e em paz.

Chega de derramamento de sangue, agradecemos os doadores, mas não queremos mais os derramadores do líquido precioso da vida.

**Telma Tulim é Delegada de Polícia Aposentada, Advogada, Vereadora*

**Do site do PSDB Mulher-SP*

“NOS TRILHOS”

por Elena Landau - 20 de outubro de 2014



Jean Tirole ganhou na semana passada o Prêmio Nobel de economia por seus estudos sobre regulação. Elas foram fundamentais na passagem de setores sob monopólio estatal para a administração privada nos anos 1990 no Brasil. A ideia principal é introduzir a competição sempre que possível e regular os mercados onde for necessário.

Há 20 anos iniciou-se a delegação das concessões de serviços públicos ao setor privado. Começou com Itamar e FHC na distribuição de eletricidade, telefonia, ferrovias e estradas. Continuou ao longo dos governos Lula e Dilma nos setores de geração e transmissão de energia elétrica, petróleo e novos modais de transportes, incluindo aeroportos.

Em grande parte dessas atividades privatizadas a concorrência é limitada, muitas delas são, inclusive, monopólios naturais onde a competição é impossível, tornando a regulação desses mercados fundamental.

Tirole nos ensina que o compromisso com a estabilidade de normas e de marcos regulatórios é uma regra de ouro

para a boa regulação. Impede que os reguladores sejam capturados por interesses de agentes privados, aumentando a concorrência e beneficiando a sociedade.

Infelizmente não é o que vem acontecendo no Brasil desde 2003, comprometendo a qualidade do processo de desestatização. O primeiro erro foi o abandono da lei que definia ritos processuais e critérios de avaliação de forma transparente. Foi substituída por decisões fragmentadas e casuísticas, permeáveis à pressão de grupos interessados.

A privatização dos aeroportos é um bom exemplo. Critérios de participação de grupos econômicos mudaram a cada rodada de leilões, culminando com um aporte bilionário do BNDES e do FGTS ao vencedor do Galeão. Essa operação, montada em tempo recorde para os padrões dos bancos públicos, modificou completamente

a rentabilidade do negócio, tornando a concorrência desigual. Em nome da competição e do interesse público, os recursos deveriam estar disponíveis para todos os concorrentes antes do leilão, como se fazia no passado.

O segundo problema no modelo atual de regulação é a própria descrença na sua importância. As agências vêm perdendo paulatinamente sua autonomia financeira e técnica.

O desmonte do setor elétrico é ilustrativo. Foi facilitado porque a Aneel se comportou como braço do Executivo e não avaliou com independência os impactos da medida sobre o setor. Tivesse a agência sua autonomia respeitada, o desastre poderia ter sido evitado.

O prêmio concedido a Tirole vem em boa hora, pois recolocar a regulação nos trilhos é urgente para a expansão de investimentos em infraestrutura. O país não conseguirá retomar o crescimento sem eles. Tempo precioso já foi perdido.

ELENA LANDAU escreve às segundas-feiras nesta coluna.

**Publicado originalmente na edição desta segunda-feira(20) de o jornal Folha de S.Paulo*

“FELIZ ANIVERSÁRIO, DONA RUTH!”

19 de setembro de 2014



Brasília (DF) – Ruth Cardoso, o espelho em que se miram de todas as tucanas, estaria completando 84 anos nesta sexta-feira (19). É difícil imaginar o que teria produzido essa mulher extraordinária ou, como preferiu definir a jornalista Dora Kramer: incomum, se não tivesse ido embora há seis anos, serena e discretamente, como sempre preferiu viver.

Nascida em Araraquara, no interior de São Paulo, Ruth Cardoso ultrapassou fronteiras e limites, indo muito além do que as mulheres de sua geração costumavam aspirar.

Doutora em antropologia pela Universidade de São Paulo (USP), casada aos 23 anos com Fernando Henrique Cardoso e mãe de três filhos, Dona Ruth soube como poucas conviver com as várias facetas do feminino sem aparente angústia.

Longe de se deixar ofuscar pelo brilho de Fernando Henrique, Dona Ruth desenvolveu uma carreira acadêmica brilhante, independente da de seu marido; publicou vários livros; criou seus filhos,

acompanhou o crescimento dos netos e sempre foi voz ouvida com respeito e atenção dentro do PSDB, não é pouca coisa.

Só que ela foi além; no primeiro governo Fernando Henrique Cardoso criou o programa Comunidade Solidária. É sempre bom lembrar que entre os programas desenvolvidos pelo Comunidade Solidária, estão o Alfabetização Solidária, Universidade Solidária, o Comunidade Ativa e Capacitação Solidária. Programas que deram origem aos benefícios Bolsa Escola e Bolsa Alimentação, embriões do Bolsa Família do governo Luiz Inácio Lula da Silva.

E assim Dona Ruth Cardoso segue fazendo História e modificando a vida de milhões de brasileiros, que talvez jamais saibam o quanto devem a essa mulher especial e inteligente.

Parabéns, Dona Ruth, é um privilégio estar no mesmo PSDB que a senhora ajudou a fundar, há tantos anos!

Secretariado Nacional da Mulher/PSDB-Mulher

“MULHERES 45: UMA ENERGIA QUE CONTAGIA”

por Cecília Mello - 2 de setembro de 2014



Foto: Facebook de Cecília Mello

Algum tempo se passou, desde a primeira vez que participei de uma campanha política. Eram os anos 80 e eu tinha deixado a casa de meus pais, minha cidade, e saído em busca da realização de um sonho. Muitos diriam se tratar de uma aventura, quando uma pessoa jovem e inexperiente se lança em uma campanha política ou poderiam alegar ser poderia trazer dissabores e frustrações, na medida em que a política é um terreno arenoso e, por isso mesmo, incapaz de alicerçar um caminho.

Há quem apostaria no idealismo inerente à juventude, o entusiasmo de quem desconhece as armadilhas do caminho e percorre por estradas desconhecidas sem se preocupar com os desvios...

Passaram-se os anos, outras campanhas vieram e se foram. Uma sequência de campanhas vitoriosas marcaram a minha trajetória na política e hoje relembro. Foram muitas viagens, contatos, discussões movidas por opiniões que demonstravam o desgaste da velha forma de fazer política com a força da juventude que vinha abrindo caminhos e derrubando trincheiras construídas.

O trabalho era árduo, porque não existiam carros possantes, estradas seguras, meios de comunicação como os celulares que, hoje, permitem que sejam lançadas mensagens a qualquer distância, em tempo real. Os trabalhos eram todos datilografados em máquinas comuns, daquelas com teclado duro; somente após muitos anos é que chegaram as primeiras máquinas elétricas, com esferas, que auxiliavam um pouco as tarefas.

Havia também um enorme território a percorrer, cidade após cidade, até o extremo norte do que hoje se chama Tocantins. As campanhas duravam um ano e os contatos eram difíceis e dependiam muito mais de uma militância aguerrida do que nos dias de hoje.

A comunicação por telefone acontecia quando era possível encontrar um posto onde a ligação pudesse ser realizada e, ainda, coincidir com o horário marcado com os demais para que pudéssemos comunicar as coisas que estavam sendo feitas e, eventualmente, solicitar alguma ajuda.

Além de todas as dificuldades, esse mundo político era um reduto exclusivamente masculino, eram poucas as mulheres que participavam das campanhas. Às mulheres eram reservados os bastidores, os trabalhos secundários; poucas tinham permissão de seus pais, irmãos

ou maridos para saírem em campanha pelos municípios, levando mensagens e promessas, carregadas de esperanças e planos para o futuro.

Fiz parte dessa minoria que percorreu os municípios e participou ativamente das campanhas. Entretanto, vejo que hoje as coisas mudaram, e para melhor. Já não ocupamos apenas os lugares secundários do cenário político. Mulheres guerreiras têm demonstrado que podem ocupar cargos do primeiro escalão da administração e, mesmo ainda sendo baixa a representatividade, temos candidatas de peso na disputa deste pleito e, ainda, uma mulher como suplente para o cargo de senador.

Mas quero falar de algo que, aparentemente, não mudou com o tempo. Há no ar um entusiasmo que não esmoreceu com o passar dos anos. Parece que a energia positiva e a alegria que mobilizaram as pessoas durante as campanhas anteriores renasce a cada novo início.

No último dia 21 de agosto, demos prova desse entusiasmo renovado. Reunidas e identificadas pelo “M45 – Mulheres da Base Aliada 45”, aproximadamente duas mil, presenciamos os discursos de nossos candidatos, unidas não só pelo compromisso da base de apoio ao governador Marconi Perillo, mas por todos aqueles que estão empenhados em dar continuidade ao desenvolvimento de Goiás. De todos os lados do Tattersal de Elite provinham aplausos e falas de apoio ao candidato ao Senado federal Vilmar Rocha que, se eleito, poderá realmente ajudar nosso governador na continuidade da gestão exitosa.

Quem presenciou o evento pode sentir a energia que pulsava no ambiente, emocionando a todos e demonstrando mais uma vez que

a população feminina atendeu ao chamamento de agir em defesa do Estado, reunindo aliadas em torno de um projeto que deu provas de ser sério e comprometido, mas que ainda tem projetos iniciados que precisam de coragem e determinação para serem concluídos.

Foi visível a alegria de todos os presentes, principalmente do nosso governador, que gravou um vídeo falando sobre essa energia contagiante que foi exalada a partir do local do evento, atingindo muitas regiões do Estado, assim como da sua felicidade em poder participar deste momento de renovação da esperança.

Sabemos que temos muito ainda para trabalhar até o próximo 5 de outubro, mas temos confiança no trabalho empreendido em favor da população e a crença de que, se a população atender o nosso chamado, poderemos construir muito mais e com o mesmo entusiasmo.

Como se fosse a primeira vez.

**Cecília Mello é poeta, escritora e diretora do Instituto Teotônio Vilela – ITV Goiás*

***Texto publicado originalmente na edição desta segunda-feira (01/09) de o jornal Diário da Manhã*

“MAIS DIREITOS PARA MÃES DE BEBÊS PREMATUROS”

por Andreia Zito - 29 de agosto de 2014



A falta de tempo não pode ser um obstáculo para que mães de prematuros se dediquem mais a seus filhos diante da necessidade. Por isso, quero ampliar o tempo da licença-maternidade para todas as mães que tiverem bebês prematuros, para que elas possam dar maior assistência aos filhos nessa situação. Com esse objetivo, acabo de ingressar na presidência da Câmara dos Deputados com o projeto de lei (PL) 7.895/2014, visando a uma alteração na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), para que a mulher, no caso de parto de filho prematuro, tenha direito aos 120 dias previstos em lei, mas que esse período só comece a ser contado a partir do momento em que a criança receba a alta do hospital.

O PL 7.895 vai aprimorar a utilização do período de licença-maternidade. Quero garantir à mãe de filho prematuro o direito de estar amamentando e cuidando de seu bebê durante o prazo estabelecido pela legislação, em condições de igualdade com todas as outras

mães, que geram em circunstâncias normais. É muito justo que isso aconteça e que a mãe possa se dedicar mais ao bebê, se ele é prematuro.

Pela legislação vigente, a licença-maternidade é o afastamento que pode iniciar quando a futura mamãe decidir, ou seja, pode ser até 28 dias antes do parto, ou então a partir da data de nascimento do bebê. Se ocorrer algum problema médico, é possível ampliar o repouso duas semanas antes e duas semanas depois do parto. Para que se inicie o recebimento do salário-maternidade, é necessário que se apresente um atestado médico ou certidão de nascimento do bebê.

Esse afastamento é de no mínimo quatro meses ou 120 dias corridos, que vale para todas as mulheres, podendo ser de no máximo seis meses, dependendo do tipo de ocupação que a futura mamãe tenha. Isso porque, a lei que prevê a ampliação da licença de quatro para seis meses, ainda não foi aprovada para todas as categorias profissionais.

Atualmente, as servidoras públicas federais têm direito ao afastamento de seis meses ou 180 dias, assim como servidoras da maioria dos estados do País e de inúmeros municípios. Além delas, mulheres que trabalham para empresas privadas podem ou não ter o benefício, dependendo da decisão da própria companhia, que recebe um incentivo fiscal para estender a licença, mas não é obrigada a fazê-lo.

É prematuro quando o nascimento do bebê se dá entre 22 e 37 semanas. O bebê nascido de parto prematuro é também um bebê prematuro e tem suas estruturas e funcionamento orgânico ainda precários, necessitando de auxílios maiores para sobreviver. Em certas situações especiais, o apressamento do parto pode ser uma opção

médica, no entanto, na maioria dos casos, o parto prematuro ocorre espontaneamente.

O bebê que nasce num tempo menor necessita de atenção quanto à manutenção da temperatura, respiração, pode ter infecção e requer muito cuidado com a parte da alimentação, além de muitas vezes demandar permanência em UTI neonatal. São nesses casos que as mulheres precisam ter o direito aos 120 dias de licença-maternidade contados somente, a partir do momento em que a criança receba a alta do hospital. A minha intenção é tão somente buscar caminhos de racionalização que possam permitir a utilização da licença-maternidade de modo isonômico a todas as mulheres.

** Andreia Zito é deputada federal pelo PSDB/RJ.*

***Fonte: Assessoria da deputada federal Andreia Zito*

“MULHER NEGRA, SÍMBOLO DA RESISTÊNCIA”

por Judite Botafogo - 24 de julho de 2014



Celebra-se nesta sexta-feira, dia 25 de Julho de 2014 o Dia Internacional da Mulher Afro-Latina-Americana e Caribenha. A data surgiu em 1992 na República Dominicana e marca, internacionalmente, a luta e a resistência da mulher negra em toda a América do Sul e Caribe.

As celebrações desta data em várias entidades e Países buscam fortalecer a luta contra o racismo, a discriminação e as desigualdades sociais, que por mais que se tenha avançado e conquistado espaços, ainda são visíveis: sejam nas famosas ou anônimas. A trajetória da mulher negra é marcada por inúmeros desafios, que englobam a discriminação por gênero e por raça.

Lamentavelmente, o que poderia ser considerado hoje como história ou reminiscências do período colonial permanece, entretanto, vivo no imaginário social e adquire novos contornos e funções em uma ordem social supostamente democrática, que mantém intactas

as relações de gênero segundo a cor ou a raça instituídas no período da escravidão. .

As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras. .

As mulheres negras nunca aceitaram em si o mito da fragilidade que historicamente justificou a proteção paternalista. Elas aprenderam desde muito cedo a trabalhar pesado, fosse na dureza das lavouras ou do comércio informal. Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, que soube enfrentar desafios ferrenhos para se manter vivo e não ceder aos caprichos impostos pelo machismo.



Foto: Corbis

A coisificação do povo negro fez com que o machismo sobre as mulheres negras tivesse radicalidade, principalmente na mercantilização de suas vidas e corpos. A exploração de seus corpos e vidas ainda existe de forma intensa. Um processo de erotização e apropriação dos corpos das mulheres negras aponta que na divisão das mu-

lheres entre santas e profanas, as negras são sempre vistas como as profanas. .

É uma realidade muito difícil ser negra latino-americana numa sociedade construída a partir do racismo e do patriarcado. O racismo é uma lógica em que uma raça se organiza para oprimir outra raça, temos isso delineado nos países da América Latina através da exclusão territorial, social, econômica e política, onde a mulher negra acaba sofrendo uma dupla opressão, já que há historicamente construída, uma hegemonia de um gênero sobre o outro.

A importância da mulher negra é negada na formação da cultura nacional. Ainda hoje, há uma dificuldade em reconhecer as mulheres negras que estiveram no centro das lutas e movimentos sociais e culturais; as heroínas negras são totalmente invisibilizadas.



Foto: Corbis

Superar o racismo e o machismo é uma luta árdua e permanente, de crítica e desconstrução do modelo de produção, da cultura hegemônica, do sistema educacional, político e econômico. Lutar pela mulher negra significa lutar contra o capital, contra o padrão de beleza eurocêntrico, contra a hierarquização da cultura, contra a colonização do conhecimento, contra o euro centrismo, contra a estig-

matização. É uma luta pela valorização da cultura negra, popular e periférica, de igualdade de oportunidades, por políticas de equidade e de reparação. Significa lutar por transformações radicais contra as hierarquias de gêneros e raças presentes em nossa sociedade.

Emancipação, respeito, dignidade, valorização, equidade e justiça são algumas das palavras que podem ser colocadas no centro do dia de luta pela mulher negra não só no Brasil, mas em toda América Latina e Caribe.

“MEU CONVITE É PARA AS MULHERES”

por Almira Garms - 25 de junho de 2014



Foto: PSDB Mulher-SP

Quero começar este artigo dizendo o que nos cabe fazer e não qual a nossa importância, mulheres, no contexto social, político. Tampouco prever o espaço ao qual deveremos ascender ainda

mais e daqui por diante, em tantas outras áreas. Por que eu faço isso? É pelo motivo mais sincero, o trabalho que realizo por uma vida quase inteira, com outras mulheres atuantes também, para este fim. Temos aqui o momento oportuno, o zeitgeist é nosso, não podemos deixar que ele seja desperdiçado.

Sem medo de faltar com referência a quaisquer outras chances aproveitadas, nem sobre as sementes já plantadas, o que pretendo é dizer-lhes que muitas destas agora pedem para serem colhidas. Aqui estou, estamos todas e venho pedir que se somem a nós para mais essa missão.

É que outros movimentos são necessários, para que de forma mais assertiva tenhamos esses frutos, que são as condições ideais para que a mulher seja, socialmente e economicamente participativa. Para que possamos, em pé de igualdade, desfrutar dos avanços que conquistamos.

É chegada a hora, agora sim falando sobre a nossa importância no contexto, de fazer valer a representatividade de mais da metade de eleitores desse país. É o que somos, é o poder que temos, é disso, para começar, que temos de lançar mão.

Lembro aqui de conversas em eventos, ou no tempo que temos entre uma viagem e outra para participar de reuniões nacionais, regionais, encontros e cursos de sempre mencionarmos as precursoras desse trabalho, no PSDB. Mulheres que souberam estar lá, na hora que o cenário nos era favorável, para plantar essas sementes. Falo de todas elas, citando a principal militante que tivemos no partido, Dona Ruth Cardoso, que no governo de Fernando Henrique esteve à

frente de muitas realizações pelo acesso da mulher a direitos básicos, a espaços de ideias, proposições e até mesmo de tomada de decisões. Nesse período o Brasil ganhou o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, órgão do Ministério da Justiça, hoje com status de Secretaria especializada em políticas para esse segmento.

Nossa presidente Nacional, Solange Jurema, atuando na gestão pública e na política fez recentemente o gesto que marca, mais uma vez, o nosso caminho para chegarmos onde queremos e devemos estar. Ela entregou, no dia 13 de maio, em Brasília, o documento que consolida as propostas das mulheres do PSDB em todo o Brasil para o plano de governo de Aécio Neves. Ele o teve em mãos, se comprometeu com esse assunto.

O mesmo faremos aqui, ao entregarmos a nossa sugestão ao governador Geraldo Alckmin. E você, minha aliada nessa incansável dedicação em busca do espaço que nos cabe na política, o que pode fazer?

Se me permite sugerir, venha participar da nossa convenção estadual. Estaremos lá de camiseta estampada com as políticas que queremos para nós, para nossas famílias e para todos os cidadãos. Levantaremos as faixas que pedem mais creches, mais trabalho e renda, mais saúde, mais educação, mais segurança, mais condições para empreendermos, mais igualdade para ajudarmos a construir um Estado como acreditamos ser possível.

Nas eleições, vote, faça a sua escolha consciente e embasada em história, em resultados, no que de fato mudou na sua vida e na vida das pessoas ao seu redor. Porque a política é para isso, para melhorar

a vida das pessoas. O seu voto consciente é, acima de tudo, o exercício do seu mais valioso direito de participar ativamente e democraticamente da política. Esse é o seu primeiro passo, mulher, para de fato fazer parte, influenciar, decidir, idealizar e transformar.

Até domingo na Convenção Estadual do PSDB, em São Paulo!

*Almira Garms é presidente do PSDB-Mulher SP, como parlamentar foi por duas vezes presidente da Câmara de Vereadores de Paraguaçu Paulista. Graduada pela FUNDAP com especializações em Políticas Públicas para Mulheres, Enfrentamento à Pobreza (PUC), pós-graduada em Gestão Pública na FEMA, e graduada em Teologia. Foi eleita por quatro vezes vereadora, sendo a mais votada em todos esses pleitos.

“TÁ RECLAMANDO DE QUÊ?”

por Tieza Lemos Marques - 24 de junho de 2014



Quando éramos adolescentes e aparecia alguém diferente e interessante no pedaço, olhávamos para o sapato do mocinho; dependendo do tipo e da qualidade do sapato, estava ali “um bom partido” ou não. Essa do sapato era “tiro e queda”. Mas tínhamos bons amigos de sapato de todo jeito; até os “sem sapato”. Coisas das garotas de um tempo que já vai largo e nos deixa muitas, mas muitas saudades!

Lembrei-me disso no dia da abertura da Copa do Mundo. As imagens da galera sorrindo nas arquibancadas me trouxeram essa história do sapato. Ali o que se via era um mundão de gente bonita, bem vestida de verde amarelo, com acessórios de boa qualidade e ... dentes bonitos, dentes lindos, branquinhos, bem cuidados. O HD mostra tudo e com essa altíssima tecnologia é possível perceber os mínimos detalhes. Se a abertura foi bem chochinha, o “show” ficou por conta das imagens das TVs que transmitiram a festa. Coisa linda!

O brasileiro povão, aquele que de janeiro a janeiro enfrenta sol, chuva, arquibancada de cimento, que fica grudado no alambrado,

não tem aqueles dentes não; tem não! Aliás, quando tem alguns, faltam outros. Esses não estavam lá; não vi nenhum! Não tinham dinheiro prá comprar ingresso.

Mas, apesar das grandes distâncias, duas coisas essa gente que estava na abertura e o brasileiro povão têm em comum: a alegria, porque afinal somos quase todos apaixonados por futebol; e a linguagem dos estádios, que quando a carruagem não anda bem, coitada da mãe do juiz!

Não xingaram a mãe do juiz, é verdade, mas aquela senhora que apita mal com o dinheiro suado do brasileiro que padece na fila dos hospitais, que não tem a merecida educação, que vive na tensão da insegurança (ou de um lado ou de outro); que morre nas estradas esburacadas; que empresta sua vulnerabilidade para viver numa casinha com uma bolsinha, e ainda é obrigado a aplaudir sem reclamar e a sorrir para as câmeras das propagandas milionárias das estatais; que integra uma turma campeã em corrupção; que despreza a lei e passa por cima dela, em nome de seus caprichos e interesses por vezes, escusos ou inusitados. Não xingaram a mãe do juiz, mas aquela que fez a Copa mais cara da história das Copas, que construiu belas e caríssimas arenas, até agora frequentadas apenas por quem tem um bom dinheiro, porque o preço dos ingressos não é para qualquer um, não, meu irmão!

E, voltando à mãe dos juízes, mesmo quando seus filhos apitam direitinho, elas estão na boca do povo; imagine quando apitam mal e dão as costas para o povo. “Tá” reclamando de quê?

**Tieza Lemos Marques - Assistente social, funcionária pública aposentada, jornalista, radialista, vereadora pelo PSDB em Araçatuba – SP; integrante do PSDB Mulher/SP*

“O OUTRO LADO DAS VAIAS E PALAVRÕES À DILMA”

por Eliane Aquino - 16 de junho de 2014



Eliane Aquino

A presidente representa o desmando do PT na política brasileira. As vaias e xingamentos à presidente Dilma na abertura da Copa do Mundo, em São Paulo, ainda estão dando o que falar e polemizar. É claro que ninguém, em bom senso, defende ou incentiva palavrões e ofensas a quem quer que seja. Mas é bom se colocar alguns termos na questão do debate para que os valores não sejam invertidos e para que o povo brasileiro que lê, se informa, conhece exatamente o que é lícito e o que é ilícito, o que é corrupção e o que é impunidade, não vire o vilão da história.

Não é culpa da classe média brasileira que paga o ingresso da Fifa para assistir aos jogos do Mundial 2014 (a grande maioria pagando

em várias parcelas pelo cartão de crédito), o problema das desigualdades e da exclusão social no país. Não vamos virar o assunto pelo avesso. Nem as vaias e xingamentos foram uma questão de elite versus pobreza, porque a presidente Dilma e o seu governo estão longe de representar os bolsões de miséria que existem no Brasil. Ou mesmo por uma questão machista, porque a presidente não é nenhuma moçoila indefesa e nunca se vaiou ou se xingou uma mulher neste país por ocupar um cargo público.

A verdade é que as vaias e xingamentos naquela ocasião foram direcionados ao PT, ao desmando petista no Brasil há 12 anos, aos inúmeros escândalos que estouram todos os dias nas mãos de políticos do governo petista, à demagogia lulista utilizando os pobres, os analfabetos e os sem-terra para fazer coro ao descabro das ligações imorais de petistas com doleiros, banqueiros, construtores, totalmente alheios ao que de fato acontece no cenário nacional.

As vaias e xingamentos naquela ocasião vieram de pessoas que estão vendo a economia nacional descer ladeira abaixo, que, de olhos abertos e poder de conhecimento, sabem que o projeto petista não é o de governar um país com transformações, mas um projeto de poder de grupo; o protesto veio de quem está no limite da descrença e da repulsa a um partido e a um governo que tanto mal têm feito à política nacional, à ética pública.

O que aconteceu ali, na Arena Corinthians, para todo o Mundo saber, é a insatisfação, sim, dos brasileiros que conhecem de perto e tão bem o que significa para o nosso país o governo do PT. E, infelizmente, demonstraram isso com a veemência da indignação pessoal,

vomitada de vez, na frente tantos espectadores e em um momento certamente inadequado, o que tanto de mal faz a muitos brasileiros o desmando do PT nesta Nação.

Ou seja, foi uma espécie de encontro de contas.

“HUMANIZAÇÃO NA MEDICINA: VISÃO MÉDICA E SOBRE O MÉDICO”

por Walkyria de Paula - 11 de junho de 2014



Foto: Corbis

Este estudo foi desenvolvido a partir de dois interesses da autora: a humanização da medicina sob o ponto de vista do médico e o estresse sofrido por ele, suas causas e consequências. Foi feito um levantamento bibliográfico (literatura escrita e online), pesquisas em hospitais e clínicas e junto aos profissionais que são, em todos os casos, os maiores interessados nas conclusões a que possam chegar a autora. Hoje em dia é de suma importância ressaltar que os médicos vivem sob contínua tensão, não só no ambiente de trabalho,

mas também na vida em geral, pois além das habituais responsabilidades ocupacionais e do atendimento de um excessivo número de pacientes que procuram hospitais e Unidades de Emergência (UE), a deficiência de seu número para atender essa demanda, do constante ritmo acelerado e das péssimas condições de trabalho, o profissional tem que lidar com os estressores normais da vida em sociedade, tais como, a manutenção da família, a baixa remuneração, a necessidade de assumir mais de um vínculo de trabalho, entre outros.

Assim sendo, todos esses novos desafios superam os limites adaptativos levando ao estresse. O desgaste a que médicos atuando nas UE's ou conveniados de algum plano de saúde estão permanentemente submetidos nos ambientes e nas relações de trabalho são fatores determinantes de doenças. O desgaste emocional vivenciado nas relações com o trabalho é significativo na determinação de transtornos relacionados ao estresse como é o caso das depressões, ansiedade patológica, pânico, fobias, doenças psicossomáticas, etc. Em suma, o médico com esse tipo de estresse ocupacional não responde à demanda do trabalho, tornando-se irritável e deprimido e, diante desses riscos a que esta categoria está sujeita, foi que surgiu o interesse em descobrir quais as causas de estresse em médicos chamados de “trincheira”, ou seja, aqueles que pegam pesado no trabalho.

A UE é vista como um possível calvário para aqueles que, nas suas percepções de risco da morte que estão enfrentando, na angústia pela perda da vida, enxergam na humanização uma melhoria para seus sofrimentos, ou seja, o adoecer. Mas será isto mesmo a humanização?

A escolha por este tema se justificou por ser esse um assunto muito presente atualmente e, principalmente, por não haver quem tenha até o momento, se preocupado em fazer um levantamento da situação entre os médicos que atuam em algumas UE. É um trabalho que interessa a todas as pessoas envolvidas no cotidiano do médico, à sociedade que depende dos seus serviços e aos estudiosos do tema. O trabalho teve como objetivos: averiguar se as condições de trabalho oferecidas na UE têm sido a principal causa da ocorrência de sinais de estresse entre os médicos; verificar as dificuldades de implantação da humanização nos diferentes grupos que atuam nesse meio conturbado, com excesso de demandas, condições precárias de trabalho e problemática intra e extra-hospitalares; verificar se o número de pacientes atendidos por cada médico durante o período de atendimento é compatível com o tempo destinado a esta atividade; averiguar se os médicos estudados têm tido necessidade de um ritmo acelerado para cumprir as demandas de trabalho a que estão submetidos; verificar se os médicos estudados têm assumido mais de um vínculo de trabalho; averiguar qual é a avaliação dos médicos estudados com relação à remuneração por eles percebida pelas atividades desenvolvidas; verificar se os médicos que atuam na UE têm trabalhado juntamente com todos os especialistas para atender às demandas das especialidades que se apresentam e se os médicos estudados atendem ou são obrigados a atender casos fora da sua especialidade e para a qual foram contratados; e investigar se existe manual de processos e de rotinas na UE.

Para esse trabalho, foram entrevistados médicos de várias especialidades e que atuam diária ou ocasionalmente em Unidades de Emergência. Foram distribuídos 21 questionários, dos quais 20 foram devolvidos completamente preenchidos. Não se levou em consideração um questionário que foi preenchido apenas até a sexta questão. Os médicos entrevistados foram escolhidos aleatoriamente, e responderam o questionário entre setembro de 2008 a outubro de 2009.

A conclusão a que se chegou foi que o ser humano sente uma necessidade imperiosa de se adaptar às novas situações impostas pelo trabalho, pelas mudanças de qualquer natureza e pelas exigências da vida moderna. A necessidade de adaptação expõe constantemente o indivíduo a situações de conflito com os outros e consigo mesmo, criando ansiedade e angústia, especialmente quando ocorre um sentimento de frustração perante a sensação de fracasso.

A medicina é considerada uma profissão cujo estresse ocupacional é dos mais intensos, devido aos cuidados físicos e emocionais que os pacientes requerem. A suscetibilidade ao estresse ocupacional existe, sobretudo, pela grande responsabilidade que é própria dessa profissão, sendo que nas unidades de emergência e urgência o fenômeno se manifesta de forma mais intensa, onde a presença do sofrimento físico e emocional, da incapacidade de alguns clientes/pacientes e seus familiares, é inevitável.

Diversos estudos feitos em hospitais públicos e privados e em unidades de emergência constataram que além de lidar com doenças, sofrimento e morte, os médicos ainda têm que se superarem

quando se trata de carga de trabalho. Duplas ou até mesmo triplas jornadas de trabalho são bastante comuns em instituições hospitalares que apresentam quantidade insuficiente de pessoal. Há também os profissionais que possuem mais de um emprego com a finalidade de complementar renda.

No caso específico das profissionais do sexo feminino há que se considerar também as tarefas domésticas que muitas delas são obrigadas a assumir, mesmo após um dia cansativo de trabalho.

Não podem ficar esquecidos também os conflitos internos no trabalho, sejam entre colegas da equipe ou entre supervisores e subordinados, pelas mais diversas razões que permeiam esses conflitos em qualquer instituição.

A sofisticação cada vez maior dos equipamentos e dos cuidados de ordem médica que deveriam estar sendo dispensados aos pacientes são as prioridades que deveriam dominar as Unidades de Emergência, mas que devido ao escandaloso fracasso do Governo Federal no que diz respeito à saúde e educação, a saúde no Brasil, nas palavras do Dr. João Amilcar Salgado⁵, está se tornando uma verdadeira “nau de insensatos” que é o atendimento dado pelo SUS quando se vê, nas filas das Unidades de Emergência, um verdadeiro e doloroso desfile de dor, pranto, morte, tumulto e agressões nas filas de atendimento. O que podem fazer os médicos que atuam nesses e em outros lugares (hospitais públicos, principalmente)?

No entanto, a ausência de atenções voltadas para as necessidades psicossociais do paciente e dos médicos transforma a UE em locais burocratizados e despersonalizados, isto é, cada um por si.

Não existe equipamento, por mais avançado que seja, capaz de substituir o afeto, a atenção, o ouvir e o falar. A presença desses sentimentos tem influências positivas no processo de recuperação, enquanto sua ausência exerce efeitos contrários. Mas como dar atenção, ouvir e falar, quando a fila lá fora é imensa, o tempo é curto e existem outros empregos e horários esperando pelos médicos em outros lugares?

As revisões bibliográficas consultadas mostraram uma vasta produção literária sobre a necessidade de humanização das unidades de pronto-atendimento, UTI, hospitais, visando o bem estar dos pacientes. Mas, onde está escondida literatura que fala da humanização do trabalho do médico. Está tão bem escondida que não foi possível encontrá-la. Será que existe?

Essa literatura escondida deveria ser de autoria principalmente de profissionais da área médica, mas as vozes encontradas, como as do Dr. Salgado, ainda são muito poucas e não estão conseguindo se fazer ouvir por todos os ouvidos moucos que se fazem de mortos para não fazerem nada.

O estudo realizado permite concluir que o conjunto de fatores potencialmente causadores de estresse forma um quadro grave e preocupante, tanto para a própria vida pessoal do médico, quanto para as outras vidas humanas que dependem da competência, da eficiência e do preparo desses profissionais. Para o paciente, todo esse conjunto de fatores negativos pode resultar na diminuição da eficácia do tratamento, que afinal de contas, é o motivo maior para a existência das instituições hospitalares.

Outros estudos mais abrangentes, com mais profissionais que labutassem diariamente nessas unidades de emergência, e a longo prazo deveriam ser desenvolvido, buscando não só aumentar a literatura sobre o tema, mas também engrandecer o trabalho desses profissionais.

*Walkyria de Paula. Médica com especialização em Clínica Médica e Medicina do Trabalho, pela Faculdade de Ciências Médicas, 1972. Pós-Graduações em: Emergências Médicas, pela Escola de Reanimação, 2009. Perícia Médica, pela Faculdade de Ciências Médicas e Fundação UNIMED, 2011. Pós-Graduanda em Geriatria e Gerontologia, pela Faculdade de Ciências Médicas e Fundação UNIMED, Belo Horizonte, 2014, entre outras.

“PT FAZ PROPAGANDA DESONESTA NO NE”

por Eliane Aquino - 2 de junho de 2014



Eliane Aquino

Publicidade de Dilma ignora participação dos Estados nas execuções de obras públicas

O governo petista é hilário na sua recorrência à desonestidade intelectual. Não só no discurso eleitoral de incoerência ideológica, mas, também, na própria propaganda oficial. No Nordeste, publicidade da gestão Dilma sobre estradas, habitação e construções hídras na região, ignora totalmente a participação dos Estados nas contrapartidas e execuções dessas obras. Em Alagoas, muitas dessas realizações parceiras têm investimento de até 50% do dinheiro estadual. Mas isso o PT não fala.

Em cada dinheiro público federal chegado a Alagoas há uma contrapartida do Estado, e a execução das ações e obras só é possível se o Estado cumprir o seu papel na parceria, se cumprir o seu dever

como gestor dos recursos federais. Mas o PT só mostra a obra já executada, escondendo na publicidade petista a excelência do trabalho do governo tucano no Estado. E Alagoas não é um caso isolado. Em outros Estados não governados por aliados partidários, a postura desonesta do PT é a mesma.

De todo modo, o que está em questão em Alagoas não é apenas a disposição adversária do PT e PSDB. Nesse caso, a conveniência política pende ao oportunismo eleitoral onde, nesse Estado, petistas defendem e trabalham pela reeleição do senador Fernando Collor, hoje aliado de primeira ordem do PT e beneficiário dos mimos petistas no Palácio do Planalto. Mesmo elle sob a suspeita de ter recebido dinheiro do doleiro preso Alberto Youssef.

Embora para o PT, claro, receber dinheiro de propina ou de forma ilegal é pinto. Ou seja, não significa nada. Acho até que dá ‘status’, vide Zé Dirceu, Genoíno e Delúbio Soares.

É certo que Dilma virá a Alagoas para subir no palanque de Collor sem nenhum constrangimento. Também deverá respaldar discurso petista de que o que tem de bom em Alagoas – como no resto do país – é mérito de seu governo, e o que tem de ruim, é responsabilidade única de seus adversários políticos em cada um dos Estados brasileiros. Questiona-se, todavia, até onde encontrará ressonância essa prática desonrosa do PT com a ética política e a boa fé dos brasileiros. Espera-se que não passe da eleição deste ano.

“ÉTICA E ELEIÇÕES”

por Tiana Azevedo - 15 de maio de 2014



Tiana Azevedo, na 1ª reunião ampliada da executiva do PSDB Mulher

Rio de Janeiro – Na história recente do país, por diversas vezes é mostrada uma inquietação das massas para que a corrupção deixe de existir na vida pública. Percebe-se dessa forma, uma intensa relação entre ética e eleições. Sem ética não existe democracia, o que existe é má política. E a má política é feita tanto para quem vota quanto para quem é votado. As eleições não podem cumprir seus objetivos sem que haja um sistema que regule as relações entre eleitores, candidatos e Estado.

Quando um eleitor entra em uma cabine para votar, está fazendo muito mais do que, simplesmente, assinalar o nome de seu candidato preferido. Ele, como cidadão, está assumindo uma postura intimamente relacionada com a ética. Está exercendo cidadania.

No momento em que alguém negligencia seu voto, negando-se a exercer este direito-dever, mesmo que desenrole um novelo de explicações está fugindo de uma responsabilidade intransferível. É como se lavasse as mãos como o tal Pilatos, fechando os olhos para o mundo e pensando estar isento de qualquer culpa pela fome, miséria, desemprego e analfabetismo do país. O eleitor omissor “perde o trem da história”, como diria o compositor. Tal atitude pode ser interpretada como um ato de extrema covardia de alguém que não se importa com o que acontece, já que “seja lá qual for o candidato eleito, sua vida não será afetada”. Ledo engano! As consequências das nossas escolhas vão estar refletidas no dia-a-dia, quando compramos o pão ou lemos o jornal.

Interessante é notar como certas pessoas não votam porque se queixam de que os políticos não possuem ética. Mas, ao anularem seus votos, não estão agindo diferentemente dos corruptos. Na verdade, tanto a omissão quanto a corrupção possuem a mesma raiz: a indiferença para com o sofrimento do próximo.

As eleições representam democracia e trazem a proposta de lutar contra os regimes autoritários que ferem os princípios éticos. Cada político deve estar consciente de que representa o povo e não os próprios interesses. É moralmente responsável pelo uso adequado de verbas públicas em defesa do povo. Deve ter em mente que cada voto representa confiança, para que corresponda às expectativas com honradez, além de um programa de governo que defenda os interesses dos grupos marginalizados economicamente.

A relação entre ética e política é óbvia. Candidatos eleitores de-

vem exercer uma cidadania plena, pautada em atitudes moralmente corretas, para que os anseios do povo sejam satisfeitos e tenhamos uma sociedade digna. É preciso que tenhamos um rígido código de ética regulamentando nossas ações, para que sejamos atuantes nos papéis que desempenhamos, sem fugir às nossas responsabilidades. E, seguindo princípios éticos, resta-nos torcer para que o país encontre o rumo, com a estratégia político-ideológica que melhor se ajustar aos problemas sociais.

** Tiana Azevedo. Pedagoga. Presidente do PSDB Mulher do Estado do Rio de Janeiro. Assessora Técnica da Prefeitura Municipal de Itaguaí, RJ. Consultora do PNUD de 1991-2001.*

“A MUDANÇA É AÉCIO. SÓ AÉCIO É A MUDANÇA”

por Yeda Crusius - 15 de maio de 2014



Brasília (DF) – Nós, do PSDB, sempre ouvimos o povo nas ruas. Foi assim que nascemos, em 1988, “longe das benesses oficiais, perto do pulsar das ruas”. Hoje nas suas manifestações nas ruas, o povo grita por mudanças. O povo quer mudança.

Segura, preservando o,que já se conquistou, conduzindo com coragem para o que se quer conquistar para o povo.

Aécio já mostrou isso. Respeitando sua hora e seu tempo, mudou na Câmara dos Deputados, como presidente. Mudou em Minas, como governador. Está mudando no Senado, conduzindo a oposição na exigência de apuração dos escândalos que não param de chocar o povo brasileiro. Agora vai mudar o Brasil como o povo que ouvimos nas ruas quer. Com valores. Sem violência.

Porque Aécio é mudança: A mudança começou lá nas Diretas Já em 1984, com Tancredo. Ouvimos o povo e fomos o povo nas

ruas. Eleito pelas indiretas, Tancredo firmou o compromisso com uma Constituinte. Ela veio. Com ela o PSDB, para evitar os que não queriam as mudanças, as temiam. Com o PSDB nascido na Constituinte veio a mudança-mãe: a Constituição que instituiu finalmente o Estado Democrático de Direito no país. A mudança veio em 1989 com as eleições diretas, continuou com o impeachment de Collor feito sem golpe, quando a corrupção mostrava ser o método no qual o governo se apoiaria. A mudança seguiu com a posse de Itamar dentro das regras constitucionais (vice eleito). Presidente empossado, Itamar chamou a todos que haviam feito e aprovado a Constituição (Estado Democrático de Direito) e atuado no impeachment de Collor. O PT negou-se, mostrando desde então que queria o poder exclusivo para si, isolando-se para exercer o poder sem respeito à democracia. Criou o Foro de São Paulo – e é o que se vê na América Latina é a agenda do populismo programada no Foro, a da corrupção como prática corriqueira, a das alianças internacionais com países de práticas no mínimo antidemocráticas. Persistimos, e com Itamar foi o cumprimento dos Estatutos da Constituição com políticas públicas inovadoras, foi a Comissão de Combate à Fome e à Miséria que virou o movimento do Betinho, foi o Real, foi a coragem para mudar com as reformas, inclusive com o processo de privatização feita com transparência. Assim conquistamos a confiança do povo e elegemos FHC, e com ele a grande transformação: na inclusão das pessoas, na redução da miséria, na bolsa escola, na Lei da Responsabilidade Fiscal – LRF disciplinando o bom uso do dinheiro público, na confiança internacional com autonomia interna.

Então já mostramos que portamos a semente da boa mudança. Aécio sempre foi parte ativa dela.

No mundo acompanhamos as grandes mudanças: foi a queda do Muro em 1989, foram os anos 1990 da construção da União Européia e do resgate para todo o mundo dos prejuízos da “década perdida” dos anos 1980, com a instabilidade econômica. Foi o grande sonho da paz. E fizemos juntos com o mundo essas mudanças tendo FHC como líder mundial.

Agora vemos ressurgir no mundo o perigo do retrocesso, como na Venezuela, com o retrocesso das liberdades e da economia; como na Ucrânia, ressuscitando o fantasma da Guerra Fria e seus horrores; como na Nigéria e o fundamentalismo religioso contra nossas meninas. O retrocesso traz com ele a deterioração das economias e das conquistas sociais como liberdade e democracia, e estimula a violência a partir de cima, com governos eleitos que mostram ter como seu objetivo a simples conquista e manutenção do poder a qualquer preço. A violência vinda de cima, dos donos do poder, dos que se alimentam das benesses oficiais, acaba chegando a todas as células da sociedade, com a perda das referências dos valores, e o estímulo a métodos de quem prepara a guerra.

Porque só Aécio é a mudança: o PSDB foi, e é, a mudança, só ele é a mudança, pois o PSDB propõe (formulador) e agrega, agrega os diferentes num rumo, num projeto claro, transparente, evolutivo. Defendemos as mudanças respeitando a sociedade como ela é, sem a arrogância do “nunca como dantes neste país” cujo objetivo é conquistar o poder, perpetuar-se nele, apropriando-se das suas

instituições – com o nefasto aparelhamento do Estado. Ouvimos e respeitamos o desejo de mudança do povo nas ruas, assumindo a responsabilidade política pela mudança. Sem a violência como método, sem destruir o que já foi conquistado. Preservando e inovando.

Porque a mulher: É evidente hoje em todo o mundo um “mal estar da civilização”, expressão que retrata o embate entre o primitivo (violência) e os avanços civilizatórios conquistados ao longo dos tempos da democracia, e entre nós não é diferente. Ressurge forte e necessário no processo de mudança o papel da mulher, a portadora do novo seja como filha, estudante, grávida, primeira infância, mãe, cuidadora, educadora, trabalhadora, transgressora, política. Embora ainda seja a mulher a receptora principal da violência, da crescente violência doméstica, crescem também os ataques a grupos discriminados, e a violência tem se disseminado por todos na sociedade, vítimas e agressores. Por isso ainda é urgente a questão das políticas públicas que abarquem todos no enfrentamento da violência, mas em especial as políticas de gêneros: para prevenir a tendência ao crescimento da violência (mal estar da civilização) e evoluir através de uma cultura de paz.

É hora de assumir uma nova geração de políticas, para que seja eficiente o enfrentamento dessa que é uma epidemia na sociedade: a violência.

Responsável e inovador, Aécio é essa mudança, urgente e necessária.

** Yeda Rorato Crusius – Fundadora e Presidente de Honra do PSDB Mulher*

*** Versão final do texto lido no encerramento da 1ª reunião ampliada da Executiva do PSDB Mulher Nacional*

“PRECONCEITO, GOVERNADOR VIANA?”

Por Irina Cezar - 5 de maio de 2014



Foto: Agência Brasil

Desde dezembro de 2010 há um fluxo migratório crescente de imigrantes haitianos, dominicanos e senegaleses, no nosso território a partir do estados do Amazonas e do Acre, na tríplice fronteira do Brasil, Peru e Bolívia. Após quase quatro anos, mais de 40 mil imigrantes haitianos já entraram no Brasil. Ao menos 28 mil percorreram fronteiras na Amazônia. Este assunto tem tido maior visibilidade desde que o governo do Acre decidiu organizar a transferência dos imigrantes para São Paulo com o uso de aviões da Força Aérea Brasileira de Rio Branco até Porto Velho (RO) e de lá, com passagens pagas pelo próprio governo, em ônibus fretados.

Sem terem sido avisados previamente, governo e município de São Paulo trocaram farpas com a administração acreana. A secretária de justiça e defesa da cidadania Eloisa de Sousa Arruda, professora doutora da Pontífica Universidade Católica (PUC), foi intimada

pelo governador do Acre, Tião Viana (PT), a enviar um pedido de desculpas ao seu estado por ter chamado o envio dos imigrantes de ‘irresponsável’. Segundo Viana, a elite paulista é ‘higienista’ e ‘preconceituosa’ e deveria se envergonhar de não assumir um ‘problema tão pequeno’ para si.

Utilizando-se de retórica intransigente, Tião Viana não explica porque não resolveu ‘o problema tão pequeno’ de fornecer condições dignas a recém chegada população haitiana ao invés de os enviar para outro estado sem informações prévias. Ao invés disso culpabiliza a população paulista, que aos seus olhos nega guarida a estas pessoas por preconceito. O governador se esquece, convenientemente, de cobrar do governo federal revisão da política de fronteira aberta também contestada por seu secretário de justiça e direitos humanos, o sociólogo Nilson Mourão, que apresentou relatório temente que a aceitação irrestrita de todos os imigrantes pudesse colocá-los em situação de tragédia social, agora num país estrangeiro. Será que o senhor possui um secretário preconceituoso, governador Viana?

O desserviço prestado por Tião Viana a população haitiana – coincidentemente com o período eleitoral – só não será maior devido esforços empreendidos por governo e município de São Paulo que traçam estratégias para oferecer condições humanitárias e inserções trabalhistas aos recém chegados. Um dos problemas principais tem sido a dificuldade de locação de casas no interior de São Paulo, uma vez que os estrangeiros não estão habituados ao português.

Ontem, o governador Geraldo Alckmin esteve no centro de SP, onde estão abrigados os imigrantes haitianos enviados para cá pelo

governo do Acre. “Nós, paulistas, estamos oferecendo alimentação gratuita no Bom Prato, distribuindo kits de higiene pessoal através do Fundo Social de Solidariedade e oferecendo qualificação profissional do curso de panificação artesanal. Afinal, muitos dos que vieram antes de nós ajudaram a construir essa Metrópole”, afirmou.

rina Cezar

Coordenação Mulheres – Juventude Municipal do PSDB

Bacharela em Ciências Sociais – USP

Mestranda em Administração Pública – FGV

** Publicado originalmente no site do PSDB Mulher-SP*

“FRATERNIDADE E TRÁFICO HUMANO – É PARA A LIBERDADE QUE CRISTO NOS LIBERTOU”

por Giovanna Mendonça Teles - 2 de maio de 2014



Foto: Semira/GO

A liberdade é um dom precioso que nos é dado por Deus. Cristo morreu para nos libertar e para participarmos da vida em toda sua plenitude. Viver a liberdade é ter o discernimento de fazer as escolhas que condizem com aquilo que acreditamos, queremos e com aquilo que Cristo espera de nós.

Com o objetivo de informar, conscientizar e sensibilizar as pessoas, a Campanha da Fraternidade 2014 traz o tema “Fraternidade e Tráfico Humano”, no ano de seu cinquentenário.

A igreja, por estar inserida nas comunidades, facilita a divulgação e propagação do que é o Tráfico Humano e corrobora para denunciá-lo como violação dos direitos humanos, da dignidade e da liberdade humana.

O Tráfico Humano, em suas principais modalidades (exploração sexual, trabalho forçado e servidão, remoção de órgãos e adoção ilegal), é a escravidão do século XXI, não importando se são crianças, adolescentes, mulheres ou homens. Essa escravidão contemporânea, não é um resquício de práticas antigas, que desaparecem com o tempo, mas sim, um importante instrumento utilizado pela ganância de alguns, privilegiando o lucro em detrimento das pessoas e da vida, em todas as suas expressões.

Colocado entre as atividades mais rentáveis no mundo, o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), em 2005, estimou a movimentação de US\$ 32 bilhões por ano e que, aproximadamente, 3 milhões de pessoas haviam sido traficadas no mundo. A TV SIC Portuguesa, em seu documentário sobre Tráfico de Pessoas, em 2013, fala de uma movimentação de 23 milhões de euros ao ano e que mais de 27 milhões de pessoas já foram traficadas no mundo.

Como ficar indiferente a esse crime que atenta contra nossa vida e nossa dignidade?

A maioria dessas vítimas vive numa situação de vulnerabilidade acentuada e que mesmo sendo traficada ou explorada ainda sentem uma dívida de gratidão por seus aliciadores. Esses aliciadores, homens e mulheres, são, na maioria das vezes, pessoas que fazem

parte do círculo de amizades da vítima ou de membros da família. Eles atraem pessoas com promessas de bom emprego, altos salários, sucesso, documentação e dinheiro assegurados para viajar e outras benesses.

O Tráfico Humano é um crime hediondo, silencioso e subterrâneo e sua invisibilidade dificulta o seu enfrentamento e por sua vez, as vítimas na sua grande maioria, não se manifestam por vergonha de expor o que passaram, pelo temor das represálias ou até mesmo pela falta de consciência da exploração a que foram submetidas.

Enquanto cristãos, somos desafiados ao compromisso de erradicação do tráfico Humano em todas as suas modalidades, auxiliando na reestruturação da sociedade em termos de conscientização e prevenção, de denúncia, reinserção social de milhares de pessoas que vivem em situação de miséria e pobreza, potenciais vítimas de aliciadores para o tráfico humano.

Cabe a cada um de nós, enquanto cidadãos, ao tomarmos conhecimento de qualquer fato, a coragem de denunciar: Disque 100 – Secretaria dos Direitos Humanos da Presidência da República e Disque 180 – Central de Atendimento à Mulher. A ligação é gratuita e sigilosa.

Não podemos nos omitir. Denuncie você também!

(Giovanna Alves Mendonça Teles, secretária Executiva da Comissão Executiva de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas em Goiás – CEETP-GO, graduada em Letras em Língua Inglesa e Literaturas Correspondentes – PUC/GO (1994), especialista em Docência Universitária – UNIVERSO e mestrada em Linguística Aplicada – UnB).

“A INTELIGÊNCIA DOS GÊNEROS”

por Célia Oliveira - 2 de abril de 2014



Foto: Arquivo pessoal

A Inteligência é a energia primária da vida, é um fato anterior, originário a qualquer manifestação biológica. Portanto, o gênero é somente um fenômeno biológico sucessivo à inteligência, ou seja, antes de sermos ou de possuímos uma fenomenologia corpórea masculina ou feminina, somos inteligência, somos “pessoas”, e como tal devemos ser reconhecidos.

Então, como “pessoas”, inteligentes que somos, evidenciamos nossas diferenças, porque nenhuma “pessoa” é igual a outra “pessoa”, em praticamente nenhum aspecto, afora sermos da mesma espécie. Ao evidenciarmos e conscientizarmos desta maravilhosa irrepetibilidade da inteligência da vida, talvez estejamos prontos a evitar preconceitos, discriminações, intolerâncias ao diferente, e ainda de desejar que o igual prepondere utopicamente.

Precisamos compreender o valor de sermos diferentes, porém complementares e indispensáveis ao alcance da totalidade do conhe-

cimento, só assim podemos favorecer o crescimento harmonioso da nossa sociedade.

Este momento é muito importante, em função da grande oportunidade que este conhecimento nos autoriza, nos delega e nos responsabiliza. Reavaliemos os preconceitos adquiridos através da cultura, da educação e dos papéis sociais absorvidos com credibilidade, para que não se imponham aos nossos sonhos, aos nossos desejos de construção e realização. A DESIGUALDADE EXISTE PARA A COMPLEMENTARIEDADE E NÃO PARA A DESVALORIZAÇÃO OU INFERIORIDADE!!!!!!

Célia Oliveira é psicóloga, com especialização em treinamento e desenvolvimento nas áreas de atendimento, oratória, gestão de pessoas e liderança.

“ESTUPRO: A CULTURA DA VIOLÊNCIA”

por Yeda Crusius - 1 de abril de 2014



Foto: George Gianni

Já estão disponíveis os estudos do IPEA: (1) NOTA TÉCNICA no. 11 março 2014, Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde, por Daniel Cerqueira e Danilo Santa Cruz Coelho (30 págs), a partir do estudo Tolerância social à violência contra as Mulheres, 27 de março de 2014, SISTEMA DE INDICADORES DE PERCEPÇÃO SOCIAL (SIPS)/IPEA, (40 págs).

Não é preciso ler o conteúdo desses dois trabalhos do IPEA, divulgados neste março, com grande repercussão nacional, para se ter a confirmação da percepção social no Brasil sobre a questão específica do estupro.

Desde o século passado se desenvolvem com muita rapidez novas tecnologias ligadas à vida, inclusive às ligadas à reprodução assistida, requerendo com elas a discussão da ética ligada a esses desenvolvimentos. Desde a clonagem da Dolly, passando pelas barrigas de

aluguel e pela inseminação artificial, a discussão da ética ligada ao campo da reprodução se profunde, gerando novos direitos e novos deveres que se incorporam ao cotidiano das sociedades. As mudanças, como sempre, andam muito mais rápido que a cultura ligada à área.

Quando em todo o mundo a nova agenda ligada à questão de gêneros vai sendo traduzida em novas leis – casamento entre pessoas de mesmo sexo, adoção de crianças por pessoas solteiras, por gays, dentre tantas outras – a reação vem em intensidade semelhante à profundidade e amplitude dessas mudanças. Assassinato de mulheres por seus ex-companheiros. Estupro de crianças por parentes. Formação de grupos de “encoxadores”. Pornografia pela internet. E a massa de notícias ligadas aos temas se multiplica a cada dia, tudo ao vivo e a cores pelas milhões e milhões de telas de TV presentes em cada sala, em cada lanchonete, em cada celular. O que é isso?

O crescimento da denúncia dos casos de estupro, e suas repercussões, está presente hoje em todo o mundo. Na Índia, por exemplo, houve enorme dificuldade de punir os responsáveis por um estupro coletivo seguido de morte, e ficamos sabendo que a “percepção social” e das autoridades sobre esse tipo de crime é altamente favorável ao criminoso – inclusive por parte dos pais de vítimas. A cultura o assimila, as instituições viram as costas ao seu horror, o tema se impõe. Lembro-me dos relatos do estupro como método nas guerras, relatos apavorantes da técnica de batalhões engravidarem mulheres dos “inimigos” para destruir sua moral. Pois, que guerra vivemos? Nova não é, certamente. Mas deve ser identificada e entendida.

A pesquisa do IPEA aponta que as pessoas querem que a punição à violência aconteça. Mas aponta também que para a maioria a culpa pelo estupro vem da mulher, de suas roupas, de seu comportamento, e esse resultado confunde e choca. Então o que é o crime? Há? Ou de vez em quando há? É como justificar o crime transferindo a culpa para a vítima! Que roupas, que comportamento, que mulher? A filha, a mãe, a vizinha, a moça, a idosa, a companheira, a companheira do outro?

Em boa hora vem o estudo do IPEA. É sobre a mulher que recai mais pesadamente a violência nas sociedades modernas, e com ela vem a violência doméstica sobre as crianças, num processo maluco de reprodução da própria violência. Nos países da velha Europa, a começar por pesquisas que conhecemos da Alemanha, a cultura já é outra há muito tempo. É como a mulher é vista, como ela se considera, como se vê, como é respeitada pelas instituições, judiciário inclusive, que marca a diferença. Dentro de casa, na escola, no respeito das instituições a cada um, a cada uma. O estupro é rejeitado pela cultura dos desenvolvidos.

Mas cultura só muda muito lentamente, e a cultura da posse sobre a outra, ou sobre o outro, confunde-se com nossa sociedade ainda materialista, corrupta, e machista. Até que mude, e isso só vem pela educação universal e continuada, respeitosa, há que termos leis sim, firmes, e instituições valorizadas para aplicá-las. São decisões políticas. Não foi por outro motivo que a Lei Maria da Penha foi aprovada, e vem mudando o convívio nas comunidades e entre as pessoas. Mas é pouco, muito pouco, se não mudarmos o modo com o cidadão e a cidadã se veem em nosso país. Há um infinito a fazer, a começar de ontem.

“2014 ANO DA COPA DO MUNDO, ANO DAS ELEIÇÕES”

por Angela Sarquiz - 10 de fevereiro de 2014



O maior evento futebolístico do mundo e o Brasil é um dos maiores centros futebolísticos pelo privilégio de assisti-lo. Em 2000 a Fifa introduziu o rodízio continental e decidiu que o torneio de 2014 seria disputado na América do Sul, o Brasil logo se apresentou como candidato natural a sede, após tratativas o anúncio oficial, A Copa é Nossa.

Mas hoje eu me pergunto, como milhões de brasileiros, a Copa no Brasil foi mesmo uma boa ideia?

Os nossos desejos são mais do que futebol. Que seja o ano da conscientização dos valores políticos. Como cidadã brasileira, manifesto a minha indignação, quero continuar acreditar que a base da

Democracia é a redução da desigualdade, objetivando melhor qualidade de vida a todos.

No início dos anos 90, ao iniciar a minha caminhada nas estâncias partidárias, havia o diferencial o respeito pela coisa pública, aprendi que devemos avaliar bem a cada escolha, era e continua sendo as nossas escolhas que proporciona a todos uma melhor vida.

Nos últimos anos, temos acompanhado o impacto devastador da política partidária, da gestão pública onde a corrupção é o marco, onde os maus gestores usam recursos públicos em benefício próprio e para se promover, com falsas promessas, buscando nitidamente êxito as urnas.

Vamos fazer parte da mudança que o Brasil tanto necessita, é chegada a hora.

Em setembro de 2011, a população do Brasil começou a se manifestar, indo às ruas. Em junho de 2013, a revolução social e o povo chegou à exaustão. Nunca na história do mundo, houve políticos tão corruptos.

Mensaleiros em liberdade. O povo saiu às ruas “O gigante acordou”, a alegação foram os R\$0, 20 do aumento na passagem. Pelo menos foi o que uma mídia corrompida tentava mostrar.

Vivenciamos um novo tempo, onde o povo começa a se interessar e na certeza de que somente com gestão eficiente teremos o combate à corrupção e serviços públicos com qualidade a disposição da população. O importante é que a sociedade esteja bem informada e saiba votar. Afinal das contas, caberá a ela, a população, julgar e eleger os candidatos.

Poucos têm a grandeza de mudar a história, mas cada um de nós pode mudar pequenos acontecimentos e enviar uma onda de esperança.

Juntas, essas pequenas ondas formam uma corrente capaz de derubar a mais poderosa muralha de opressão.

O novo ano me cobre de esperanças, entusiasmo e disponibilidade de trabalho, vamos eleger o novo presidente, o mais preparado, que ele tenha a sensibilidade de ouvir a voz das ruas. Que o novo presidente da República tenha ética, determinação e a honestidade em fazer com que a coisa pública triunfe sobre a esperteza, sem soma de dúvidas, o mais preparado é o “Candidato 45”.

Que na busca do voto levamos a cada cidadão a conscientização de um legado com verdades na competente forma de governar em fazer a coisa pública com gestão.

Que o Brasil volte a ter a credibilidade com o novo presidente da República, que tenha o maior número de governantes, deputados e deputadas tucanas, lembrando que a Mulher não está pra competir e, sim, somar, mas para isso é preciso trabalhar. Olhar além do seu horizonte, junto às bases, ver as necessidades do nosso povo, calejado, cansado. É preciso dar um “basta” nas figuras políticas que têm apenas um discurso afinado e de grandes promessas. Precisamos de pessoas qualificadas.

Em 2014, os nossos desejos são nossos votos, na urna. Que o Brasil saia vitorioso, aí, sim, o nosso país será Campeão.

**Angela Sarquiz é presidente do PSDB-Mulher do Rio Grande do Sul e coordenadora de Articulação Política PSDB-Mulher Nacional*

“VAMOS REVER CENAS DE JACK, O ESTRIPADOR?”

por Maria de Lourdes Abadia - 7 de fevereiro de 2014



Como Constituinte, votamos a saúde como um direito de todos, sem qualquer espécie de discriminação. E, mais do que isso: um dever do Estado. Porém, a decisão do Ministério da Saúde em vetar o direito das mulheres como menos de 50 anos de fazerem o exame de mamografia é um retrocesso.

A iniciativa o Ministério da Saúde contraria frontalmente a Constituição e quer que o médico se torne um verdadeiro Jack, o Estripador, que divide a pessoa em pedaços. Sim, porque no momento que autoriza apenas o exame de uma das mamas, na prática é o que a medida determina que seja executado pelos profissionais de saúde pública no país.

Como mulher atuante nas causas políticas e sociais, a decisão me causa profunda estranheza. É a fragmentação do corpo da mulher para um exame de mamografia.

A impressão que se tem é que as autoridades públicas deste governo parecem esquecer que quando uma mãe amamenta, ela usa os

dois seios e não apenas um. Impressão, não. Esqueceram disso.

Talvez as autoridades do PT querem que o seio esquerdo fique sob responsabilidade do SUS, o Sistema Único de Saúde, e a mama direita a cargo do município ou do estado?

Só há uma solução para resolver o impasse: o Ministério da Saúde deve revogar essa portaria imediatamente.

**Maria de Lourdes Abadia é formada em Serviço Social, foi governadora do Distrito Federal, deputada federal e deputada distrital pelo DF*

“VIOLÊNCIA: DOS NÚMEROS À AÇÃO”

por Zilá Breitenbach - 3 de fevereiro de 2014



Todos os anos aproximadamente 50 mil pessoas são assassinadas no Brasil. É um número tão alto quanto o obtido em países em estado de guerra. Divulgada recentemente, a Pesquisa Nacional de Vitimização expõe esse cenário com precisão. O levantamento revela, por exemplo, que três em cada dez pessoas de cidades com

mais de 15 mil habitantes já foram vítimas de algum crime. Não por acaso, segundo o mesmo estudo, metade dos brasileiros declarou ter “muito medo” de morrer assassinado. A iniciativa mostra outro número relevante: menos de 20% das vítimas procuram a polícia para registrar ocorrência. Ou seja, 80% dos delitos sequer entram nas estatísticas oficiais.

Na comparação com o resto do país, a situação do Rio Grande do Sul é um pouco melhor, mas nem por isso menos alarmante: 17,2% dos entrevistados sofreu algum tipo de delito. Nos últimos doze meses, 27,6% dos porto-alegrenses foi alvo de alguma ação criminosa. Pior do que Porto Alegre, em 8º lugar no ranking, somente as capitais do Norte e do Nordeste. Além disso, assistimos a uma crescente onda de criminalidade nas comunidades do interior. Os gaúchos estão assustados. E o que é mais grave: não possuem perspectivas de melhoria no curto prazo.

Diversos fatores formam um ambiente propício para a criminalidade. Temos leis antiquadas e pouco investimento em segurança pública. As forças policiais carecem de estrutura e condições mínimas para atuar. Os presídios se tornaram uma escola do crime. Em suma, não estamos conseguindo inibir aqueles que desrespeitam a lei. A violência virou parte da paisagem, uma companhia constante na vida dos brasileiros.

Embora seja uma função direta do Executivo, tenho trabalhado, durante o meu mandato, para mudar esse quadro. Em parceria com diversas instituições, como a ONG Brasil Sem Grades, criamos no ano passado a Frente Parlamentar em Defesa das Vítimas da Violên-

cia no RS, da qual sou coordenadora. A iniciativa busca conscientizar a sociedade e as autoridades em favor de respostas mais claras contra o avanço da criminalidade – como o endurecimento do Código Penal. Também estamos lutando, por exemplo, para que o artigo 245 da Constituição Federal seja regulamentado, garantindo que o Poder Público dê assistência aos herdeiros e dependentes carentes de quem sofrer algum crime doloso.

Mas, como cidadã e deputada, noto que falta um trabalho de estratégia por parte de quem é diretamente responsável pela segurança pública: os governos estadual e federal. Mais: falta até mesmo mais indignação dos seus representantes. Os descabros costumam ser tratados com uma retórica de conformismo, de justificação, de teorização – quando não até mesmo de certa glamourização. As famílias que choram não querem lamento ou solidariedade dos governos. Querem ação e reação.

**Deputada Estadual, líder do PSDB na Assembleia Legislativa e Coordenadora da Frente Parlamentar em Apoio às Vítimas da Violência*

“CONFERÊNCIA REGIONAL DA WDN-LA”

por Giselle Ferreira - 20 de dezembro de 2013



Brasília – A capital da Argentina, Buenos Aires, foi sede da Conferência Regional da WDN na América Latina (Women’s Democracy Network-LA). O evento ocorreu entre os dias 3 e 4 deste mês.

A WDN está presente em 61 países e é uma iniciativa do Instituto Republicano Internacional – IRI, sediado nos Estados Unidos da América. Visa capacitar as mulheres de todo o mundo para a vida pública, política e econômica. Seu objetivo é conectar mulheres líderes e aspirantes incentivando a formação e expansão de redes regionais.

No encontro a professora Giselle Ferreira Del Carpio e a escritora Sílvia Rita Souza representaram o Brasil e abordaram o tema sobre “As mulheres na Política”, quando apresentaram dados da situação da participação feminina no Brasil. No ranking internacional de participação feminina na política calculado pela Inter-Parliamentary Union (IPU), o Brasil encontra-se no 142º lugar, só perdendo para o Haiti e Belize no continente americano; na Câmara Federal dos 513 deputados federais, apenas 44 são mulheres (8,6% do total); no

Senado dos 81 senadores, 13 são mulheres (16%); nas Prefeituras as mulheres são menos de 10% e nas Câmaras de Vereadores as mulheres são apenas 12%.

As brasileiras informaram que houve aumento tímido da participação no poder político: de 1992 a 2012 o avanço da participação feminina foi, em média, de 1% no número total de eleitas a cada eleição municipal. Segundo o demógrafo José Eustáquio Diniz Alves (ENCE/IBGE), levaremos 150 anos para atingir a paridade nos municípios!

Sobre os avanços destacou-se a lei que garante 30% de candidaturas femininas, a lei nº 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, a Central de Atendimento a Mulher 180, o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres, entre outros.

Foi ainda apresentada a Revista da Juventude do PSDB, cuja edição de novembro deste ano, contém artigo sobre o Mentorship Program conduzido no Brasil pelas duas participantes brasileiras. O Programa trata de facilitar o compartilhamento de informações entre mentor e mentee e, em relação às duas especialistas, é centrado em áreas como: elaboração de proposições legislativas; identificação de lideranças femininas com potencial eleitoral; capacitação de mulheres candidatas; marketing político e eleitoral; formação de rede de contatos (networking), postura e ética profissional, dentre outros.

As especialistas apresentaram à WDN-LA, dentre outras, as seguintes sugestões: os partidos políticos devem assumir a bandeira das creches públicas e da defesa da educação infantil em suas plataformas e construir uma infraestrutura interna para que as mulheres

participem de reuniões, congressos, seminários e de capacitação política que possibilitem as candidaturas femininas.

Na conclusão afirmaram que: “as mulheres no poder mudam as prioridades das políticas públicas trabalhando no sentido do desenvolvimento econômico associado ao social”

O PSDB está à frente dessas questões e isto é muito importante para apresentarmos uma nova agenda, um novo ciclo para as mulheres brasileiras e para o país.

Ao fim da apresentação foi citado o exemplo de Malala Yousafzai que em meio às dificuldades criou novas oportunidades. Em seu discurso na ONU, a adolescente convocou os políticos para que ajam para garantir que todas as crianças exerçam o direito de ir à escola e disse ainda que os extremistas temem os livros e temem também as mulheres. Livros e canetas, segundo a jovem, são as armas mais poderosas contra o terrorismo. Segundo suas palavras: “Uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo”.

O próximo passo será trazer este encontro para o Brasil.

“Teremos a oportunidade de compartilhar nossas dificuldades e sucessos com mulheres de várias partes do mundo, mas, principalmente da América Latina. Queremos envolver mulheres parlamentares e de todos os setores da sociedade civil organizada, além de formar uma rede de mulheres que lutam pela consolidação da democracia no Brasil. O convite está feito! Venha participar conosco deste projeto!” convidou Giselle.

Giselle Ferreira é membro da Executiva do PSDB/DF e do PSDB Mulher

“O QUE DÁ PRA RIR DÁ PRA CHORAR... QUESTÃO SÓ DE PESO E MEDIDA, DE HORA E LUGAR...”

por Lenita Noman - 20 de novembro de 2013



Já dizia o poeta.

Quando o escândalo do mensalão veio a público eu, do conforto do meu sofá resolvi que era hora de me posicionar politicamente.

Pode parecer tardio mas, na vida das cidadãs comuns, que tem que se responsabilizar pela família, trabalho, casa... muitas vezes deixamos algumas coisas importantes passar ao largo.

Até que um dia nos assustamos com a nossa própria indefinição!

O mensalão foi a motivação para eu dizer:-“preciso mostrar que não sou conivente com esta situação, preciso dizer, por meio de atitudes, para mim e para os outros que:- desaprovo e vou lutar contra atitudes deste tipo.”

Aí então me filiei ao PSDB.

Oito anos se passaram e agora, presidente do PSDB Mulher de Minas Gerais, vejo os primeiros resultados concretos de toda esta investigação.

Vejo toda a repercussão na mídia da prisão dos mensaleiros.
E até os gestos “de herói, que alguns fizeram ao se entregar.
Não sei se choro por esta pátria que ainda precisa de tanta luta
para fazer justiça a criminosos que são políticos, banqueiros...

Se choro porque estes atos que deveriam ser corriqueiros, fazer
parte do procedimento normal contra quem lesou o país...

...Ou se sorrio, de alegria por estarmos acordando, começando a
tomar consciência de que todos são iguais perante a lei, que todos
devem pagar por seus crimes, seja lá qual for seu status social.

Na verdade espero que este seja apenas o início de uma caminha-
da rumo à justiça social.

E, se nada de bom tivesse ficado de todo este processo, ficou mi-
nha decisão de chegar ao ninho tucano, me emplumar, levantar voo
e trabalhar por uma mudança que reconduza o Brasil ao caminho do
desenvolvimento e da plenitude democrática!

Lenita Noman
Presidente do PSDB-Mulher/MG

“FALAR É FÁCIL, DIFÍCIL É FAZER”

por Gardênia Castelo - 13 de novembro de 2013



Artigo da deputada estadual Gardênia Castelo (PSDB-MA)

A semana passada foi palco de dois fatos interessantes que motivaram uma declaração petista e uma ação tucana. No primeiro caso o protagonista foi o ex-presidente Lula, que creditou ao PT o mérito exclusivo pela a criação da rede de proteção social que existe hoje no Brasil.

Dias depois, numa rota totalmente diferente, o senador tucano Aécio Neves apresentou um projeto de lei que transforma o programa Bolsa Família em uma política de estado. Pela proposta, o benefício seria incorporado a Loas (Lei Orgânica de Assistência Social) para se tornar permanente, atrelado às políticas públicas de assistência social e erradicação da pobreza no país. Duas vertentes políticas distintas: uma baseada em falatório, outra baseada em ações.

A atual escalada do ex-presidente Lula tem como único alvo as eleições de 2014. Mesmo que desmentido pela história, ele insiste

em afirmar que o PT estabilizou a economia do país e que todas as melhorias no Brasil na última década, derivam única e exclusivamente de sua atuação enquanto presidente.

Ora, todos sabem que a história não é essa. Isso do presidente Lula é apenas tautologia, ou seja, vício de linguagem. O Brasil que temos hoje não é mérito apenas de Lula ou do PSDB, mas dos homens e das mulheres que desde sempre trabalham por nossa pátria. Homens como Itamar Franco, por exemplo, que teve força e coragem para iniciar reformas em um dos momentos mais críticos da história recente do país. Reformas que depois foram fortificadas pelo PSDB e que agora são sequestradas pelas artimanhas do Partido dos Trabalhadores.

Lula está em campanha, ou seja, mais cedo ou mais tarde, ele vai começar a dizer que se o senador Aécio Neves for eleito presidente, irá acabar com o Bolsa Família. Por outro lado, o que vemos é um senador ciente de seu papel no Legislativo, e que trabalha para consolidar uma política que na última década teve nada mais que aumento orçamentário. O PT não se preocupou em momento algum em dar segurança ou em garantir ferramentas que aumentassem a qualidade da política social, na luta contra a pobreza.

Já o senador Aécio Neves, membro do mesmo partido que iniciou a rede de proteção social que vigora em nosso país, e que o PT insiste em dizer que é dele, na semana passada deu um passo muito objetivo à frente: caso o Bolsa Família seja incorporado a Loas, se transformará em uma política de estado que não mais dependerá do humor ou das artimanhas de gestores. O programa ficará institucionalmente

garantido e o ex-presidente Lula ficará sem discurso. Ou melhor, ficará com tautologia.

E aqui vale lembrar a importância da Loas. Foi depois de sua aprovação que a assistência social ganhou um conjunto de normas que possibilitaria a universalização dos atendimentos no setor. O Sistema Único de Assistência Social (Suas), aprovado em 1988, estabelece que a assistência social será prestada “a quem dela necessitar, independentemente de contribuição à seguridade social”. Mas, foi com a Loas que a assistência social começou a ser implantada de fato em nosso país.

Este mecanismo tão importante que hoje dá sustentação orçamentária a todas as ações do governo federal foi aprovado ainda em 1993 no governo de Itamar Franco. Fruto de políticos mais preocupados em fazer do que falar. De pessoas mais preocupadas em criar do que se apoderar.

Espero que o projeto do senador Aécio Neves seja aprovado para que possamos rumar em direção a uma nova fase do Bolsa Família, uma fase de qualificação do programa. Em relação ao falatório do presidente Lula, vamos esperar. Depois do dia da eleição, independentemente do resultado, ele acaba, porque falar é fácil, difícil é fazer.

“A BIOGRAFIA E O BEM MAIOR”

por Ana Luiza Archer - 22 de outubro de 2013



PRIVACIDADE: “Qualidade das pessoas muito chatas, que não valem sequer uma espiada” (Sérgio Rodrigues)

Estamos vivendo tempos interessantes. Tempo de paradoxos. Pessoas que defendiam a liberdade de expressão – “é proibido proibir” – defendem agora o veto às biografias. Ou seja, quer gostem ou não da definição, defendem a censura prévia.

Explico: atualmente, o Código Civil brasileiro só permite biografias desde que sejam autorizadas pelo biografado ou por seus herdeiros, no caso de pessoas mortas. Por outro lado, corre no STF uma ação de inconstitucionalidade contra essa exigência considerada altamente restritiva ao direito de informação e livre expressão. Pois para surpresa da sociedade, há cerca de um mês, um grupo de artistas autodenominado, ironicamente, “Procure Saber”, tem se mobilizado

para manter essa exigência da autorização prévia e ainda incluir a possibilidade de participação financeira nessas biografias – o que tem gerado enorme polêmica. Ora, ser remunerado pelo seu trabalho é justo, mas ser remunerado pela sua história? E, nesse caso hipotético, os “coadjuvantes” também teriam participação financeira? Isso é um disparate – ninguém é dono da história.

O direito à privacidade é um ideal. Mas onde está o limite entre o público e o privado? A imprensa, felizmente livre, publica diariamente entrevistas, perfis, matérias etc sobre as mais variadas pessoas, públicas ou não. Além do mais, por questões de segurança, inúmeras câmeras espalhadas pela cidade fotografam e filmam nossos passos 24 horas por dia. Sem falar neste mundo tão informatizado como o de hoje, onde nossas informações são trocadas e armazenadas na internet, sujeitas à violações. Portanto, neste cenário atual, quem pode garantir que tem sua vida pessoal intacta? Nem a presidente Dilma pode fazer esta afirmação. O fato é que atualmente nossa valiosa privacidade está esfarrapada. É quase uma utopia.

“O homem público é um livro aberto”, opinou há dias o ministro do STF Marco Aurélio Mello. A realidade se impõe. É um paradoxo que pessoas públicas, tão empenhadas em se fazerem conhecidas, ao mesmo tempo queiram controlar sua exposição. Esse controle é incompatível. Na verdade, qualquer biografia sempre vai incomodar o biografado – salvo se ela for chapa-branca ou contar com o monitoramento do próprio. Será, p.ex., que os torturadores da ditadura militar autorizariam suas biografias? Cobrariam royalties pela história? Inusitado. Em resumo, autorização/censura prévia à biografias são

inadmissíveis, e podem ainda vir a ser precedentes perigosos contra a liberdade de expressão. O mais razoável é que caso o biografado se sinta difamado na obra, que ele processe o biógrafo na justiça e peça indenização, quando devida.

É bom lembrar também que uma biografia não é necessariamente única e definitiva. Michael Jackson e Churchill, por exemplo, contam com mais de uma centena, cada um. Nada impede novas biografias de alguém, com novas informações, novas perspectivas, novo ângulo, novo recorte do tempo etc. Qual é a verdadeira? Não existe. Cada biógrafo deve ter liberdade para retratar o seu ponto de vista dos acontecimentos.

Concluindo, conhecer o contexto – histórico, social, político, pessoal etc – faz toda diferença no entendimento de uma obra e de uma época. Para os historiadores, a dimensão individual de um político, por exemplo, é a chave num processo histórico. Como analisar uma época, desconhecendo a alma dos seus principais personagens? Como apreciar plenamente o trabalho de Van Gogh, p.ex., sem saber que ele sofria de problemas emocionais e que amputou a própria orelha, conforme retratado em quadro de sua autoria? E como entender a obra de Shakespeare sem saber que ele desfrutava de relações próximas e delicadas com a rainha Elizabeth I da Inglaterra e que, por isso, muitas vezes, nas suas peças, usou de metáforas para se expressar? A privacidade que ainda temos é valiosíssima e deve ser preservada na medida do possível. Mas o direito à informação e livre expressão é um bem maior e deve ser privilegiado para o bem de toda a sociedade.

Ana Luiza Archer é engenheira

“QUEBRANDO ESPELHOS”

por Flávia Beduschi - 17 de outubro de 2013



Por todo o lado vemos mulheres se esforçando. Elas se esforçam para serem lindas e boas. Mas aqui cabe a pergunta: o que é ser linda e boa? Para que e para quem?

Basta um breve relance na história. Fomos de um modo geral treinadas para sermos “boazinhas”. Assentir e ficar em silêncio, sermos amáveis, doces e gentis. Ora, curiosidade de mulher? Enxerida. Curiosidade de homem? Investigativo. E aí da mulher que seja atrevida, nada conveniente.

Em consequência, geração após geração, escamoteamos os desejos profundos de nossa alma para locais de difícil acesso. Fomos matando parte de nossa vida instintiva e nos escondendo de nossa intuição. Perdendo o contato com nós mesmas em busca de adequarmos-nos a o que seria o “certo”.

Quantas mulheres não vivem para obter aprovação de um externo, de uma sociedade, que a afunda em um mar de superficialidades?

Um vazio de ações e pensamentos que em nada alimentam sua alma. Caminhamos perdidas, esquecidas de nós mesmas. Sem vitalidade, sem autoconhecimento. Com medo de atrever-se, de lutar por sonhos, de buscar novos sentidos, de agir com espontaneidade, com insegurança demasiada perante os desafios colocados pela vida?

E quanto as reflexões sobre o “belo”? Vemos um quadro composto por jovens mergulhando em pensamentos neuróticos e cobranças que as afastam de sua real essência, de suas virtudes, eliminando a possibilidade de carinho e amor por si mesmas. Não dão espaço para o surgimento de sua sabedoria, e, não obstante, abrem perigosos caminhos que podem culminar em doenças como a anorexia ou a bulimia.

Há muito tempo sou admiradora da cultura indígena e, sobretudo, da sabedoria das mulheres. Extremamente cuidadosa com sua cria, com seu trabalho, demonstra profundo respeito por seu semelhante e pela natureza. Observa a natureza. Aprende com ela. Sabe ser agressiva. Assim como é capaz de amar, de ter devoção. Sabe afastar-se quando vê um animal maior. Reconhece suas potências, e mais importante, suas impotências. Desenvolve então habilidades de enfrentamento e fortalecimento frente os diferentes contextos aos quais se depara.

A questão não é ser igual a elas. Cada mulher reserva um mundo maravilhoso e único dentro de si, que espera para mostrar-se a partir do momento que saímos da postura alienante e nos permitimos questionar. O que a meus olhos as tornam tão especiais (assim como outros exemplos de mulheres que poderiam ser também citados) é a

harmonia que possuem com sua alma. Sentem suas necessidades e as respeitam. Enxergam as potencialidades, e investem. E isso implica em ser capaz de ouvir o que vem de dentro: Não fugir de suas trevas, não considerar-se perfeita. Reconhecer sua humanidade, seus limites e suas necessidades. Admirar suas luzes. Ser capaz de manter os olhos abertos para os desafios. Saber que precisa muitas vezes lutar. E não só saber que precisa, como de fato lutar, tanto em seu mundo interno quando externo.

No entanto, aprendemos a ter medo de ousar. Sutilmente treinadas para a cegueira, privando-nos da defesa, da coragem e da nossa intuição. Vivemos, portanto, como um espelho social. Só que um espelho produz uma imagem, e uma imagem está muito longe do que realmente somos. Uma imagem que muitas vezes, refém das leis da física, é ainda, distorcida. Então, quebreemos o espelho.

Graduanda em Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais e Graduada em Psicologia Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto

“DIA DO DEFICIENTE FÍSICO”

por Nailde Silva - 11 de outubro de 2013



Dia 11 de outubro, comemoramos o Dia do Deficiente Físico. Pela ordem, as deficiências mais comuns são: visual, motora, auditiva e mental. As lutas são imensas, mais depois de alcançar o objetivo o prêmio é indescritível.

Comemorar o Dia do Deficiente Físico ainda precisa modificar muitas coisas, precisamos do respeito, do acesso, do direito de ir e vir. Nada se consegue e nem se transforma sozinho, as pessoas se prendem muitas vezes há fatos que não teriam tanta repercussão na sua vida. Olhe a sua volta, veja os exemplos, reflita, você realmente tem motivos para reclamar? Você, sinceramente tem obstáculos? Os motivos que tantas vezes fizeram você desistir de ir busca dos seus sonhos objetivos, foram por você não poder conseguir ou por falarem que você não iria alcançar?

Jamais deixe o NÃO entrar na sua vida, busque, encontre, comemore. A vitória é sua, o mérito é seu. Faça com que os seus atos tenham reflexos nas pessoas, que os projetos modifiquem para melhorar a vida das pessoas que necessitam de “alguns detalhes” para terem uma vida mais digna. Queremos comemorar sim, mas comemorarmos com ações, não só termos um dia específico. Venha comigo e com tantos outros para essa luta constante, ajudem-nos a sermos vistos, presenciados, ouvidos, ativos e participativos. Queremos estar juntos, não queremos só sermos incluídos, queremos acesso porque inclusão sem acessibilidade está longe, mais muito longe de comemorarmos o DIA DO DEFICIENTE FÍSICO, e tenho dito.

Nailde Silva – 42 anos – cadeirante

“MAIS CIDADANIA”

por Rejane Xavier - 7 de outubro de 2013



Filósofa e jornalista

Quando pensamos em “cidadania”, é praticamente certo que nos venha à mente a idéia de direitos dos cidadãos. As pessoas querem ser mais ouvidas, mais respeitadas, melhor tratadas, especialmente por parte do governo. Nas escolas, nos hospitais públicos, nas questões de segurança, de transporte coletivo, da atenção aos deficientes e aos idosos, até no comportamento esperado dos políticos, “mais cidadania” nos leva a pensar em mais responsabilidade por parte dos agentes públicos, e mais espaço para a manifestação das reivindicações e das expectativas da população.

Isso não está errado, mas é apenas um dos lados da questão. Se olharmos para a origem da palavra, “cidadania” vem de cidade. Tem a mesma origem de “civilização” e de “civildade”. Lembra que o ser humano não vive isolado: convive com os outros, precisa dos outros e os outros precisam poder contar com ele, para que o grupo, a “cidade” funcione bem para todos.

Assim, é falta de cidadania, por exemplo, deixar aberta a tampa da garrafa térmica do cafezinho do escritório, depois de se servir. Pois os colegas que chegarem mais tarde vão encontrar o café frio, que vai ser jogado fora, e um novo terá de ser passado, com desperdício de energia e de matéria prima, além de deixar todos de mau humor...

É falta de cidadania deixar água parada no pátio, alimentado mosquitos que vão provocar doenças em toda a vizinhança. É falta de cidadania jogar lixo na rua, que vai entupir as bocas de lobo e contribuir para inundações que levam à perda dos bens e até de vidas alheias.

É falta de cidadania avançar o sinal, bloqueando a passagem do fluxo no cruzamento. Como é falta de cidadania pegar aquela fila da direita, no trânsito, que visivelmente vai trancar logo em seguida, e então cortar a frente daqueles que, pacientemente, estão seguindo a fila certa.

É falta de cidadania beber e dirigir; furar filas; colar em provas e concursos; trocar o voto por alguma vantagem pessoal.

Tudo isso parece meio sem pé nem cabeça? O que tem a tampa do cafezinho com a venda do voto? E o que tem tudo isso com cidadania? Pois uma coisa muito simples: são todos exemplos de alguém mais interessado na vantagem pessoal, na solução individual para o seu problema imediato do que nas consequências da sua ação para o grupo de colegas, a vizinhança, a cidade.

Uma curiosidade para concluir. Se cidadania vem de cidade, ela tem a mesma origem de política. Pois política vem de “pólis”, que em grego significa exatamente ... cidade. Então, vamos deixar de pensar e de agir como se “política” fosse coisa só dos políticos. Todos nós somos responsáveis pelo tipo de cidade e de política que temos.

“PRIMEIRO PASSO”

por Georgina Mouzinho - 1 de outubro de 2013



“ Por mais longa que seja a caminhada, o mais importante é dar o primeiro passo” Vinicius de Moraes

Foi dado o primeiro passo pelo nosso senador Aécio Neves, iniciando sua longa caminhada com o encontro em Maceió, reunindo as lideranças e militâncias dos nove estados do nordeste.

Em sua fala, o senador mostrou o engodo do PT, o abandono que se encontra o nosso país, principalmente o nordeste, pois é conhecido por estar sempre com o pires na mão pela escassez d’água. E o PT de Lula nos encheu de esperanças com a transposição do Rio São Francisco que até hoje liga nada a lugar nenhum; Refinaria de Pernambuco e por que não falar da Refinaria do Maranhão, refinaria essa que serviu de estelionato eleitoral prometendo 400 mil empregos aos maranhenses.

Hoje placas de vende-se tomam conta da região de Bacabeira, nos terrenos e empresas que nós maranhenses investimos, com um sonho de termos um investimento tão grandioso em nosso estado, a

ferrovia Transnordestina e tantas outras mazelas que chego à conclusão que o governo Dilma não tem programa não tem projeto não tem ideia, tem apenas apetite de poder. É um governo desastroso.

Parabéns senador. Quem muda o Brasil é você brasileiro que estuda e trabalha.

Presidente do PSDB-Mulher de São Luís (MA)

Secretariado Nacional da Mulher- PSDB-Mulher 2013/2015

Presidente: Solange Jurema (AL)

Presidente de Honra: Yeda Crusius (RS)

1ª Vice-presidente: Thelma de Oliveira (MT)

2ª Vice-presidente: Nancy Ferruzzi Thame (SP)

3ª Vice-presidente: Judite Botafogo (PE)

Secretária: Lêda Tâmega Ribeiro (DF)

1ª Tesoureira: Benedita Alves (Bibi – PA)

2ª Tesoureira: Sebastiana Azevedo (Tiana – RJ)

Coordenadora de Comunicação Social: Jimmyana Rocha (CE)

Coordenadora de Eventos: Sonaly Bastos (AL)

Coordenadora de Formação e Cidadania: Eliana Rodrigues (MS)

Coordenadora de Articulação Política: Ângela Sarquiz (RS)

Coordenadora de Relações Internacionais: Lenita Noman (MG)

Coordenadora de Relações Multipartidárias: Flávia Cruvinel (GO)

Coordenadora de Representantes do Legislativo: Cristina Lopes Afonso (GO)

Coordenadora de Representantes do Executivo: Fátima Guimarães (SP)

Coordenadora Jurídica: Sandra Quezado (DF)

Jurídico: Luciana Loureiro/ Secretária: Anne Alves/ Revisora: Beatriz Ramos

Coordenação de Edição: Tania Maura O Ribeiro

Arte Capa: Marcela Ribeiro



SECRETARIADO NACIONAL DO PSDB MULHER

SGAS Avenida L-2 Quadra 607 Conjunto 'B', Módulo 47. Centro Metrópolis,

Cobertura nº 2. Brasília -DF CEP 78.200-670

Telefone: (61) 3424-0550 Fax: (61) 3424-515

E-mail: psdbmulher@psdb.org.br /Twitter/PSDBMulher45/

Fanpage:PSDB Mulher Nacional 45